

Universidade Federal de Juiz de Fora
Pós-Graduação em Ciência da Religião
Doutorado em Ciência da Religião

Bruna Milheiro Silva

**A RELIGIÃO PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS RELIGIOSAS:
UMA ANÁLISE DAS TRAJETÓRIAS DE MARTIN LUTHER KING JR E
MOHANDAS KARANCHAND GANDHI A PARTIR DO PROJETO
WELTETHOS (ÉTICA MUNDIAL)**

Juiz de Fora

2018

Bruna Milheiro Silva

A religião para além das fronteiras religiosas:

Uma análise das trajetórias de Martin Luther King Jr e Mohandas Karanchand Gandhi a partir do projeto *Weltethos* (Ética mundial)

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, área de concentração: Tradições Religiosas e Perspectivas de Diálogo, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciência da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Volney José Berkenbrock

Juiz de Fora

2018

Bruna Milheiro Silva

A religião para além das fronteiras religiosas:

Uma análise das trajetórias de Martin Luther King Jr e Mohandas Karanchand Gandhi a partir do projeto *Weltethos* (Ética mundial)

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, área de concentração: Tradições Religiosas e Perspectivas de Diálogo, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciência da Religião.

Aprovada em 28 de março de 2018

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Volney José Berkenbrock (Orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Faustino Luiz Couto Teixeira
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr.^a Maria Cecília dos Santos Ribeiro Simões
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Gilbraz Aragão
Universidade Católica de Pernambuco

Prof. Dr. Claudio de Oliveira Ribeiro
Universidade Metodista de São Paulo

Silva, Bruna Milheiro.

A religião para além das fronteiras religiosas: Uma análise das trajetórias de Martin Luther King Jr e Mohandas Karanchand Gandhi a partir do projeto *Weltethos* (Ética mundial)

/ Bruna Milheiro Silva. – Juiz de Fora: UFJF/PPCIR, 2018.
Xi, 242f.:il.;31cm.

Orientador: Prof. Dr. Volney José Berkenbrock

Tese (Doutorado) – UFJF/PPCIR/ Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2018.

Referências Bibliográficas: f. 222-225.

1. Ética 2. Diálogo inter-religioso 3. Liderança I. BERKENBROCK, Volney José II. Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião. III. Título

Dedicatória

Dedico este trabalho a Deus, Suely, Álvaro, Jessica, Elza e ao gatinho Frajola.

Agradecimentos

Apesar de todos os questionamentos levantados ao longo dos quatro anos de estudo que resultaram nessa tese, o primeiro agradecimento mais importante é, sem dúvida, destinado a Deus, aquele que me deu a vida e o acesso ao saber. A parte todas as críticas científicas, como crença pessoal, não posso deixar de mencionar que acreditar nessa presença em minha vida me incentivou a sempre seguir em frente e pelear contra as dificuldades de tempo, entre o trabalho docente no Rio de Janeiro, as aulas e reuniões em Juiz de Fora e as diversas leituras necessárias à concretização dessa etapa de estudo. Além disso, me proporcionou a confiança necessária para encarar às minhas próprias expensas, uma ida à Alemanha em busca desse ideal e de mais fontes para a elaboração do presente texto.

Em segundo lugar, agradeço muito também aos meus pais Suely e Alvaro por todo carinho e atenção, não somente durante o período de doutoramento, mas também ao longo de toda minha trajetória escolar, desde os primeiros anos de estudo na educação básica até o doutorado, através da insistência na importância da educação e do conhecimento como forma de conquistar a liberdade e o amadurecimento pessoal. Agradeço também a minha irmã Jessica pelo apoio e objetividade em situações cruciais, na elaboração de títulos, na finalização de artigos e capítulos, além do incentivo à participação em eventos em vários lugares do Brasil e do mundo. Claro também a minha querida avó, D. Elza que sempre buscou com seu carinho fazer o melhor por mim.

Outra pessoa a quem não posso deixar de agradecer muito é ao meu orientador, o Prof. Dr. Volney José Berkenbrock, por toda dedicação e prontidão durante os quatro anos do processo de doutoramento. Sempre esteve disponível para debater temas e apontar caminhos para as dúvidas que surgiam ao longo do percurso de pesquisa e escrita, sempre pronto a oferecer materiais e recursos para a concretização da mesma, sempre agindo de maneira otimista diante das situações mais inusitadas e principalmente sempre apontando soluções e direcionando tudo com toda paciência. Foi realmente imprescindível e uma enorme honra estar em parceria com o profissional tão competente.

Agradeço também aos professores que me acompanharam durante a realização das disciplinas e que também estiveram presentes na banca de qualificação, os professores doutores Clodomir Andrade e Jimmy Sudário Cabral, pelas sugestões e propostas que sem dúvida, contribuíram significativamente para o resultado final da tese. Também agradeço aos professores Gilbraz Aragão, Roberlei Panasiewicz e Claudio Ribeiro do grupo de estudos “Espiritualidades contemporâneas, pluralidade religiosa e

diálogo” pelos encontros na Soter, Anptecre e ABHR pelos debates sobre temas importantes da tese e pela contribuição nos artigos oriundos dessas discussões. Não posso deixar de agradecer também aos professores Faustino Teixeira e Maria Cecília pelo aceite na participação da banca.

Agradeço também aos amigos maravilhosos que conheci ao longo desses quatro anos de estudo, que não só contribuíram para tornar as viagens semanais a Juiz de Fora menos pesadas e rotineiras, como também muitas vezes me acolheram em suas casas como Ana Luisa Barbosa, Flávia Amaro, Lilian Oliveira, Ana Luisa Gouvea, Goretti Lana e a Suely.

Não posso deixar de agradecer também aos colegas de trabalho nas escolas da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, que tiveram paciência e compreensão nas situações difíceis, nas faltas e atrasos, especialmente às diretoras que sempre se mostraram bastante solícitas e atenciosas, buscando na medida do possível, manter um horário favorável ao meu cronograma de estudo: As diretoras adjuntas do Ciep presidente Salvador Allende: Rosa, Angela, Regina Helena e Carmela, e com especial carinho à coordenadora pedagógica Dayse, que me ajudou a crescer profissionalmente com seus conhecimentos de anos de magistério. Também um agradecimento muito especial à diretora Ana Maria, da Escola Municipal Equador que me deu muito apoio durante os momentos em que conciliar o trabalho e a escrita da tese eram bastante complicados de gerir. Agradeço também à adjunta Kátia e a coordenadora pedagógica Sonia da Escola Municipal Equador e por fim, a diretora Irina da Escola Municipal Afrânio Peixoto.

Também não posso deixar de agradecer aos meus amigos que me ofereceram todo o apoio emocional e às vezes até teórico e crítico, necessários para a superação dessa etapa tão importante, mas ao mesmo tempo, tendo paciência nos momentos difíceis: Alessandra Vale, Alex Voll, Geiziane Costa, Waleska Chaves, Ana Paula Costa, Ana Paula, João Henrique Castro, Débora Rosa, Giulinha, Nathalia Lemos. Todos tiveram sua contribuição na elaboração do presente estudo, seja através de sugestões diretas na tese, seja através de acolhimento nos momentos de dúvida e instabilidade emocionais que fazem parte de todo o processo. Um agradecimento especial para a Sheila, minha amiga do trabalho que me deu muito suporte em todos os momentos em que precisei.

Gostaria de fazer um agradecimento especial aos professores e demais funcionários do Instituto e da Fundação *Weltethos* em Tübingen que me acolheram com toda gentileza, me proporcionando toda a facilidade para o acesso ao material disponível sobre o meu tema, inclusive obras que não estão traduzidas para o português e algum

material que ainda está em processo de edição. Do Instituto agradeço ao Prof. Dr. Claus Dierksmeier e ao Dr. Bernd Villhauer pela pronta resposta a minha solicitação de pesquisar no instituto e ao livre acesso não só a biblioteca, como também as demais partes do mesmo e também aos eventos nele realizados. As assistentes Esther Nezere e Hanna Schirovsky, ao Dr. Christopher Gohl, ao Dr. Jonathan Keir e a Claire-Marie Vagedes, responsável pela divulgação e relações públicas, não só o acolhimento que foi maravilhoso, como também as orientações e conversas sobre como me adaptar na cidade, os passeios e o carinho, realmente inestimáveis.

Agradeço também ao funcionário Günter Gebhardt da Fundação *Weltethos* pelos materiais fornecidos e pelas explicações relativas ao funcionamento da mesma, perspectivas e as dúvidas respondidas. Faço aqui um agradecimento muito especial ao Dr. Stephan Schlensoog que me proporcionou o acesso às memórias do professor Hans Küng e a outros materiais inéditos, assim como a possibilidade de ter uma conversa ainda que breve com o próprio professor que se encontra num estado frágil de saúde, mas que me atendeu com toda solicitude e demonstrou o maior interesse pela minha pesquisa.

Por fim, agradeço à Universidade Federal de Juiz de Fora, ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião e ao órgão financiador da pesquisa, a CAPES.

Resumo

A presente tese pretende investigar a possível existência de uma força ética comum às religiões e grandes tradições filosóficas da humanidade, a partir do *Weltethos* (Projeto de ética mundial), como proposto pelo teólogo ecumênico Hans Küng e corroborado pelo Parlamento das Religiões Mundiais no ano de 1993. De acordo com o referido documento, essa base comum das religiões, teria sua essência em alguns aspectos importantes. Em primeiro lugar, o princípio milenar da regra de ouro: “Só faça aos outros o que gostaria que fizessem a você”, complementada pelos quatro preceitos inamovíveis: O primeiro um compromisso com uma cultura da não-violência e do temor diante da vida, o segundo o compromisso com uma cultura da solidariedade e uma ordem econômica justa, o terceiro com uma cultura da tolerância e com uma vida de veracidade e por fim o compromisso com uma cultura da igualdade de direitos e do companheirismo entre homens e mulheres. A partir dessas ideias, acredita-se ser possível abordar caminhos para o encontro entre as diferentes crenças através de uma cultura do respeito, da paz e da solidariedade.

Partindo desses pressupostos teóricos e tendo como base interpretativa a abordagem acima proposta, defender-se-á ser possível provar a aplicabilidade de princípios éticos comuns na forma de vivências ético-religiosas na trajetória de dois personagens históricos oriundos de diferentes tradições religiosas: Mohandas Karanchand Gandhi, mais conhecido como Mahatma Gandhi, importante líder religioso da Índia durante o domínio britânico e Martin Luther King Jr., líder do movimento pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos na década de 1960. Mesmo as dissemelhanças inerentes a cada um deles, relacionada às suas diferentes experiências religiosas, não mostrou ser um empecilho na partilha de ideais éticos comuns e nem para a atuação política de ambos.

Palavras-chave: Diálogo inter-religioso, ética, liderança

Abstract

This thesis intends to investigate the possible existence of a common ethical force among religions and ancient philosophical traditions, as *Weltethos* (Global Ethic Project) proposes. This project was written by the ecumenical theologian Hans Küng and supported by the World Religions Parliament in 1993. According to this document, the common basis of religions lies in some important aspects. First of all, the ancestral principle of the golden rule: "Do unto others only what you would have them do unto you," complemented by the four immovable precepts: The first one is a commitment to a culture of non-violence and life protection, the second is the commitment to a culture of solidarity and a fairness in economic order, the third one is a culture of tolerance and a life of truth, and finally the commitment to a culture of equal rights and fellowship between men and women. Based on these ideas, the project supports that it is possible to address ways to meet different beliefs through a culture of respect, peace and solidarity.

Taking these ideas into account and also the interpretation based on the approach proposed above, it is possible to prove the applicability of common ethical principles in the life of two historical characters from different religious traditions: Mohandas Karanchand Gandhi, known as Mahatma Gandhi, an important religious leader in India during the British domination and Martin Luther King Jr., the leader of the civil rights movements of black people in the United States in the 1960s. Even the dissimilarities inherent in each of them so as their different religious experiences were not an obstacle in the way of sharing common ethical ideals nor for the political action of both.

Key-words: interreligious dialogue, ethics, leadership

Índice

Introdução geral da tese -----	1
Parte I: Ética e valores universais como fundamentos para um encontro global -----	12
A ética como um conceito religioso -----	12
Capítulo 1: Uma análise histórica da formação da proposta do <i>ethos</i> mundial -----	15
1.1 O Parlamento das Religiões Mundiais: Diálogo inter-religioso e modernidade -----	15
1.2 Motores do diálogo: Religiões e Parlamentos -----	19
1.3 Princípios elementares: Um projeto em construção -----	26
1.4 A regra de ouro: A intersecção no olhar -----	40
1.5 Uma ética global: Análise das conclusões prévias -----	43
Capítulo 2: As diversas dimensões do projeto: Um desafio além do religioso -----	48
2.1 A essência na dimensão religiosa-----	48
2.2 A dimensão política em questão -----	58
2.3 Uma dimensão econômica justa -----	64
2.4 A dimensão social agregadora -----	73
2.5 A dimensão educacional do projeto -----	79
Parte II: Perspectivas ético-religiosas em Mohandas Karanchand Gandhi e Martin Luther King Jr -----	88
Velhas respostas para desafios hodiernos -----	88
Capítulo 3: Espiritualidade e racionalidade: Uma compreensão de humanidade para além do hinduísmo e do Cristianismo -----	91
3.1 A trajetória dos personagens: Um olhar biográfico -----	91
3.2 A trajetória na vida social: Um olhar na alteridade religiosa -----	101
3.3 Em busca de um olhar comum: A experiência do sagrado -----	106
Capítulo 4: A busca por uma verdade: Vivências ético-religiosas -----	117
4.1 Por um diálogo social: Os direitos humanos -----	117
4.2 A importância da paz: O princípio da não violência -----	127
4.3 As palavras no mundo: A tolerância e a verdade -----	139
4.4 Todos se reconhecem no outro: A interdependência -----	145

Parte III: Uma apreciação do <i>ethos</i> em Mohandas Karanchand Gandhi e Martin Luther King Jr.-----	153
As religiões como construtoras de pontes de entendimento -----	153
Capítulo 5: A tomada de consciência: Construindo uma nova ética com base em estratégias universais -----	157
5.1 A desobediência civil: Fundamentações solidárias -----	157
5.2 Uma compreensão prática da desobediência civil -----	161
5.3 O cotidiano na ação: Ato popular de não-cooperação (boicote)/Sit-ins/ Protestos/Greves e Jejuns -----	168
5.4 As estratégias em perspectiva: Desfechos e novas construções -----	181
Capítulo 6: A ética mundial: Projeto espiritual para a humanidade -----	185
6.1 Religião, fé e crença: Descompassos em tempos de globalização -----	185
6.2 O papel do líder: O indivíduo perante as ideologias -----	194
6.3 A importância do modelo: A Grande Alma e o Redentor Negro -----	203
6.4 O diálogo inter-religioso: Centro para uma nova espiritualidade -----	210
Considerações Finais -----	217
Bibliografia -----	222
Anexos -----	226

“Eine Weltepoche, die anders als jede frühere geprägt ist durch
Weltpolitik, Welttechnologie, Weltwirtschaft und
Weltzivilisation, bedarf eines Weltethos.”¹ (Hans Küng, 1993)

Introdução geral da tese

O interesse pelo estudo da religião surgiu de maneira gradual através do magistério na área de Ensino Religioso no Município do Rio de Janeiro. Através da prática em sala de aula pude perceber a incipiência do diálogo entre as religiões na sociedade e particularmente nas comunidades mais pobres da cidade, onde trabalho. O que existe é uma visão muito limitada e parcial da religião, formando nichos de interesses sem um olhar para a existência da diversidade religiosa, que é uma característica muito marcante da sociedade brasileira, assim como o sincretismo. Essa situação não é oriunda unicamente das origens familiares dos educandos, mas também dos próprios professores e funcionários da rede municipal que, muitas vezes, não ampliam seu olhar para a diversidade do contexto religioso brasileiro. Tudo isso se reflete na própria educação das crianças e jovens, que por um lado demonstram um total ou parcial desconhecimento em relação às religiões diferentes da sua, ainda que a identidade religiosa seja muito fluída. Desta maneira, surgiu em mim uma necessidade de aprofundar o estudo das religiões, especialmente na linha do diálogo e da inter-relação entre elas para, através desse conhecimento, contribuir para a minha formação pessoal e para o exercício da profissão.

Dentro dessa proposta pessoal de ampliação do conhecimento das religiões, está a tentativa de compreender a crença dos seres humanos na existência de algo que está além da realidade material. Para exemplificar a ideia do homem em busca da sabedoria do divino ou do transcendente, numa tentativa que pode ser considerada como incessante e intermitente, pode-se pensar numa metáfora com a história de Prometeu. Essa opção por utilizar a mitologia grega como estilo de texto se relaciona diretamente com a convicção de que os mitos revelam formas de ver o mundo e como o homem se relaciona com a natureza, o divino e os outros seres humanos. A mitologia grega, repleta de lendas atemporais forma uma espécie de cosmogonia, dando sentido ao universo humano que a

¹ “Uma época mundial, que diferentemente de qualquer outra anterior é marcada por uma política mundial, uma tecnologia mundial, uma economia mundial e uma civilização mundial, precisa de um ethos mundial.”

compunha. Como o pensamento ocidental alicerçou-se com base no pensamento greco-romano, conduzir o texto com paralelos à mitologia grega corrobora a importância desta tradição nas obras acadêmicas e na literatura de maneira geral.

Conta a lenda que Prometeu, deus do Olimpo, roubou o fogo dos deuses e entregou-o à humanidade. Com essa atitude, ele teria revelado a sabedoria dos deuses ao homem e por isso acabou sendo castigado e condenado a ter seu fígado comido por uma ave por toda a eternidade. Pela sua característica imortal, o órgão se regenerava e portanto, todos os dias ele era obrigado a reviver esse mesmo ciclo. A ideia se aproxima muito da busca que o ser humano faz do sagrado, que jamais irá ser desvelado por completo, tornando-se assim uma tentativa eterna e infindável, uma vez que esse elemento nunca se revelará por completo e o humano nunca terá acesso à sabedoria plena do além vida.

Essa relação do humano com o divino marca as sociedades modernas de forma bastante acentuada desde tempos imemoriais, apesar do percurso histórico em muitos momentos ter encaminhado a humanidade para a descrença nas religiões. Mesmo assim, a tendência principal nunca foi a de total eliminação da ideia de algo além da realidade material, acreditar num ser divino e numa realidade transcendente sempre fez parte da realidade imediata dos seres humanos. Partindo desse pressuposto, o teólogo Hans Küng elaborou um projeto de base religiosa com uma finalidade mais ampla de conjugar ideais em diferentes religiões como uma possibilidade de diálogo entre as mesmas.

Dessa forma, o marco teórico principal a partir do qual a tese se desenrolará tem por base a proposta do projeto para uma ética mundial, discutido no Parlamento das Religiões Mundiais no ano de 1993. Essa proposta se baseia na ideia de que “o ocidente está diante de um vácuo de sentido, de valores e de normas.”² Peter L. Berger e Thomas Luckmann no livro “Modernidade, Pluralismo e Crise de sentido”³ analisam teoricamente essa questão da perda de referências por parte do homem moderno-propõem um questionamento se de fato o moderno pluralismo leva ao surgimento dessa crise de valores.

² KUNG, Hans. *Projeto de ética mundial: Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. Edições paulinas, São Paulo, 1992. p.24

³ BERGER, Peter L e LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: A orientação do homem moderno*. Tradução de Edgar Orth, Rio de Janeiro, editora Vozes, 2004.

Em todos os casos, pode-se dizer com certeza que nos países altamente industrializados, isto é, onde a modernização progrediu mais e onde a forma moderna de pluralismo está plenamente desenvolvida, as ordens de valores e as reservas de sentido não são mais propriedade comum de todos os membros da sociedade. O indivíduo cresce num mundo onde não há mais valores comuns, que determinam o agir nas diferentes áreas da vida, nem uma realidade única, idêntica para todos. Ele é incorporado pela comunidade de vida em que cresce num sistema supra-ordenado de sentido. Mas este não é evidentemente o sistema de sentido de seus concidadãos.⁴

Para Hans Küng, teólogo ecumênico e mentor da proposta, essa multiplicidade de sentidos causa um vazio de referências éticas para o sujeito situação que afeta diretamente os rumos da humanidade hoje. Ele acredita que uma possível solução para a questão seria uma redefinição das bases éticas: “Nós precisamos refletir sobre a *ética*, sobre o comportamento fundamental das pessoas. Nós precisamos da *ética*, da doutrina filosófica e teológica sobre valores e as normas que devem orientar nossas decisões e ações.”⁵

Não é menos importante na ética global que a própria busca por ela reúna uma grande variedade de homens e mulheres oriundos de diferentes heranças, culturas, religiões e convicções. Isso garante que uma ética global, desde o início, seja um processo ao invés de simplesmente um produto: ela deve refletir a diversidade que procura abordar.⁶

Essa colocação sintetiza um pouco a ideia da diversidade que pressupõe o projeto e a proposta de encará-la como um espelho, uma vez que conhecer o diferente é conhecer-se a si mesmo e ter consciência da própria identidade. Não há como negar que a globalização trouxe novos desafios para a relação entre as diferentes culturas e a proposta do projeto para uma ética mundial está completamente em consonância com tudo isso, especialmente quando se coloca como um processo em construção e não como algo pronto e finalizado. O grande desafio ao qual o projeto se propõe é enxergar uma ética possível de ser compreendida na diversidade cultural, política, econômica, religiosa e social que as diversas sociedades do globo terrestre personificam.

Essa perspectiva de aliar a vida humana à existência de princípios éticos não é uma novidade da proposta realizada pelo professor Hans Küng. Muitos outros pensadores e filósofos já levantaram essa questão em outros momentos da história, cada

⁴ BERGER, Peter L e LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: A orientação do homem moderno*. Tradução de Edgar Orth, Rio de Janeiro, editora Vozes, 2004. p.39

⁵ KÜNG, Hans. *Projeto de ética mundial: Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. Edições paulinas, São Paulo, 1992. p.45

⁶Idem (org.), 1996, p. 42

qual ressaltando algum elemento. Só para citar alguns exemplos, John Locke acreditava que os indivíduos nasciam como tábulas rasas e que através da educação eles poderiam tornar-se pessoas virtuosas. Kant, no seu ensaio chamado Paz perpétua, acreditava fortemente na razão humana e na iminente realização de princípios éticos e morais para abraçar o mundo. Também Jean Jacques Rousseau acreditava no homem como o bom selvagem, com uma essência positiva que deveria ser sempre canalizada para o bem.

No mundo atual, essa demanda por valores éticos tem se tornado cada vez mais latente. Vive-se um tempo muito peculiar em que o usufruto desenfreado da natureza e o crescimento da criminalidade aliado a outros fatores põem em risco a existência humana. Apresentando como referência algumas situações concretas em relação à temática no mundo atual, os constantes ataques terroristas, principalmente aqueles atribuídos ao Estado Islâmico, mostram claramente a existência de conflitos religiosos mal resolvidos. Essas posições extremistas não estão diretamente indicando a existência de um conflito religioso, mas que evidenciam sim diferenças culturais significativas com um fundo religioso. A permanência de conflitos dessa natureza já se mostrou como bastante prejudicial ao surgimento da paz entre os povos, mas ainda não se chegou a um consenso ético mínimo para que situações dessa envergadura sejam geridas de forma diplomática, evitando que civis sejam penalizados por conflitos que não lhes dizem respeito.

O projeto para uma ética mundial busca também discutir essa temática e pensar soluções para essas situações, enfatizando a urgência de uma cultura da paz e do respeito às diferenças. Hans Küng defende que essas situações estão diretamente conectadas à ausência de valores sólidos e de normas claras de consciência, situações que ameaçam a todos, tanto adeptos de uma religião quanto os não crentes, e que mesmo as pessoas que participam de grupos religiosos também estão sujeitas a um desequilíbrio de orientação. “Nós devemos confrontar-nos em conjunto com a crise altamente fatal da perda das antigas tradições orientadoras e das instâncias de orientação.”⁷ Uma das principais propostas do projeto é que “a religião também pode ser a base de uma identidade psicológica, de maturidade humana e de uma autoconsciência sadia. Sim, a religião pode vir a ser um importante estimulador e até um motor de transformações históricas.”⁸ Desta maneira, a crença é a de que a religião pode tornar-se o amálgama

⁷ KÜNG, Hans. *Projeto de ética mundial: Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. Edições paulinas, São Paulo, 1992. p. 62 e 63

⁸ *Ibidem*. p. 73

fundamental para a superação das crises fundamentais da modernidade através da existência de valores éticos comuns.

Essa perspectiva de uma modernidade em crise que coloca um impulso de transição para uma nova época não é uma visão exclusiva do teólogo aqui analisado. Ela é compartilhada por outros importantes pensadores da atualidade que defendem a existência de paradigmas em crise e de instabilidade conjectural, principalmente no que tange aos valores humanos. Para essa abordagem, a presente tese faz referência também a algumas contribuições importantes de outros autores que dialogam com o professor Hans Küng no que se refere à temática da ética. Um primeiro autor é Zygmund Bauman, a partir de dois livros principais: “A ética é possível num mundo de consumidores” e “Amor líquido”. Além disso, perpassa todo o texto da mesma uma discussão em paralelo com mais dois autores: Berger e Luckman, que apresentam no livro “Modernidade, pluralismo e crise de sentido” todo esse quadro de fluidez que caracteriza a ausência de referenciais concretos na vida do homem moderno.

Partindo de um ponto de vista comum entre os autores, é possível afirmar que cada vez mais pessoas se beneficiam da liberdade aos moldes modernos e do bem-estar gerado pela tecnologia, porém elas acabam deixando de alcançar a proporcional correspondência quando se trata de ética ou moral. Da mesma maneira, cada vez mais pessoas estão inseridas numa lógica econômica global, mas nem sempre esses mesmos indivíduos estão genuinamente preocupados com uma justiça distributiva dos recursos. E apesar de uma grande parte do mundo apoiar os ideais democráticos como um caminho para a ética em termos equitativos, são pouco numerosos os que de fato acreditam que o planeta caminha para a paz. Dessa maneira, de acordo com Hans Küng: “Na verdade, cada vez mais as torres avançam em direção ao céu, e cada vez menos o céu é encontrado na terra.”⁹ Ou seja, não adianta existir uma teoria perfeita se a prática não está nem próxima do que seria o ideal, não adianta conhecer o caminho do céu se de fato não se busca chegar a ele.

Partindo da lógica apresentada, pode-se afirmar que o sucesso da proposta do projeto depende diretamente da maneira como as pessoas lidam com ela: “Há esperanças de uma realização dessa Declaração? Obviamente ninguém sabe [...] E o que será dela depende de todos, de você e de mim.”¹⁰ Desta maneira, o sucesso de uma ética mundial

⁹ KÜNG, Hans. *Religiões do mundo: Em busca de pontos comuns*. Verus editora, São Paulo, 2004. p.245

¹⁰ KÜNG, Hans e SCHMIDT, Helmut. *Uma ética mundial e responsabilidades globais: Duas declarações*. dições Loyola, São Paulo, 2001. p. 77.

condiciona-se à existência de uma harmonia de relação entre crentes e não-crentes, entre homens e mulheres, entre americanos e asiáticos e principalmente entre indivíduos que se reconheçam como parte de um mesmo lar Terrestre. Acreditar e mais do que isso, sustentar princípios éticos não restringe as pessoas a nenhuma religião específica, uma vez que eles devem ter suas bases fincadas na harmonia e no bem de todos. “Mas para o bem-estar da humanidade, deve-se colocar *princípios e normas éticas como critérios de avaliação e de diferenciação* para dentro das discussões dos problemas e da procura de soluções.”¹¹ Se não há critérios, não há diálogo. O critério serve como baliza para que possa haver um equilíbrio nas relações, para que não ocorra um desequilíbrio de forças, portanto uma forma capaz de impedir que as mais ultrajantes injustiças se perpetuem no mundo.

Para o autor, o êxito da proposta está justamente na manutenção dos elementos característicos de cada religião e de cada cultura e não na eliminação destes para construir uma religião ou uma cultura universais que pretendam dar conta da diversidade do mundo. Isso seria desconsiderar a importância da diversidade e da história de cada um dos povos uma vez que a homogeneização é irreal e improvável além de tão pouco saudável. A ideia é construir pontes de diálogo a partir das semelhanças e diferenças e a partir delas identificar o que pode ser experienciado de forma comum em termos da ética. “...é o que chamo de *ethos* mundial: um consenso social que pode e deve ser sustentado por todos os grupos da sociedade, quer sejam adeptos de uma crença ou não, independentemente de sua religião, filosofia ou ideologia.”¹²

Por outro lado, o teólogo ressalta a importância de um engajamento especial das diferentes religiões, sinalizando que o papel delas seria corroborar de maneira significativa para o cumprimento de tais princípios. “Em que tudo implicaria se todos os representantes das grandes religiões parassem de fazer guerra e comesçassem a promover reconciliação e paz entre os povos?”¹³ Essa afirmação ganha uma conotação muito significativa quando se sustenta que a declaração parte de dois princípios básicos: A humanidade e a reciprocidade. O primeiro se refere ao tratamento humano que todas as pessoas devem receber, não importando com isso critérios econômicos, por exemplo, como é recorrente nos dias de hoje. Alguns têm acesso aos meios básicos de sobrevivência, outros não, o critério não pode ser o poder aquisitivo, uma vez que todos

¹¹ KÜNG, Hans. *Projeto de ética mundial: Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. Edições paulinas, São Paulo, 1992. p. 92

¹² Idem, 2005. p. 160

¹³ KÜNG, op. cit, p. 91

têm direito ao mínimo de dignidade para viver. E como consequência deste o segundo: A regra de ouro ou o princípio da reciprocidade – O que eu quero de bom para mim devo querer de bom para o outro também, independente de sua condição financeira, social ou racial. Uma vez isso colocado e assimilado, representaria o início de um percurso com base em um longo caminho a ser trilhado.

Partindo dessa breve apresentação e explicando de maneira sucinta, a proposta da presente tese é investigar a possibilidade de se considerar a existência de uma força ética comum a todas as religiões, sendo esta o elemento unificador das mesmas. A análise se dá a partir da proposta do *Weltethos* – aqui chamado de projeto para uma ética mundial- proposta teórica oferecida inicialmente pelo teólogo ecumênico Hans Küng e corroborado pelo Parlamento das Religiões Mundiais no encontro de 1993 em Chicago. Sobre essa base comum das religiões repousaria a essência ética, chamada de regra de ouro: Só faça aos outros o que gostaria que te fizessem. Partindo deste pressuposto e tendo como base interpretativa a abordagem acima proposta, pressupõe-se ser possível demonstrar a aplicabilidade de princípios éticos comuns na narrativa de vida de dois personagens históricos a serem investigados: Mohandas Karanchand Gandhi e Martin Luther King Jr.

Desta maneira, intenta-se demonstrar como essas duas figuras históricas podem ser vistas como pessoas que viveram essa proposta de ética comum, a partir de seu engajamento - tendo suas respectivas religiões e experiências de fé como ponto de partida e base de ação- guardadas as devidas diferenças da trajetória de vida de cada um. Essas diferenças estão na base de sua formação familiar, intelectual e cultural, que os dissemelha em muitos aspectos, mas que não obstaculiza a proposta ética comum. A pesquisa pretende demonstrar, portanto, que a ação sócio-política de ambos é desencadeada por valores éticos semelhantes que os motivaram, aliados às suas respectivas experiências de transcendência, sendo estas um elemento aprofundador daqueles, ou seja, as vivências ético-religiosas particulares desencadearam um processo comum de busca.

Seguindo esta linha de raciocínio, pretende-se abordar então a relação entre os elementos de um *ethos* religioso como proposto por Hans Küng, incluindo aspectos nevrálgicos comuns a ambos os personagens como: A não-violência, a regra de ouro, a ideia de dignidade humana, direitos fundamentais assim como a busca pela paz, identificáveis na ação política de ambos os personagens como fim e chave de leitura principal para fundamentar os argumentos a serem aqui levantados. Essa abordagem está

dividida na forma das várias partes da tese, cada uma apresentando um aspecto do projeto para uma ética mundial e a história dos personagens conforme o tema a ser investigado em cada capítulo e seus subitens. Para tal, optou-se pela divisão da tese em três partes principais, tendo cada qual dois capítulos. A primeira parte se destina a apresentar o projeto para uma ética mundial, marco teórico a partir do qual a tese se desenrola. Essa escolha por dividir a primeira parte em dois capítulos ocorreu para separar com mais eficácia a história do projeto e o conteúdo do mesmo, uma vez que cada um dos capítulos se ocupa de uma das respectivas questões.

O primeiro capítulo pretende fornecer ao leitor o histórico do projeto *Weltethos* (Projeto para uma ética mundial), apresentando sua gestação pelo teólogo Hans Küng, a posterior reunião dos líderes religiosos no Parlamento das Religiões Mundiais em Chicago e em seguida a elaboração do texto final da declaração, redigido a partir dos debates ocorridos ao longo do Parlamento. Esse primeiro capítulo oportuniza uma ideia geral da construção da proposta, fornecendo os antecedentes, o processo de elaboração, a redação e as consequências da mesma após sua conclusão. Por outro lado, a declaração não pretende ser uma moção autoconclusiva, mas uma janela aberta para novas argumentações e novos diálogos entre as religiões.

Já o capítulo seguinte apresenta de forma sucinta o conteúdo do projeto, elencado a partir de cinco temas principais, que perpassam todo o texto final da declaração. O primeiro deles é o viés religioso da mesma, uma vez que reuniu representantes de diversas crenças para debater questões relativas aos possíveis pontos de convergência entre elas. Além disso, não se pode esquecer que o professor Hans Küng é teólogo de formação, e por essa razão, todo o projeto possui um viés religioso incontestável que o influencia do início ao fim. Partindo desses elementos, pode-se acrescentar que, entre as principais propostas, está a de enfatizar os elementos que aproximam as religiões, que através de uma análise minuciosa, são muito significativos. A proximidade entre elas é muito mais forte do que se imagina e, portanto, é possível sedimentar um ideal de religião que esteja a serviço da promoção da ética e do entendimento.

O segundo tema é a política nas suas várias facetas, não só ela entendida como aquela exercida pelos governantes, mas também através da existência de relações de poder. Essa relação entre a religião e a política não está unicamente presente em países que adotam a *sharia* como fórmula estatal, por exemplo, mas também em países considerados laicos que ainda mantêm um forte vínculo com padrões religiosos. E essas

relações não se limitariam ao Estado, mas incluem relações cotidianas que tornam determinados indivíduos ou padrões comportamentais superiores em detrimento de outros e que tem como base referenciais religiosos.

Um terceiro aspecto seria a dimensão econômica, também bastante reforçada pelo projeto como algo que deve ser constantemente analisado e revisitado pelas religiões e principalmente pela ética. A condição de desigualdade imposta pelas diferenças materiais e financeiras aprofunda o abismo entre as pessoas e as afasta de princípios tão caros às religiões, como a humanidade e a reciprocidade, anteriormente citados. Através da criação de um manifesto próximo à declaração, porém centrado no tema da economia, os principais pontos a serem destacados são: A urgência em se criar um sistema econômico que atenda tanto ao desenvolvimento financeiro quanto às necessidades humanas através de propostas e situações concretas permitindo o alcance de níveis cada vez mais profundos de valores éticos na economia. Como desdobramento de todos esses pontos, o projeto debate a dimensão social, que absorve todas essas questões e acaba por criar níveis de segmentação das pessoas através de critérios aleatórios, naturalizando as desigualdades e tornando-as apáticas no que se refere ao engajamento pelas melhorias sociais.

Por fim, o último tema é a dimensão educacional que pretende ser uma das metas do projeto, lançando como temáticas fundamentais a presença de uma educação inter-religiosa e interconfessional. A declaração credita aos recursos pedagógicos uma grande parte do caminho a ser percorrido para o alcance de uma cultura da tolerância e da paz, uma vez que muito pode ser ensinado nesse sentido e igualmente muito pode ser aprendido. A educação formal tanto na formação de professores atuantes em escolas e nos meios universitários, quanto à educação que é vivida no dia a dia são dois elos capazes de prestar uma imensa contribuição às propostas do projeto para uma ética mundial.

A segunda parte da tese se refere à apresentação de Mohandas Karanchand Gandhi e Martin Luther King Jr., que são os personagens confrontados diretamente com as propostas do projeto numa proposição de concretude do mesmo. O capítulo terceiro pretende lançar um olhar biográfico sobre eles, a partir de três vieses diferentes: Um primeiro propondo uma análise propriamente biográfica, porém não aos moldes das biografias cronológicas tradicionais, mas sim destacando pontos significativos para a análise, fornecendo ao leitor um pano de fundo importante para compreensão dos dados

que serão apresentados nos pontos seguintes e nos demais capítulos. Um destaque fundamental é dado a dois aspectos: A criação de um vínculo com a religião e a construção de suas personalidades como ativistas políticos tendo por base esses ideais religiosos.

O segundo subtema propõe abordar a relação de ambos com a diversidade religiosa, oferecendo momentos de contato e de enfrentamento com outras religiões ou com pessoas e elementos que representam outras crenças. Essa preocupação é oriunda do fato de que o texto final da declaração defende a importância do diálogo inter-religioso para o alcance da paz e do respeito entre os povos. No caso específico dos personagens, defende-se que esse contato teve um papel decisivo nas escolhas religiosas dos mesmos, influenciando sua visão de mundo e marcando suas definições éticas. Já o terceiro ponto representa a relação direta entre esses dois personagens com o Sagrado, ou a algo que eles consideravam superior à sua própria existência. Esse vínculo foi primordial na execução de suas propostas de transformação social, uma vez que forneceu as bases imateriais e simbólicas de sentido para suas vidas e a construção de suas personalidades.

O capítulo quarto coloca quatro chaves de leitura das trajetórias dos personagens acima apresentados, partindo dos quatro preceitos inamovíveis elencados pelo projeto para uma ética mundial. O primeiro é a ideia dos direitos humanos, um princípio tão importante para a concretização da proposta do projeto e que ao mesmo tempo, tornou-se parte inseparável da história de vida dos personagens. Boaventura de Sousa Santos apresenta uma leitura particular do tema que será problematizada no sentido de tentar uma análise conceitual mais minuciosa do mesmo, debatendo-o à luz de questões que surgiram durante as leituras e análises biográficas. O segundo é o tema da não-violência, tornado o núcleo fundamental das trajetórias de luta dos personagens e que marca o texto da declaração de forma contundente em vários pontos. Essa proposta converteu-se de princípio teórico em técnica de ação concreta, gerando resultados inestimáveis para os movimentos encabeçados pelos personagens. O terceiro aspecto são as ideias de tolerância e de verdade, que em conjunto complementam as duas propostas anteriores. Viver de maneira tolerante indica reconhecer o outro enquanto ser humano e, ao mesmo tempo, preocupar-se com o seu bem-estar aceitando as diferenças relacionadas à diversidade do mundo. Viver uma vida de verdade significa respeitar o outro também, levando informações verídicas igualmente sem manipulação de situações, permitindo a esse outro se colocar espontaneamente diante do mundo.

Por fim, o último tema referente a esse capítulo é a ideia muitas vezes ofuscada por um determinado individualismo da interdependência entre as pessoas. Essa temática é abordada levando-se em conta não só o tema das relações de gênero – que possui um certo destaque na declaração – mas procura-se agregar a ela as diversas relações travadas no cotidiano, entre pessoas com diferentes padrões socio-econômicos e intelectuais, por exemplo.

A terceira parte da tese propõe uma continuidade com os capítulos da parte dois: O capítulo quinto se propõe tratar temas transversais, aludindo ao caráter prático dos princípios teóricos relacionados anteriormente, aqui denominados de vivências ético-religiosas, sendo chamados então de estratégias universais. Os capítulos seguintes retratam nessa ordem, a desobediência civil, apresentando de início uma análise conceitual a partir da obra de Henry David Thoreau – a partir da qual os personagens retiraram parte de sua leitura sobre essa proposta- e em seguida os movimentos relacionados a ela, que em conjunto, deram tonalidade aos movimentos encabeçados por ambos, cada qual em seu respectivo contexto de atuação.

O último capítulo pretende apresentar-se como uma síntese das principais ideias mostradas nos anteriores, ao mesmo tempo que, configura-se como a principal contribuição da tese para o estudo a que ela se propõe. Por meio de três linhas de análise, este capítulo dialoga com o projeto para uma ética mundial de maneira sintética, desafiando, já no primeiro tópico, o lugar da religião no mundo de hoje. Diferentemente da ideia defendida por muitos autores crédulos da secularização, a religião continua tendo um papel significativo e deve ser analisada nas suas várias influências no mundo atual. Tendo isso em mente, diz-se que a leitura universalizante do papel das religiões ou de elementos religiosos conforme é proposto pelo projeto para uma ética mundial lança novos desafios no sentido de encará-las diante das demandas da atualidade. O segundo tópico e o terceiro reforçam a relação entre a proposta do projeto e as figuras históricas sugeridas para a análise: Luther King e Gandhi, confrontados com os tipos ideias de liderança e modelo de ética, complementando-se ambos os aspectos mutuamente. Já a última parte do capítulo pretende expor a percepção principal que perpassa o projeto de ética e que é, ao mesmo tempo, o cerne da tese: O diálogo inter-religioso como o âmago do pensamento sobre a proposta de espiritualidade que tem como elo principal a ética comum às religiões.

Parte I

Ética e valores universais como fundamentos para um encontro global

Introdução

A ética como um conceito religioso

A ética como o conceito basilar no projeto para uma ética mundial (*Weltethos*) não deve ser desvinculada de sua acepção religiosa, uma vez que a referida proposta se baseia na premissa de que ela é algo comum às principais religiões e filosofias históricas da humanidade. Por essa razão, foi ela escolhida como o novelo de Ariadne para a condução da proposta de diálogo entre as religiões e consenso entre os Estados a partir do projeto dirigido pelo professor Hans Küng. Para efeito do que é proposto na presente tese, torna-se fundamental ressaltar que este estudo se apropriou da análise que o referido professor realiza do termo em questão, não incluindo, portanto, – no que se refere a este conceito – outros teóricos sobre o tema.

Segundo ele, ética e *ethos* não são etimologicamente equivalentes, mas fazem referência a duas formas de conceber a realidade:

A ética se refere à doutrina do comportamento moral, a um sistema ético, portanto, como por exemplo a ética de Aristóteles ou a de Tomás de Aquino ou a de Emmanuel Kant. Para possibilitar, porém, a convivência das pessoas não é necessário chegar a um acordo sobre a adoção de um determinado sistema ético; o *ethos*, por sua vez, se refere a outra coisa, não a uma doutrina ou a um sistema, mas muito mais à atitude moral interior e fundamental de um ser humano que se orienta em determinadas normas e parâmetros e que tem como bússola a consciência; trata-se, portanto, de uma atitude básica que acaba determinando todo o seu agir. Diante deste *ethos* vale a pena empenhar-me em saber o que determina, afinal, a minha atitude ética básica.¹⁴

Desta forma, a proposta de *ethos* mundial transcende a noção de códigos compartilhados em um determinado sistema de forma mecânica e torna-se algo intrínseco à experiência humana. Para Hans Küng, quando se possui uma orientação ética básica, o indivíduo logra reconhecer o que é de fato importante e valoroso, não aceitando de fora qualquer valor que se queira impor-lhe. Por isso, diante da quantidade de informações com que cada pessoa se depara nos dias de hoje, parâmetros éticos podem prestar-lhe um auxílio primoroso quando situações estiverem sendo distorcidas, interesses camuflados, certas tendências sendo privilegiadas de forma desonesta, ou pontos de vista sendo apresentados como absolutos e inegociáveis¹⁵.

¹⁴ KÜNG, Hans. *Para que um ethos mundial?* Religião e ética em tempos de globalização, conversando com Jurgen Hoeren. Edições Loyola, São Paulo, 2005. p.26.

¹⁵ Cf. KÜNG, Hans e SCHMIDT, Helmut. *Uma ética mundial e responsabilidades globais: Duas declarações*. Edições Loyola, São Paulo, 2001. p. 33.

Além disso, o autor propõe algumas formas de relacionar esse *ethos* pré-existente nas religiões e filosofias aos eventos do mundo atual, colocando-o como uma espécie de guia:

Já existe uma ética capaz de oferecer orientação diversa à desses desdobramentos globais funestos. Embora essa ética não ofereça soluções diretas para todos os imensos problemas mundiais, oferece a base moral para uma ordem individual e global melhor: uma *visão* capaz de afastar homens e mulheres do desespero, e as sociedades, do caos.¹⁶

Para o teólogo, o mundo em agonia, mas ela não precisa perdurar porque já existe a base para uma ética que fornece a possibilidade de um mundo mais igualitário, uma vez que se está lidando com homens e mulheres que creem em mandamentos e em outros ensinamentos milenares, oriundos das grandes tradições. Os valores que embasam essa proposição da ética mundial já subsistem na humanidade, apesar de ainda precisarem ser vividos e sentidos de forma mais evidente.¹⁷

Essa ética mundial proposta é o resultado do que sempre foi comum às religiões no mundo, a despeito das diferenças no comportamento humano e nas convicções morais básicas. “Em outras palavras, uma ética mundial não reduz as religiões a um minimalismo ético, mas representa o mínimo do que **as religiões do mundo já têm em comum agora na esfera ética**”.¹⁸

Essa conexão entre a ética e a religião propõe, para além de princípios teóricos válidos para a aplicação cotidiana, a vivência de uma nova espiritualidade que tem seu esteio nos ensinamentos das grandes tradições religiosas. A ética é então entendida como um conceito religioso, mas muito mais do que isso, como um traço no subconsciente humano que aproxima os homens dessa força que está além da sensibilidade mundana e que conecta o ser humano ao Sagrado. A religião não deve separar crentes e não-crentes.

Afim de abarcar toda essa totalidade de significado, o teólogo Hans Küng cunhou o termo *Weltethos*- cuja tradução literal seria ética global ou ética mundial (como será referido nas páginas seguintes) sendo portanto, uma proposta resultante da pesquisa realizada por ele através da observação e do estudo das mais diversas religiões. Sua conclusão é a de que as religiões mundiais, assim como as tradições filosóficas estão cimentadas em valores éticos comuns, devendo portanto, a sociedade global embasar-se

¹⁶ Die prinzipien eines Weltethos. Disponível em: <http://www.weltethos.org/>, consultado em 1 de maio de 2015.

¹⁷KÜNG, Hans e SCHMIDT, Helmut. Op. Cit p.11

¹⁸ Ibidem, p.47 e 48

nesse conjunto de valores, através da sensibilização para princípios humanitários de convivência pacífica e respeitosa. No entanto, este conjunto de valores deve ser continuamente resignificado vivido e experienciado, uma vez que esse projeto envolve uma dimensão dialógica e inter-religiosa. Com o intuito de avançar na concretização desse projeto, em 1995 ele criou a Fundação Ética Mundial para perpetuar sua "Ética como Projeto Global".

Desta forma, essa primeira parte da tese encontra-se dividida em dois capítulos. O primeiro pretende introduzir a história da criação da Declaração de ética mundial, seus antecedentes, o histórico de sua elaboração seguido de suas diretrizes norteadoras e por fim uma breve análise das conclusões. Já o segundo, divide-se nos temas principais da declaração, notadamente a religião, a economia, a política, a sociedade e a educação, todos temas inter-relacionados.

Capítulo 1

Uma análise histórica da formação da proposta do *ethos* mundial

1.1 O Parlamento das Religiões Mundiais: Diálogo inter-religioso e modernidade

A proposta de promoção de um encontro entre as várias religiões através de seus representantes demonstra que a ideia de construir pontes entre elas tem se tornado cada vez mais uma demanda do mundo moderno. No Brasil, nos últimos anos, houve um crescimento significativo da importância dada ao tema nos programas de Graduação e Pós-Graduação nas áreas de Teologia e Ciência da Religião, assim como em outras áreas de saber acadêmico. Essa mudança acompanha um movimento em escala mundial que reconhece no campo religioso uma enorme interferência em outros aspectos da vida humana, influenciando desde as relações entre os Estados até o cotidiano das pessoas. O Parlamento das Religiões Mundiais procura fazer frente a essa demanda, colocando-se a missão de cultivar a harmonia entre as diferentes tradições espirituais através de seus representantes e estimulando a busca por um mundo com mais paz, justiça e sustentabilidade.

A origem deste Parlamento remonta ao encontro ocorrido em Chicago no ano de 1893, onde pela primeira vez, através de um acontecimento histórico reuniram-se líderes de várias religiões, colocando em contato as tradições ocidentais e orientais. De acordo com o site do Parlamento, essa reunião é reconhecida hoje como o nascimento formal do

diálogo inter-religioso em todo o mundo, uma vez que se configurou como uma iniciativa pioneira no sentido de colocar em contato diferentes crenças com o propósito de compartilhar ideais comuns às religiões. Esses líderes tinham objetivos semelhantes para estarem ali: Não só o de representarem sua fé, como também e principalmente de oportunizar um momento em que poderiam dividir suas preocupações e anseios, ao mesmo tempo engajando-se numa troca de experiências e dialogando sobre temas comuns a todos os seres humanos.

Segundo narra Hans Küng¹⁹ num livro bastante importante da pesquisa sobre o tema das grandes religiões estudadas por ele, Swami Vivekananda ouviu falar por acaso que seria realizado um Parlamento das Religiões durante a feira de Chicago em setembro de 1893 e decidiu viajar para lá. Na sua história de vida foi discípulo de Ramakrishna e acabou sendo indicado como seu herdeiro espiritual, vagando entre a rigidez dos hindus ortodoxos e o reformismo dos reformadores sociais do Brahma Samaj. Sua presença no Parlamento acabou mostrando-se como fundamental, além de ter conseguido ser admitido como delegado, afirmou o teólogo, que seu discurso impecavelmente colocado em inglês se destacou sobre os demais. A base de sua argumentação estava na exigência de uma harmonização entre as religiões do Oriente e do Ocidente que até então tinham tido muito pouco contato.

Em uma de suas obras mais famosas, Hans Küng defende que esse Parlamento ocorrido em 1893 foi uma iniciativa muito importante, porém isolada e que ainda não existia um movimento internacional forte o suficiente para sustentar essa proposta de diálogo entre as religiões de forma permanente e aprofundada:

Gostaria de lembrar que aquele primeiro parlamento das Religiões Mundiais foi principalmente a obra de Swami Vivekananda, um monge hindu muito carismático. Foi ele o primeiro a defender o entendimento diante de um parlamento das religiões do Oriente e do Ocidente [...] Nesse sentido, Chicago 1893 foi a estreia. Mas Swami Vivekanda era um representante solitário, a grande maioria dos participantes vinha do Ocidente. Hoje estamos diante de um quadro diferente: Todas as religiões orientais estão presentes também no Ocidente, há uma série de budistas ocidentais... Vê-se, portanto, que a globalização é um processo que diz respeito também às religiões. Nenhuma religião vive hoje isolada do resto do mundo.²⁰

¹⁹ KÜNG, Hans. *Religiões do mundo: Em busca de pontos comuns*. Verus editora, São Paulo, 2004.

²⁰ KUNG, Hans. *Para que um ethos mundial? Religião e ética em tempos de globalização, conversando com Jurgen Hoeren*. Edições Loyola, São Paulo, 2005. p.125 e 126.

Por todas as razões apresentadas, acredita-se que só foi possível um novo encontro exatamente cem anos depois, num outro contexto histórico completamente diverso, mas onde essa demanda pelo entendimento e a relação entre as religiões ganhou uma nova feição e a aceitação como uma demanda muito mais urgente. Nessa nova fase do Parlamento que teve início com o encontro de 1993, as necessidades do mundo já eram outras e inclusive as próprias religiões foram, de alguma maneira, afetadas pelas mudanças. Esse novo contexto que se apresentou e que, de uma certa forma, perdura até os dias atuais, ampliou o acesso ao conhecimento através do avanço tecnológico e da globalização, facilitando a comunicação e permitindo aos indivíduos maior contato com a diversidade. Esse novo universo que se apresenta possibilitou uma ressignificação das religiões em novos contextos respondendo a novos desafios e novas buscas para as pessoas. Elas devem assumir um caráter de agregação facilitando o entendimento e a harmonia entre os povos, e tanto as novas tecnologias quanto as mudanças no acesso ao conhecimento podem ser usadas como ferramentas facilitadoras desse processo.

Um bom exemplo disso é que hoje se torna possível acessar as informações sobre o Parlamento através da internet em qualquer lugar do mundo, assim como acessar o material pertinente uma vez que o site é constantemente alimentado com novos conteúdos. Além disso, é possível receber a Newsletter do Parlamento, recebendo semanalmente ou mensalmente os novos temas a serem discutidos, assim como vídeos informativos e manifestos sobre os mais variados temas de interesse.²¹

Apesar do site se apresentar como de rápido acesso e fácil compreensão, é necessário que o indivíduo tenha um bom conhecimento de inglês, pois todas as informações encontram-se nesse idioma. No geral, elas são bastante pulverizadas e sucintas, assumindo um caráter dinâmico o que torna mais atraente para o público em geral ter um contato rápido com os temas de seu interesse. Para além disso, uma leitura mais apurada permite a percepção de uma organização interna ao Parlamento que possui um corpo diretor, uma equipe de apoio e um grupo de associados que não participa necessariamente da organização dos encontros, mas que colabora através de doações, divulgação e repasse de dados. O site tem uma aparência de abertura ao público de maneira a convidar uma participação coletiva, oportunizando ao leitor interessado um contato direto com os membros através de uma área destinada para isso. O site também mostra que existe uma sede do Parlamento na Cidade de Chicago, de onde torna-se possível deduzir que são

²¹ Disponível em: <https://parliamentofreligions.org/>, consultado em 25 de novembro de 2017.

realizados encontros internos entre os componentes com alguma frequência, embaixadores e funcionários para definir sobre o funcionamento do mesmo. Há um espaço específico para doações, o que indica que muito possivelmente o Parlamento aceita e sobrevive em grande medida por meio desses fundos.

No que tange ao Parlamento e sua movimentação de estudos sobre o tema do diálogo inter-religioso, os encontros abertos ao grande público ocorrem a cada cinco ou seis anos desde 1993 quando aconteceu o primeiro em Chicago. Essa primeira reunião é a mais importante para o presente estudo, pois foi o momento de apresentação do Projeto para uma ética mundial que permanece até hoje destacado como um dos pontos essenciais desse encontro e um documento de estudos altamente importante para essa nova fase do Parlamento. Durante o evento de 1993 e a apresentação do projeto, os grupos religiosos debateram a existência de princípios éticos a serem compartilhados pelas religiões, ideia que é um dos pontos chave da declaração. Essa compreensão comum, de acordo com o site do Parlamento, abriu o caminho para uma nova fase de cooperação entre as religiões e as tradições espirituais que estiveram presentes no encontro. Alguns aspectos podem ser destacados no que se refere a esse debate, pois o projeto pretende ampliar o papel da ética para além da religião, alcançando outros aspectos da vida humana, como a sociedade civil e a política. Também é apresentada a proposta de uma consciência ambiental e sustentável, sinalizando uma nova relação do ser humano com o meio ambiente, elementos que dependem diretamente da colaboração de todos através da criação de uma consciência de responsabilidade global.

Os encontros subsequentes aconteceram na Cidade do Cabo na África do Sul no ano de 1999 com a participação especial do ex-presidente Nelson Mandela²², em Barcelona Espanha no ano de 2004, em Melbourne Austrália no ano de 2009, Salt Lake nos Estados Unidos em 2015 e em 2018 ocorrerá o próximo encontro na cidade de Toronto no Canadá entre os dias 01 e 07 de novembro de 2018. O tema proposto é: A promessa da inclusão, o poder do amor – Perseguindo um entendimento global, reconciliação e mudança. A ideia é que o encontro seja composto por workshops, rodas de conversa, palestras, mostras artísticas de vários tipos como danças e exposições fotográficas, um leque bastante variado de apresentações promovendo vários tipos de interações entre os participantes. Importante ressaltar também que os Parlamentos são abertos à interação com o público em geral, sendo assim, qualquer pessoa que tenha interesse em enviar uma proposta pode

²² O discurso original está disponível no site em áudio e texto.

fazê-lo, por meio de um formulário online a ser preenchido através do site e do pagamento de uma taxa de inscrição.

Essa preocupação em promover encontros entre pessoas, lideranças e grupos religiosos de matrizes diferentes é fruto de um mundo plural e moderno que demanda um espaço cada vez maior de compreensão e entendimento, diante dos desafios que o atual momento traz para o tema do diálogo inter-religioso. Ao realizar-se uma análise da diversidade de tradições religiosas existente no globo terrestre, amplia-se a preocupação com temas que afetam a vida de todos, incluindo questões em escala mundial porque, apesar das diferenças, a união entre os diferentes em prol de um futuro humano melhor é o elemento que permitirá a sobrevivência da vida na Terra. Os problemas que o planeta enfrenta hoje são de todos, assim como a responsabilidade pelo futuro e, por mais que cada indivíduo tenha suas próprias demandas e os países sejam diferentes, o trabalho em prol da preservação do meio ambiente é o que poderá garantir a existência da vida humana na Terra nos anos vindouros. Esse é um tema de interesse mundial, que toca a todos os âmbitos, tanto aos governos, aos indivíduos quanto às religiões de igual maneira. Considerando essa temática e várias outras que o Parlamento propõe-se abraçar, compreende-se a complexidade erigida sobre o caminho das Religiões e seu papel principal na história das civilizações, ratificando também os desafios a serem considerados pelo projeto para uma ética mundial.

1.2 Motores do diálogo: Religiões e Parlamentos

Ademais das ideias já apresentadas, infere-se que a existência de diferentes religiões e a diversidade de discursos que essa temática invoca gera uma enorme variedade de questionamentos, tanto no âmbito acadêmico quanto diante das organizações institucionais baseadas na fé. Porém, para efeito do que é proposto no presente estudo, considerar a existência de religiões com doutrinas e liturgias muito próprias já é suficiente para o entendimento inicial do que se propõe e principalmente as possibilidades de construção de pontes entre elas.

Diante dessa diversificação de princípios religiosos e de crenças múltiplas, o surgimento de diferentes linhas de interpretação do Sagrado mantém-se como uma realidade claramente observável no mundo atual ao mesmo tempo que um terreno fértil para os estudiosos do tema. Aliado a essa questão, também os desafios oriundos de outras dimensões, como as questões políticas, econômicas e sociais de maneira geral como

elementos que se inter cruzam na construção do mundo plural e globalizado em termos religiosos e culturais. Vale lembrar a presença de variadas experiências que associam religião às questões políticas, como por exemplo, a *Sharia* em alguns países islâmicos e o estado laico em países ocidentais que colocam a religião em dois patamares completamente distintos.²³ São esses exemplos que tornam a questão religiosa algo tão enriquecedor para o entendimento do mundo atual.

Diante desse quadro, a existência de uma proposição de entendimento entre as religiões como proposto pelo *Weltethos* torna-se algo bastante instigante. Reuniram-se as condições históricas e culturais favoráveis a essa ideia e no mundo de hoje ela pode ser melhor estruturada e o conteúdo debatido e revisado por um arcabouço teórico-religioso bastante vasto. Além disso, a participação de indivíduos de diferentes origens religiosas no Parlamento de 1993, torna a iniciativa muito mais contundente, dando suporte a um possível diálogo bem sucedido entre religiões e, como consequência, entre povos.

Entretanto, essa proposta de interlocução que engendra religiões e filosofias históricas carrega, desde sua gênese, uma quantidade imensa de obstáculos e de desafios. Uma tentativa pioneira de reunião de líderes religiosos com o objetivo de traçar propostas tendo em vista um possível diálogo entre crenças e filosofias, ocorreu no Parlamento das Religiões Mundiais realizado em 1893, conforme foi falado no tópico anterior, cem anos antes da reunião da qual participou e direcionou o professor e teólogo ecumênico Hans Küng. Para ele, esse evento trouxe uma grande novidade uma vez que incluiu não só cristãos, mas também representantes das religiões orientais, entretanto ainda não fora possível consolidar a proposta, algo que só ocorreu de fato muitos anos depois.

As mudanças possibilitadas pela globalização têm a contribuir com o *Weltethos*, uma vez que possibilitaram um maior entrecruzamento de ideias e aceleraram o processo de comunicação entre as pessoas, diminuindo de forma acentuada as distâncias geográficas e de contato. Isso leva a que hoje as religiões estejam presentes em todo o mundo, e não mais segmentadas em suas regiões de origem, propiciando inclusive que seus ensinamentos sejam reconhecidos por indivíduos de diversas origens culturais e oriundos de outros matizes religiosos. Desta maneira, tem-se um primeiro ponto facilitador do diálogo, pois entre os líderes religiosos que estiveram presentes e assinaram

²³ A *Sharia* é conhecida como o código de lei empregado em alguns países islâmicos que têm como base o Alcorão. Já o princípio do Estado laico, como é o caso do Brasil, propõe uma separação entre a Igreja e o Estado, não devendo existir uma religião oficial, mas a liberdade de culto e associação. (CF, artigo 5, inciso VI)

a referida declaração, encontram-se representantes de uma diversificada gama de representações: Bahai, Brahma Kumaris, Budismo, Cristianismo em várias vertentes, Ortodoxa, Anglicana, Católica Romana, Religiões Nativas, Hinduísmo, Jainismo, Judaísmo, Islamismo, neo-paganismo, Sikhs, Taoísmo, Teosofistas, Zoroastras e também organizações inter-religiosas.

Desde o ano de 1989, o professor Hans Küng estivera em contato com grupos interessados em uma celebração dos cem anos do primeiro Parlamento. O pontapé inicial fora dado entre os dias 7 e 10 de fevereiro de 1989, quando o referido professor participou de um colóquio da Unesco em Paris no qual apresentou a interlocutores de diferentes origens religiosas uma proposta incipiente do projeto para uma ética global. Tudo teve início com um esboço inicial a partir de algumas ideias surgidas em mente que foram, aos poucos, ganhando corpo e incrementado desde os rascunhos iniciais até a ideia mais concreta apresentada ao final dos debates.

A conferência intitulou-se “*Pas de paix entre les nations sans paix entre les religions*”²⁴. (Não há paz entre as nações sem paz entre as religiões). Nos dias 09 e 10 de março do mesmo ano, Hans Kung apresentou palestras com a mesma proposta em Toronto (Canadá) e Chicago (Estados Unidos). Na palestra realizada em Chicago, ele afirmou ter rememorado o Parlamento de 1893, e propôs a realização de um “novo consenso ético” das religiões. Entretanto, não houve um envolvimento imediato por parte de membros da Universidade de Chicago em levar a cabo o projeto. Algum tempo depois, já tendo retornado a Tübingen, recebeu o esperado convite: Em 28 de abril de 1989, o então administrador do Concílio para um Parlamento das Religiões Mundiais chamado Ron Kidd convocou-o para redigir um esboço preliminar de uma declaração sobre uma ética comum para o Parlamento em colaboração com uma equipe em Chicago.²⁵

Hans Küng considerou estes eventos todos como uma espécie de preparação para o Parlamento e a Declaração que viria a seguir. Seu livro publicado um ano depois, *Projekt Weltethos* (Projeto de ética mundial) reuniu todo seu trabalho de pesquisa em relação à necessidade de uma ética global partindo das grandes religiões do mundo e do contexto filosófico originário das principais culturas. No ano seguinte, uma edição anglo-americana da referida obra foi produzida com o título de *Global responsibility: In Search of New World Ethic*. (Responsabilidade global: Em busca de uma nova ética mundial).

²⁴ KUNG, Hans e SCHMIDT, Helmut. *Uma ética mundial e responsabilidades globais: Duas declarações*. Edições Loyola, São Paulo, 2001. p. 52

²⁵Ibidem, p.53

Realizando uma parceria com o professor Leonard Swidler, do Departamento de Religião da Temple University na Filadélfia, Küng estendeu o apelo para o surgimento de uma Declaração Universal para uma ética mundial a outros possíveis signatários na Europa. Ambos propuseram que essa declaração, ainda em gestação, adquirisse uma funcionalidade similar à declaração dos Direitos Humanos da ONU datada do ano de 1948, formando um tipo de acordo comum no qual se: “aplicaria os recursos morais e éticos básicos de todas as religiões e grupos éticos aos problemas éticos básicos do mundo, que não são facilmente domesticáveis pela força política.”²⁶ Em seguida, esse apelo foi publicado e assinado por teólogos e estudiosos da religião, sendo ampliado em posteriores discussões apresentadas aos representantes da UNESCO e a outros representantes de instituições religiosas.

O *Projekt Weltethos* já tinha sido lido em Chicago e em 27 de fevereiro de 1992, o Conselho para a preparação do Parlamento Mundial mandou seu diretor executivo, Daniel Gómez-Ibañez a Tübingen com a tarefa de persuadir o professor Hans Küng a elaborar em definitivo um texto do projeto. A proposta inicial era de um documento de duas ou três páginas discorrendo brevemente sobre o tema valores globais, entretanto, ele se opôs a esse formato, alegando que o objetivo transcendia a ideia de panfleto e que, sem sombra de dúvida, uma declaração bem argumentada não poderia ser escrita em poucos dias e nem contida num texto tão reduzido. Sendo assim, quando finalmente comprometeu-se a escrever a declaração para uma ética mundial, Küng alega tê-lo feito de forma consciente de que o Parlamento das Religiões Mundiais representava uma oportunidade única e era importante aproveitá-la.²⁷

Durante a primeira metade do ano de 1992, o professor relata ter se dedicado quase integralmente a esse projeto e por isso, organizou um colóquio interdisciplinar e inter-religioso com a temática Direitos Humanos- Religiões do Mundo- Ética mundial. Para iniciar, formulou um preâmbulo, discutido neste colóquio no qual propôs alguns pontos do que já tinha estabelecido como formulação preliminar, recebendo críticas e sugestões. Depois disso, ainda recolheu opinião de correspondentes ao redor do mundo, através da participação em diversos eventos e palestras.²⁸ Apesar de todo esse percurso, ainda no final do semestre de verão de 1992, não se encontrava seguro para começar a

²⁶KUNG, Hans e SCHMIDT, Helmut. *Uma ética mundial e responsabilidades globais: Duas declarações*. Edições Loyola, São Paulo, 2001, p.54

²⁷Ibidem, p. 55

²⁸ KUNG, Hans e SCHMIDT, Helmut. *Uma ética mundial e responsabilidades globais: Duas declarações*. Edições Loyola, São Paulo, 2001. p. 56

redação do texto definitivo. As razões para tal hesitação eram múltiplas: De um lado, não existia um modelo histórico de declaração a ter como baliza, e ainda assim deveria chegar a um documento que fosse reconhecido por partidários de todas as religiões. Para além disso, também não chegara a uma ideia precisa do tipo de linguagem a ser empregado, qual conteúdo e estilo do texto a ser redigido.²⁹ Disso dependeria a aceitação por parte de indivíduos de origens e culturas tão diversos, o documento deveria abarcar a diversidade que ele representava, sem privilegiar nenhuma corrente em especial. Outras questões se apresentaram paulatinamente ao dito professor e teólogo, redator do projeto, entre elas estavam: Qual deveria ser o conteúdo essencial? E uma outra questão extremamente espinhosa: Deveria ser acrescentado o nome de Deus ao documento?

Ainda com todas essas dúvidas e incertezas em mente, ele realizou uma primeira redação do projeto e em 14 de julho de 1992 esta foi enviada aos peritos para comentários e correções. De imediato, o texto teve grande aprovação, entretanto, algumas considerações para melhoria em alguns detalhes foram sugeridas. Alguns meses depois, em 12 de outubro do mesmo ano, um segundo texto do projeto agora aperfeiçoado estava terminado e o professor Hans Küng enviou a tradução inglesa a Chicago para a análise do Parlamento. A resposta favorável só veio quase um ano depois, em junho de 1993, porém ainda com indicação de correções no conteúdo e estilo.

Assessorado principalmente por dois colegas: Karl-Josef Kuschel, que ajudou com significativas sugestões para as alterações definitivas e com a tradução para o inglês do professor Leonard Swidler, o projeto definitivo foi enviado em definitivo. “A estrutura e a linguagem básicas iniciais permaneceram as mesmas durante todas as fases, mas detalhes do texto tinham sido consideravelmente aperfeiçoados. Mais de cem pessoas de todas as grandes religiões tinham sido envolvidas no processo de consulta.”³⁰ Após todo esse percurso, a reunião do Conselho do Parlamento das Religiões Mundiais, que ocorreu em Chicago de 28 de agosto a 04 de setembro de 1993 e da qual participaram aproximadamente 6.500 pessoas de diversas religiões existentes (como já foi acima referido), elaborou e apresentou ao mundo uma **Declaração para uma Ética Mundial**. Apesar da declaração ter provocado discussões intensas durante a assembleia:

O fato salutar é que numa época em que tantas religiões estão enredadas em conflitos políticos, até mesmo em guerras sangrentas, representantes

²⁹Ibidem, p. 59

³⁰ Ibidem, p.58

de religiões bem diferentes, grandes e pequenas, subscreveram essa Declaração em prol dos incontáveis crentes deste mundo.³¹

À guisa de conclusão da reunião, a grande maioria dos líderes religiosos presentes na mesma a assinou e concordou que, após esta finalizada, teriam a tarefa de repassar a proposta de forma a divulgá-la amplamente em suas respectivas comunidades de fé, levando em conta com isso três importantes aspectos: Quais princípios éticos estão firmemente enraizados em sua própria tradição, destacando as correspondências éticas com outras tradições e buscando estimular em seus companheiros de crença a contribuição específica de sua religião para as outras de forma a construir saberes coletivos e até mesmo universais.³²

Mesmo depois de finalizada e assinada, a declaração ainda possui pontos controversos e, ao mesmo tempo, extremamente significativos para o objetivo final da proposta, pois espelham os próprios desafios inerentes a ela. Esses pontos foram destacados e rebatidos em diferentes ocasiões em que o projeto foi apresentado. De uma forma ou de outra, como afirmou o próprio professor em seu livro, trata-se de uma proposta em construção e não de um documento finalizado. A proposta do mesmo é a de fazer frente às demandas da sociedade que possam surgir e não que as pessoas se adequem a ele de forma estática. Portanto, espera-se que de fato, ele possa ser reformulado de tempos em tempos se necessário for. Uma nova versão do projeto foi escrita pela Fundação Ética Mundial em forma de manual³³ e traz algumas ideias mais aprofundadas, porém o ideal é que seja lido após o primeiro livro sobre a declaração de 1993.

Alguns temas foram considerados controversos, ou seja, são confrontados diretamente e sofreram críticas mais acirradas de outras partes presentes no Parlamento. Um primeiro deles é a existência de uma dicotomia entre a não-violência e o direito à autodefesa que não recebeu a devida atenção como ponto de exímia importância no texto final da declaração. Esse ponto acabou gerando insatisfação por parte de pessoas que vivem em países onde a violência é cotidiana, inclusive alguns casos em que ela é baseada em crenças religiosas ou mesmo em tradições locais. Tendo isso em mente,

³¹KUNG, Hans e SCHMIDT, Helmut. *Uma ética mundial e responsabilidades globais: Duas declarações*. Edições Loyola, São Paulo, 2001, p. 48

³² Ibidem, p.75

³³ KÜNG, Hans; GEBHARDT, Günther and SCHLENSOG, Stephan. *Global Ethic, a Handbook: A Vision and its realisation*. Manuscrito.

propor uma cultura da não-violência pode gerar, em alguns lugares, uma perda de sentido de determinados aspectos basilares da crença na ordem social e na manutenção de costumes. E não só isso: Essa questão pode gerar uma longa discussão sobre o que deve ser considerado como violência, pois mesmo ela não é tema de consenso universal e pode variar de grau e relevância em cada tipo de sociedade específica.

Um segundo tema seria a dificuldade de aplicação de uma cultura da igualdade entre homens e mulheres em países em que predominam hindus, islâmicos e cristãos mais tradicionais, pois essa ideia pode ir de encontro a muitas práticas sociais enraizadas. Nesses locais em que uma cultura paternalista predomina, o papel social da mulher é historicamente secundarizado e em geral ancorado pela própria legislação ou hábitos comuns do país. A efetiva concretização desse ideal pressupõe uma modificação de caráter estrutural que interfere, não só em tradições ancestrais como também em aspectos econômicos e políticos consideráveis. Tal perspectiva pode gerar um rompimento e um desequilíbrio social imediato cujas consequências não podem ser mensuradas de antemão. De fato, uma mudança desse estilo não pode ser implantada rapidamente, precisaria de um consenso social e uma ressignificação de princípios, além do que cada povo deve decidir como gerir suas próprias questões e isso coloca, sem dúvida, um desafio muito grande para o projeto.

Além das questões anteriormente apresentadas, também foram realizadas críticas ao estilo da declaração: Alguns afirmaram que ela assumiu um caráter extremamente ocidentalizado e cristão, não contemplando da maneira esperada as religiões milenares orientais e nem outras oriundas de tradições não cristãs. Com isso, estaria incorrendo num erro que ela mesma pretendia evitar, privilegiando uma determinada tradição em detrimento de outra. Essa crítica, apesar de muito pertinente, é praticamente inevitável, uma vez que todo indivíduo fala a partir de um lugar social específico influenciado pela tradição da qual faz parte e pelas suas experiências de vida. Dessa forma, o teólogo ressalta que a contribuição de outras tradições religiosas tende a tornar o projeto mais acessível a outras culturas e mais viável na prática.

Algumas outras questões de caráter mais técnico, principalmente algumas relativas aos conceitos utilizados ou negligenciados geraram desaprovação por parte de alguns leitores. Entre essas críticas está a relacionada a pouca atenção atribuída ao termo família. Esse ponto parece algo crucial porque a crença num ideal de família é estruturante para diferentes matrizes religiosas e proporciona uma determinada visão

cosmológica da sociedade e do mundo ao redor. Uma declaração que se pretende como de caráter universalizante, não pode deixar de se ater às questões conceituais basilares da estruturação da vida social a partir de critérios religiosos e filosóficos tradicionais. Outro aspecto melhor apresentado no manual que reorganizou a declaração foi a relação do ser humano com a natureza, que hoje já se percebe como um aspecto essencial para a sobrevivência das próximas gerações.

Todos esses pontos foram considerados como de caráter controverso e denotam os enormes desafios que o projeto ainda precisa alcançar se, de fato, pretende tornar-se uma aplicação universal. Esses e alguns outros aspectos serão novamente debatidos nas partes seguintes do presente capítulo.

1.3 Princípios elementares: Um projeto em construção

Como já referido em momentos anteriores do texto, o projeto para uma ética mundial não se pretende autoconclusivo e nem mesmo tem a pretensão de fazer o papel de corpo doutrinal imutável. Diferentemente dos livros sagrados das diversas orientações religiosas – diga-se, tanto a Bíblia, quanto o Corão ou a Torá, escritos revelados que se abrem e se fecham em si mesmos – o projeto é de fato uma proposta aberta a ser experimentada. Não existe nenhuma obrigatoriedade de cumprimento de preceitos, uma vez que sua meta é uma mudança no cerne dos indivíduos e uma compreensão introspectiva das proposições levantadas. A partir da definição de *ethos* como algo que surge dentro do indivíduo e se exterioriza em atitudes, ele pressupõe uma transformação na consciência das pessoas que terá como consequência uma mudança social gradual.

Desta forma, um aspecto relevante a ser destacado é a captação dos valores propostos pelo projeto como inerentes aos fundamentos éticos das religiões, uma vez que são encontrados na base das grandes tradições religiosas e filosóficas da humanidade. Sendo assim, o esforço de cada um no sentido de experienciar e concretizar o que está sendo proposto, não pressupõe que este indivíduo se alije daquilo que sua cultura e sua religião propõem, mas apenas enfatize a intersecção que existe entre a sua e as demais crenças, objetivando um olhar de atenção e receptividade frente à alteridade.

Seria então importante encarar o projeto para uma ética mundial como uma proposta dinâmica, ou seja, em processo de constante construção e reconstrução através dos debates e da prática cotidiana. Além disso, uma ideia que pretende ampliar o diálogo

entre as religiões, permitindo que elas reconheçam mais os pontos em comum que os pontos que as diferenciam. Pensando desta maneira, o ato de estar em contato com o diferente é considerado como mais um aspecto agregador de sentido e de identidade: “Aqui não se trata de apontar as diferenças e as contradições, as não-concordâncias e as exclusividades das grandes religiões [...] Trata-se, isso sim, de apontar aquilo que apesar de tudo, une as religiões – com vistas ao princípio de responsabilidade.”³⁴

Comprometido em definir esses importantes aspectos de convergência e união entre as diferentes ideologias religiosas, Küng destaca, em primeiro lugar, a preocupação com a questão humana, uma vez que todas as religiões estão engajadas em essência, na promoção do bem-estar das pessoas, oferecendo um conforto diante dos altos e baixos da vida cotidiana. Com isso, ressalta-se que as religiões apresentam esse aspecto essencial em comum, uma preocupação fundamental com a vida das pessoas, em termos da promoção da dignidade humana, geralmente partindo da criação de uma consciência ética coletiva e de um ideal de igualdade entre os indivíduos e de responsabilidade conjunta pelo bem-viver dos outros.

Esse primeiro ponto está diretamente relacionado ao que o teólogo nomeia como os cinco grandes ensinamentos da humanidade, válidos para todas as grandes religiões. Seriam eles: Preservar a vida, proferir sempre a verdade, conformar-se com o que é seu sem desejar o que é do outro, agir moralmente, respeitar os pais e amar seus rebentos. Além disso, a proposição de agir de maneira sensata, sem tender demais nem para o libertinismo e nem para o legalismo extremo, o que ele chamou de o caminho do equilíbrio.

Um outro aspecto ressaltado por ele em relação ao papel das religiões está na tentativa de oferecer respostas aos aspectos da vida humana que não são explicáveis por meios concretos, especialmente a tentativa de responder às questões últimas da existência humana. Cada uma das religiões, de forma particular, oferece sentido e explicação para os acontecimentos naturais como o nascimento, a morte e a possível continuidade da vida em alguma outra dimensão. Essas crenças podem receber diferentes nomes e definições dependendo da fé de cada um, porém a ideia principal não sofre grandes alterações. Mesmo aqueles que não são adeptos de nenhuma religião específica constroem algum tipo de relação de sentido com esses temas que são inerentes à existência humana.

³⁴ KÜNG, Hans. *Projeto de ética mundial: Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. Edições paulinas, São Paulo, 1993. p.84

Entre os pontos comuns às religiões considerados na declaração, um destaque importante está no que se chamou de a ‘regra de ouro’. Essa é uma ideia fundamental, que está presente nas filosofias mais antigas da humanidade e também em diversos códigos de leis ao longo da história.

Essa ‘lei áurea’ é atestada em Confúcio: ‘Aquilo que não desejais pra ti, também não o façam às outras pessoas’ (Confúcio, aproximadamente 551-489 a.C). Encontra-se também no Judaísmo: ‘Não façam aos outros o que tu não queres que te façam (Rabi Hillel, 60 a. C – 10 d.C). Por fim, a lei áurea também é testemunhada no cristianismo: ‘Tudo o que vocês querem que as pessoas façam a vocês, façam-no também a elas’ [...]³⁵

Porém, como afirma Küng, uma lei ou regra precisa vir acompanhada de princípios éticos em sua base, caso contrário, não será capaz de manter-se e fincar raízes em nenhum ambiente social. Toda legislação precisa estar embasada em aspectos inteligíveis socialmente para fazer sentido, já que deve fundamentar-se nos pensamentos e nas ações dos indivíduos. A convivência a partir de valores éticos comuns, baseada numa regra básica de reciprocidade é uma das chaves de leitura defendidas pelo teólogo e estaria, segundo ele, no ponto de partida para a harmonia nas relações entre as pessoas. A partir do momento em que cada um cria a consciência de como suas ações individuais podem interferir na vida de outras pessoas, podem sentir-se impelidos a agir de maneira a questionar o seu próprio papel dentro da comunidade e estabelecer com mais precisão o que esperar de si e dos outros tendo em vista uma convivência mais harmoniosa.

Além desta regra, foi acordado também um princípio fundador:

Não haverá paz entre as nações enquanto não houver paz entre as religiões, não haverá paz entre as religiões sem diálogo entre as religiões, não haverá diálogo entre as religiões sem padrões éticos globais, não haverá sobrevivência na Terra com paz e justiça sem que surja um novo paradigma nas relações internacionais, baseado em padrões éticos.³⁶

Esse princípio, que se desdobra em outros mais, relacionando a paz ao surgimento de padrões éticos globais é um dos centros da argumentação proposta pelo texto final da declaração. As religiões teriam então o ensejo fundamental de conectar esses dois elementos tão importantes para o alcance dos objetivos do projeto em discussão: A paz e a ética. Para além disso, também se discute, a partir deste princípio, uma preocupação que se apresenta constante nas publicações de Küng relativa ao projeto para uma ética

³⁵ KÜNG, Hans. *Projeto de ética mundial: Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. Edições paulinas, São Paulo, 1993. p.89

³⁶ Idem, 2005. p.9

mundial: Quais serão os rumos da vida humana na Terra no futuro se não forem buscadas soluções para os conflitos existentes hoje e se não houver uma tentativa efetiva de tentar resolvê-los desde já.

Verdade que conflitos de todos os tipos sempre ocorreram desde o início dos tempos da história da humanidade e que muitas vezes levaram a morte e a destruição de indivíduos, populações e até mesmo povos inteiros. Entretanto, parece que a preocupação aqui advém do atual momento histórico e se relaciona ao potencial destrutivo alcançado pelas armas nucleares, por exemplo. Isso poderia assinalar um nível de destruição numa escala nunca vista anteriormente e poderia levar, inclusive, ao fim da existência humana no planeta. Ainda que essa questão hoje não afete diretamente todos os indivíduos e nações, a tendência é que ela se torne um problema em escala mundial e que num futuro próximo venha afetar a todos, independentemente de qual região do globo se resida, de como viva e a qual tradição religiosa se vincule. Hans Küng apenas rememora, no livro em que sintetizou seu estudo sobre a situação global e a necessidade de buscar elementos éticos comuns, o caos gerado após o fim da segunda grande guerra especialmente a onda de medo que assolou o mundo com a destruição gerada pelas bombas atômicas no Japão e a tensão vivida durante a guerra fria.

Também é importante ressaltar um outro ponto extremamente caro aos argumentos do teólogo: A própria situação de injustiça social a que várias pessoas ou populações estão submetidos e que constituem uma questão extremamente controversa e espinhosa em termos de busca de caminhos para uma resolução definitiva. Historicamente, em todas as partes no mundo, seres humanos são tratados de forma desumana por outros seres humanos. Os vários vieses da exploração humana, desde o trabalho compulsório até mesmo os inúmeros casos de exploração sexual, aliados a outras questões como o tráfico de pessoas e sua comercialização como “peças de mercado”, todas são situações complexas em termos de busca de soluções. Muito ingenuamente vende-se a ideia de que esse tipo de situação não existe mais e que esteve restrita a um passado obscuro da história humana, porém vez por outra, notícias chegam aos grandes centros midiáticos e acabam sendo divulgadas ainda que timidamente. Essa questão envolve uma ampla rede de negócios ilícitos e com alto índice de corrupção, assumindo muitas vezes proporções internacionais o que torna quase impossível o trabalho dos órgãos locais e mundiais no sentido da preservação dos direitos humanos.

Além disso, os casos historicamente conhecidos de exploração de recursos naturais em diferentes regiões do mundo, que levaram ao empobrecimento econômico de alguns países e conseqüentemente, ao esfacelamento social e político dos mesmos. Ainda hoje existem guerras civis ao redor do mundo que mutilam vidas de crianças e adultos, e que priorizam o capital internacional em detrimento da dignidade humana e dos direitos básicos à vida e a liberdade de crescimento salutar. Esses casos também se apresentam como de difícil solução para os órgãos internacionais, porque também envolvem uma rede de interesses que dificilmente podem ser sinalizados e combatidos.

Claro que, do ponto de vista do projeto de ética, apesar de apresentarem-se como situações comuns e historicamente perenes, nem por isso devem ser aceitos como insolucionáveis. Ainda assim, não existe no projeto uma pretensão de afirmar que as religiões sejam a solução definitiva para questões dessa envergadura, até porque envolvem um sem número de outros elementos além de questões morais. Porém, acredita-se que elas podem facultar o que planos econômicos, programas políticos e imposições jurídicas não podem: A transformação interior. Para Hans Küng: “A humanidade certamente carece de reformas sociais e ecológicas, mas carece igualmente de renovação espiritual.”³⁷ E nesse aspecto o projeto para uma ética mundial pretende ser uma renovação, um sopro de vida diante do mundo que se apresenta. Acreditar na promoção de uma consciência ética, ensinada na família, nas escolas e nas comunidades, religiosas ou não, preconizando uma educação humanitária, interétnica e inter-religiosa, pode fazer emergir, num futuro próximo, um novo padrão de comportamento humano.

Zygmunt Bauman conta a história do personagem Korczak, dono de um orfanato na época da Alemanha nazista. Ele viveu um dilema do que fazer com as crianças quando os assassinatos em massa começaram, mas acabou optando por mantê-las lá, definindo que a porta de entrada e as janelas do primeiro andar permaneceriam trancadas e tampadas. Essa pequena história leva o leitor de Bauman a questionar-se sobre suas próprias concepções de ética e humanidade. O indivíduo que se encontra em situações extremas de necessidade tende a perder com mais facilidade suas características de preocupação com o semelhante e torna-se alguém frágil no limiar de sucumbir entre aquilo que o aproxima de uma ideal de dignidade humana e um senso desesperador de sobrevivência. Os valores estariam então num outro patamar de importância diante dessa situação e acabariam sendo desconsiderados. O personagem então sensibiliza-se e decide

³⁷ Die Prinzipien eines Weltethos. Disponível em: <http://www.weltethos.org/>, consultado em 1 de maio de 2015.

que a dignidade é o que torna aquelas crianças humanas e, portanto, possui um valor inestimável para elas. Sua avaliação é similar a do projeto para uma ética mundial: A preocupação que todos tenham a oportunidade de experimentar uma vida digna.

Uma vez fora do abrigo, as crianças aprenderiam a temer, a humilhar-se e a odiar. Elas perderiam o mais precioso dos valores – sua dignidade. Uma vez privadas desse valor, qual a vantagem de permanecerem vivas? O valor, o mais precioso dos valores humanos, o atributo *sine qua non* de humanidade, é uma vida de dignidade, não a sobrevivência a qualquer custo.³⁸

A busca do ideal humano está presente em todo o texto da declaração, que além da regra áurea e do princípio fundador - anteriormente debatidos e apresentados sucintamente- ainda propõe quatro compromissos ou quatro preceitos inamovíveis a serem considerados pelos que se propuserem a aderir aos termos da declaração. O primeiro deles é o que na redação final da mesma aparece como: O compromisso com uma cultura de não-violência e do temor diante da vida.

Partindo do que oferecem como recurso sobre o tema as grandes tradições religiosas, acolhe-se o preceito, formulado de maneira positiva: *Sente temor diante da vida!* Disso depreende-se que toda pessoa tem seu direito à vida garantido, se estendendo a ideia do livre desenvolvimento de sua personalidade e o respeito a sua integridade física, não podendo com isso ferir o mesmo direito estendido aos seus semelhantes. Ninguém deveria sentir-se no direito de torturar, ferir e nem de matar a outrem, estendendo-se tal lógica a não discriminação de minorias, incluindo propostas de purificação, exilamento e aniquilação.

Apesar do princípio de não matar ser quase tão antigo quanto a própria história das religiões e de uma enorme proporção de indivíduos serem educados dentro de valores religiosos, há ainda na atualidade a permanência de muitos sentimentos negativos que acabam por conduzir à violência entre indivíduos, grupos sociais, étnicos, nações e até mesmo a diferentes crenças religiosas. A exportação da violência, materializada nas mais diversas situações, alcançou dimensões globais, principalmente através do comércio em grande escala de armas gerando um enorme mercado que visa, em última instância, a destruição da vida.

Ainda hoje se observa a existência de governos que preconizam a violação do direito à vida, através, por exemplo, da violência institucional. Mesmo em países

³⁸ BAUMAN, Zygmunt. Sobre a dificuldade de amar o próximo. *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro, editora Zahar, 2004. p. 107

democráticos, que se orgulham de suas leis em defesa das liberdades individuais e do avanço no sentido da igualdade de direitos, pessoas ainda são torturadas, mutiladas, exploradas e mesmo brutalmente assassinadas de maneira impune, não exercendo a lei o papel que lhe caberia nessas situações.

No texto da declaração está colocado que: “Onde houver seres humanos, por certo também haverá conflitos.”³⁹ Entretanto, o que o projeto propõe é que eles deveriam ser resolvidos sem a necessária utilização da violência, através de negociações apoiadas em aspectos legais. Tanto as autoridades governamentais quanto os indivíduos isoladamente ou em conjunto, deveriam engajar-se em prol de um ideal de não violência, uma vez que o projeto para uma ética mundial defende diretamente o pressuposto de que a paz mundial é elemento essencial para a sobrevivência da humanidade.

O ideal proposto pelo texto final da declaração no que se refere à busca por uma cultura da não-violência pode ser encarado por muitos como uma utopia, impossível de ser realizada na prática, uma vez que cada Estado possui suas leis próprias e uma cultura peculiar, baseada na sua própria tradição. É sabido inclusive que alguns povos e nações nasceram de situações de guerra ou mantêm-se em constante estado de conflito armado, colocando a paz como um elemento muito distante da realidade. Sendo assim, como sugerir uma paz mundial com base nesse quadro global tão diversificado e complexo?

Sem dúvida, tal perspectiva apresenta-se como um grande desafio e não será de fato uma tarefa fácil, e muito menos haverá uma solução única e definitiva. Entretanto, a perspectiva de se criar dia a dia, de forma lenta, porém concreta, uma consciência de que a não violência pode ser um caminho para a concretização de um mundo melhor e mais igualitário deve ser buscado nos vários convívios sociais desde os primeiros anos de vida. Nesse aspecto, o projeto aposta no papel da educação como forte aliado na construção de valores sólidos e capazes de criar uma consciência ética no indivíduo que promoverá a paz. A crença de que não existem culturas superiores e nem Estados mais importantes que outros, são algumas das vias nas quais o projeto aposta para a aplicação da tolerância e da aceitação mútua. Nenhuma cultura deve estar acima da outra e nenhuma pessoa deve inferiorizar seu semelhante, qualquer que sejam as dificuldades de convivência.

Depois de elaborada e partilhada a proposta de não violência através do texto final da declaração, algumas pessoas que tiveram acesso a ela durante os debates, criticaram as

³⁹ Die Prinzipien eines Weltethos. Disponível em: <http://www.weltethos.org/>, consultado em 1 de maio de 2015.

afirmações nesse sentido, e apontaram que o direito à autodefesa não foi ressaltado com clareza suficiente e que esse aspecto deveria ser revisto e talvez readaptado para, de fato, atingir o maior número possível de situações. Entretanto, Hans Küng argumentou que:

Conclui-se disso que o direito à autodefesa é claramente afirmado tanto para o indivíduo como para o coletivo – mas no contexto de uma cultura da não-violência ele se aplica apenas *in extremis*, a saber, quando não faz sentido a resistência pacífica. Diante da brutalidade, da barbárie e do genocídio, diz-se que a autodefesa é permissível. Não se pode simplesmente aceitar de modo pacífico mais um holocausto de um povo, seja ele qual for. De outro lado, não se deve oferecer uma fórmula simples de legitimação para nenhum tipo de intervenção militar: nenhuma ‘guerra justa’ a serviço de interesses descaradamente econômicos, políticos e militares será justificada desta maneira.⁴⁰

Na argumentação dos revisores da declaração, a violência só deve ser utilizada como recurso último, quando a resistência não violenta representar o massacre ou o genocídio de algum grupo e se, apesar de todas as estratégias, nada surtir o efeito desejado. Porém, o limite entre a aplicação da não violência e o legítimo uso da violência é extremamente tênue, e poderia ser utilizado como justificativa para interesses particulares. Isso também levaria ao questionamento sobre quem ou quais grupos poderiam ou deveriam dar esse sinal de que seria necessária a utilização da violência a partir daquele momento.

Nessa perspectiva, a responsabilidade pela não violência é estendida às autoridades, que não devem ser coniventes com atitudes que desrespeitem minorias ou que façam uso de pessoas para fins ilícitos, ou de violência. Entretanto, a realidade é que a indústria bélica ainda hoje movimenta um enorme mercado e continua a ser um negócio altamente lucrativo, abrindo brechas para a manutenção de situações de conflito e violência. A sugestão aos parlamentares é que a diplomacia deve ser usada na resolução de conflitos entre Estados e a lei do país para a resolução de questões internas, de forma a evitar ao máximo a necessidade do uso da força militar. Ainda assim, a questão não ficaria completamente solucionada, e cada caso deveria ser analisado de forma isolada, mas sempre tendo a violência como recurso extraordinário. Por isso, o projeto aposta tanto na perspectiva da ética uma vez que ela seria a balança na resolução de situações de tal monta.

⁴⁰ KÜNG, Hans e SCHMIDT, Helmut. *Uma ética mundial e responsabilidades globais*. Edições Loyola, São Paulo, 2001. p.71 e 72

O limite entre a aplicação da não violência e o uso da legítima defesa não pode ser completamente definido e talvez seja um dos grandes desafios a serem vislumbrados nos próximos anos na aplicação do Projeto para uma ética mundial. Propor uma alternativa em escala mundial seria uma pretensão muito grande, uma vez que existem países em que as leis sobre violação de direitos básicos praticamente são ignoradas ou onde elas não existem. Entretanto, não é somente porque não se tem uma solução imediata para o tema que ele não deva ser debatido e ponderado em suas várias acepções, colocá-lo de lado também não resolverá o problema. A sociedade como um todo deve engajar-se na busca de alternativas diante de temáticas desse tipo e somente com o envolvimento da comunidade internacional, pode ser possível chegar a um denominador comum.

Aliada a temática da não violência, a proposta seguinte é a do compromisso com uma cultura da solidariedade e uma ordem econômica justa. Das grandes tradições éticas e religiosas antigas, pode-se acolher o preceito formulado de maneira positiva: *Age de maneira justa e honesta!* Disso se conclui que ninguém tem o direito de querer algo que não lhe pertença, isso incluindo a propriedade alheia ou bens comunitários. De maneira inversa, ninguém deveria sentir-se no direito de fazer uso de suas posses sem levar em consideração as necessidades de seus semelhantes, incluindo assim o bem-estar da sociedade e do planeta Terra. Para Küng, os modelos econômicos adotados pelos países, marcadamente o capitalismo e o socialismo nas suas várias vertentes, esvaziaram muitos valores espirituais importantes, impondo princípios materialistas e aprisionando pessoas ao dinheiro, ao lucro e a outras questões afins como a corrupção ou a pobreza extrema.

A declaração defende ser imprescindível a distinção entre o consumo consciente e o desenfreio de bens materiais, assim como o usufruto equilibrado da propriedade privada e justificado dos recursos naturais, evitando os excessos e caprichos. Em relação às consequências dessa desigualdade de recursos, ele afirma:

Quando se acumulam poder e riqueza indiscriminados, é inevitável que se despertem nos pobres e marginalizados sentimentos de inveja e ressentimento, de ódio mortal e de rebelião. Isso conduz, no entanto, a um círculo vicioso de violência e de reações violentas. Que ninguém se engane: não há paz mundial sem justiça mundial!⁴¹

⁴¹ Die Prinzipien eines Weltethos. Disponível em: <http://www.weltethos.org/>, consultado em 1 de maio de 2015.

A solução apresentada pela declaração seria a de uma remodelação das estruturas econômicas mundiais, sendo fundamental o envolvimento dos Estados e das autoridades dos organismos internacionais, para que se tente chegar a uma solução sustentável. As leis devem ser debatidas e pensadas para corresponder à realidade sócio-econômica do país e não privilegiar alguns indivíduos em detrimento de outros. As entidades beneficentes, que atuam em escala mundial assim como os projetos sociais encabeçados por grupos isolados são claramente importantes, porém não suficientes se não estiverem amparados por uma política de Estado. Os dirigentes não podem se eximir das suas responsabilidades perante os outros seres humanos e não podem usar o poder de seu cargo em benefício próprio ou seletivamente, colocando em segundo plano as necessidades da população a qual estão servindo.

Como ensinam as grandes tradições religiosas e éticas, os bens materiais e o poder econômico devem sempre estar a serviço do ser humano e da promoção da dignidade humana. Contrariamente a uma ânsia pelo poder, é importante fazer prevalecer o respeito mútuo preconizando sempre um equilíbrio nos interesses e a busca pela conciliação. Para o teólogo, tudo isso aproxima os indivíduos de sua própria essência: “O ser humano entregue ao desejo perde sua alma, sua liberdade, seu desprendimento, sua paz interior e perde, com isso, o que o torna humano.”⁴² Assim como a questão da violência, a desigualdade do acesso aos recursos, são algumas das chagas mais profundas que atravessam a história humana e que precisam, urgentemente, serem discutidas e colocadas em discussão para que seja possível amenizá-las nas próximas gerações.

Também se pode debater o papel das religiões no que se refere à opção pela solidariedade. Elas permitem a união de pessoas em nome de um ideal comum, relacionado à crença numa força superior capaz de unir as pessoas, independentemente de questões de cunho econômico. Isso porque, no momento das celebrações e do convívio no espaço religioso, as diferenças sociais são secundarizadas e tornadas irrelevantes já que o mais importante é que todos possam estar em comunhão com suas crenças e rituais. Daí colocar mais uma vez a religião a serviço da dignidade humana e da fundamentação sólida de princípios éticos independentemente da condição sócio-econômica de seus praticantes.

O terceiro compromisso seria com uma cultura da tolerância e com uma vida de veracidade. As antigas tradições religiosas e éticas da humanidade ensinam o conhecido

⁴² Die Prinzipien eines Weltethos. Disponível em: <http://www.weltethos.org/>, consultado em 1 de maio de 2015.

preceito: Fala e age com veracidade! Dessa maneira, elas pretendem conscientizar as pessoas da importância da verdade em suas várias acepções: No falar, no agir e principalmente no ser. Não adianta cada um fingir algo que não sente em verdade, importante que cada qual compreenda seu lugar e que seja capaz de respeitar o outro genuinamente oferecendo-lhe a sinceridade e não a mentira. Isso não somente em relação a indivíduos isoladamente, pois o projeto estende essa perspectiva ao Estado, instituições e comunidades religiosas, defendendo que nenhum deles detém a prerrogativa de falar inverdades às pessoas.

Para que se chegue a esse ideal, deve-se usar com sabedoria a liberdade de comunicação e de expressão, aspectos esses que foram hoje bastante ampliados pelo avanço das tecnologias, das mídias e dos meios de comunicação em geral. Por isso, acredita-se que somente é possível alcançá-la por meio da busca de critérios honestos de relacionamento entre as pessoas, procurando sempre reiteradamente oferecer a veracidade apesar dos percalços que ela possa causar. As relações entre indivíduos nos vários ambientes de convívio social devem basear-se na confiança e na credibilidade, caso contrário, não é possível que se construam relacionamentos verdadeiros e duradouros. De uma certa maneira, tratar a verdade como linha mestra das relações humanas está diretamente atrelado aos ideais éticos propostos pelas religiões e reiterados pelo projeto para uma ética mundial.

Ainda assim, muitas vezes as relações estão pautadas pela mentira, hipocrisia, ideologia e manipulação de informações. E isso não faz referência somente às relações entre indivíduos isoladamente, mas como integrantes de diferentes grupos com objetivos e regras bastante específicos. A veracidade do caráter deve ser mantida independentemente do meio onde se esteja, assim como as reações devem sempre ser pautadas pela integridade da consciência e de princípios.

Para aqueles que estão vinculados às mídias, a garantia de liberdade de informação e de veiculação deve ser tratada como aspecto positivo e observada com a devida cautela e zelo. Existe nesse aspecto o importante papel de promover a comunicação e oportunizar o acesso aos acontecimentos mundiais, porém o cuidado com o tipo e qualidade do que é informado adquire um caráter fundamental. Os meios midiáticos não estão acima da moral ou do bem-comum e portanto, devem permanecer comprometidos objetiva e honestamente com a garantia da dignidade humana e dos

valores fundamentais. Não lhes cabe o direito de violar a esfera particular das pessoas, distorcendo acontecimentos ou manipulando a opinião pública.

Os indivíduos vinculados às artes e à ciência também não podem esquecer a importância da verdade como princípio norteador de suas ações. Ainda que a eles seja garantida a liberdade de criação artística e acadêmica, não podem abandonar parâmetros éticos básicos, trabalhando sempre a serviço da promoção das atividades artísticas e científicas como meio de enriquecer o conteúdo a ser acessado pelas pessoas de forma justa e honesta. Tanto a arte, em suas várias vertentes: Pintura, música e literatura, entre outros, quanto a ciência de forma geral, não devem fechar-se num ciclo vicioso de auto-reprodução sem levar em consideração as necessidades e anseios do meio social ao qual se vinculam.

No tocante aos políticos e membros de agremiações partidárias, estes devem buscar um equilíbrio entre aquilo que podem e devem fazer, pronunciando-se sempre de forma clara e honesta aos eleitores. Se optam pela adoção de atitudes como a manipulação da verdade, a corrupção ou uma política inescrupulosa de conquista do poder, colocam por terra a sua própria credibilidade e desqualificam sua função como condutores da política no seu âmbito de atuação. O papel dos políticos como representantes do povo é o de gerir os recursos públicos de forma justa e honesta, além de promover o desenvolvimento social e o cumprimento das leis e, portanto, qualquer atitude que desvirtue esse ideal deve ser desautorizada pelo conjunto de cidadãos.

Assim também os representantes das religiões devem ter bastante claro seu papel dentro do seu contexto de atuação e por isso devem cultivar a preocupação com as palavras. Jamais devem incitar preconceitos e hostilidades em relação aos adeptos de outras religiões, construindo uma verdade religiosa segregacionista e desmerecedora. As crenças religiosas podem ser vinculadas às tradições específicas de cada família ou grupo e até mesmo podem ser uma escolha pessoal do indivíduo, entretanto, em nenhum caso, podem ser consideradas menos qualificadas que outras. Sempre que entre as religiões se apregoa o fanatismo e a radicalização e se utiliza de verdades deturpadas para condenar o outro, abandona-se o ideal de valorização do humano, perdendo a religião sua função primeira.

Por fim, o quarto compromisso proposto pelo projeto é o de uma cultura de igualdade de direitos e de companheirismo entre homens e mulheres. Nas grandes e antigas tradições éticas e religiosas da humanidade é comum o preceito: Respeitai e amai

uns aos outros, incluindo nele o respeito ao corpo e à individualidade de cada um. Desta forma, se reconhece a importância da valorização da integridade física de todas as pessoas, homem ou mulher em qualquer fase de sua vida, garantindo a qualquer pessoa o direito a um desenvolvimento salutar de sua personalidade. Ninguém possui o direito de interferir no livre crescimento de seu semelhante ou de transformar o outro em objeto sexual, privando-o de descobrir e viver sua própria sexualidade. “Ou, dito de forma diferente, a pessoa humana sempre deve permanecer sujeito e nunca deve ser transformada em objeto.”⁴³

A discriminação em suas várias formas, mas nesse preceito principalmente a de gênero ainda é uma realidade comum no planeta e é também uma das formas mais recorrentes de humilhação do ser humano. É possível fazer um percurso histórico e averiguar que a desigualdade entre indivíduos do sexo masculino e feminino, desde a infância, é muitas vezes socialmente e até mesmo legalmente determinada. Não se pode esquecer que esse tipo de questão se relaciona diretamente com um sem número de tradições e padrões de comportamento, que sem dúvida, interferem diretamente na estrutura de algumas sociedades ou até mesmo na maioria delas. Um exemplo disso é o patriarcalismo como marca dominante na maioria dos países, relegando as mulheres a papéis sociais mais restritos ao ambiente doméstico e criando rótulos específicos entre aquelas que se recusam a se submeter a determinados padrões estabelecidos.

A interferência da religião nesse aspecto também é algo bastante significativo, uma vez que na maioria delas, essa é uma questão que se coloca de maneira recorrente, principalmente no que tange ao enlace matrimonial. Historicamente, o papel do feminino está relacionado às necessidades de fertilidade e reprodução das comunidades, colocando a mulher como a criatura que deve ser resguardada dos perigos da caça e do combate com as intempéries da natureza. Nos meios urbanos atuais, isso sofreu alguma alteração, mas não em sua totalidade, uma vez que as mulheres continuam a ser consideradas inferiores aos homens no exercício de muitas funções. Sem contar as questões de caráter profissional e muitas vezes salarial, balizando o trabalho realizado por meio das questões de gênero e não pela capacidade individual de caráter físico ou intelectual no exercício de determinada atividade.

As religiões, de maneira geral, ainda se encontram muito atreladas aos padrões sociais que elas próprias contribuíram na elaboração e aplicação nas sociedades ao redor

⁴³ KÜNG, Hans. *Projeto de ética mundial: Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. Edições paulinas, São Paulo, 1992. p.54

do mundo. E não só isso, em muitos casos elas, assim como a legislação dos países, são omissas às situações que ocorrem no âmbito privado como o caso de abuso sexual de crianças por pessoas da própria família ou casos de prostituição forçada. As desigualdades sociais aliadas à falta de oportunidade ocasionam frequentemente que, sobretudo mulheres e mesmo crianças em condições menos favoráveis de vida acabem optando por usar seu próprio corpo como mecanismo de luta pela sobrevivência. Nesse ponto, a análise tangencia o cerne do projeto que vê na manutenção da dignidade humana um aspecto inegociável nos debates a serem produzidos por todos direta ou indiretamente envolvidos pelo tema.

Para além disso, Hans Küng considera que a situação da mulher dentro das religiões ainda não é das mais favoráveis, isso de uma forma geral, porque os ritos e prescrições raramente incluem elementos femininos no papel de protagonistas dos cultos sagrados:

No entanto, é preciso admitir que o que se diz na seção sobre **direitos iguais para as mulheres** apresenta, sem sombra de dúvida, um desafio não apenas para muçulmanos e hindus, mas também para cristãos americanos e europeus mais conservadores. Por certo, a Declaração deliberadamente não diz nada sobre o papel da mulher no culto; a ordenação das mulheres é uma questão altamente controversa na maioria das Igrejas Cristãs e não faz parte de nenhum documento consensual[...] cumpre lembrar que já não podemos apenas repetir antigas diretrizes encontradas nas Escrituras Sagradas, incluindo as que se referem às mulheres, de maneira estéril, mas temos de traduzi-las para termos atuais⁴⁴

Sendo assim, a proposta do projeto para uma ética mundial é, além de desenvolver um senso de companheirismo entre homem e mulher, visando uma ação comprometida no que se refere ao amor, à sexualidade e à família, repensar o papel do sexo feminino nos vários âmbitos sociais. Todas as crianças e jovens devem ser educados na perspectiva da igualdade e da cooperação entre os sexos, conscientes de que não podem aceitar jamais situações como o prevailecimento de um sexo sobre o outro ou abusos de qualquer natureza. Em nome dos valores oferecidos pelas grandes tradições éticas e religiosas, deve-se ser contrário a todas as formas de manifestação de desigualdade de gênero. O relacionamento doméstico entre homens e mulheres não deve estar atrelado ao desejo sexual possessivo, mas deve sim cultivar respeito mútuo, tolerância, conciliação e acima de tudo amor. Isso deve inclusive ser estendido aos outros ambientes de convívio como o

⁴⁴ KÜNG, Hans e SCHMIDT, Helmut. *Uma ética mundial e responsabilidades globais: Duas declarações*. Edições Loyola, São Paulo, 2001. p. 72

trabalho, locais de estudo, entretenimento e locais de culto, incentivando a parceria e o bem-estar.

Apresentados os principais aspectos da declaração e seus possíveis desdobramentos, torna-se possível uma construção mais sólida das propostas como referencial de ação cotidiana para aqueles que decidirem aderir a ela. A partir da regra de ouro, do princípio fundador e dos quatro compromissos, o projeto para uma ética mundial acredita que: “Todos nós somos responsáveis por uma ordem mundial melhor”⁴⁵. Não cabe mais transpor a responsabilidade pelo bem comum somente aos organismos públicos, nem aos grupos de assistência social se cada indivíduo não se enxergar como peça fundamental da engrenagem social. Todos, como seres humanos, cidadãos e membros de seus respectivos meios de convívio social devem assumir sua parcela de responsabilidade em prol do bem comum com vistas a criar uma cultura do bem viver em comunidade.

1.4 A regra de ouro: A intersecção no olhar

Hans Küng defende que, aqueles crentes genuinamente na força dos ensinamentos das religiões, devem viver verdadeiramente engajados no bem-estar de seus semelhantes. Essa busca pode encontrar uma intersecção fundamental naquilo que as religiões ensinam no tocante ao olhar que se deve ter em relação aos outros, sendo esse também um dos pontos principais nos quais se apoia o projeto para uma ética mundial no sentido de ressaltar as correspondências entre as religiões.

Dessa forma, o princípio do judaísmo que ressalta o amor a Deus e ao próximo está também presente no sermão do monte de Jesus, assim como na orientação do Alcorão por justiça e por existência verdadeira. Também no budismo quando discorre acerca da superação do sofrimento humano ou no desejo hinduísta da realização do *dharma* ou mesmo na exigência confuciana de manutenção da ordem cósmica e com isso da própria harmonia da humanidade. “Em todos eles encontram-se presentes a preocupação com o bem-estar e a dignidade da pessoa humana...”⁴⁶

⁴⁵KÜNG, Hans e SCHMIDT, Helmut. *Uma ética mundial e responsabilidades globais: Duas declarações*. Edições Loyola, São Paulo, 2001. p. 17.

⁴⁶ KÜNG, Hans. *Projeto de ética mundial: Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. Edições paulinas, São Paulo, 1992. p. 85

O reconhecimento da existência de valores comuns foi adotado inclusive pelo parlamento de Cingapura em 1991, a partir de um documento oficial. Essa aprovação foi uma resposta à proposta de inclusão do confucionismo no currículo escolar, que poderia causar danos de várias ordens ligados à manutenção do autoritarismo, além de ferir diretamente a cultura dos não chineses residentes ali. Disso, eles concluíram que os valores a serem ensinados não eram *a priori* confucianos, mas sim universais, e que poderiam fazer parte de um conjunto ético comum. Todas essas experiências só complementam significativamente tudo o que é defendido pelo projeto para uma ética mundial.⁴⁷

Para além de tudo que já foi apresentado e corroborando os pontos em debate na declaração, há o ponto imprescindível e que, de acordo com o professor Hans Küng, arremata de maneira substancial a proposta da ética como elemento chave no papel das religiões no mundo de hoje. A existência de uma regra de ouro - também chamada de lei áurea- que interliga desde sempre as religiões e filosofias e que só tem a contribuir no quanto a humanidade sempre esteve preparada para vivenciar essa ética comum. Entretanto, ele ressalta que as possibilidades oferecidas pelo momento histórico presente não podem ser perdida de vista.

Esse argumento de origem milenar, pode ser amplamente vivenciado em diferentes aspectos da vida humana, favorecendo justamente aquilo que ele defende indo ao encontro da busca elementar do projeto: Uma cultura da tolerância e da justiça social.

Há um princípio, a regra de ouro presente e preservada há milênios em muitas tradições religiosas e éticas da humanidade: *não faze a outrem o que não queres que façam a ti*. Ou formulada de modo positivo: *faze aos outros o que queres que façam também a ti!* Essa deveria ser a norma inamovível e incondicionada para todos os campos da vida, para a família e as comunidades, para as raças, nações e religiões.⁴⁸

Essa ideia de que não se deve tratar o outro como não gostaria de ser tratado, ou de modo positivo, trate os outros como gostaria de ser tratado reflete diretamente os princípios básicos que cada indivíduo carrega dentro de si. A maneira como se relaciona com o outro reflete muito sobre como a pessoa se coloca no mundo e quais valores éticos essa pessoa possui. Sendo assim, a questão da valorização do humano torna-se o cerne de todo o debate a ser feito entorno dessa ideia:

⁴⁷Idem, 2004. p. 101

⁴⁸ KÜNG, Hans, op.cit, p. 23

Mas a **Regra de Ouro** em particular, que é tão fundamental, mostra nitidamente que a ética mundial comum das religiões não é **uma nova invenção**, mas **apenas uma nova descoberta**. Gostaria de citar aqui algumas formulações da regra de ouro.

- Confúcio (c. 551-489 a. C): “O que tu mesmo não queres, não faças a outra pessoa” (Ditos 15.23)

- Rabi Hillel (60 a.C a 10 d.C): “Não façais aos outros o que não queres que eles façam a ti”. (shabbat 31^a)

- Jesus de Nazaré: “Tudo aquilo que quereis que os homens façam a vós, fazei-o vós mesmos a eles.” (Mt 7, 12; Lc 6,31)

-Islã: “Ninguém é crente enquanto não desejar a seu irmão o que deseje para si mesmo.” (Quarenta *Hadith* de an Nawawi, 13)

-Jainismo: “Os seres humanos deveriam ser indiferentes às coisas mundanas e tratar todas as criaturas do mundo como eles mesmos desejariam ser tratados.” (Sutrakritanga I, II, 33)

-Budismo: “Um estado que não é agradável ou aprazível para mim também não será para ele; e como posso impor ao outro um estado que não é agradável ou aprazível para mim? (Samyutta Nikaya V, 353.3-342.2)

-Hinduísmo: “Não se deve agir em relação ao outro de modo desagradável para si mesmo: é esta a essência da moralidade” (Mahabharata XIII 114,8).

Isso nos leva às perspectivas para o futuro.⁴⁹

Porém, como afirmou o próprio Hans Küng, essa lei áurea deve vir acompanhada de princípios éticos, caso contrário, não possui a base necessária para a sua aplicação. Isso se deve ao fato de que, os indivíduos precisam possuir balizas éticas prévias à aplicação da regra de ouro uma vez que ela se baseia em pensamentos e ações dos próprios indivíduos e seus critérios de valor. Para alcançar o objetivo proposto de otimizar as relações entre as pessoas e proporcionar uma convivência mais justa e harmoniosa, princípios éticos aliados a regra de ouro formariam em conjunto o ponto de partida para alcançar tal objetivo. A partir do momento que cada pessoa tomar consciência de como suas ações individuais podem interferir na vida de outros indivíduos para o bem ou para o mal, pode-se começar a acreditar na possibilidade de uma nova ordem mundial.

1.5 Uma ética global: Análise das conclusões prévias

⁴⁹ KÜNG, Hans e SCHMIDT, Helmut. *Uma ética mundial e responsabilidades globais: Duas declarações*. Edições Loyola, São Paulo, 2001. p. 74 e 75

Terminadas as discussões acerca da declaração em seu texto final, Hans Küng afirmou que “o que para mim se coloca como resultado é a *necessidade de uma ética para toda a humanidade*.”⁵⁰ Essa preocupação e a decisão de reunir membros de diferentes religiões para debater o tema não foi uma invenção original. Entretanto, o que para ele diferenciou decisivamente o Parlamento reunido em 1893 por iniciativa de Swami Vivekananda e o reunido por ele em 1993, foi, segundo o próprio professor, a maior adesão das frentes que ele chama Oriental e Ocidental, representada pelos líderes das diferentes religiões. Essa maior adesão significa uma possibilidade de concretização da proposta muito mais ampla, além da facilidade de transmissão de informações hoje em relação ao momento histórico da primeira reunião.

A elaboração da declaração e sua redação final foram também tema de intensos debates em diferentes momentos e vários aspectos foram apontados como pontos fracos. Um deles foi o próprio texto do projeto, criticado pela sua forma e pela sua redação. De um lado, apesar de propor-se interconfessional, muitos afirmaram sua roupagem cristã e sua não imparcialidade de abordagem. Para Hans Küng:

No entanto deve-se reconhecer que, sem dúvida, uma declaração diferirá conforme tenha sido projetada por um monge tai, um *swami* hindu, um mestre zen, um rabi judeu, um aiatolá muçulmano ou um teólogo cristão. Cada um tem a sua própria abordagem, seu próprio estilo, que carregam um matiz religioso e cultural básico particular.⁵¹

Por um lado, o teólogo defende a ideia de que cada indivíduo se expressa a partir de seu próprio lugar religioso e cultural, e que isso não pode ser evitado, uma vez que ele redigiu a declaração a partir de sua própria experiência. Porém, isso não torna a declaração menos válida, uma vez que a proposta do diálogo que é o elemento central da mesma foi preservada e minimamente alcançada. Não é possível construir um documento perfeito, que seja capaz de abarcar todas as crenças de forma plena e que satisfaça todas as pessoas da mesma maneira. Disso conclui-se que, uma vez que existam indivíduos oriundos de realidades diferentes, apresentarão demandas específicas. A concretização ou não do projeto não pode ter essa questão da origem textual como baliza, mas deve ser capaz de a partir dela, ampliar as condições de aplicação. Além disso, cada grupo pode adaptar os princípios a sua própria realidade, redefinindo aqueles aspectos que necessitem uma leitura especial diante de um contexto social específico.

⁵⁰ KÜNG, Hans e SCHMIDT, Helmut. *Uma ética mundial e responsabilidades globais: Duas declarações*. Edições Loyola, São Paulo, 2001, p.8

⁵¹Ibidem, p. 73

Um outro aspecto muito debatido referente a consecução do projeto foi a escassez de pontos sobre a família, que para as grandes tradições é um ponto essencial na organização social. Porém Küng afirmou ter sido fruto da tradução inglesa, que substituiu a expressão ‘na família’ para ‘no lar’ e que levou ao desentendimento. Essa ideia de núcleo familiar também é um outro ponto que pode sofrer adaptações entre as culturas e, apesar de delicado, ainda se apresenta como essencial na descoberta e desenvolvimento de princípios éticos nas crianças e jovens.

Uma outra questão que se relaciona diretamente ao texto da declaração é a adoção ou não do nome de Deus no texto final, apesar de ser parte fundamental para algumas das religiões contempladas:

Como autor principal da declaração, cuidei desde o início para que o nome de Deus não aparecesse nesse documento. Não que eu mesmo não acredite em Deus, pelo contrário. Acho muito importante que o decálogo seja proclamado em nome do Deus único. Mas isso não pode nem deve ser universalizado, simplesmente porque, de fato, não vale para todas as religiões. Nem vale para todos os ateístas e agnósticos que têm seu *ethos*, mas não querem vê-lo proclamado em nome de Deus porque, tendo em vista o grande número de experiências negativas com Deus, seja em sua própria vida seja na história.”⁵²

A preocupação de que a declaração seja capaz também de falar às pessoas de diferentes crenças religiosas e também àqueles que não tenham nenhuma crença específica é um dos elementos fundamentais da argumentação de Küng e por isso falar em Deus seria afastar-se dos ideais do próprio projeto. Daí advém a proposta de uma ética universal, que seja capaz de incluir a diversidade do mundo e ao mesmo tempo abraçá-la. Isso porque, ele conclui, são as pessoas ao redor do mundo e de maneira objetiva, que devem trabalhar para que essa declaração saia do papel, ganhe vida e inspire todos a uma vida de cooperação e respeito mútuo.

Aliado a isso, é preciso mais uma vez reiterar que uma das principais conclusões do projeto é a de que todas as tentativas de um futuro melhor para a humanidade passam pela necessidade de princípios éticos básicos a serem assumidos pelos indivíduos. Mesmo as garantias de liberdade religiosa e de consciência essenciais e presentes nos códigos de lei dos países democráticos não podem substituir valores obrigatórios. A pessoa humana deve ser sempre e em qualquer tempo o objetivo último das relações e mais do que isso, as experiências históricas demonstram que não é possível mudar o mundo sem que se

⁵² KÜNG, Hans e SCHMIDT, Helmut. *Uma ética mundial e responsabilidades globais: Duas declarações*. Edições Loyola, São Paulo, 2001. p.68

chegue a mudanças de consciência no indivíduo. Somente com leis e prescrições, não se pode criar uma nova ordem mundial, nem muito menos estabelecê-la. A regra que carece de eticidade não perdura ao longo do tempo e, sendo assim, portanto “não haverá uma nova ordem mundial sem uma ética mundial.”⁵³

Com vistas a conquistar essa nova ordem mundial, os princípios éticos não podem ser encarados como amarras ou grilhões para o ser humano, mas como o auxílio necessário para que ele sempre possa encontrar um direcionamento para a vida. Um outro aspecto importante e conclusivo é que a declaração não pretende propor uma ética globalizante que venha substituir as religiões e suas características próprias, ela está inserida nas religiões e pretende que os crentes a encontrem em suas crenças particulares: “Não é preciso repetir que essa ética mundial não deve, nem pode se esforçar em ser uma ideologia mundial ou uma religião mundial unitária para além de todas as religiões existentes, nem uma mistura de todas elas.”⁵⁴

Hans Küng defende que já existem mudanças importantes em curso, o projeto para uma ética mundial está inserido dentro deste contexto e responde às demandas do mundo atual: “Em termos de política religiosa parece estar surgindo um mundo *pós-confessional e inter-religioso*. Isso significa que, devagar e com muitas dificuldades, desenvolveu-se uma *comunidade mundial multiconfessional e ecumênica*.”⁵⁵ Existe no mundo atual uma maneira diferente de encarar a religião, uma vez que os debates acerca dessa temática foram profundamente incrementados com novos estudos e ampliação no contato entre as culturas. Devido a essa tomada de consciência do papel diferenciado que a religião deve ter, aliada à sua função social agregadora, existem notícias de iniciativas similares ao projeto para uma ética mundial ao redor do mundo. Algumas em menor escala, mas que já denotam entre diferentes segmentos da população mundial, o reconhecimento da importância de valorizar o que há de comum entre as várias expressões de fé. Essa existência de elementos básicos comuns foi o que possibilitou aos personagens a serem estudados na segunda parte da tese – Mohandas Gandhi e Martin Luther King Jr.– promoverem uma atividade ético-religiosa convergente, destarte as diferenças em suas trajetórias.

⁵³ KÜNG, Hans e SCHMIDT, Helmut. *Uma ética mundial e responsabilidades globais: Duas declarações*. Edições Loyola, São Paulo, 2001, p.19

⁵⁴ Ibidem, p.75

⁵⁵ Idem, 1992, p.39

Durante o Simpósio internacional de teologia intercultural e inter-religiosa da libertação do qual participou o próprio professor Hans Küng, houve um debate interessante entre ele e o filósofo de origem islâmica Tariq Ramadam sobre pontos centrais da proposta do projeto. O segundo, apesar de concordar com o projeto e de reconhecer a importância dessa iniciativa, propôs a reavaliação e o debate de alguns pontos que, de acordo com ele, não foram suficientemente contemplados pela proposta.

Um primeiro aspecto é a necessidade de melhor apresentar as noções de justiça e não-violência: “O problema para mim está aí: Falar de não-violência, mas apresentando uma definição clara de justiça, do que queremos dizer realmente com justiça, e desde logo, não em sentido global.”⁵⁶ Ele afirma que é sempre muito fácil falar em justiça e paz quando não se vive num local ;onde ocorrem conflitos constantes e onde a lei garante o mínimo de organização necessária. O dia a dia de conflito torna a possibilidade de uma fala comum sobre não-violência algo bastante distante da realidade de alguns grupos, inclusive de minorias religiosas. Ele reafirma a necessidade de levar em conta os variados contextos que se apresentam no mundo hoje e dessa forma, apesar dos valores comuns, os diferentes caminhos e meios para se chegar a ele, uma vez que cada contexto demanda diferentes métodos de ação.

Para concluir o primeiro capítulo, é importante acrescentar que, com o objetivo de dar continuidade às propostas levantadas pelo projeto e proporcionar às outras pessoas, representantes religiosos ou não o acesso aos textos produtores da declaração, o professor e teólogo ecumênico Hans Küng criou dois diferentes centros para o estudo do projeto na cidade de Tübingen, na Alemanha, onde reside. Após apresentar sua proposta em diversos eventos ao redor do mundo, ele recebeu uma doação do empresário Graf K. K. von der Groeben no valor de 5 milhões de marcos alemães em 1995, com os quais fundou dois diferentes centros de estudo: O *Weltethos Institut* (*global ethic institute* em inglês), traduzido para o português como Instituto Ethos Mundial e também o *Weltethos Stiftung* (*global ethic foundation*, em inglês), traduzido para o português como Fundação Ethos Mundial, ambos vinculados à Universidade de Tübingen. Hoje, existem inúmeras iniciativas, fundações parceiras e projetos de cooperação em outros países, como será visto mais adiante.

⁵⁶ El papel de las religiones ante los problemas sociales y políticos: respuesta al professor Hans Küng. In: TAMAYO, J.J.; FORNET-BETANCOURT, R. (Orgs.). Interculturalidad, diálogo inter-religioso y liberación. In: *Simpósio internacional de Teología intercultural e inter-religiosa de la liberación 1*. Barcelona, 11 e 12 de julho de 2004. p. 32.

Esses núcleos atuam da seguinte forma: No Instituto encontram-se centralizadas as principais tarefas de ensino, pesquisa e diálogo, com a atuação de professores e a participação dos alunos da Universidade local, todos realizando pesquisas na linha da ética mundial. Nele, os alunos da Universidade podem utilizar a biblioteca e participar dos eventos organizados pelo mesmo, que variam entre workshops, palestras, cursos, fóruns de debate e conferências, isso falando de uma maneira geral. O idioma utilizado varia entre o inglês e o alemão, sendo que os alunos oriundos de outros países são em sua maioria encaminhados para os eventos em língua inglesa. A característica principal do Instituto é que os projetos e pesquisas acadêmicas estão relacionados ao tema principal da ética nos negócios (*Weltethos in Business*). Atualmente, o instituto é gerido por um conjunto composto por professores, ocupando as funções de direção e de pesquisa, secretários e funcionários de apoio, dando suporte aos estudantes e ligados a outras funções, como a comunicação e a divulgação do grupo. Tanto a estrutura do instituto, quanto todas as questões relativas aos conteúdos de pesquisa e eventos podem ser melhor consultados através do site.⁵⁷

Além do Instituto, também foi criada a fundação, que pratica hoje uma proposta um pouco diferente. Ela está comprometida com o diálogo interreligioso e promove a difusão mundial da ideia de ética global como uma base necessária para um diálogo frutífero entre as religiões, principalmente no que se refere às questões pedagógicas. A Fundação Ética Mundial está baseada em três pilares: Investigação, formação e encontro, elementos que geraram a base de conteúdos e proporcionaram os impulsos essenciais na difusão das ideias propostas pelo projeto. A Fundação possui sua sede principal em Tübingen, porém com o passar dos anos surgiram novas fundações na Suíça, Áustria, República Tcheca, Países Baixos e a partir de 2006, também na Colômbia e no México, para promover a propagação nos países da América Latina e construir com eles uma rede articulada com a Europa.⁵⁸

Os resultados das explorações de Küng foram de grande importância para o desenvolvimento do trabalho da Fundação: Através da utilização de diferentes mídias, foi elaborado um material que pode ser encomendado na própria loja online da fundação: A série de DVD em forma de documentários, onde o professor fala sobre as religiões, estando o áudio disponível em alemão, inglês e espanhol. Também acompanha o projeto

⁵⁷ <http://www.weltethos-institut.org/institut/>, consultado em 27 de setembro de 2016.

⁵⁸ ⁵⁸ Hans Küng, *Ética mundial en América Latina*. Prólogo de Carlos Paz y Gerardo Martínez Cristerna (Trotta, Madrid 2008). p.73

um material pedagógico que serve como um guia para docentes que inclui planos de aula e um CD-ROM, bem como material didático avulso para as escolas. Esse material porém está todo no idioma alemão, ainda não tendo sido traduzido para nenhum outro idioma. Foi elaborada também uma exposição itinerante chamada de "Religiões Mundiais - Paz Universal - Ética Global ", que percorre o mundo desde o ano 2000. Através do site da fundação, é possível consultar todas essas informações. Além disso, existe o programa trilingue (alemão, inglês e francês) de aprendizagem interativo: *A global ethic now*, com link acessível através do site da fundação, que apresenta textos, vídeos e outros materiais audiovisuais para utilização didática. As atividades pedagógicas do projeto serão melhor apresentadas mais adiante, no item sobre a proposta educacional do projeto, mas vale ressaltar que todas as informações estão acessíveis através do site da fundação.⁵⁹

No capítulo que se segue serão apresentadas as dimensões do projeto para uma ética mundial, exemplificando a partir de cada ponto pré-selecionado: Religião, política, economia, sociedade e educação como se pensa possível que a proposta máxima de uma linguagem ética comum se concretize.

Capítulo 2

As diversas dimensões do projeto: Um desafio além do religioso

2.1 A essência na dimensão religiosa

Como já foi dito ao longo do capítulo anterior, o professor Hans Küng, mentor do projeto que é a base teórica do estudo da presente tese, sempre apresentou uma preocupação especial com o papel da religião no mundo moderno, além de depositar nela uma parte grande do seu otimismo em relação ao futuro da existência humana na Terra. No livro onde apresenta sucintamente os argumentos favoráveis à instauração de um consenso ético, ele se reporta ao momento de turbulência religiosa, conseqüente de vários processos de mudanças sociais no mundo Ocidental, especialmente no último século. Partindo dessa preocupação, ele tende a enfatizar a importância de reintroduzir o debate sobre o papel da religião na sociedade além de analisar qual deve ser o lugar dela nas questões políticas, econômicas e em outros âmbitos da vida.

⁵⁹ <http://www.weltethos.org/>, consultado em: 28 de setembro de 2016 e o *Global Ethic Now*: <http://www.global-ethic-now.de/index.php>, também consultado em 28 de setembro de 2016.

Dessa maneira, entre as reflexões propostas por ele encontra-se um questionamento sobre o lugar social da religião nos dias de hoje, especialmente no mundo Ocidental, considerando-se todas as variáveis que um ambiente pós-moderno impõe aos indivíduos. Para ele, o mundo inteiro encontra-se num momento de transição para uma nova constelação mundial, cujas nuances ainda não podem ser plenamente vislumbradas uma vez que estão num processo dinâmico de reelaboração. Nesse contexto, a religião não tende a esfacelar-se, como muitas vezes se imaginou, mas tende a resignificar-se a partir de um multifacetado das possibilidades.⁶⁰Inclusive ele enfatiza a existência de um outro fenômeno: Aqueles que se consideram sem religião, como o caso dos ateus e agnósticos, que também não deixam de representar uma característica da modernidade. Entretanto, mesmo aqueles que não professam nenhuma religião podem reconhecer a importância de princípios éticos e como esses se configuram como aspectos relevantes para o bom relacionamento entre as pessoas nas suas várias atividades cotidianas.

Os autores Berger e Luckmann⁶¹, já anteriormente citados, defendem que a crise de sentido que assola o mundo na atualidade está relacionada diretamente aos processos de modernização, pluralização e em grande medida, à secularização. Todos esses processos engendram uma multiplicidade de códigos de sentido, acarretando uma espécie de fluidez na percepção de mundo dos sujeitos, que só conseguem partilha-los a partir de pequenos grupos, entre eles, as comunidades religiosas. Esses grupos religiosos proporcionam aos sujeitos a possibilidade de compartilhamento de significados, valores comportamentais e códigos de conduta configurando-se como uma espécie de força “centrípetas” em oposição às forças “centrífugas” do mundo externo.

De acordo com eles:

Configurações de valores” superiores foram transformadas em sistemas de valores por peritos religiosos e, mais tarde, também filósofos desde as antigas culturas avançadas. Estes sistemas pretendem explicar e regular significativamente (teodicéias) a conduta do indivíduo, tanto na relação com a sociedade e nas rotinas do dia-a-dia, quanto na superação de suas crises em vista das realidades que transcendem o cotidiano.⁶²

⁶⁰ KÜNG, Hans. *Religiões do mundo: Em busca de pontos comuns*. Verus editora, São Paulo, 2004. p. 179

⁶¹ BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, Pluralismo e crise de sentido: A orientação do homem moderno*. Petrópolis, editora vozes, 2004.

⁶² BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, Pluralismo e crise de sentido: A orientação do homem moderno*. Petrópolis, editora vozes, 2004. p.21

Partindo dessa colocação, abre-se um questionamento sobre o peso que as religiões podem exercer na harmonização social e na criação de um centro a partir de onde emanem normas e valores para guiar seus crentes nas diversas situações que se apresentam. Nesse ponto, as religiões configuram-se como núcleos duros de sentido, uma espécie de ponto de partida para as relações que são travadas fora desse âmbito. Por isso, elas são tão importantes para o sucesso do projeto para uma ética mundial: Elas oferecem o sentido necessário ao entendimento e acomodação de um conceito de ética que, após ser compreendido, pode finalmente ser vivenciado nas diversas relações do sujeito. Mesmo aquelas pessoas que não possuem uma opção religiosa definida podem optar por um determinado fundamento ético diluído nessa sociedade pós-moderna e podem buscar nesse conceito sua base de sentido.

Tendo como ponto de partida para a sua afirmação seus anos de estudo sobre essa temática, imerso na análise das principais religiões do mundo, Hans Küng manteve a preocupação com a fenomenologia da religião e da experiência religiosa em vistas ao diálogo como parte dos temas de seus estudos e escritos. Posteriormente, essa preocupação continuou latente com a criação da Fundação Ethos Mundial e do Instituto com o mesmo nome, propondo com eles a continuidade da pesquisa básica interreligiosa iniciada por eletendo como meta o adentrar ainda mais na proposta. De fato, sua atitude pode não ter sido pioneira nesse aspecto, uma vez que já buscou-se anteriormente vencer essa barreira da segregação religiosa e étnica, entretanto, não se pode deixar de observar a relevância e seriedade de sua proposta, além das bases conceituais pertinentes e da coparticipação de lideranças de diversas religiões, estadistas e intelectuais.

Outro marco significativo de seu estudo foi o projeto “Traçando o passado - As Religiões do Mundo a caminho”, através do qual ele realizou pesquisas de campo em diferentes culturas e religiões ao redor do mundo. Os resultados foram entre outros, a base substantiva para a exposição "Religiões Mundiais - Paz Universal - Ética Global ", divulgado desde 2001 em inúmeras línguas. Além disso, dessa pesquisa resultou material midiático diverso, criado sobre o tema e que pode ser encomendado na loja online da Fundação Ética Mundial, através do site da fundação, como já foi apresentado no capítulo anterior e será melhor apresentado mais adiante.

Esse estudo também resultou no livro *Religiões do mundo: Em busca de pontos comuns*, publicado em português pela Verus Editora. Nele, Hans Küng apresenta um

quadro analítico sobre as principais religiões existentes no mundo, através de dados coletados a partir de um árduo trabalho de campo. Além disso, sua preocupação é mostrar a contribuição que cada uma das religiões estudadas pode fornecer para a concretização do projeto de ética mundial e conseqüentemente para a proposta de diálogo inter-religioso. Ele possui muitos outros livros sobre a temática das diferentes religiões e suas especificidades, muitos dos quais estão disponíveis na biblioteca da Fundação em Tübingen e alguns que ainda estão em processo de edição. Diante disso, optou-se por colocar o livro citado acima como base para a elaboração do presente capítulo com o propósito de apresentar sucintamente algumas das principais ideias contidas nele.

Uma primeira análise partiu do conjunto das religiões africanas, cuja referência se faz à cultura tradicional enraizada, diretamente atrelada à religiosidade ancestral desses povos. Hans Küng afirma que a África é um continente com futuro, apesar da persistência das instituições burocráticas e militares coloniais que oferecem uma conotação arcaica ao potencial de desenvolvimento do mesmo. Para ele, o desenvolvimento social e econômico pode ser conciliado com as práticas tribais ancestrais podendo estas serem readaptadas aos novos contextos, assim como deve-se considerar a relevância da religiosidade africana no contexto das religiões, especialmente numa perspectiva de diálogo. Após fazer uma breve contextualização, ele afirma crer na contribuição especial da África Negra para a ética mundial, através principalmente de alguns pontos: O forte senso de comunidade e solidariedade presente nesta cultura, que correspondem diretamente ao que o projeto propõe, além do respeito aos valores ancestrais e aos critérios tradicionais que se constituem como um pilar da história desses povos. Finalmente, a visão holística do mundo e do ser humano, “onde há lugar para jovens e velhos e onde a tradição e o progresso andam de mãos dadas”.⁶³

Uma outra contribuição considerada significativa seria a das religiões chinesas, especialmente o confucionismo, em sua matriz mais primária. Küng relembra que meio milênio antes do Sermão da Montanha, famoso na tradição cristã, Confúcio já apontava que o principal aspecto da ética humana está diretamente atrelado ao princípio do amor ao próximo: “Assim, diz ele, todos os homens entre os quatro mares são irmãos”⁶⁴. Partindo deste princípio, as pessoas devem enxergar-se a partir de suas relações com outras pessoas: Para Confúcio, a palavra reciprocidade serve de norma e ação para a

⁶³ KÜNG, Hans. *Religiões do mundo: Em busca de pontos comuns*. Verus editora, São Paulo, 2004. p.53

⁶⁴ KÜNG, Hans. *Religiões do mundo: Em busca de pontos comuns*. Verus editora, São Paulo, 2004, p.117

vida inteira, “pois humanidade significa, em concreto, cuidado e tolerância mútua.”⁶⁵ A humanidade no sentido de carinho, bondade e bem-querer é o conceito ético que ocorre com maior frequência nos *Analectos* de Confúcio. Essa ideologia considera toda a sociedade como um sistema de relações pessoais que necessitam estar organicamente estruturados a partir do centro familiar.

Portanto, entre as principais contribuições deste para o projeto está a valorização fundamental que estabelece na humanidade genuína, considerando o ser humano como parte de um todo e não como pessoas isoladas que não necessitam umas das outras. Ele defende uma interdependência entre as pessoas e relaciona a felicidade plena a esse vínculo profundo dos seres. Esse pensamento deve servir também de base para o compartilhamento de princípios éticos com validade universalizante, independente de interesses particulares que possam existir, orientando para o dever moral e para a responsabilidade social.⁶⁶

Numa perspectiva muito similar, o autor enfatiza a contribuição do budismo para a proposta levantada, destacando que cada qual torna-se mais ser humano na medida em que se exercita na conduta humana. O ponto fundamental é exercitar-se na abnegação, ou seja, desligando-se do próprio eu e buscando com o outro uma sintonia cósmica. Para tanto, torna-se necessário exercitar a benevolência, a compaixão, assim como o equilíbrio e a segurança, atributos fundamentais na correlação entre a proposta do projeto e a doutrina budista.⁶⁷

No caso do judaísmo, o decálogo simboliza a herança religiosa e ética presente nessa tradição. Hans Küng defende que: “Difícilmente existirá outro povo que tenha coisas tão substanciais e marcantes a oferecer para um futuro *ethos* comum na humanidade quanto o judaísmo, com seus dez mandamentos.”⁶⁸ Em todos os âmbitos, incluindo a política e a economia, para todo o mundo na era da globalização, a orientação básica oferecida pelos ensinamentos da tradição judaica são fundamentais para o desenvolvimento de uma ética, através da palavra *shalom*, a paz de Deus para o povo e para os povos.⁶⁹

O Cristianismo também possui um papel relevante dentro da perspectiva de diálogo apresentada pelo projeto para uma ética mundial. Em primeiro lugar, por ser a

⁶⁵ Ibidem, p.117

⁶⁶ Ibidem, p. 148

⁶⁷ Ibidem, p. 179

⁶⁸ Ibidem, p. 211

⁶⁹ KÜNG, Hans. *Religiões do mundo: Em busca de pontos comuns*. Verus editora, São Paulo, 2004, p. 211

matriz religiosa de quem o idealizou, colocando em pauta inevitavelmente sua própria caminhada dentro da proposta. Para além disso, Hans Küng destaca um possível caminho para o cristianismo, colocando-se diante do paradigma da modernidade, propondo uma ressignificação de alguns aspectos dentro da sua doutrina. Diante da historicidade da revelação cristã, coloca-se a necessidade de viver a essência da religião, preconizando a tolerância em relação às suas várias manifestações e secundarizando a confessionalidade. Para ele, o que a religião cristã possui de maior riqueza é a sua preocupação humana, sendo o bem feito ao próximo o principal aspecto que oferece ao cristianismo destaque para a concretização do projeto. Em lugar da liberdade do cristão, ou do livre-arbítrio, a liberdade do homem como ser humano, incluindo nela a liberdade religiosa e de consciência.⁷⁰

Para ele, as contribuições específicas do Cristianismo estão relacionadas a um caminho de equilíbrio entre a modernidade e o tradicionalismo, tendo os cristãos o papel de conciliar sua fé com as mudanças do tempo presente. Ele afirma que o conteúdo humano deve ser a essência desse caminho, não permitindo que os efeitos destrutivos da ultramodernidade anulem a dimensão humanitária que caracteriza a tradição cristã. A nova realidade que se apresenta deve estar pautada na consciência espiritual primeira e última que na tradição em questão se baseia na crença em Deus e também no que Jesus deixou como legado: Compreensão, bondade, ajuda, partilha e perdão, entre outros. Todos exemplos de ideais que, mesmo depois de dois mil anos, continuam bastante atuais e significativos e correspondem a uma contribuição valiosa para a lógica do projeto.⁷¹

Por fim, no livro analisado, o autor apresenta também como o islamismo pode contribuir para o projeto para uma ética mundial. É interessante frisar que talvez essa religião seja a que mais interrogações causa nas pessoas na atualidade, principalmente àquelas que não praticam um estudo regular sobre o tema das religiões em caráter acadêmico ou por livre iniciativa. Esse não acesso ao conhecimento pode gerar uma reprodução de ideias oriundas de outros núcleos que também não conhecem a tradição muçulmana. Esses aspectos são reforçados por alguns acontecimentos em escala mundial, principalmente nas ações de grupos de roupagem radical, os adeptos do

⁷⁰ Ibidem, p.244

⁷¹ Ibidem, p. 247

islamismo acabam sendo todos interpretados de uma maneira equivocada, quase “como se, todos eles instigados por sua religião, fossem violentos em potencial.”⁷²

De encontro ao que propõe a religião islâmica, algumas pessoas que a praticam acabam utilizando-se da fé para justificar atitudes distorcidas e manipulam a realidade da palavra de Alá, alterando como resultado a essência dessa religião. Tendo essa realidade em mente, o professor Hans Küng defende a possibilidade de um islamismo pós-moderno e reformado, cujas práticas e rituais sejam capazes de unir seus adeptos em vista da manutenção dos ensinamentos do profeta Maomé, baseados no Alcorão e o desenvolvimento e a modernização. Desta forma, os imperativos éticos já presentes no Corão mostraram-se eficientes em favor da justiça, honradez, moderação, compaixão e perdão. De acordo com ele: “Desde sua origem o islã foi menos uma religião da lei do que do etos. E também no islã existe algo como os Dez Mandamentos, alicerce de uma ética comum da humanidade”.⁷³

Outro elemento que veio enriquecer a base religiosa do referido projeto foi o estudo inter-religioso do Prof. Dr. Karl-Josef Kuschel com as suas obras sobre as religiões abraâmicas: "Disputa a respeito de Abraão", "Judeus, cristãos e muçulmanos unidos", "Lessing Nathan, o Sábio" e também "Judeus, cristãos, muçulmanos - Origem e Futuro". Existem também referências detalhadas desses trabalhos acima mencionados e outros trabalhos interreligiosos relevantes no contexto da fundação estão disponíveis na seção do site da fundação sobre o tema literatura e mídia.

Essa característica da fundamentação do projeto em aspectos empíricos e conceituais sólidos, associados a uma constante busca de pesquisa e leitura, assinalam uma preocupação em fundamentar a proposta através de diferentes bases teóricas e de estudo como um aspecto relevante da proposta. Como consequência, Küng criou uma nomenclatura explicada por meio de três pilares científicos a partir de suas teorias e referiu-os como os três sistemas de energia religiosos, os quais são: As religiões originárias do Oriente Médio de cunho profético, as religiões indianas místicas e finalmente as religiões do leste ou chinesas, que ele chama de sapienciais. A partir dessa especificação, ele propõe uma análise das mudanças paradigmáticas na história das religiões, porém, sua base abrangente de estudo está atrelada às religiões do primeiro tipo: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo.

⁷² KÜNG, Hans. O islamismo: Rupturas históricas-Desafios hodiernos. In: *Revista Concilium*, Revista Internacional de Teologia. Volume 313, Petrópolis, 2005, p. 94

⁷³ Idem, 2004, p. 264

Como culminância de suas pesquisas e anos de análises contínuas sobre as religiões, Hans Küng fundamentou o princípio: "Não há paz mundial sem paz religiosa", base programática para seu livro "Projeto de ética Mundial" (*Projekt Weltethos*) que resultou na "Declaração para uma Ética Mundial". Ele defende então que a dimensão religiosa é a porta de entrada da análise proposta pelo referido projeto. Disso, depreende-se que a religião não pode ser considerada algo imutável, engessada em sua própria tradição, mas que "cada religião é vista, pois, não como uma grandeza estática em que pretensamente, tudo já tem sido como hoje é, mas sim como uma realidade viva e em desenvolvimento, que em diferentes épocas passa por diversas constelações."⁷⁴

Para justificar a deferência dada à dimensão religiosa, o teólogo defende que as religiões se apresentam hoje novamente como agentes da política mundial, incorporando questões que ultrapassam o espaço restrito dos templos religiosos, alcançando vários outros vieses significativos da vida social. O indivíduo praticante de uma determinada religião leva aquilo que foi aprendido para outros ambientes de convívio, assim como tende a praticar aquilo que acredita. Por essa razão, cabe questionar se, na verdade, algum dia as religiões foram de fato alijadas desse papel de interventoras nos vários âmbitos da sociedade. Uma vez que são depositárias de sentidos e valores, elas sempre exerceram um determinado papel de estruturação da consciência e de interventoras da ação dos indivíduos no cotidiano.

Historicamente, ao mesmo tempo que as religiões mostraram todo o seu potencial agregador e harmonioso, também exerceram uma presença destrutiva, provocando e legitimando ódio, inimizade, violência e até mesmo guerras. Um ponto essencial a ser considerado é como lidar com situações em que os próprios representantes das religiões e seus adeptos:

...incitam preconceitos, ódio e hostilidade em relação a quem professa outras religiões, se apregoam o fanatismo, ou se até mesmo dão início ou legitimam guerras motivadas pela fé, então merecem condenação por parte dos seres humanos e perda de seus seguidores."⁷⁵

É possível com isso trazer ao debate situações atuais ou até mesmo outras que já permanecem por muitos anos ou até mesmo séculos, em que a questão religiosa vem gerando conflitos de vários tipos. No Oriente Médio, a máxima "não existirá paz entre as nações se não existir paz entre as religiões" nunca foi tão verdadeira, especialmente

⁷⁴ Religionen. Disponível em: www.weltethos.org, consultado em 06 de Junho de 2016.

⁷⁵ KÜNG, Hans e SCHMIDT, Helmut. *Uma ética mundial e responsabilidades globais: Duas declarações*. Edições Loyola, São Paulo, 2001. p.32 e 33.

quando se analisa a questão Palestina, por exemplo, em oposição à formação do Estado de Israel. Essa rixa religiosa e histórica ainda hoje deflagra mortes e sofrimento entre as pessoas, e segundo Hans Küng, em ambos os lados só haverá paz quando forem desconstruídos principalmente ressentimentos ético-religiosos.⁷⁶

A Palestina não era uma terra inabitada quando lá chegaram os judeus. Há muitos anos já residia lá uma população árabe de fé muçulmana que considerou a chegada dos outros uma invasão ao seu território, gerando sentimento de ódio e desconfiança, situação que se arrasta até os dias de hoje. A diferença religiosa contribui ainda para acirrar os conflitos, incluindo questões de cunho social e político, também bastante significativas. Nesse caso, a religião acaba tornando-se um fermento destrutivo para ambos os lados, o que tende a perpetuar a situação de conflito ao invés de solucionar a questão através de acordos, evitando o sofrimento da população.

E os conflitos por motivos religiosos não cessam de acontecer. Em 2015, um jornal francês de grande circulação foi alvo de um atentado que a mídia chamou de terrorista, já que tudo indica que membros do estado islâmico- um grupo chamado de extremista/terrorista- teriam planejado atacar a sede do dito jornal em retaliação a colocações ofensivas ao islamismo e talvez até por outras razões desconhecidas. Além disso, vídeos que mostram pessoas com rosto coberto decepando cabeças são veiculados pela mídia e, em alguns casos, esses prisioneiros tornam-se peças de barganha entre esse grupo e seus países de origem ou mesmo diretamente de familiares das vítimas. Obviamente, tamanha crueldade jamais pode ser justificada pela religião islâmica ou qualquer outra, uma vez que nenhuma delas, em sua essência, apoia o ato de tirar a vida de um semelhante ou mesmo de cometer qualquer tipo de crime.

Entretanto, ainda que esses atos não possam ser justificados, o fato deve ser analisado com olhar crítico. Os argumentos favoráveis à liberdade de expressão são muito pertinentes e válidos, assim como aqueles que insistem que a liberdade de expressão não oferece o direito de ofender a fé do outro. Porém, deve-se analisar de onde cada uma das falas parte. O mundo cristianizado ocidental também carrega nas costas uma quantidade enorme de injustiças cometidas contra grupos inocentes ao longo da história, inclusive recente. É significativo lembrar acontecimentos como o Holocausto que, diga-se de passagem, ainda nem completou cem anos de ocorrido. Ou

⁷⁶ KÜNG, Hans. *Religiões do mundo: Em busca de pontos comuns*. Verus editora, São Paulo, 2004. p. 209

seja, aconteceu ontem na história do mundo, assim como guerras, atentados e outros tipos de violência tão graves quanto as ações atribuídas aos muçulmanos.

Zygmunt Bauman faz a referência ao episódio da guerra do Iraque no capítulo 3 de seu livro. Algumas situações interessantes são apresentadas incitando o leitor a questionar principalmente o que torna algumas pessoas aptas a decidir sobre o direito de vida e morte de outros seres humanos. Isso pode ter algum fundamento religioso ou nessas horas as religiões devem ser colocadas de lado? Para levantar esse questionamento, pode-se fazer referência a um episódio em que uma jornalista da rede de televisão CBS questiona Madeleine Albright, embaixadora Norte-Americana da ONU na época dos bombardeios promovidos pelos EUA no Iraque. Ela pergunta sobre as milhares de crianças inocentes vítimas dessas ações e se as mortes em massa foram consideradas para a decisão. A resposta recebida foi: De fato, foi uma decisão difícil.⁷⁷ O que se pode concluir é que a violência está presente em todas as religiões e que todas elas devem assumir sua parcela de culpa nesse caso. Claro que nem todos os adeptos praticam a violência, mas em todas as religiões, independentemente de sua origem ou do local onde é praticada sempre podem existir pessoas que optem por ações violentas em algum sentido.

Ao mesmo tempo, não se pode negligenciar o papel das religiões em muitas ocasiões, inspirando e legitimando também o entendimento, a reconciliação, a cooperação e a paz. Como a isso se refere o próprio professor Hans Küng, a realidade não é tão sombria: Na maior parte dos países, as posições extremistas não são majoritárias, ao menos se não estiverem atreladas a fatores políticos, econômicos ou sociais⁷⁸. Além disso, nas últimas décadas aumentou mundialmente o número de iniciativas visando o diálogo e a colaboração entre as religiões. Não se pode deixar de considerar também que a religião não é uma grandeza estática, em que tudo já está estabelecido de maneira engessada. Ela deve ser encarada como uma realidade dinâmica em constante processo de transformação, que passou, passa e ainda passará por muitas transformações ao longo da história humana.⁷⁹ A mensagem ética fundamental para a reflexão sobre como as religiões devem interagir no tempo presente pode ser resumida

⁷⁷ BAUMAN, Zygmunt. Sobre a dificuldade de amar o próximo. *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro, editora Zahar, 2004. p.104

⁷⁸ KÜNG, Hans. *Ética mundial en América Latina*. Prólogo de Carlos Paz y Gerardo Martínez Cristera (Trotta, Madrid 2008). p. 29.

⁷⁹ KÜNG, Hans. O islamismo: Rupturas históricas-Desafios hodiernos. In: *Revista Concilium*, Revista Internacional de Teologia. Volume 313, Petrópolis, 2005. p.101

em: “ao invés de levantar diques de ódio, vingança e inimizade, deveríamos demolir pedra por pedra os muros de preconceitos e construir com elas pontes de diálogo, entre outros também – e de maneira especial- pontes de diálogo com o islã?”⁸⁰

Todos os aspectos apresentados ao longo desse primeiro tópico contribuem para o início da discussão e lançam algumas questões importantes que não podem ser completamente respondidas, mas que abrem as portas para uma nova visão do papel da religião no contexto mundial na atualidade. Além disso, a religião é analisada como o ponto de partida do projeto para uma ética mundial, como foi referido em várias partes do texto, mas que deve ser complementada por outros elementos, como a política, que será discutida no tópico seguinte.

2.2 A dimensão política em questão

Muito distante do que de pronto se pode imaginar, a proposta do projeto para uma ética mundial não pretende apresentar simplesmente uma abordagem religiosa, apesar de ter a temática das religiões como pano de fundo. De uma forma objetiva, Hans Küng enfatiza a relação direta entre religião e política e a interface entre elas: “Para mim, é uma ilusão pensar que seja possível fazer política sem levar a sério a religião. Mais cedo ou mais tarde vai dar errado.”⁸¹ Claro que se deve ter em mente que a vida humana não está compartimentada em caixas e, portanto, todos os elementos existem de maneira interligada e interdependente, a divisão adotada existe simplesmente para fins didáticos de discussão acadêmica. Por isso, essa afirmação categórica de que a religião está tão imbricada na política, quanto os outros setores da existência humana que serão destrinchados nos próximos tópicos e que estão todos subjacentes à proposta principal do projeto.

Uma primeira discussão a ser levantada se refere ao cenário político estatal mundial, ao menos no que se refere ao Ocidente. O projeto ressalta a situação dos líderes políticos que, ao invés de serem agentes da representatividade cívica, adotam atitudes de manipulação e distorção de contextos sócio-econômicos:

Para os *políticos e partidos políticos*: se eles mentem descaradamente ao povo e tornam-se interna e externamente culpados pela manipulação da verdade, pela corrupção ou por uma política irrespeitosa de

⁸⁰ Idem, 2008. p. 37.

⁸¹ KÜNG, Hans. *Para que um ethos mundial? Religião e ética em tempos de globalização, conversando com Jurgen Hoeren*. Edições Loyola, São Paulo, 2005. p.85

conquista de poder, põem em jogo a própria credibilidade e merecem a perda de seus postos e de seus eleitores. Ao contrário, a opinião pública deve apoiar os políticos que ousam sempre dizer a verdade ao povo.⁸²

O Estado como aquele que incorpora o bem comum da população, precisa ser gerido de maneira justa e honesta para verdadeiramente atender aos anseios da sociedade que representa. Como representantes de toda uma sociedade, os políticos deveriam procurar, em primeiro lugar, atender aos interesses de toda a comunidade e não buscar interesses próprios, entretanto, esse não é o cenário encontrado em alguns países, especialmente nos países periféricos. Nesses países, a falta de credibilidade dos políticos frente aos eleitores é algo extremamente latente, o que torna a situação político-partidária não só ineficiente frente às demandas da população, como também desarmoniosa, não alcançando os fins necessários para que ocorra uma gestão solidária dos recursos econômicos, isso citando essa questão como exemplo. Porém, todos os demais aspectos acabam sendo afetados, inclusive o desenvolvimento social, educacional e cultural, caracterizando o enorme abismo que existe entre as pessoas nesses países.

O que ocorre é a manutenção das estruturas de desigualdade de acesso aos recursos mínimos de sobrevivência, uma vez que aspectos como o saneamento básico, que é uma atribuição do Estado fornecer, não são oferecidos com a amplitude e eficácia necessários para atender a todo o conjunto da população. Isso ocorre em diferentes graus nos diversos países, mas é, sem dúvida, hoje um dos grandes desafios a serem vencidos em prol da melhoria de vida das populações. Essa e outras questões que são atribuídas ao Estado acabam ratificando a deficiência dos quadros de governantes, talvez indicando a importância fundamental de se elaborar novas estratégias de governo e principalmente a necessária adoção de princípios éticos por parte dessas pessoas incumbidas dos cargos estatais.

No livro sobre a ética global para a política, Hans Küng cita palavras de um dos primeiros presidentes dos Estados Unidos, Thomas Jefferson e sua defesa da equiparação ética entre o Estado e seus habitantes, uma vez que para ambos devem valer as mesmas regras: “Só existe um sistema ético para as pessoas e para as Nações – ser agradecido, ser fiel a todos os deveres em todas as circunstâncias, ser aberto e generoso,

⁸² KÜNG, Hans e SCHMIDT, Helmut. *Uma ética mundial e responsabilidades globais: Duas declarações*. Edições Loyola, São Paulo, 2001. p.31

para assim favorecer a mais longo prazo os interesses de ambos”.⁸³ Desta maneira, ambos defendem que o Estado composto por um conjunto de indivíduos deve compartilhar ideais com esses mesmos indivíduos em prol de um bem-comum como via de mão dupla: Ambos agem e são, ao mesmo tempo, também beneficiados por esses princípios éticos. Dessa maneira, até mesmo as relações de poder presentes em ambos os níveis: Estado- indivíduos e dos indivíduos entre si devem ser pautadas nessa ideia. Somente dessa maneira é possível alcançar paulatinamente uma nova estrutura estatal capaz de verdadeiramente contemplar as reais demandas da população.

O autor discute algumas experiências conforme apresentadas no mesmo livro como as da União Europeia e da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) e acrescentando aqui o MERCOSUL (Mercado Comum do Sul) - no caso da América do Sul, mas que representam uma mesma ideia de associação de países- permitem esboçar uma nova constelação política em fase de construção no mundo globalizado, e que resultam impossíveis de prescindir de certas categorias éticas. Esse novo paradigma, como sugere a proposta do projeto para uma ética mundial, deve dar lugar a diferentes iniciativas de entendimento, aproximação e cooperação entre Nações ao invés da moderna política nacional de interesses, acompanhadas de buscas pelo poder e pelo prestígio. Essa nova visão pressupõe uma mudança de mentalidade que ultrapassa a política cotidiana e a ideia de nacionalidade que passa ser encarada de forma dinâmica.

O professor Hans Küng aponta alguns aspectos a serem ressaltados nesse caminho e que devem estar associados às questões apontadas anteriormente: Em primeiro lugar, a existência de novas organizações e comissões requer também uma nova forma de pensar e de enxergar o mundo da política, inclusive levando em conta que as diferenças nacionais, étnicas e religiosas devem ser vistas como enriquecedoras e não como ameaças. Desta forma, as rivalidades entre Estados deixam de fazer sentido e se impõe uma ideia de colaboração mútua, demonstrando que tanto a democracia quanto o bem-estar não podem ser promovidos na presença de conflitos de qualquer natureza.⁸⁴ E mais: Essas relações entre Estados permitem uma complementação econômica e comercial que só tem a acrescentar no desenvolvimento sócio-político dessas

⁸³ JEFFERSON, Thomas, Apud KÜNG, Hans. *Uma ética global para a política e economia mundiais*. Editora Vozes, Rio de Janeiro, 1999.

⁸⁴ KÜNG, Hans. *Ética mundial en América Latina*. Prólogo de Carlos Paz y Gerardo Martínez Cristerna (Trotta, Madrid 2008). p. 49

populações. Essas iniciativas de parceria entre Estados podem ter muito a acrescentar uns aos outros desde que realizadas de maneira harmoniosa e visando o bem-comum, além disso, se forem balizadas por princípios éticos comuns as chances de serem bem-sucedidas aumentam ainda mais.

Por outro lado, mesmo os mentores do projeto para uma ética mundial não consideram que com esse novo paradigma o fazer político tenha sido simplificado, mas sim que continua apresentando suas dificuldades e sendo considerado como: A arte do possível. Não existem fórmulas prontas, tudo deve ser pensado a partir das situações que se apresentam. Por isso, ideias como a de um pluralismo ‘pós-moderno’ que enfatizam a busca por um consenso podem ser consideradas uma das chaves necessárias para abrir as portas das relações entre Estados. Esse consenso estaria então diretamente atrelado aos valores, direitos e deveres fundamentais, considerados por crentes e não crentes e mesmo por aqueles com diferentes concepções de mundo.⁸⁵ Esse consenso ético não deve ser imposto, mas sim pressuposto, não consistindo numa proposta superestrutural ao estilo marxista, mas uma atitude ética básica que inclui valores e normas, não forçados, mas sim interiorizados de maneira consciente.⁸⁶

Isso dito, infere-se que essa ética deve partir do indivíduo, consciente do seu lugar social e não através da culpabilização das circunstâncias, da história ou do sistema, como se esses determinassem por si só o rumo da vida. Eles podem e devem assumir um papel de aprendizado ou até mesmo de ponto de partida, mas não podem ser supervalorizados como aspectos definidores das escolhas dos indivíduos. Cada um deve assumir sua responsabilidade pessoal diante das situações e aqui nesse caso especialmente os dirigentes políticos, econômicos e culturais, que podem preferir a adoção da conciliação e do bom-senso como as ferramentas necessárias para alcançar esses fins.

A questão política não se refere somente ao Estado enquanto entidade ou a seus representantes, mas também às relações de poder que se estabelecem na sociedade. “Sempre que os dominadores oprimem os dominados, as instituições oprimem as pessoas, e o poder oprime o direito, é adequado haver resistência – pacífica, sempre que possível.”⁸⁷ Diante das imagens diariamente veiculadas de ações brutais cometidas nos cenários bélicos pelo mundo afora ou mesmo ao nosso redor, impõe-se que os elementos

⁸⁵ Ibidem, p.49

⁸⁶ Ibidem, p. 49

⁸⁷ KÜNG, Hans e SCHMIDT, Helmut. *Uma ética mundial e responsabilidades globais: Duas declarações*. Edições Loyola, São Paulo, 2001. p. 29.

da declaração realizada em Chicago tornam-se cada vez mais urgentes, como fundamentos da política mundial e da sociedade civil. Sendo assim, a regra primeira da humanidade deve prevalecer: Todo ser humano deve ser tratado de forma humana, respeitando-se primordialmente sua dignidade, não importando se é homem ou mulher, israelense ou palestino, soldado ou prisioneiro de guerra.⁸⁸ Como consequência, também se apresenta como solução a regra de ouro: Só faça aos outros o que gostaria que te fizessem. Dessa forma, a desigualdade gerada pelo poder não será mais uma questão a ser considerada e a violência não será uma alternativa na solução de questões de qualquer tipo.

Essa ideia da violência deve ser ampliada, não se limitando à violência física, mas incluindo a violência nas suas várias formas e que é respaldada geralmente por relações de poder em vários níveis. De imediato já se pode falar em relações desiguais que permeiam as sociedades, materializadas pelo domínio bélico e econômico, notadamente nos países subdesenvolvidos onde a prática da exploração do trabalho ainda ocorre, através da quase ou mesmo da escravização. O desrespeito ao princípio dos direitos básicos de todo ser humano como o direito à vida e ao livre desenvolvimento é um dos pontos em que as relações de poder se fundamentam e acabam se perpetuando. Além disso, tem-se a existência da violência psicológica, da violência moral e de outras formas de violar a dignidade humana que hierarquizam as pessoas de maneira aleatória. Em resumo, a dominação, o poder e a política andam lado e lado e representam uma combinação extremamente nociva aos ideais do projeto para uma ética mundial.

Imaginar um mundo sem conflitos soa, a princípio, como uma ideia bastante pueril, especialmente tendo em mente as experiências catastróficas vividas desde sempre na história da humanidade e acentuadas nos últimos anos apesar das várias tentativas de pacificação. Porém, Hans Küng atribui essa impossibilidade de concretização a uma falta de visão de futuro por parte de algumas pessoas. “Alguns estudiosos da política diagnosticam para o século XXI um ‘choque de civilizações’.”⁸⁹ Entretanto, para ele e os demais mentores da declaração, existe uma visão realista de esperança baseada nas pessoas de boa vontade e que estão realmente dispostas a praticar os ideais propostos pelo projeto e de fato, não são poucas. Ou seja, existem sementes sendo plantadas em

⁸⁸ Idem, 2008, p.50

⁸⁹ KÜNG, Hans. *Ética mundial en América Latina*. Prólogo de Carlos Paz y Gerardo Martínez Cristera (Trotta, Madrid 2008). p. 52

vários lugares do mundo e que não podem ser desconsideradas. Para explicitar a proposta, Hans Küng mais uma vez enfatiza o papel da ética diante das questões de cunho político: “A ética precede a política e o direito, e por isso deve animar e inspirar a liderança política.”⁹⁰

Para reforçar a importância da ética, ele faz referência ao cabedal ético que os japoneses adquiriram a partir do budismo e dentro do qual determinados deveres são naturais. Com muita frequência se colocava os deveres dos de baixo para com os de cima, entretanto, hoje em dia se considera os deveres dos de cima para com os de baixo, notadamente os políticos e por isso passam a ser consideradas como de fundamental importância normas de moralidade, oriundas de princípios religiosos como o não matar e não roubar.⁹¹

Para combater as críticas que o Oriente recebe em relação a sua cultura demasiado obsoleta, passiva, submissa e demasiado conservadora, baseada numa “religião de Estado”, Cingapura, por exemplo, possui o mais baixo índice de corrupção, atrás apenas dos países escandinavos, Nova Zelândia e do Canadá e à frente de países como a Suíça, Alemanha e Itália.⁹² As grandes democracias Ocidentais que muitas vezes se orgulham de ter o acesso ao conhecimento científico ainda estão engatinhando em termos de assimilação de princípios éticos em muitos âmbitos. No caso específico do Brasil, os escândalos de roubo e corrupção de vários tipos fazem parte da realidade política, o que tem gerado grande descrença por parte da população em relação às lideranças políticas. Não é o acesso ao conhecimento de base científica o que gera sentimentos de valorização da ética e sim uma sociedade baseada em valores sólidos enraizados na cultura e na tradição.

A posição apresentada pelo projeto não pretende, por um lado, desmerecer a democracia como regime capaz de garantir a igualdade de oportunidade entre os indivíduos, porém, um sistema democrático que não esteja baseado na ética, que não seja capaz de confrontar os interesses de pessoas e grupos que detêm o poder, não pode jamais alcançar sua finalidade. Em um mundo globalizado, uma ética global torna-se necessária. Helmut Schmidt, ex-chanceler da Alemanha, ressalta um ponto de fundamental importância: O Estado por si só não é capaz de inculcar valores nas pessoas e nem de impor fundamentos morais dos quais a democracia é diretamente dependente.

⁹⁰ Idem, 2001. p.98

⁹¹ Idem, 2004. p. 178

⁹² Ibidem, p.101 e 102. (Os dados foram retirados da *Transparency* Internacional de 1998.)

O estado democrático de direitos é pautado em valores que devem estar pré-estabelecidos a ele, uma vez que não há como intervir na liberdade de cada um no que se refere à realização de atitudes éticas básicas, isso precisa partir do indivíduo para a sociedade e não da sociedade para o indivíduo.⁹³

Sendo assim, a presença da ética nas relações políticas nos seus vários âmbitos torna-se fundamental dentro da perspectiva de uma nova ordem mundial, e é ponto essencial de discussão nos diversos espaços. Todo um movimento rumo à adoção de valores morais básicos deve protagonizar a cena política mundial no sentido de uma maior integração entre países, uma vez que as relações internacionais precisam basear-se em princípios harmoniosos de convivência. Também nesse sentido, as relações que ocorrem em menor escala precisam ter como base esses princípios para irem edificando-se de baixo para cima, uma vez que há uma interligação contínua entre elas. A ética é o elemento que deve permear todas as formas de relação e não a busca pelo poder e pelo dinheiro.

2.3 Uma dimensão econômica justa

Em suas palavras iniciais no livro “The Manifest for a Global Ethic”, Hans Küng admite que, quando inicialmente pensou em falar de ética na economia, sentiu-se como uma voz clamando no deserto.⁹⁴ Isso porque lançando um rápido olhar sobre a questão, pode parecer realmente muito pouco provável que a ética e a economia caminhem lado a lado de maneira harmoniosa, principalmente diante do cenário que hoje se apresenta. Nem sempre as trocas comerciais ocorrem de maneira honesta e acordos muitas vezes são feitos apenas levando em consideração as demandas do mercado. Acrescido a isso, uma corrida contínua que tem por base o capital internacional e os grandes conglomerados econômicos mostra-se em alta. Todos esses elementos tornam a economia num terreno fértil para concorrências e conflitos, muitas vezes não realizados de maneira justa e com regras claras. O projeto para uma ética mundial, apesar de algumas críticas sofridas, não pretende ser um projeto utópico, de ideais sublimes, porém sem fundamento com propostas irrealizáveis, pelo contrário, ele defende que é realmente possível a existência de uma ética aplicada à economia.

⁹³KÜNG, Hans (org.). *Yes to a global ethic*. Londres, SCM press Ltd, 1996. p. 48

⁹⁴ KÜNG, Hans, LEISINGER, Klaus M. e WIELAND, Josef. *Manifest Globales: Wirtschaftsethos/ Manifesto Global Economic Ethic*. Munique/ Berlim, dtv, 2010. p. 167

No que se refere ao papel da economia, ele propõe uma redescoberta do valor da ética para que aquela ocorra de forma plena sem causar danos aos indivíduos, uma vez que a economia existe para cooperar com a vida em sociedade. Além disso, é possível falar também da busca por uma moral econômica em seu sentido positivo, não de um moralismo sem fundamento com bases unilaterais e inegociáveis. Aqui se trata, portanto, de propor uma visão realista que permita traçar perfis de relações econômicas tendo em vista um mundo mais pacífico, mais humano e conseqüentemente mais justo. Nesse sentido, a proposta apresentada pretende ser uma resposta às demandas existentes, buscando com isso alcançar soluções em uma perspectiva global.⁹⁵ O Instituto *Weltethos* hoje desenvolve principalmente pesquisas acadêmicas nessa temática, denotando o quanto essa questão é significativa e importante para a concretização do projeto como um todo.

Partindo dessas ideias, Hans Küng propõe algumas análises pautadas em situações mais concretas, que seriam uma preocupação reflexiva acerca da situação da economia mundial hoje. Um primeiro aspecto se refere a um mundo em que as estruturas sociais injustas são uma realidade latente e que tendem a se perpetuar, gerando situações de desigualdade social e valorização do dinheiro e do lucro em detrimento do ser humano e dos valores espirituais:

Neste mundo em que tanto um capitalismo desenfreado quanto um socialismo estatal totalitário esvaziaram e destruíram muitos valores espirituais, puderam difundir-se uma ânsia desenfreada por lucro e uma avidez sem limites, mas também uma mentalidade reivindicatória materialista, que sempre exige mais e mais do Estado, sem assumir compromisso recíproco. Não apenas nos países em desenvolvimento, mas também nos países industrializados a corrupção desenvolveu-se na sociedade como uma chaga cancerosa.⁹⁶

Segundo o mesmo autor, os estudiosos distinguem hoje três pontos de falência do sistema capitalista: O primeiro está associado à falência dos mercados, uma vez que estão baseados em uma moral capciosa, políticas macroeconômicas inapropriadas e no excesso de especulação. O segundo estaria associado à falência das instituições, relacionado ao funcionamento ineficiente do sistema regulatório e supervisor, a uma infraestrutura legal e financeira inadequada, ausência de transparência e por fim a falência das virtudes e da moral, que está diretamente relacionada às duas anteriores.

⁹⁵KÜNG, Hans. *Ética mundial en América Latina*. Prólogo de Carlos Paz y Gerardo Martínez Cristerna (Trotta, Madrid 2008). p.56

⁹⁶ KÜNG, Hans e SCHMIDT, Helmut. *Uma ética mundial e responsabilidades globais: Duas declarações*. Edições Loyola, São Paulo, 2001. p.27

Nesse terceiro ponto estariam incluídos: A corrupção, ausência de verdade, ganância dos investidores e instituições e a manipulação dos mercados. Uma conclusão que se pode tirar disso é que a ética não demanda unicamente apelos morais, mas sim principalmente ações morais.⁹⁷

Dessa maneira, o que se apresenta na sociedade de hoje, de forma geral, é a permanência das relações de desigualdade econômica, principalmente através das relações capitalistas que segmentam as pessoas a partir de critérios financeiros que desconsideram valores humanos e conseqüentemente as questões éticas e espirituais: “Quando se acumulam poder e riqueza indiscriminados, é inevitável que se despertem nos pobres e marginalizados sentimentos de inveja e ressentimento, de ódio mortal ou de rebelião... Que ninguém se engane: Não há paz mundial sem justiça mundial.”⁹⁸

O que o projeto para uma ética mundial apresenta como alternativa é:

Ao invés de um desejo insaciável por dinheiro, prestígio e consumo, é preciso reencontrar um novo *sensu de comedimento e humildade!* Pois o ser humano entregue ao desejo perde sua “alma”, sua liberdade, seu desprendimento, sua paz interior e perde, com isso, o que o torna humano.”⁹⁹

Dessa maneira, defende-se que o princípio fundamental de uma desejável ética mundial para a economia é a humanização das práticas econômicas. “Mesmo um sistema tão vasto e dinâmico como o Sistema de Mercado Global não pode permitir que se ultrapassem os ideais de humanidade”¹⁰⁰ As diferenças entre tradições culturais e religiosas não devem ser um obstáculo à cooperação ativa pela defesa e pelo cumprimento dos direitos humanos. Todo ser humano – sem distinção de idade, sexo, raça, cor de pele, capacidade física ou mental, língua, religião, política, origem social ou nacional – é possuidor de uma dignidade inalienável. Claro que essa afirmação sofre influências diretas dos movimentos intelectuais por qual passou o pensamento ocidental, notadamente o iluminismo e a revolução francesa, estando imbricado ao desenvolvimento da ideologia cristã. Entretanto, como já foi dito anteriormente, as bases do projeto têm endereço definido que não pode ser desconsiderado em sua gênese.

⁹⁷ KÜNG, Hans, LEISINGER, Klaus M. e WIELAND, Josef. *Manifest Globales: Wirtschaftsethos/ Manifesto Global Economic Ethic*. Munique/ Berlim, dtv, 2010. p.169.

⁹⁸ KÜNG, Hans e SCHMIDT, Helmut. Op. cit, p.27

⁹⁹Ibidem, p.29

¹⁰⁰ KÜNG, Hans, LEISINGER, Klaus M. e WIELAND, Josef. Op. Cit, p.151.

As religiões podem também oferecer sua contribuição nesse sentido, pois seus ensinamentos sobre viver em comunidade e dividir aquilo que se tem podem ser um bom ponto de partida para discutir como a economia deve ser pensada. Não partindo dos interesses individuais ou do lucro, mas levando em conta o bem comum e critérios éticos de como proceder. Nesse ponto, todas as religiões e filosofias têm algo a ensinar e acrescentar, pois elas defendem que as relações devem promover um olhar de afeto para com o outro, acolhendo-o e permitindo seu desenvolvimento saudável, sem buscar vantagens ou humilhá-lo. Nesse aspecto, a regra de ouro se encaixa bem aos propósitos, pois no momento que se deseja ao outro somente aquilo que se deseja a si mesmo, a tendência é que as relações, inclusive as econômicas, aconteçam de forma a ter como consequência o bem a todas as partes.

Dito isso e com base nas ideias anteriormente apresentadas, o instituto *Weltethos* apresentou um manifesto intitulado "Ética Econômica Mundial- consequências para a economia mundial", delineado com base na declaração para uma Ética Mundial. Não se trata de um documento elaborado com fins legais, mas sim de um apelo moral. Ele ressalta em particular aspectos fundamentais de uma ética econômica para balancear as demandas fundamentais de uma economia global que deve levar em consideração as necessidades humanas.¹⁰¹ Em cooperação com o Pacto Global das Nações Unidas e da Fundação Novartis, o manifesto foi apresentado na sede da ONU em Nova York e assinado por representantes políticos, cientistas e líderes religiosos no ano de 2009. Inclusive, empresários e líderes de organizações ainda hoje são convidados a assinar o Manifesto, uma vez que é um projeto dinâmico e que demanda a participação de todos aqueles interessados na temática e que demonstram interesse de discuti-la. No texto do manifesto, a referência é explícita aos possíveis interessados no assunto: Ao assiná-lo oficialmente em nome da empresa ou de seu grupo de trabalho, o indivíduo está se comprometendo a ser liderado por suas propostas nas decisões econômicas cotidianas.¹⁰²

Entre os principais aspectos defendidos pelo manifesto está o papel da globalização no contexto da economia operada na Terra. Ele argumenta logo em seu preâmbulo que a globalização da atividade financeira deve conduzir à prosperidade sustentável em benefício de todos os povos. Para que tal objetivo seja alcançado, o manifesto acrescenta que todos aqueles que participam de forma direta ou indireta de

¹⁰¹ Ética econômica global: Consequências para o mercado mundial. Disponível em: <http://www.globaleconomicethic.org/>, consultado em junho de 2016.

¹⁰² Toda explicação pode ser acessada através da página: http://www.globaleconomicethic.org/03_01b-signatories.php, consultado em setembro de 2016.

atividades econômicas, são subsidiários de negociações que devem estar pautados em valores. Isso porque, as atividades econômicas só têm sentido se existirem para o usufruto e prosperidade sustentável dos seres humanos, elas não podem ser um fim em si mesmas. O lucro, por exemplo, é positivo quando serve como um meio para um fim que proporciona um sentido tanto de como produzi-lo e de como fazer bom uso dele. Uma vez que ele se torna ele mesmo sua finalidade última sem ter por base uma preocupação com o bem comum, seu potencial como gerador de riqueza se esvai e permanece somente a criação de abismos entre aqueles que possuem acesso a essa riqueza produzida e aqueles que não a possuem.

Por essa razão, caberia aos indivíduos uma preocupação constante quanto à cooperação orientada para o bem estar de todos os envolvidos: Esta seria uma das lições fundamentais em meio à crise global dos mercados e sistemas financeiros.¹⁰³ O princípio elementar de uma desejável ética global da economia é a humanidade: essa tem de ser a unidade de medida ética para toda a ação econômica. Este princípio concretiza-se nas orientações presentes no referido manifesto, para a concretização de negócios orientados para valores que visam o bem comum e a geração de riqueza de maneira a incentivar a solidariedade e a reciprocidade.

Para além disso, a justiça e a cooperação nas trocas comerciais apenas serão capazes de atingir os objetivos sociais necessários quando as atividades que visam concretizar a prosperidade de cada indivíduo estiverem incutidas em um quadro ético aceito globalmente. Tal acordo sobre normas globalmente aceitas que visam ações e decisões econômicas pode ser resumido na ideia de “uma ética dos negócios”, ainda se encontra em processo de maturação. Uma ética global para a Economia – uma visão fundamental comum daquilo que é legítimo, razoável e justo – assenta em princípios e valores morais que, desde tempos imemoriais, têm sido partilhados por todas as culturas e sustentados pela experiência prática comum.

Durante os meses que estive em Tübingen para o recolhimento de dados e a elaboração da tese, pude participar da conferência intitulada: Freedom and Responsibility- Leading for Well-Being, ocorrida nos dias 13 e 14 de outubro de 2016 no Instituto *Weltethos*. Ela tinha como objetivo apresentar trabalhos que contribuíssem para a renegociação da relação entre a liberdade nas trocas econômicas e a responsabilidade inerente a elas. A chamada se referia aos numerosos escândalos

¹⁰³ <http://www.weltethos.org/1-pdf/00-aktuell/deu/we-manifest-GER.pdf>, retirado de: <http://www.weltethos.org/wirtschaft/>, consultado em setembro de 2016. p. 3

empresariais dos últimos anos, a "licença para operar " corporativa - a liberdade de negócios – como um princípio que tem sido colocado em xeque a cada dia. Dessa forma, defendia que tem aumentado o número de iniciativas no sentido de uma maior responsabilidade nos negócios através da demanda por políticas econômicas e estratégias empresariais não somente direcionadas ao enriquecimento e a acumulação de bens, mas também promovendo uma elevação no bem-estar das pessoas.¹⁰⁴

Cada ser humano – nos diversos papéis que exerce enquanto empreendedor, investidor, credor, trabalhador, consumidor e membro de diferentes grupos de interesse em todos os países – tem a responsabilidade fundamental e comum, juntamente com as instituições políticas e organizações internacionais, de reconhecer e aplicar esta ética global para a economia.

Ainda nossa atual crise econômica, conforme provou Hans Küng e seus co-autores, o melhor diagnóstico. Nós estamos vivendo em meio a uma crise moral assim como uma crise financeira. Entre os países e pelo mundo afora, nossa habilidade em atrelar os bens da Ciência e da Tecnologia e o potencial de um Mercado Econômico Global estão impedidos pela falência em cultivar o melhor do espírito humano. A Ética Econômica Global sustenta nossa esperança de uma nova economia que resida em princípios humanos comuns.¹⁰⁵

Entre os mentores do projeto para uma ética mundial que estudam suas possibilidades de aplicação da questão econômica, acredita-se que é possível a existência de uma economia global de mercado alicerçada em ideais democráticos, subsidiária de valores fundamentais e padrões concretos de ação com base nos mesmos.¹⁰⁶ O ser humano possui a inteligência e a capacidade criativa necessária para criar mecanismos que agreguem o desenvolvimento econômico e financeiro ao bem-estar geral das populações. Não é possível que cada indivíduo continue vivendo dentro de seu país confortavelmente e ignorando os exemplos de injustiças econômicas que são continuamente jogados ao vento. É muito comum a ideia de que muitos alimentos são desperdiçados em alguns países enquanto em outros uma grande parcela da população não pode fazer nenhuma refeição por dia. Como fazer para reverter esse quadro, por exemplo? Essa questão está diretamente atrelada a outras de importância significativa.

¹⁰⁴ Maiores informações sobre o evento podem ser consultadas através do site: www.weltethos-institut.org/research/aktuelles.

¹⁰⁵ KÜNG, Hans, LEISINGER, Klaus M. e WIELAND, Josef. *Manifest Globales: Wirtschaftsethos/ Manifesto Global Economic Ethic*. Munique/ Berlim, dtv, 2010. p.146

¹⁰⁶ Cf: KUSCHEL, Karl-Josep e MIETH, Dietmar. Em busca de valores universais. *Concilium*, KUSCHEL, Karl-Josep e MIETH, Dietmar (orgs.), editora vozes, número 292, ano 2001.

Um aspecto diretamente afetado pela expansão do mercado financeiro é a utilização dos recursos naturais e do meio ambiente de maneira desenfreada, sem uma preocupação verdadeira com as consequências dessas práticas para o futuro do Planeta. Essa questão tem, sem sombra de dúvida, uma relevância marcante e é considerada como um dos pontos fundamentais para o referido projeto e também para o manifesto sobre o tema específico da ética no quesito economia. Uma das falhas apontadas é a de não serem tomadas decisões efetivas para a proteção do meio ambiente além de uma reflexão no que se refere à degradação causada pelo uso desregrado dos recursos naturais. Segundo os autores do manifesto, a produtividade está extrapolando a sobrevivência do meio natural:

Nós, enquanto uma sociedade global, estamos queimando combustíveis fósseis demais, usando muita água fresca, desmatando muito da Floresta tropical e depositando muito nitrogênio e fósforo como fertilizantes, essas nossas ações combinadas estão colocando em perigo os ecossistemas dos quais dependemos para nossa sobrevivência e bem-estar.¹⁰⁷

No manifesto publicado no livro escrito por Küng, Leisinger e Wieland, eles defendem que, muitas vezes, as grandes nações negam sua responsabilidade diante da situação, as gerações atuais muitas vezes esquivam-se da responsabilidade e não se preocupam com uma geração que herdará um planeta degradado. São certamente problemas institucionais, organizacionais, tecnológicos e de compreensão geral, mas são também e principalmente problemas de cunho moral. É muito simples enxergar situações desse tipo quando se lança um olhar para as favelas existentes nos países subdesenvolvidos e para a desigualdade social presente neles. Também é possível ter como exemplo a situação das populações em grande parte dos países africanos, principalmente a África Negra, que não possuem seus direitos humanos mínimos garantidos. Sem contar a existência de situações de exploração do trabalho humano sem a devida remuneração ou mesmo a existência de leis que regulem esse trabalho. Todas essas situações demonstram a urgência de se viver uma ética, uma vez que os recursos naturais que podem pôr a cabo essas situações sub-humanas existem, mas não são corretamente utilizados e não há uma preocupação genuína com essa questão.

Sendo assim, os autores defendem que padrões éticos são necessários para estimular a compreensão e a ação pública no que se refere à questão ambiental e também

¹⁰⁷ KÜNG, Hans, LEISINGER, Klaus M. e WIELAND, Josef. *Manifest Globales: Wirtschaftsethos/ Manifesto Global Economic Ethic*. Munique/ Berlim, dtv, 2010. p.148

à questão humana, ambas intrinsecamente interligadas. Os líderes empresariais devem agora trabalhar como integrantes de uma comunidade global e não como membros isolados, tendo em vista o uso responsável dos recursos naturais em prol de uma vida melhor para os seres humanos. O homem possui o saber necessário para reverter esse processo, tanto no que se refere à capacidade criativa como também ao acesso à tecnologia, que podem em conjunto trabalhar para quem sabe, solucionar essas questões e muitas outras existentes. O que falta é a vontade de verdadeiramente buscar alternativas assim como a ausência de uma prática ética concreta que dê conta desses objetivos.

Diante desse quadro, Hans Küng e outros apoiadores do projeto sempre defenderam a existência de uma ética global, uma que fosse capaz de capturar tanto corações quanto mentes, que ultrapassasse as fronteiras religiosas, linguísticas e culturais da mesma maneira que os negócios para além das fronteiras nacionais. Segundo esses autores, os casos de abuso, incluindo mentira e engano que infelizmente se encontram presentes hoje também na economia não podem ser combatidos com a elaboração de uma ética econômica detalhada, mas sim com a adoção de uma reflexão- individual e coletiva- sobre a ética civil em geral. E principalmente, ela deve ser levada a sério e considerada como parte essencial do processo, uma vez que todos os aspectos relativos as transações comerciais estão interligados e devem convergir para esse mesmo ideal. Sendo assim, reitera-se que a crise de credibilidade que afeta as transações econômicas é sim uma crise ética. Por isso, Hans Küng afirma que o direcionamento de um negócio quando fundamentado sobre a ética, possui hoje mais oportunidades, uma vez que as pessoas em geral estão tomando consciência da importância da existência de uma moral na economia. E especialmente ressalta que a economia funciona de maneira muito mais eficaz quando é realizada a partir de critérios éticos.

Somente quem vive uma ética é capaz de estabelecer para outros, tal como requer uma liderança forte, marcas claras de orientação: Mediante todos os valores que obrigam, mediante a fixação de objetivos, conseqüentemente o respeito às medidas concretas de direcionamento de um grupo em prol de uma meta. Um exemplo disso seria o funcionamento de uma empresa. Ele deve basear-se na questão da ética como objeto de uma reflexão consciente de todos os seus integrantes e, portanto, incorporando um

aspecto a ser discutido e reelaborado em conjunto com todo o corpo de funcionários.¹⁰⁸ Dito isso, o espírito que reina em uma empresa depende muito dos indivíduos e principalmente das lideranças ali presentes. “A empresa deve ser um ator moral, guiado por compromissos morais.”¹⁰⁹ Para Hans Küng, um bom líder econômico deve possuir três competências: A econômica, em termos de conhecimento do mercado e das empresas, a política, de relacionamento com as instituições locais: Governos nacionais, internacionais, assim como com os demais funcionários da empresa e por fim a competência ética em relação ao caráter e à personalidade.¹¹⁰

Como um ponto de partida a ser considerado e um exemplo de como o projeto pode ser posto em prática está a criação de um contrato global, idealizado pelo antigo secretário-geral da ONU Kofi Annan e assinado por mais de 700 empresas, segundo relato do professor Hans Küng. Este contrato coincide com o enfoque da declaração para uma ética mundial em vários aspectos, entre eles, o principal é que no centro de ambos figura o respeito incondicional à dignidade humana. Desta forma, o contrato acima mencionado parte dos direitos humanos, da melhoria nas condições de trabalho, da proteção ao meio ambiente e como consequência disso, pressupõe precisamente princípios éticos gerais.¹¹¹ Entre os pontos levantados como essenciais para o funcionamento dessas empresas que se comprometeram a corroborar com os princípios apresentados está: A exigência da renúncia ao suborno e outras formas de coerção que pressupõem dessa forma, uma atitude de respeito à justiça e a honradez, assim como a vontade de contribuir para uma ordem econômica justa. Mais uma vez Hans Küng enfatiza que apesar dos valores éticos serem cultivados culturalmente, existe um núcleo principal a partir do qual eles emanam e esse núcleo pode receber características universalizantes, como a proposta acima apresentada.

A ideia de uma Ética Econômica Global é um primeiro passo rumo ao desenvolvimento sustentável da economia, afirma o professor Jeffrey D. Sachs da Universidade de Columbia e um dos coautores do livro que leva o nome do manifesto e quem teve a oportunidade de escutar pessoalmente e cuja fala demonstra bastante otimismo no que se refere a essa temática da ética na economia. Porém, as soluções

¹⁰⁸ No livro que serve de base para a ideia foram elaborados alguns organogramas explicativos que podem ser encontrados no anexo da tese.

¹⁰⁹ KÜNG, Hans, LEISINGER, Klaus M. e WIELAND, Josef. *Manifest Globales: Wirtschaftsethos/ Manifesto Global Economic Ethic*. Munique/ Berlim, dtv, 2010. p.150

¹¹⁰ Idem, 2008, p.64

¹¹¹ KÜNG, Hans. *Ética mundial en América Latina*. Prólogo de Carlos Paz y Gerardo Martínez Cristerna (Trotta, Madrid 2008). p. 61 e 62.

ainda estão em processo de construção e por isso a pesquisa na área se torna algo tão necessário. Ele afirma que hoje se está vivendo em um tempo no qual as maravilhas da ciência e da tecnologia oferecem oportunidades nunca antes vistas para a história da humanidade, no que se refere à eliminação do flagelo da extrema pobreza e o sofrimento que o acompanha.¹¹² Padrões éticos são fundamentais para fazer convergir compreensão e ação, cidadãos agindo como membros de uma comunidade verdadeiramente global e administradores de um planeta que ainda será a residência de incontáveis gerações. Essas respostas podem ser buscadas na existência de uma ética subjacente às grandes tradições sendo possível, portanto, encontrar caminhos comuns e um espírito capaz de animar e colocar as pessoas juntas através desses propósitos: O princípio básico e essencial da não-violência e do respeito à vida, justiça e solidariedade, honestidade e tolerância e a parceria entre homens e mulheres, os quatro compromissos ou os quatro preceitos inamovíveis.

2.4 A dimensão social agregadora

Apresentadas as dimensões religiosa, política e econômica que o projeto propõe, é importante sinalizar também a presença de uma preocupação com a organização da sociedade, uma vez que todos esses fatores estão interligados e são interdependentes. Essa organização deve ser lida através das relações sociais e das consequências dessas relações para o bom funcionamento desse conjunto chamado de *societas*. Dito isso, cabe sinalizar que essa questão já foi amplamente analisada por várias ramificações das ciências humanas em vários momentos e não é objetivo do presente tópico esgotar essa discussão. A proposta aqui é apenas discutir como a organização das sociedades pode ser pensada a partir da proposta do projeto para uma ética mundial.

Ademais de todas as questões que diferenciam o ser humano dos demais seres vivos, a noção da consciência do ser é um dos pontos mais destacados, uma vez que o indivíduo pode optar por viver em sociedade, em quais grupos se inserir e de que maneira viver essas relações. Essa consciência está diretamente atrelada ao desenvolvimento da linguagem: A capacidade humana de elaborar pensamentos abstratos, estratégicos e a autorreflexão são aspectos baseados na faculdade de desenvolvimento de linguagem e conseqüentemente, da comunicação. Dessa forma, passam a ser expressos sentimentos

¹¹² KÜNG, Hans; LEISINGER, Klaus M. e WIELAND, Josef. *Manifest Globales: Wirtschaftsethos/ Manifesto Global Economic Ethic*. Munique/ Berlim, dtv, 2010. p.148.

como afeto, repulsa, gostos, crenças e assim por diante que em conjunto, dão origem a diferentes formas de pensar e enxergar o mundo.¹¹³ Essa ideia da formação de uma cultura permitiu aos seres humanos ganhos significativos desde tempos antigos, dando origem às diversas civilizações e organizando a vida social como base para a formação de núcleos familiares e posteriormente através da formação dos Estados.

Todas essas transformações permitiram aos seres humanos o desenvolvimento de princípios de convivência, aspecto que norteia a existência das sociedades e que se tornou essencial para que um mínimo de coesão ocorresse. Sem a existência de amálgamas, a sociedade tende a pulverizar-se e perde o seu sentido, tornando-se um local de difícil coexistência. Tanto a elaboração de uma cultura comum, baseada em aspectos linguísticos, históricos e comportamentais quanto à existência de crenças religiosas configuram-se como elementos essenciais da construção social. Berger e Luckmann chamam de “reservatório histórico de sentido” esses aspectos que estão na base da formação das sociedades, especialmente em termos da compreensão do ser e de sua conduta no mundo. Em resumo, as ações dos indivíduos e a elaboração de maneiras de enxergar-se no meio em que vivem configuram-se como reservatórios de sentido.

Essa discussão aponta mais uma vez para a existência de princípios éticos coexistindo com princípios legais. Esses últimos são criados obviamente para otimizar a sociedade, porém somente a existência de códigos de conduta impostos externamente não é suficiente para organizar a sociedade de maneira eficiente. A faculdade de tornar a sociedade um espaço de vivência não pode ser atribuído unicamente aos aspectos legislativos, isso por inúmeras razões: É sempre possível encontrar brechas na lei, elas podem se tornar obsoletas com muita rapidez além do que muitas pessoas escolhem não obedecê-las por várias razões. A proposta do projeto para uma ética mundial defende que as regras precisam ter como base princípios éticos e que esses devem ser formadores do caráter dos indivíduos. Só assim uma comunidade pode se organizar de maneira a uma real harmonização e as leis cumprirão a sua parte, de determinação de regras numa realidade já preparada para recebê-las.

Sendo assim, antes da legislação deve existir a formação educativa dos indivíduos desde tenra idade tendo como finalidade o bem comum. Tudo começa com o compromisso individual em relação à coletividade e, a partir da soma desses indivíduos, uma comunidade de pessoas que traz em si princípios éticos e valorativos; tendo em vista

¹¹³KÜNG, Hans, GEBHARDT, Günther and SCHLENSOG, Stephan. *Global Ethic, a Handbook: A Vision and its Realisation*. Manuscrito. p.38 e 39

a organicidade social. No livro dos autores Peter Berger e Thomas Luckmann, já anteriormente citado, recebe destaque a questão da significância nas relações sociais: “Assim que entende o sentido do seu agir, também entende que lhe cabe responsabilidade sobre ele. E é isto que constitui a essência da identidade pessoal: Controle subjetivo sobre uma ação pela qual se é responsável objetivamente.”¹¹⁴

Para exemplificar essa proposta, pode-se ter como ponto de partida a metáfora abaixo apresentada pelo próprio professor Hans Küng no *Global Ethic Handbook*: Ele se utiliza de uma linguagem metafórica aplicada ao esporte para destrinchar a ideia de organização da sociedade, a partir da sua perspectiva:

Imagine um jogo de bola no qual todos os jogadores estão simplesmente correndo ao redor e arremessando a bola sem rumo. Eles não fazem a menor ideia de qual jogo estão jogando, o que é permitido e o que não é. Regras são necessárias para que o jogo seja justo e agradável para todos. Da mesma forma, regras são requeridas sempre que as pessoas vivem juntas e buscam alcançar objetivos particulares.¹¹⁵

De acordo com o que foi apresentado na citação acima, para que a sociedade funcione de maneira organizada assim como num jogo, é fundamental a existência de regras. Mas elas devem ser não somente compreendidas como também assimiladas por todos os jogadores para que a partida aconteça de forma harmoniosa e agradável. De maneira similar, para que uma comunidade, seja ela formada por muitos membros ou por poucos, seja bem-organizada, é preciso que as regras estejam claras e que sejam respeitadas por todos. Mas as regras por si só não podem proporcionar a devida organização, uma vez que precisam que essas pessoas integrantes sejam movidas por algo que não é simplesmente externo a elas. As regras isoladamente não garantem o sucesso da convivência, mas sim associados a presença de princípios éticos que tenham formado os valores no interior desses indivíduos.

O esporte pode proporcionar uma visão interessante da situação de convivência social. Existem jogadores, que mesmo conhecendo as regras, tentam burla-la, colocando em risco a integridade de todo o time, isso considerando os esportes coletivos. No caso de um jogador agredir outro, física ou verbalmente, pode-se dizer que ele está ignorando um princípio caro ao mundo esportivo que é o respeito ao adversário. Quando ele faz isso, está esquecendo qual seu verdadeiro papel naquele contexto e também que as suas

¹¹⁴ BERGER, Peter L e LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: A orientação do homem moderno*. Tradução de Edgar Orth, Rio de Janeiro, editora Vozes, 2004. p. 26

¹¹⁵ World Religions, Universal Peace and Global Ethic. Global Ethic Foundation, Tübingen, 2015. p.2

atitudes e escolhas afetam a vida de outras pessoas. O restante da equipe pode ser prejudicado por essa atitude individual. Na vida cotidiana, isso funciona de maneira bastante similar, já que as pessoas estão filiadas a determinados contextos com regras gerais, específicas e em interdependência com ações e escolhas de outros indivíduos. “Os esportes têm suas próprias regras, mas elas não requerem uma ética separada ou especial. É necessário somente aderir aos princípios gerais básicos aplicados a todas as áreas da vida – política, a economia, cultura, vida pública e particular.”¹¹⁶

Desta forma, o projeto para uma ética mundial defende que a existência de princípios éticos como a base formativa do ser humano é o primeiro alicerce para que a sociedade se organize de maneira justa e harmoniosa. Sendo assim, ao reconhecer seu papel nos vários contextos o indivíduo deixará aflorar na sua própria prática social esses valores que estão embutidos no seu próprio eu.

Nenhuma comunidade pode existir até que uma ordem legal seja estabelecida, até que as divergências sejam resolvidas sem violência, até que seus membros relacionem-se entre si com confiança, e aqueles que ocupam um cargo o exerçam de forma justa e honesta. Um equilíbrio deve sempre ser buscado entre os interesses individuais e o bem comum. Por isso, um consenso no que se refere a algumas regras fundamentais na vida social torna-se indispensável para sustentar uma comunidade unida.¹¹⁷

Nessa citação, o referido autor acrescenta mais aspectos necessários além do que já foi apresentado anteriormente: O princípio da não-violência para a resolução de conflitos, a confiança nos demais e o exercício de cargos e realização de funções de maneira honesta. Todos esses aspectos já foram apresentados em outros momentos da tese, mas podem ser reforçados aqui como questões essenciais tendo em vista uma organização social mais harmoniosa. Também é destacada nessa citação a importância de existir um equilíbrio entre os interesses individuais e o bem-comum – devendo o bem-comum ser colocado como prioridade e não o bem-estar individual de cada um. Dessa maneira, o bom-senso e a diplomacia devem ser os elementos fundamentais para o estabelecimento de uma ordem social justa, aliados aos princípios éticos pré-existentes na formação dos indivíduos. As religiões podem apresentar uma grande contribuição

¹¹⁶ KÜNG, Hans; GEBHARDT, Günther and SCHLENSOG, Stephan. *Global Ethic, a Handbook: A Vision and its Realisation*. Manuscrito. p. 31.

¹¹⁷ World Religions, Universal Peace and Global Ethic. Global Ethic Foundation, Tübingen, 2015. p.2

nesse sentido se as pessoas, independentemente de sua crença ou da ausência dela, possuírem valores e viverem em espírito de companheirismo e fraternidade.

Ainda considerando toda a reflexão proposta pelo projeto, observa-se nas diversas sociedades a existência de formas de patriarcalismo extremo, de dominação de um sexo sobre outro – geralmente a dominação masculina- de exploração de diversos tipos, inclusive de cunho sexual, também dentro de comunidades leigas que se denominam crentes de alguma religião.¹¹⁸ Essas formas de dominação se pulverizam por vários espectros da vida social, e elas acabam tornando-se mais latentes nos países menos desenvolvidos, em que a desigualdade fortalece o estabelecimento desse tipo de relação. A permanência e aceitação dessas várias formas de relações desiguais torna a vida social bastante complexa e muitas vezes coadunam com estruturas diversas já pré-estabelecidas na tradição local ou da comunidade mesmo em diferentes lugares para onde os grupos migram e se estabelecem. Existem políticas de governo que interferem nas escolhas relacionadas à maternidade, assim como práticas culturais conservadoras que limitam o papel social das mulheres. Todas essas questões apresentam um nível enorme de complexidade uma vez que estão diretamente relacionadas com a tradição e a cultura de cada lugar e de cada povo e muito dificilmente podem ser modificadas sem agredir as crenças ali presentes.

Tendo em mente todo esse complexo quadro de situações, a proposta do projeto para uma ética mundial visa tentar um caminho de equilíbrio, uma alternativa que não fira as tradições, mas que ao mesmo tempo permita o cumprimento dos direitos básicos de cada um, o direito à vida e à liberdade, independente de sexo, cor ou condição social. Claro que essa questão está muito longe de ter uma solução e muito menos uma resolução única, já que cada sociedade possui suas particularidades que demandam soluções locais e às vezes até imediatas. Porém, se existirem princípios éticos que balizem essas decisões e se as pessoas, incluindo os líderes políticos, tiverem em mente como prioridade o bem-comum, é possível que aos poucos se consiga alcançar ganhos sociais significativos nesse sentido.

Outra questão destacada pelo projeto para uma ética mundial é a ausência da verdade nas várias relações sociais, através da distorção da realidade ou da manipulação das informações e situações, comum não só na relação entre as pessoas, mas também nas mídias e meios eletrônicos:

¹¹⁸ KÜNG, Hans e SCHMIDT, Helmut. *Uma ética mundial e responsabilidades globais: Duas declarações*. Edições Loyola, São Paulo, 2001. p.33.

...eles não estão acima da moral, mas permanecem comprometidos, em sua objetividade e honestidade, com a dignidade humana, os direitos humanos, os valores fundamentais. Eles não têm direito algum de invadir a esfera particular das pessoas, distorcer a realidade, nem manipular a opinião pública.¹¹⁹

Todos esses aspectos da realidade social debatidos pelo projeto, visam criar alternativas para uma melhor convivência entre os indivíduos, sendo eles crentes e não crentes e fazendo-os avaliar seu grau de responsabilidade diante de seus atos e das suas escolhas, que afetam a vida de toda uma coletividade. Todos devem estar comprometidos em nome de um mesmo objetivo e viver uma vida de respeito ao outro é algo essencial. Nenhum grupo deve ter o monopólio da verdade e nem deve considerar-se como dono dela, as divergências devem ser resolvidas através do diálogo e da compreensão. Os meios midiáticos possuem uma importância fundamental na sociedade de hoje, possibilitando o rápido acesso à informação e conectando o mundo de uma maneira jamais vista na história da humanidade. O advento da tecnologia, da internet e dos amplos recursos de telecomunicações está em consonância com o que foi dito acima, uma vez que proporcionam um incrível avanço de contato entre as várias partes do globo. Porém, toda essa facilidade traz consigo outras questões importantes, entre elas, a enorme responsabilidade social desses recursos que, se utilizados de maneira adequada, possuem um enorme potencial de criação de integração.

A existência de valores sólidos na formação dos indivíduos, aliada à discussão dos aspectos legais, assim como o amplo potencial de desenvolvimento proporcionado pelos recursos tecnológicos podem ser uma das chaves para fortalecer o vínculo entre as pessoas e um ganho no sentido da organização das sociedades. Dessa forma, acredita-se que pode ocorrer a maior integração, conhecimento e debate sobre os aspectos característicos de cada uma. Através disso, torna-se possível a construção de uma nova forma de globalização que tenha nela o princípio do respeito e equilíbrio, através da troca de significados e do aprendizado mútuo. Só assim é possível ir eliminando formas de pensar que diminuem o valor de algumas comunidades e conseqüentemente das pessoas, através do senso de que todas as culturas possuem seu próprio valor. A interferência não pode ocorrer no sentido de destruir a cultura local e forçar a adoção de outras práticas, mas sim através do diálogo e da diplomacia, visando sempre o bem comum das pessoas nas diversas sociedades.

¹¹⁹ KÜNG, Hans e SCHMIDT, Helmut. *Uma ética mundial e responsabilidades globais: Duas declarações*. Edições Loyola, São Paulo, 2001. p. 31.

2.5 A dimensão educacional do projeto

A declaração do projeto para uma ética mundial possui também uma dimensão pedagógica, no mais amplo que sua aceção pode adquirir, por isso, grande parte da sua substância inclui a referência à criação de uma metodologia de ensino, através da vinculação do teórico ao princípio da prática. Tal fundamentação pode ser encontrada através das propostas de ensino feitas por autores importantes da pedagogia, notadamente Lev Semyonovich Vygotsky, através da proposta sócio-interacionista e da experiência da zona de desenvolvimento proximal.¹²⁰ Essa teoria explica os níveis de aprendizagem possíveis para as crianças, que são o alvo principal do projeto, uma vez que defende a ideia de que quanto mais cedo o indivíduo tiver contato com ideais inter-religiosos e interculturais, mais chances têm de compreendê-los e internalizá-los como um valor de fato.

Partindo desse princípio teórico da pedagogia internacionalmente aceito, é possível realizar uma primeira leitura do projeto para uma ética mundial em sua fundamentação pedagógica. Como já foi dito em momentos anteriores, de acordo com ele, todas as religiões compartilham a exigência básica seguinte: Todo o ser humano, seja homem ou mulher, branco ou negro, rico ou pobre, deve receber um tratamento humano e tem em comum aquela regra de ouro que está conservada há milênios em várias tradições religiosas e éticas da humanidade: “Não faça aos demais o que não gostaria que te fizessem.”¹²¹ Esse é um princípio abstrato que deve ser fundamentado em ações concretas, e que deve ser corroborado nos diversos ambientes sociais, não somente na escola ou nos locais específicos dedicados ao ensino. Os professores que recebem o treinamento proposto pelo projeto¹²² estão aptos a dinamizar os principais conceitos para os seus alunos e podem, portanto, contribuir com a assimilação e acomodação dos mesmos, tendo como suporte o material didático da Fundação Ética Mundial.

¹²⁰ VYGOTSKY, Lev Semyonovich. *Pensamento e Linguagem*. Editora Martins Fontes, SP:1996.

¹²¹ KÜNG, Hans. *Ética mundial en América Latina*. Prólogo de Carlos Paz y Gerardo Martínez Cisterna (Trotta, Madrid 2008) p. 69.

¹²² A Fundação Ética Mundial, criada pelo professor Hans Küng como já referido no capítulo 1 possui um circuito de palestras e treinamento para que os professores de ensino básico na Alemanha aprendam como trabalhar o projeto em sala de aula. Esse treinamento é acompanhado por um material didático especial, como referido também no capítulo 1, incluindo planejamentos, atividades e ciclo de aulas. O material é oferecido aos interessados e é basicamente voltado, na nomenclatura brasileira, às séries iniciais, incluindo a Educação infantil.

De acordo com a fundamentação do texto sobre a proposta educacional, um primeiro aspecto a ser ressaltado é que, tendo como um ponto de partida essa atitude humana básica já cultivada desde cedo nas crianças, é possível evitar aquelas atitudes antagônicas, agressivas e inférteis que muitas vezes começam a ser ensaiadas desde a infância. Essas combinam o amor a si mesmo e ao seu mundo com o ódio em relação ao diferente, o auto-empoderamento com a impotência do outro, aspectos que aniquilam toda relação humana baseada na dignidade. Por isso, o ponto central da preocupação do projeto para uma ética mundial está na questão da formação do sujeito dentro de valores éticos que lhe proporcionem o suporte necessário para deparar-se com a vida. Pensando nisso, o professor Hans Küng e outros colaboradores elaboraram o que eles chamaram de uma pedagogia educacional para ser utilizada com fins didáticos: “Não haverá futuro sem educação inter-religiosa.”¹²³

De acordo com a literatura sobre o projeto, uma enorme quantidade de tempo, energia criativa e dinheiro foram empenhados com o objetivo de informar às pessoas sobre o trabalho através da internet, na preparação de artigos, materiais e ferramentas, principalmente dirigido aos docentes e às escolas. Em continuidade, foi incluído no material online através do site da Fundação outras publicações e materiais de trabalho. Todas essas iniciativas tinham como objetivo facilitar o acesso à informação e compartilhar perspectivas para ampliar as possibilidades de trabalho sobre o que era proposto.

No que se refere ao princípio da investigação, os principais meios de acesso direto ao material do projeto sobre o tema são: O livro escrito pelo professor Hans Küng – projeto de ética mundial, escrito base para o presente estudo que tangencia a temática educacional em vários pontos e configura-se como o resumo das principais propostas presentes na declaração. Esse livro, como se sabe, não se apresenta como um material didático, mas é importante por ser a explanação teórica das propostas, que permite um embasamento maior das ideias utilizadas na confecção do material didático. Outro material importante é a trilogia sobre as religiões abraâmicas, apresentando um pouco da tradição e dos desafios enfrentados por essas religiões, acrescido ao trabalho do professor Stephan Schlensoeg que analisou o hinduísmo. Assim como o livro anteriormente citado, ambos embasam teoricamente a proposta e são eficientes para a compreensão teórica dos materiais.

¹²³ HASSELMANN, Christel. A declaração sobre ética global de Chicago 1993. *Concilium*, editora vozes, número 292, ano 2001. p.37.

Um outro material de relevância pedagógica é o resultado do projeto multimídia: “Em busca de nossas pegadas – as religiões mundiais a caminho”. Segundo o professor Küng, este conteúdo é particularmente útil para quem se dedica ao ensino escolar, pois configura-se como um conjunto de sete documentários, com aproximadamente uma hora de duração cada, sobre o tema as grandes religiões, incluindo desde as religiões tradicionais de origem étnica australianas e africanas até o advento do protestantismo. Esse material pode vir acompanhado por um livro ilustrado, e de acordo com as informações do site, também disponível em edição de bolso, com um CD-ROM interativo, preparado com finalidades didáticas¹²⁴. A criação desse material visava facilitar ao público em geral, o acesso às informações sobre as grandes religiões mundiais e proporcionar uma compreensão básica de sua história e as características comuns dessas religiões no plano ético. Esses vídeos apresentam as religiões: Cristianismo, Islamismo, Budismo, Judaísmo, Hinduísmo, Religiões chinesas e as religiões étnicas. Eles se iniciam com uma introdução didática dos principais aspectos das religiões, incluindo um breve histórico da origem da religião contemplada, vídeos de cerimônias religiosas, seus principais escritos, acompanhado de algum debate conceitual feito pelo próprio professor Hans Küng, atrelando as características das referidas religiões ao que é proposto pelo projeto para uma ética mundial.

Entretanto, não somente a fundamentação e o conteúdo do material pedagógico da ética mundial são uma parte do trabalho acadêmico, como também sua realização e a busca dos meios para que ela ocorra na prática. Temas como política, economia e pedagogia são temas chave sobre os quais foram desenvolvidos na Fundação grupos de trabalho e conferências com objetivo de permitir essa interação. Tudo que foi escrito e ainda está sendo pesquisado e anotado pelos especialistas pode ser também consultado pela internet, com registros bibliográficos atualizados todos dedicados ao tema da ética mundial nesses diversos âmbitos.¹²⁵

No que se refere ao âmbito da formação, a ideia é que seja superada uma proposta unicamente acadêmica e que ela possa alcançar outras sendas. O professor Hans Küng afirma que se perde de vista a quantidade de atos relacionados com essa temática que já foram realizados, como: Conferências, seminários, simpósios nacionais e internacionais, religiosos e laicos destinados tanto a um público específico composto por estudiosos da

¹²⁴ Infelizmente, não tive acesso ao material completo para poder analisa-lo aqui.

¹²⁵ KÜNG, Hans. *Ética mundial en América Latina*. Prólogo de Carlos Paz y Gerardo Martínez Cisterna (Trotta, Madrid 2008). p.75

religião, quanto ao público em geral. Aliás, é muito importante que o conhecimento produzido nesses eventos seja divulgado numa linguagem mais acessível para alcançar um público mais extenso. Com essa finalidade, presta uma ajuda valiosa a exposição itinerante: Religiões mundiais – Paz mundial – Ética mundial, concebida com base no projeto multimídia e que já percorreu diversos países como: Áustria, Alemanha, Reino Unido, também a sede das Nações Unidas nos Estados Unidos e na Suíça, também países como a Malásia e Taiwan, levando a povos de diferentes matrizes culturais o contato com a proposta gerando as mais diversas reações, porém em sua maioria bastante positivas.¹²⁶

Também em outros ambientes educacionais pode-se fazer uso dessa exposição, como colégios, universidades e centros de estudos. Nesse caso, opta-se por agregar ao material um folheto explicativo que pode servir, de imediato, como ponto de partida para a preparação de projetos pedagógicos e semanas de atividades, integrando várias disciplinas. Desde sua origem, a Fundação buscou estabelecer contato com especialistas na área de ensino, iniciou também a formação continuada de professores e a organização de eventos especificamente para docentes na Alemanha e Suíça. Com alguma proposta do que é possível, buscou-se agregar esforços no sentido de tornar acessíveis a outros docentes as ideias surgidas nesses contextos.¹²⁷

Um caso bastante interessante citado pelo professor Hans Küng no livro que trata do assunto é o da Malásia, onde foi divulgada com sucesso a relevância pedagógica da ideia de ética mundial. Organizado pela Fundação Konrad Adenauer, foi preparada uma versão malaia e outra chinesa da exposição itinerante citada acima. Nessa oportunidade, ocorreu também um fórum pedagógico com a assistência de representantes das administrações escolares, ministérios de educação e escolas provenientes de onze países sul asiáticos. Com a ajuda de Günther Gebhardt, funcionário da Fundação, o professor Hans Küng apresentou um fórum sobre a temática da ética mundial em várias escolas e informou aos participantes sobre as experiências realizadas no espaço escolar. Além disso, no momento de realização da referida conferência, estava em processo de confecção um Manual de Ética Mundial, orientado à escola e à educação.¹²⁸

¹²⁶Ibidem, p.76

¹²⁸ KÜNG, Hans. *Ética mundial en América Latina*. Prólogo de Carlos Paz y Gerardo Martínez Cristerna (Trotta, Madrid 2008), p.76 e 77

As novas possibilidades existentes na sociedade do conhecimento e da distribuição de informação para difusão internacional não podem deixar de levar em conta o uso da internet, que entre outras coisas, facilita o trabalho em rede. Além do que está disponibilizado no site da Fundação, que cobre um amplo espectro de disciplinas, o então secretário geral, Stephan Schlenzog desenvolveu um programa de aprendizagem interativo e trilingue chamado: A Global Ethic Now!¹²⁹, que pretende ser um projeto único. Com os meios tecnológicos hoje disponíveis, proporciona um acesso amplo ao tema da ética mundial, correspondendo a uma boa proposta didática e que também se pretende atrativa. Esse programa foi especialmente pensado para as escolas, em complementação com todo o material anteriormente apresentado.¹³⁰ A página apresenta-se como de fácil e rápido acesso, através do site da fundação e possui um caráter interativo e dinâmico, podendo ser visto em alemão, inglês ou francês. Entretanto, mesmo com todo esse esforço, o grande questionamento que se coloca é: Mas será que as crianças e os jovens serão capazes de se conectar a algo assim?

O projeto acredita que a sensibilização para os valores e para a interação respeitosa deve começar o mais cedo possível na vida das pessoas: Na educação infantil e nas séries iniciais, momento em que os jovens recebem uma parte importante dos elementos que formarão a essência das suas características pessoais. Essa ponderação baliza-se na ideia de que, a maior parte da juventude atual não se opõe por princípio a uma ética, de acordo com várias entrevistas realizadas com jovens, a moral não é considerada algo fora de moda ou obsoleto. Consequentemente, partindo desses resultados, o projeto sustenta que não é uma proposta utópica trabalhar por um novo consenso ético básico especificamente entre as novas gerações. No que se refere ao processo de mudança de consciência, deve seguir paralelamente um plano a curto, médio e longo prazo, por isso torna-se de suma importância discutir a declaração para uma ética mundial em todos os níveis de ensino. Ela deve ser destrinchada e explicada às crianças e jovens através de propostas didáticas que devem aparecer diluídas nos conteúdos. Uma possibilidade é que, nas aulas de religião utilize-se o texto da declaração para uma ética mundial ou mesmo alguns trechos dela, reforçando a ideia

¹²⁹ A plataforma pode ser acessada através do link: <http://www.global-ethic-now.de/index.php>, consultado em 22/09/2016. O acesso pode ser feito em três idiomas diferentes: Alemão, inglês ou francês.

¹³⁰KÜNG, Hans. Op. Cit, p.78

através de um trabalho integrado com outras disciplinas, o que de acordo com Hans Küng, deve converter-se em elemento indispensável do plano de estudo e ensino.¹³¹

Entre os livros pesquisados no Instituto, há o relato de algumas experiências já realizadas em escolas. Um deles é o testemunho de um garoto, Frank Nöllenberg, de 18 anos de idade, aluno do ensino secundário¹³² e que pertencia ao grupo dos que eram contrários aos valores e normas cívicas. Porém seu professor de filosofia conseguiu fazê-lo se interessar pelo texto da declaração de modo a repensar sua maneira de ver o mundo e seu próprio estilo de vida. Em resumo, ele ficou convencido de que o argumento comumente aceito de que “agora é tarde demais para mudar as coisas” é uma desculpa muito cômoda para tirar de si próprio a responsabilidade pela melhoria do mundo. Como músico, ele então se comprometeu a aproveitar as possibilidades que tinha para melhorar o mundo e junto aos demais integrantes da banda, decidiu doar uma parte da arrecadação recebida num show a uma organização de caridade, e determinou uma cota de apresentações beneficentes.¹³³

Isso é uma pequena amostra de que é possível através do ensino tocar os jovens para que comecem paulatinamente a amadurecer suas consciências no sentido de buscar novos meios de colocar os princípios do projeto em prática. A Fundação Ética Mundial se preocupa em fazer com que a declaração para uma ética mundial chegue às escolas para ser utilizada durante as aulas e não só, mas também a grupos interessados e fóruns de debates. Todas essas iniciativas têm o intuito de promover a transformação do sistema educativo, que deve ser continuamente reformulado em função das mudanças da sociedade e das necessidades das pessoas. Na linha proposta pelo projeto, a proposta é criar um caminho dentro do sistema educativo que compreenda o paradigma da pós-modernidade e promova os ajustes necessários a favor da educação, da infância e da juventude e do cultivo dos valores básicos. Que eles sejam capazes de amadurecer nas competências laborais e cívicas, importantes para o bom funcionamento da sociedade, mas também não desconsiderando que na proposta do projeto, os princípios éticos estão na base da formação dos indivíduos.¹³⁴

¹³¹ KÜNG, Hans. *Ética mundial en América Latina*. Prólogo de Carlos Paz y Gerardo Martínez Cristerna (Trotta, Madrid 2008), p. 71

¹³² Equivalente ao Ensino Médio na nomenclatura brasileira.

¹³³ O relato completo pode ser acessado no livro: KÜNG, Hans. *La ética mundial entendida desde el cristianismo*. Madrid, editorial Trotta, 2008. p. 71

¹³⁴ KÜNG, Hans. *La ética mundial entendida desde el cristianismo*. Madrid, editorial Trotta, 2008. p. 71

A partir disso, pode-se reafirmar que na visão do projeto para uma ética mundial, a educação é um elemento fundamental para a concretização das suas propostas. Tanto no que se refere à formação dos professores quanto no que se refere ao embasamento das propostas didáticas presentes nas escolas, o critério ético deve ser sempre imprescindível. O público a ser alcançado com esse material, ou seja, o alunado, também deve interagir com as propostas e estar consciente das mesmas. Entretanto, o grande desafio é que os professores possam transmitir essas ideias e que alcancem os alunos: “os elementos inter-religiosos e interculturais na formação e na especialização dos professores ainda são insuficientemente considerados, e esse fato afeta diretamente a educação que é fornecida aos estudantes.”¹³⁵ Um bom começo poderia ser investir na formação de professores no sentido de incorporarem em seu conteúdo e prática a presença de princípios éticos de maneira mais eficiente.

De várias maneiras, pode-se colocar em discussão um determinado discurso social, que como é natural, ultrapassa as questões da pedagogia, uma vez que a sociedade não se resume a professores e alunos, mas também a outros grupos sociais e a outros profissionais. De acordo com a literatura do projeto, o que ocorre hoje é uma nova demanda por homens de Estado, líderes empresariais e sindicais, jornalistas, comunicadores e criadores de cultura, homens e mulheres que se tenham na base da sua formação princípios éticos e que priorizem ideais como de humanidade, dignidade e reciprocidade, além de também apresentarem-se como modelos, já que uma juventude sem modelo estaria literalmente perdida.¹³⁶

Por isso, os jovens já deveriam aprender na família e na escola a cultivar *veracidade* em seu pensamento, sua fala e sua ação. Todo ser humano tem direito à verdade e à veracidade. Tem o direito à informação e formação necessárias para poder tomar decisões fundamentais para sua vida. Sem uma orientação ética básica, a pessoa não logra distinguir entre o que seja importante ou desimportante [...] Por isso, os jovens já deveriam aprender na família e na escola que a sexualidade não é uma força negativa-destruidora ou explorativa, mas sim uma força criadora e formadora. Sua função é afirmar a vida e criar comunidade; e ela só pode se desenvolver quando estiver sendo vivenciada a responsabilidade pela felicidade também do companheiro.¹³⁷

¹³⁵ HASSELMANN, Christel. A declaração sobre ética global de Chicago 1993. *Concilium*, editora vozes, número 292, ano 2001. p.36.

¹³⁶KÜNG, Hans. *Ética mundial en América Latina*. Prólogo de Carlos Paz y Gerardo Martínez Cristerna (Trotta, Madrid 2008). p.38

¹³⁷ KÜNG, Hans e SCHMIDT, Helmut. *Uma ética mundial e responsabilidades globais: Duas declarações*. Edições Loyola, São Paulo, 2001. passim.

Resumidamente, poder-se-ia dizer que o projeto lida com a questão da educação da seguinte maneira: A família e a escola são os primeiros espaços de convívio e aprendizado das crianças. Nesses dois lugares e nas relações travadas neles, elas constroem sua personalidade e adquirem o conhecimento necessário para encarar a vida de maneira independente. Também é o momento em que recebem os fundamentos éticos essenciais, já que sem construir uma base formativa que lhes permita definir qual caminho seguir, podem facilmente sentir-se perdidos diante de situações conflituosas. As próprias escolhas feitas na vida espelham essa compreensão de mundo e definem de maneira decisiva os papéis sociais nos quais o indivíduo se coloca.

Diretamente ligada a essa questão, está a maneira como os jovens relacionam-se com a sexualidade, aspecto que também está diretamente atrelado aos valores fundamentais que recebem ao longo de sua criação. A sexualidade é muitas vezes vista de maneira distorcida, como uma forma de explorar ou subjugar o outro, porém, a própria relação do indivíduo com seu corpo e consigo mesmo tende a receber um outro significado diante de uma educação baseada em valores. A noção de responsabilidade por si e pelo outro está diretamente relacionada à adoção de princípios éticos adquiridos ao longo da vida, preconizando um desenvolvimento relacional mais saudável. Com isso, a sexualidade passa a ser vivenciada como uma força criadora e não destruidora da dignidade humana, estabelecendo novas relações baseadas no respeito e no companheirismo.

Parte II

Perspectivas ético-religiosas em Mohandas Karanchand Gandhi e Martin Luther King Jr.

Introdução

Velhas respostas para desafios hodiernos

Entre as histórias da mitologia grega, conta-se que Atlas recebeu de Zeus a árdua tarefa de sustentar o céu sobre os ombros por toda a eternidade como uma espécie de castigo por ter tentado invadir o Olimpo.

Essa pequena anedota pode ser utilizada em paralelo com o que está sendo aqui apresentado. Pode remeter-nos ao papel exercido pelos dois personagens estudados ao longo da presente tese: Martin Luther King Jr. e Mohandas Karanchand Gandhi, mais conhecido como Mahatma Gandhi. O primeiro sustentou o movimento pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, e em vários momentos assumiu estar carregando um grande fardo em suas costas. Da mesma maneira, Gandhi também apresentou uma perspectiva parecida ao sustentar o movimento pela libertação da Índia do domínio britânico. Ambos explicam que não escolheram diretamente essa condição, mas que ela se lhes apresentou sem que pudessem evita-la. Em muitos momentos foram privados de suas vidas pessoais e de sua liberdade em nome da causa que decidiram abraçar indubitavelmente, essa escolha incluía muitas questões que serão analisadas nos seguintes capítulos. Durante o movimento em Selma, King afirmou: “- nesse caso, tomei a decisão de liderar a marcha no domingo e estava preparado para isso a despeito de qualquer perigo em relação à minha pessoa.”¹³⁸

Durante suas trajetórias, ambos se depararam com situações de humilhação e desqualificação de seres humanos devido à cor da pele ou origem étnica, delineando exatamente os sintomas que reconheceram como injustos e passaram a dedicar suas vidas a combater. Desta forma, a criação de uma consciência em prol dos direitos humanos e do tratamento equitativo entre as pessoas apresentou-se como um elemento constante em suas histórias de vida. Por meio de suas palavras e atitudes, Mahatma Gandhi e Martin Luther King conseguiram cativar as multidões no sentido de conscientizar para a interdependência dos seres humanos e a não submissão de indivíduos perante ideologias.

Suas lutas objetivavam, em primeiro lugar e de forma comum, situar o ser humano no cerne da sociedade e ratificar seus direitos a vida, liberdade e bem-estar. Essa tentativa de equalizar seres humanos a partir de um critério ético é, na verdade, a resposta que sempre existiu nas religiões no que se refere ao relacionamento entre as pessoas e como cada um deveria olhar seus semelhantes. Porém, conscientizar os indivíduos ao redor desse importante e significativo ensinamento é o que se chama aqui de o grande desafio do tempo presente. Esse foi então o importante desafio que os dois personagens abraçaram e que será apresentado nas páginas seguintes.

¹³⁸ CARSON, Clayborne. A Autobiografia de Martin Luther King (1929-1968). Tradução Carlos Alberto Medeiros, 1ª edição, Rio de Janeiro, editora Zahar, 2014. p.330.

Tudo isso evidencia uma relação direta com os ideais do projeto para uma ética mundial, que apresenta como um de seus princípios fundamentais a proposta de colocar as ideologias, sejam elas políticas ou econômicas, como aspectos secundários diante da importância do ser humano. A ideia é a de que, face a toda desumanidade, essas convicções religiosas e éticas partilhadas pelas grandes tradições orientam que todos sejam tratados de forma humana, independentemente da cor, status social, situação econômica ou crença religiosa.

Para Gandhi, em sua experiência na África do Sul, o reconhecimento da injustiça foi algo muito latente, uma vez que sofreu na própria pele as consequências da segregação e observou-a de maneira constante durante os 20 anos em que lá esteve. Por ser indiano de pele escura, era constantemente impedido de viajar na primeira classe dos trens e muitas vezes, apesar de sua posição como advogado e de ter o bilhete para ocupar aquela condição, foi de lá retirado de forma violenta, conforme o relato da sua autobiografia:

O trem chegou a Maritzburg, a capital de Natal, por volta das nove da noite. Nessa estação, o costume era fornecer cobertores aos passageiros. Um funcionário da estrada de ferro veio e me perguntou se queria um.

- Não-respondi – trouxe um comigo.

Ele se foi. Em seguida, surgiu um passageiro que me olhou da cabeça aos pés e viu que eu era ‘homem de cor’. Isso o perturbou e o fez sair. Voltou com um ou dois funcionários. Ficaram todos em silêncio, mas surgiu mais um empregado, que se aproximou de mim e disse:

- Venha comigo. Seu lugar é na terceira classe.

- Mas eu tenho um bilhete de primeira – protestei.

- Isso não importa – retrucou ele- já lhe disse que tem de ir para a terceira classe.

- E eu lhe digo que me permitiram viajar nesse compartimento em Durban. Vou ficar aqui.

-Não, não vai – disse o funcionário – Tem de deixar esse compartimento, senão vou ter de chamar a polícia para retirá-lo a força.

- Pois faça isso, eu me recuso a sair voluntariamente.

Veio o policial. Pegou-me pelo braço e me pôs para fora. O mesmo foi feito com minha bagagem. Recusei-me a ir para outro vagão e o trem partiu sem mim.¹³⁹

¹³⁹ GANDHI, Mohandas K. *Autobiografia: Minha vida e minhas experiências com a verdade*. São Paulo, Palas Athena, 1999. p. 109 e 110.

Martin Luther King também viveu a realidade da exclusão social, devido a sua ascendência negra e durante toda a sua vida. Em sua autobiografia, ele relata que durante sua infância teve os primeiros contatos com a segregação e como criança, não conseguia compreender quais as razões disso.

Minha mãe defrontou-se com o velho problema que aflige pais e mães negros nos Estados Unidos: Como explicar a discriminação e a segregação a uma criança pequena. Ela me ensinou que eu deveria ter a consciência de “ser alguém”, mas ao mesmo tempo tinha de sair e enfrentar um sistema que me encarava diariamente dizendo “você é menos”, você “não é igual”.¹⁴⁰

Com o passar do tempo, King percebeu que seria inevitavelmente privado de frequentar determinados lugares, de sentar-se nos ônibus ou de ter acesso a algumas áreas de ambientes públicos, entre outras coisas. Entretanto, tais condições já lhe haviam despertado uma consciência crítica sobre a realidade, principalmente através do contato com seu pai que sempre enfatizava a injustiça desse sistema.

Diante disso, Gandhi e King empenharam um olhar próprio sobre a realidade do mundo, instigando o surgimento de uma consciência ética e o compartilhamento da necessidade de transformação social. Através dessas experiências, em geral não muito boas, eles desenvolveram aprendizados importantes no sentido de promover a superação da desigualdade e puderam fazer emergir uma proposta distinta de organização da sociedade, através da adoção de métodos de combate a essas diferentes realidades de desigualdade. Com a finalidade de alcançar seus objetivos, Gandhi primeiramente, depois seguido por Luther King desenvolveu a resistência não-violenta como principal metodologia de ação, aliada a desobediência civil. Ambos apostaram que com elas poderiam alcançar grandes ganhos e acabaram sendo bem sucedidos em suas apostas.

Em consonância com essas breves considerações sobre as trajetórias de ambos, um paralelo pode ser traçado com alguns dos principais pontos do projeto para uma ética mundial. Em primeiro lugar, a existência de uma ética subjacente as duas trajetórias, mesmo levando em conta as singularidades de cada uma delas. A hipótese a ser aqui confirmada é a de que, princípios éticos foram comuns aos personagens e isso independentemente da cultura, religião ou comunidade a qual estiveram vinculados. Essa possibilidade de vivenciar valores partilhados constituiu-se como o amálgama das

¹⁴⁰ CARSON, Clayborne. *A Autobiografia de Martin Luther King* (1929-1968). Tradução Carlos Alberto Medeiros, 1ª edição, Rio de Janeiro, editora Zahar, 2014. p. 15

conquistas promovidas por eles em seus respectivos movimentos de luta pela libertação e pelos direitos civis.

Num segundo momento, a consciência da existência da alteridade religiosa é um dos elementos centrais da proposta da declaração, e mais do que isso, a aceitação desse outro diferente como característica inerente à própria realidade do mundo. Ainda que cada um dos personagens históricos aqui trabalhados seja fruto de seu próprio tempo e das relações que promoveu ao longo de sua vida, saber da existência de indivíduos díspares com quem puderam trocar experiências foi também significativo em suas trajetórias. Isso foi particularmente relevante na história de Gandhi que nos diferentes países em que residiu, conviveu com indivíduos oriundos de diferentes religiões e com eles travou vários tipos de relações.

Um terceiro aspecto que não pode ser ignorado é a relação desses personagens com aquilo que eles identificavam como o sagrado ou o transcendente. Não há dúvidas que essa crença se apresentou como uma característica fundamental em suas vidas, uma vez que em muitos momentos eles colocaram nessa força maior o direcionamento de seus ideais. Esse experimentar algo além da realidade, apesar de apresentar diferenças significativas nas trajetórias de Gandhi e King, esteve presente e alicerçou ideias e pensamentos subjacentes às ações que ambos realizaram.

Desta forma, a segunda parte da presente tese está dividida em dois capítulos. O primeiro, propõe-se apresentar ao leitor um apanhado dos dois personagens históricos contemplados pela pesquisa, a partir de três aspectos principais: Um olhar biográfico, analisando sinteticamente suas trajetórias pessoais. Em seguida, uma breve análise da relação de cada um deles com aquilo que consideraram como a alteridade religiosa e como essa relação influenciou na formação de suas personalidades e em suas vidas como ativistas políticos. Também nesse primeiro capítulo está sendo apresentado um outro aspecto considerado essencial: A relevância e papel das suas respectivas experiências místicas.

No capítulo seguinte, quatro pontos essenciais serão discutidos, esclarecendo-se cada um deles a partir das trajetórias de Gandhi e King: O primeiro deles é a relevância dos direitos humanos em suas respectivas experiências de luta. Essa questão se apresentou como um elemento significativo subjacente aos diferentes desafios que surgiram ao longo de suas vidas. Um segundo aspecto é a temática essencial da não-violência, fio norteador da construção metodológica de ação para ambos os personagens.

Em seguida, os ideais de tolerância e verdade, que ajudaram a consolidar os dois aspectos anteriormente apresentados: A conscientização dos direitos humanos e o papel da não-violência balizados pelo conhecimento religioso dos personagens. Por fim, uma análise da condição de interdependência entre as pessoas, conclusão comum para as trajetórias ético-religiosas estudadas.

Capítulo 3

Espiritualidade e racionalidade: Uma compreensão de humanidade para além do hinduísmo e do cristianismo

3.1 A trajetória dos personagens: Um olhar biográfico

Para dar início ao presente tópico, torna-se fundamental proporcionar ao leitor um breve panorama da vida dos personagens, apresentando de maneira sucinta alguns dos principais eventos de suas vidas. O objetivo principal não é a confecção de biografias, uma vez que já existem várias disponíveis, inclusive que foram consultadas para a elaboração do presente texto. Entretanto, alguns dados biográficos são importantes para situar o leitor dentro da proposta da tese e também para prover um conhecimento essencial das hipóteses a serem confirmadas.

Os dois principais aspectos a serem considerados neste tópico são, em primeiro lugar, o contato com o elemento religioso, destacando as referências religiosas dos personagens e a influência desse aspecto em suas trajetórias. Em seguida, a partir da referência das suas respectivas visões religiosas traçar o perfil de vivência ético-religiosa de ambos, afirmando sua existência de maneira a confrontá-la com o que é proposto no projeto para uma ética mundial.

Alguns elementos comparativos podem ser analisados na trajetória dos personagens. Martin Luther King é bastante conhecido por sua oratória, através principalmente de dois discursos que marcaram profundamente sua carreira como ativista político. O primeiro é o famoso: *Eu tenho um sonho*, proferido na marcha sobre Washington em 1963 e o outro: *Eu estive no topo da montanha*, realizado um dia antes de seu assassinato, em 1968. Porém, a capacidade de falar em público foi algo que ele desenvolveu em vários momentos ao longo de sua vida, participando desde a juventude

de concursos de oratória na escola e sendo convidado a competir em outras cidades com outros estudantes.

Já Mohandas Gandhi, apesar de também ser considerado por muitos de seus biógrafos como ativista político, já é conhecido a partir da característica inversa: “A experiência ensina que o silêncio faz parte da disciplina espiritual daquele que busca a verdade”¹⁴¹. As imagens mais comumente veiculadas sobre esse personagem, apresentam-no como um homem idoso e sereno, que quase sempre podia ser encontrado nos momentos de contemplação espiritual e nas práticas ascéticas. Porém, ambos os estereótipos escondem aspectos importantes dessas figuras históricas que devem ser discutidos ao se lançar um olhar biográfico e crítico concomitantemente.

Um aspecto primordial é compreender que tanto Luther King quando Gandhi não nasceram ativistas políticos. Deve-se ter em mente toda uma história de vida, crescimento e maturidade que reuniu as condições para que suas trajetórias chegassem ao ponto de atividade conhecido e veiculado pelos vários meios midiáticos. Procura-se portanto, transcender a quase mitologização que suas respectivas biografias adquiriram, algo que sem dúvida, possui uma representatividade num cenário de interesses políticos diversos materializada em seus empenhos de liderança em favor de causas que consideravam verdadeiras.

Um primeiro elemento é o reconhecimento do lado humano que marca a trajetória de ambos, que antes de serem líderes, ativistas políticos, figuras historicamente significativas e mestres espirituais, são pessoas com todas as limitações que o ser humano pode ter. Gandhi e King estiveram tão sujeitos como qualquer outro indivíduo a contradição e à reformulação cotidiana de suas práticas tendo em vista a sua busca espiritual. Deve-se portanto, adotar lentes transparentes, evitando influências diversas, reconhecendo-os a partir da própria humanidade que os qualificava. Esse aspecto está muito bem ressaltado na autobiografia de Martin Luther King, no trecho em que ele mesmo não se reconhece como incólume:

Em última análise, Deus não nos julga por incidentes ou erros isolados que possamos cometer, mas pela propensão geral em nossas vidas. Em última análise, Deus sabe que seus filhos são fracos e frágeis. Em última análise, o que Deus exige é que nosso coração esteja certo [...] Não sei sobre vocês, mas posso dar meu testemunho. Vocês não precisam sair dizendo que Martin Luther King é um santo. Ah, não. Quero que vocês saibam esta manhã que sou um pecador da mesma

¹⁴¹ GANDHI, Mohandas K. *Autobiografia: Minha vida e minhas experiências com a verdade*. São Paulo, Palas Athena, 1999. p. 69

forma que todos os filhos de Deus. Mas quero ser um bom homem. E quero um dia ouvir uma voz me dizer: “Eu o aceito e abençoo porque você tentou. Que bom que isso estivesse no seu coração.”¹⁴²

De todas as maneiras, mesmo considerando a existência de circunstâncias em que possivelmente falharam, seu legado não pode ser invalidado, nem seus ensinamentos e nem a herança religiosa, humanista e intelectual, elementos que ainda hoje são inspiradores na busca de significado para as diversas questões humanas. Gandhi sempre afirmou com bastante propriedade que a busca do autoconhecimento humano é o caminho para alcançar as respostas tão angustiastes da vida e para alcançar a plenitude espiritual: Todos são sujeitos a cometer erros, mas devem estar todo o tempo preocupados em superá-los.

Um dos temas essenciais que tangencia de forma comum as trajetórias dos personagens é sem dúvida a adoção da não-violência como forma essencial de luta pela liberdade. Mas eles não partiram do vazio ao adotarem tal princípio como prática de vida. Importante ressaltar que essa proposta foi sendo conhecida e assimilada por ambos, através do contato com outros intelectuais, religiosos e demais indivíduos que já defendiam essa prática ou teorizavam sobre ela.

Gandhi é originário de uma cultura em que a não-violência é uma prática recorrente para algumas vertentes religiosas. Ele teve contato com o termo *ahimsa* (não-violência) através do Bhagavad Gita, mas promoveu uma leitura muito particular e exportou-a para o mundo através de uma metodologia que ele próprio desenvolveu. King afirma em sua autobiografia que despertou verdadeiramente para a teoria da resistência não-violenta em dois momentos: O primeiro durante o Morehouse College, onde ingressou em 1944 com a leitura do ensaio de Henry David Thoreau: A desobediência civil, texto ao qual Gandhi também teve acesso e depois no seminário Crozer, enquanto finalizava seu curso como teólogo entre 1948 e 1951. Para Martin Luther, sua peregrinação intelectual rumo à não-violência maturou-se de forma significativa durante seus estudos de doutorado na Universidade de Boston, concluído em 1955. Nesse interim, lhe foi oportunizado o contato com expoentes da não-violência e lhe foi apresentada a experiência bem-sucedida de Mahatma Gandhi na Índia.¹⁴³

¹⁴² CARSON, Clayborne. *A Autobiografia de Martin Luther King (1929-1968)*. Tradução Carlos Alberto Medeiros, 1ª edição, Rio de Janeiro, editora Zahar, 2014. p.421 e 422

¹⁴³ Cf. CARSON, Clayborne. *A Autobiografia de Martin Luther King (1929-1968)*. Tradução Carlos Alberto Medeiros, 1ª edição, Rio de Janeiro, editora Zahar, 2014. p. 46

Gandhi viveu uma trajetória bastante atípica para um hindu de sua época, tendo tido a oportunidade de residir em três diferentes países: Índia, Inglaterra e África do Sul e neles adquiriu um conhecimento significativo da diversidade cultural, étnica e religiosa do mundo. Tal situação não se deu com Luther King, que passou praticamente toda vida nos Estados Unidos. Sua vida agitada, materializada pelos compromissos familiares, como pastor e a realização de movimentos de resistência não-violenta em várias partes dos Estados Unidos não lhe permitiam muito tempo livre.

Ambos têm em comum uma infância bastante confortável, sem grandes dificuldades financeiras. Gandhi nasceu numa família de comerciantes, pertencentes a casta *bania*, cujos membros eram originalmente merceeiros, fato que deu origem ao seu nome *Gandhi*. Seu pai exerceu o cargo de *diwan*, considerado como o de um funcionário com relativo prestígio social e com boa remuneração. De maneira similar, King pai era pastor e por isso possuía também relativo destaque no meio social e uma condição econômica razoável para um homem de cor nos Estados Unidos em sua época. Essa situação relativamente confortável proporcionou aos filhos uma boa educação, assim como um crescimento saudável.

Mohandas Gandhi casou-se no ano de 1883, aos treze anos de idade, obedecendo à tradição de seus ancestrais. Coursou a faculdade de direito em Londres, terminando e retornando à Índia em 1891, porém essa experiência lhe proporcionou um primeiro contato mais amplo com a diversidade do mundo. Em sua autobiografia¹⁴⁴, relata como a experiência na Inglaterra colaborou para a construção dos princípios que norteariam suas crenças e uma consciência diferenciada sobre temas como a religião, vegetarianismo, a sexualidade e a relação com a alteridade. Já numa fase mais madura de sua vida, a escolha por abster-se dos luxos relativos a sua posição social na Índia e a adoção de uma vida ascética deve ser encarada como uma escolha pessoal e consciente de sua parte, com vistas ao que ele considerava o desapego absoluto das coisas do mundo. Graças a isso, recebeu em 1914 o título de Mahatma – que quer dizer grande alma - atribuído em seu país de origem somente àqueles que demonstram grande apreço por viver uma espiritualidade plena.

Martin Luther King viveu uma trajetória bastante distinta. Na infância, estudou em escolas para negros, mas nem por isso parece ter recebido instrução deficiente. Coursou a faculdade e recebeu o grau de Bacharel em Sociologia no Morehouse College.

¹⁴⁴ Cf. GANDHI, Mohandas K. *Autobiografia: Minha vida e minhas experiências com a verdade*. São Paulo, Palas Athena, 1999.

Logo em seguida, ingressou no Seminário teológico Crozer e recebeu o grau de bacharel em teologia. E por fim, alguns anos depois, finalizou o doutorado em teologia sistemática pela Universidade de Boston. Casou-se em 1953, aos 24 anos com uma jovem cantora chamada Coretta Scott, com quem teve quatro filhos. Pouco tempo depois de ingressar no pastorado foi convidado para chefiar a Conferência da Liderança Cristã do Sul (SCLC) criada em 1957, momento em que suas atividades rumo a dessegregação começaram de maneira significativa. Esse grupo reunia pessoas de cor para discutir temas e organizar propostas em prol da melhoria das condições de vida da população negra do Sul dos Estados Unidos. Liderar a SCLC foi o primeiro passo de King rumo à liderança do movimento pelos direitos civis dos negros, pois nesse movimento ganhou credibilidade e aceitação por parte da comunidade negra.

Gandhi nasceu e cresceu no seio das tradições milenares indianas, um mosaico religioso, com diferentes formas de culto e devoções. Ele relata que sempre procurou seguir à risca os ideais religiosos de seus ancestrais e manteve a tradição de ritos em sua família apesar de inicialmente não possuir uma convicção muito firme sobre sua opção religiosa. Ainda nos primeiros anos de sua vida, ele afirmou:

- Sou hindu de nascimento – falei – Mas não conheço muito sobre o hinduísmo, e menos ainda a respeito de outras religiões. Na verdade, não sei onde estou nem qual deveria ser minha crença. Pretendo estudar cuidadosamente meu próprio credo religioso e, tanto quanto possível, também os outros.”¹⁴⁵

Entretanto, sua trajetória de vida no que se refere ao aspecto religioso é bastante complexa, pois muitas outras formas de manifestação religiosa também fizeram parte de sua história de maneira significativa. Seu périplo por diferentes continentes proporcionou-lhe o contato com outras ideologias religiosas e a formação de um arcabouço bastante peculiar de valores nesse sentido. Isso levou a que, por vários momentos, a dúvida em relação a qual caminho seguir existisse em sua vida. Louis Fisher, um de seus biógrafos, conta que ele mantinha uma foto de Jesus Cristo na sala de sua residência pois destinava-lhe grande admiração. No que se refere a este aspecto, Gandhi relata em sua autobiografia ter vivido relações importantes com cristãos enquanto esteve na Inglaterra e na África do Sul, tendo lido a Bíblia e outros livros sobre o Cristianismo que lhe proporcionaram um espelho da alteridade religiosa:

¹⁴⁵ GANDHI, Mohandas K. *Autobiografia: Minha vida e minhas experiências com a verdade*. São Paulo, Palas Athena, 1999. p.117

Embora eu houvesse tomado um caminho que meus amigos cristãos não desejavam para mim, sinto uma profunda gratidão pela inquietação religiosa que me despertaram. Acalentarei para sempre a lembrança de nossos contatos. Os anos que se seguiram, entretanto, me reservariam mais relações igualmente doces e sagradas.¹⁴⁶

Gandhi também travou importantes contatos com muçulmanos. No ano de 1893 partiu para tentar a vida na África do Sul e enquanto lá esteve, atuando em Natal, criou um forte laço de amizade com o *Sheth* Abdulla, que o ensinou bastante sobre o islamismo. Esses diferentes olhares adquiridos através dos contatos múltiplos proporcionaram-lhe, ao longo da vida, uma maneira própria de analisar o mundo e incentivaram em sua personalidade os ideais de humanidade, partilha e aceitação da diversidade. Ele considerou os acontecimentos na África do Sul como o fermento espiritual que desencadeou significativamente todo seu desenvolvimento posterior: “Dessa forma, Deus plantou os alicerces da minha vida na África do Sul e lançou a semente da luta pela dignidade dos indianos.”¹⁴⁷

Justamente durante sua estadia na África do Sul, ele tomou conhecimento da situação de seus compatriotas naquele país e de todas as dificuldades que ele mesmo, apesar de ser um advogado, estava sujeito por ser considerado um estrangeiro de cor:

Fiz então um profundo estudo das duras condições de vida dos colonos indianos, não apenas lendo e ouvindo pessoas, mas também por experiência pessoal. Percebi que a África do Sul não era país para um indiano que se desse ao respeito, e minha mente ocupou-se cada vez mais com a questão de como mudar esse estado de coisas.¹⁴⁸

O aprendizado rumo ao desenvolvimento de sua personalidade religiosa foi acompanhado de todos esses elementos, principalmente através da preocupação com a vida de seus semelhantes, com destaque para a situação dos indianos na África do Sul. Aos poucos, esse e outros aspectos passaram a alicerçar sua busca espiritual e lhe proporcionaram o acesso ao conhecimento que adquiriu nos anos finais de sua vida.

Para Mohandas Gandhi, a autopurificação ganhou destaque em sua busca pessoal e tornou-se um fator imprescindível na busca transcendental, com especial destaque para o voto de *ahimsa*. A não-violência possuía um fundo religioso nas tradições indianas e foi cooptada por ele como uma espécie de elo entre uma teoria ética e uma prática que priorizava a vida.

¹⁴⁶ GANDHI, Mohandas K. *Autobiografia: Minha vida e minhas experiências com a verdade*. São Paulo, Palas Athena, 1999. p. 131

¹⁴⁷ *Ibidem*, p.133

¹⁴⁸ *Ibidem*, p.125

A *ahimsa* é um princípio amplo. Somos mortais indefesos, apanhados na conflagração de *himsa*. O ditado de que a vida vive da vida contém uma profunda significação. O homem não pode viver um momento sequer sem cometer *himsa*, consciente ou inconscientemente. O próprio fato de estar vivo – comer, beber, movimentar-se – necessariamente envolve algum *himsa*, destruição de vida, ainda que minúsculo. Portanto, quem fez um voto de *ahimsa* ainda será fiel a seu credo se a mola propulsora de todas as suas ações for a compaixão, se evita tanto quanto pode a destruição da menor das criaturas, se tenta salvá-la, e assim busca incessantemente ficar livre da agitação mortal do *himsa*. Ele crescerá em seu autocontrole e compaixão, mas nunca conseguirá ficar inteiramente livre do *himsa* externo.¹⁴⁹

Ao promover sua interpretação, Gandhi relaciona de maneira antitética os termos *himsa* e *ahimsa*. Como ele explica no trecho acima, todas as pessoas estão sujeitas a cometer algum grau de *himsa*, isso quer dizer, exercem algum tipo de violência ao seu redor pelo simples fato de existirem. Porém, para aqueles que se propõem a viver o voto de *ahimsa*, ainda estarão de acordo com ele se evitam ao máximo, dentro de suas possibilidades, causar mal ao outro humano ou ser vivo de qualquer espécie. Esse compromisso aproximaria essa pessoa de características que ele, Gandhi, considera essenciais para alcançar a libertação: O autocontrole e a compaixão. “Enquanto o homem não se colocar por livre e espontânea vontade como a última de todas as criaturas, não há salvação para ele. O *ahimsa* é o limite máximo da humildade.”¹⁵⁰

Louis Fisher era jornalista e morou com Gandhi durante alguns meses. Após essa experiência na companhia do mesmo relatou um pouco sobre o que aprendeu com ele. No que se refere a não-violência, Fisher explica que para o Mahatma essa prática era, acima de tudo, uma crença ética pessoal que deveria ser vivenciada de forma plena por todas as pessoas que a ela quisessem aderir. Além disso, viver de forma não-violenta incluía também acreditar em uma verdade, que deveria ser buscada a todo momento da existência humana. Essa proposta deu origem a um outro conceito, a *Satyagraha* (originalmente *sadagraha*, significando verdade mais firmeza). Gandhi afirma que esse princípio surgiu antes mesmo de seu nome ser inventado, não sendo, portanto, um plano pré-concebido, emergindo espontaneamente.¹⁵¹ Esse termo faz referência basicamente a sua experiência na África do Sul com o movimento de resistência pacífica.

¹⁴⁹ GANDHI, Mohandas K. *Autobiografia: Minha vida e minhas experiências com a verdade*. São Paulo, Palas Athena, 1999. p.302

¹⁵⁰ *Ibidem*, p. 428

¹⁵¹ Cf. GANDHI, Mohandas K. *Autobiografia: Minha vida e minhas experiências com a verdade*. São Paulo, Palas Athena, 1999. p.189

Esses dois conceitos são chave para compreender toda a construção do imaginário de Gandhi, sua prática, constituindo-se nos dois alicerces fundamentais de toda sua luta e sua vivência ético-religiosa na África do Sul e posteriormente na Índia. Além da adoção do voto de *ahimsa* e da *satyagraha*, Gandhi também adotou o *brahmacharya*. Esse conceito indica a abstenção do prazer sexual, mesmo no relacionamento monogâmico, e preconiza o sexo sem o objetivo de satisfação da luxúria, mas somente para a reprodução. Com esse voto, ele acreditava que estaria cada vez mais próximo dos ideais de purificação, refletindo com isso a glória divina. Esses três conceitos como prática de vida se complementavam e se autorregulavam na construção do seu caminho espiritual.

Por outro lado, a vivência ético-religiosa de Martin Luther King foi conduzida de maneira muito distinta e seus ideais se refletiram num outro caminho. Ele viveu e cresceu na igreja negra, particularmente influenciado pela tradição de sua família, composta de pastores da igreja batista: “Claro que eu era religioso. Cresci na igreja. Meu pai era pastor, meu avô era pastor, meu bisavô era pastor, meu único irmão é pastor, o irmão de papai é pastor. De modo que não tive muita escolha.”¹⁵² Sendo assim, pode-se afirmar que seu conhecimento sobre Deus tinha referenciais na teologia judaico-cristã, da qual foi herdeiro e partia, sem sombra de dúvidas, dos ensinamentos bíblicos que contactou ao longo de sua infância, adolescência e idade adulta.

Mesmo tendo sido a religião algo sempre muito presente em sua vida, isso não o eximiu de viver momentos de intensas dúvidas e questionamentos sobre qual deveria ser sua escolha. Depois de várias leituras e estudos de diversos autores que inclusive negavam a religião e a própria existência de Deus, ele decidiu que ser pastor era o que de fato queria para sua vida. Por isso, King decidiu buscar uma formação teológica erudita, que rapidamente adaptou para o que chamou de evangelho social, confiante de que deveria não só estudar as teorias sobre Deus, mas também compreender como a Bíblia poderia lhe ensinar a maneira certa de agir diante das situações que se apresentavam em sua vida.

Segundo relato de uma de suas biografias¹⁵³, quando o movimento liderado por King começou, a realidade socioeconômica dos negros no Sul dos Estados Unidos não

¹⁵² CARSON, Clayborne. *A Autobiografia de Martin Luther King* (1929-1968). Tradução Carlos Alberto Medeiros, 1ª edição, Rio de Janeiro, editora Zahar, 2014. p. 13

¹⁵³ RENA, Lili. *Luther King: Peregrino da liberdade*. Tradução: Gabriel Andrade. 5ª edição, editora Paulinas, São Paulo, 2011. p. 9 e 10

diferia muito nas várias cidades ali localizadas. Cerca de 70% das mulheres negras trabalhavam como empregadas domésticas e 60% dos negros homens como diaristas ou criados, enquanto que o salário dos brancos era praticamente o dobro, ainda que exercessem a mesma função. Além disso, há outros dados relevantes sobre a situação de desigualdade a qual estavam submetidos que não se referia somente às condições de trabalho. Estima-se que 30% das famílias negras não tinham acesso ao saneamento básico, 75% dos negros menores de 25 não haviam concluído o ensino básico e ainda 28% dos delinquentes eram negros. Esses dados podem facilitar uma análise, pois proporcionam um panorama geral da situação e podem levar a uma compreensão do porquê o movimento proposto por King foi tão bem aceito por uma parcela significativa da comunidade negra da época.

A proposta teológica baseava-se no princípio de que “toda teologia autêntica implica numa prática social transformadora.”¹⁵⁴ Desta maneira, para King o estudo bíblico deveria ocorrer também num nível prático, possibilitando ao indivíduo confrontá-lo com os problemas existenciais e sociais recorrentes no seu próprio cotidiano. Para ele, o evangelho não pode ser algo distante da realidade das pessoas, por isso, sempre defendeu que os pastores que se recusassem a ter um envolvimento na dimensão social, política e econômica de seus seguidores, contribuíam para a continuidade da injustiça, a qual deveriam diretamente combater como seguidores de Cristo.

Essa proposta de aliar a teoria bíblica e a práxis social alicerçou o que aqui se defende como a vivência ético-religiosa de King e caracterizou-a a partir dos ideais de resistência não violenta aliado à luta pelos direitos civis:

Em meio a uma vigorosa luta para livrar nossa nação da injustiça racial e econômica, ouvi muitos pastores dizerem: Trata-se de questões sociais nas quais o evangelho não tem nenhum interesse real. E vi muitas Igrejas se dedicando a uma religião totalmente transcendental que estabelece uma distinção estranha, não bíblica, entre corpo e alma, sagrado e secular.¹⁵⁵

Para King, essa omissão diante das questões de injustiça social por parte de pessoas que se autodenominavam representantes de Deus na Terra, comprometia muito

¹⁵⁴ GONZALÉZ, Justo L. *Dicionário Ilustrado dos intérpretes da fé*. Santo André, São Paulo: Editora Academia Cristã Ltda, 2005. p.398

¹⁵⁵ CARSON, Clayborne. *A Autobiografia de Martin Luther King (1929-1968)*. Tradução Carlos Alberto Medeiros, 1ª edição, Rio de Janeiro, editora Zahar, 2014. p. 241

diretamente aquilo que ele acreditava como o verdadeiro anúncio do evangelho. Martin Luther defendia que a religião possui um papel fundamental na vida das pessoas e não pode jamais ser utilizada apenas como princípio abstrato, ligado às questões últimas da vida simplesmente. Ele afirmava de forma muito veemente que, com base no que Jesus ensina nos evangelhos, não é possível desvincular a teoria da prática e não edificar interiormente esses princípios é compreender de maneira rasa os ensinamentos cristãos. Para comprovar seu ponto de vista, ele se remete a outros teólogos a partir dos quais embasa sua crença:

Desde que li Rauschenbusch¹⁵⁶ tenho a convicção de que qualquer religião que professe uma preocupação com as almas dos homens, mas não esteja igualmente preocupada com as favelas a que eles estão condenados, com as condições econômicas que os estrangulam e com as condições sociais que os debilitam, é uma religião espiritualmente moribunda, que só falta ser enterrada. Já se disse muito bem: ‘Uma religião que termina no indivíduo é uma religião que termina’.¹⁵⁷

Partindo dessa convicção, ele buscou externar essa sua crença, provando através de sua vida, que não seria possível conseguir um ganho em sua trajetória como pastor, sem aliar essa tarefa às questões sociais que o cercavam. Sua dedicação frente ao movimento pelos direitos civis dos negros e pela aplicação da não-violência estava diretamente vinculada a essa certeza do direcionamento de Deus em sua vida. Desta forma, ele dedicou muito de seu tempo em garantir que esses princípios fossem colocados em prática e construiu uma vivência ético-religiosa bastante peculiar e ao mesmo tempo bem-sucedida. Seus esforços foram coroados com o Prêmio Nobel da Paz em 10 de dezembro de 1964, seguido do seguinte discurso:

Recebo hoje este prêmio com uma fé inabalável na América e uma fé audaciosa no futuro da humanidade. Recuso-me a aceitar a ideia de que o ‘é’ da natureza atual do homem o torne moralmente incapaz de atingir o eterno ‘deve ser’ que permanentemente o confronta. Recuso-me a aceitar a ideia de que o homem seja um destroço ou um dejetos no rio da vida que o cerca. Recuso-me a aceitar a visão de que a humanidade está tão tragicamente ligada à noite escura do racismo e da guerra que a aurora luminosa da paz e da fraternidade jamais possa tornar-se realidade[...] Hoje venho a Oslo como um depositário, inspirado e com uma renovada dedicação à humanidade. Recebo este

¹⁵⁶ Walter Rauschenbusch era teólogo e pastor da Igreja Batista, nascido também nos Estados Unidos. Viveu nos anos finais do século XIX e início do XX e representou uma das principais influências teológicas de Martin Luther King.

¹⁵⁷CARSON, op. cit, p. 32.

prêmio em nome de todos os homens e mulheres amantes da paz e da fraternidade.¹⁵⁸

Muitos outros episódios poderiam ser aqui apresentados como significativos na trajetória de ambos os personagens, porém os aspectos principais foram aqui salientados e já podem apresentar uma referência básica para os tópicos que virão a seguir.

3.2 A trajetória na vida social: Um olhar na alteridade religiosa

Autores como Berger e Luckmann¹⁵⁹ apresentam uma preocupação com a relação modernidade e indivíduo no que se refere à adoção de códigos de sentido, inclusive focalizando a questão da religião. Para eles, a questão do sentido está diretamente relacionada à crise de valores morais e éticos presentes na sociedade, tendo como característica marcante deste processo o tema da pluralização. Uma das ideias fundamentais é compreender a adoção de uma noção de identidade, mesmo diante da variedade de ofertas, principalmente em termos de referências valorativas. Para os autores, a religião ainda é um elemento que fornece uma estruturação de valores e dá sentido ao mundo, uma vez que possui em si uma riqueza de conteúdos própria com base em códigos de conduta e possibilitando um direcionamento em meio a fluidez de referenciais a que as pessoas estão submetidas nos dias de hoje.

Os personagens aqui apresentados são frutos desse processo de pluralização e tiveram que buscar identidade e valores nos quais se basear a partir de algum universo de significado. A experiência individual dos personagens apresenta uma vinculação ao universo religioso, representada por um lado pela vivência familiar de ambos, já que o sentimento de ligação ao divino foi cultivado em suas vidas desde tenra idade. Por outro, a dúvida e a posterior convicção da escolha religiosa são pontos comuns que ligam os personagens e ao mesmo tempo podem representar uma maturidade espiritual. Para Gandhi, ela só pode ser alcançada através do contato com a diversidade de crenças, possibilitada pela sua vida errante. Para Martin Luther, o contato com a alteridade não se deu de maneira tão significativa, mas teve sua representatividade num determinado contexto.

¹⁵⁸ CARSON, Clayborne. *A Autobiografia de Martin Luther King (1929-1968)*. Tradução Carlos Alberto Medeiros, 1ª edição, Rio de Janeiro, editora Zahar, 2014. p. 308 e 309.

¹⁵⁹ BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, Pluralismo e crise de sentido: A orientação do homem moderno*. Petrópolis, editora vozes, 2004.

Em sua autobiografia, Martin Luther King não relata muitos contatos com indivíduos de outras religiões além do cristianismo. Isso talvez possa ser explicado pelo fato de ter vivido praticamente todo o tempo nos Estados Unidos dedicando-se a dessegregação em diferentes regiões do País. Ao que tudo indica, possuía uma vida muito agitada, participando de movimentos em prol não só de direitos civis, mas também dos direitos humanos. King foi convidado por vários líderes locais para se juntar a eles e levar parte de sua experiência e conhecimento no treinamento dos voluntários nas passeatas, boicotes e movimentos de sit-ins¹⁶⁰. Entretanto, parece ter se relacionado de forma significativa com a alteridade religiosa em alguns momentos específicos de sua trajetória.

Enquanto realizava seus estudos no seminário Crozer, ele viajou à Filadélfia com o objetivo de assistir uma palestra do professor Mordecai Johnson, que atuava como reitor da Universidade de Howard. Esse professor havia acabado de retornar de uma viagem à Índia, e dedicou sua fala a apresentar os ensinamentos e as campanhas de Gandhi, despertando uma primeira curiosidade no jovem Martin Luther. Ele aprofundou seus estudos sobre a resistência não violenta nos anos seguintes até a sua decisão de adotar esse princípio, assim como outros da cultura oriental e readaptá-los ao seu contexto. Fato que ele percebia muitas semelhanças entre aquilo que escutava sobre as ações de Gandhi na Índia e o que havia aprendido sobre o evangelho de Cristo, principalmente no que se refere ao poder do amor perante o mundo como um todo: “A resistência não-violenta tinha se tornado a técnica do movimento, enquanto o amor continuava sendo seu ideal moderador. Em outras palavras, Cristo fornecia o espírito e a motivação, enquanto Gandhi fornecia o método.”¹⁶¹

Outro momento marcadamente importante foi uma viagem que realizou à Índia em 1959, acompanhado de sua esposa e seu amigo Lawrence Reddick. Depois de um contato amistoso com o primeiro ministro deste país durante uma visita do mesmo aos Estados Unidos, recebeu o convite para realizar a viagem e lá foi recebido por ele. Ao chegar, também travou contato com outros líderes locais.

Foi uma experiência maravilhosa conhecer e conversar com grandes líderes da Índia, conhecer, conversar e discursar para milhares de pessoas de todo aquele imenso país. Essas experiências continuarão

¹⁶⁰ As passeatas, boicotes e movimento dos sit-ins serão apresentados no capítulo cinco.

¹⁶¹ CARSON, Clayborne. *A Autobiografia de Martin Luther King* (1929-1968). Tradução Carlos Alberto Medeiros, 1ª edição, Rio de Janeiro, editora Zahar, 2014. p.89.

sendo caras para mim enquanto as cordas da memória continuarem sendo esticadas.¹⁶²

Ele aponta, de forma muito positiva, o contato com a diversidade religiosa na Índia e enfatiza como essa aproximação possibilitava um enriquecimento do seu próprio conhecimento religioso através dessa experiência. Também foi possível um intercâmbio de ideias, uma vez que King se apropriou muito do universo intelectual de Mahatma Gandhi na promoção de sua investida rumo a dessegregação racial nos Estados Unidos, como já referido anteriormente.

Fiquei contente pelo fato dos seguidores de Gandhi nos receberem de braços abertos. Eles valorizavam nosso experimento de resistência não violenta em Montgomery. Pareciam vê-lo como um destacado exemplo das possibilidades de seu uso na civilização ocidental. Para eles, como para mim, ele também indicava que a resistência não violenta, *quando planejada e positiva em sua ação*, podia funcionar com eficácia mesmo em regimes totalitários.¹⁶³

De maneira bem diversa de King, Mohandas Gandhi narra uma ampla vivência com a diversidade religiosa e narra em sua autobiografia momentos significativos em que essa presença contribuiu em sua trajetória e principalmente na elaboração de uma fé e crença próprios. Ele conta que experimentou a presença da alteridade religiosa em sua vida desde bem pequeno, através da intermediação de seu pai, por quem tinha grande admiração e carinho.

Meu pai sempre escutava a opinião de amigos de crenças diferentes da dele com respeito e atenção. Eu estava sempre presente a esses encontros, pois cuidava dele, o que fez com que desenvolvesse tolerância por todas as religiões, menos o Cristianismo. Tinha restrições a esse credo, e por um bom motivo: naquele tempo, missionários cristãos costumavam postar-se em frente ao colégio, menosprezando os hindus e suas divindades.¹⁶⁴

Por um lado, esse primeiro contato não representou uma experiência concreta, uma vez que não remetia a uma vivência pessoal, mas sim as impressões que lhe haviam sido passadas por outras pessoas. Entretanto, não pode ser descartada uma vez que se caracterizou como um passo inicial de reconhecimento da diversidade religiosa em sua vida. Importante salientar também que sua ligação com a religião de sua família era

¹⁶² CARSON, Clayborne. *A Autobiografia de Martin Luther King (1929-1968)*. Tradução Carlos Alberto Medeiros, 1ª edição, Rio de Janeiro, editora Zahar, 2014. p. 149.

¹⁶³ *Ibidem*, p. 159.

¹⁶⁴ GANDHI, Mohandas K. *Autobiografia: Minha vida e minhas experiências com a verdade*. São Paulo, Palas Athena, 1999. p.46

basicamente cultural e não uma fundamentação espiritual concreta, como ele mesmo relata em seguida. Seu amadurecimento só veio a ocorrer realmente muito tempo depois, por meio de inúmeras experiências com outras manifestações religiosas. Prova disso é que somente na Inglaterra Gandhi leu pela primeira vez o Bhagavd Gita através do contato com dois irmãos teosofistas que o incentivaram a treinar o sânscrito. Envergonhou-se de não tê-lo lido antes em seu país, uma vez que se tratava de um livro relativo à sua própria tradição.

Nessa mesma época, Gandhi conheceu um cristão numa pensão vegetariana que tentou desconstruir a imagem ruim que cultivava desde a infância da religião Cristã e esta pessoa presenteou-lhe com uma Bíblia que ele fez questão de ler. Em seu relato, Gandhi afirma não ter gostado muito do Antigo Testamento, mas que lhe foi particularmente agradável o acesso ao Novo: “Principalmente o Sermão da Montanha, que me falou diretamente ao coração.”¹⁶⁵

Como ele mesmo relata em sua autobiografia, parece ter sido esse um primeiro olhar para a possibilidade de relacionar ensinamentos de diferentes religiões e com isso construir uma vivência ético-religiosa muito peculiar. Através dessa experiência, Gandhi passou a correlacionar diferentes vertentes religiosas, atitude que se perpetuou por sua vida. Esse conhecimento adquirido através do estudo de várias religiões, tornou-se uma peça fundamental na construção de sua vivência ético-religiosa, que se baseava no reconhecimento da intersecção entre as religiões e principalmente no conhecimento que podia retirar delas e reinterpretar a partir de si mesmo e de suas experiências. Esse foi um dos primeiros passos no sentido de construir uma identidade religiosa própria, sempre respeitando o lugar de cada crença e seus significados.

Sua chegada em Natal, na África do Sul, também lhe proporcionou importantes contribuições nesse sentido e que marcaram muito significativamente sua trajetória pessoal e profissional. Durante o tempo em que lá esteve, foi recebido e criou forte vínculo com o *Sheth* Abdulla, muçulmano, com quem trocou importantes conhecimentos:

Tinha orgulho de ser muçulmano e adorava dissertar sobre filosofia islâmica. Mesmo sem saber árabe, conhecia bem o *Corão* e a literatura islâmica em geral. Guardava uma série enorme de exemplos e citações e os tinha sempre à mão. O contato com ele me deu razoável

¹⁶⁵ GANDHI, Mohandas K. *Autobiografia: Minha vida e minhas experiências com a verdade*. São Paulo, Palas Athena, 1999. p. 74

conhecimento prático do islã. Quando nos tornamos mais próximos, travamos longas discussões sobre temas religiosos.¹⁶⁶

Durante essa experiência de amizade, Gandhi reuniu um conhecimento considerável do islamismo, religião que praticamente desconhecia. Em seguida, ele afirma ter aprofundado seu conhecimento por intermédio de livros sobre a vida de Mohammed, o que aprofundou seu conhecimento sobre o islamismo, ao mesmo tempo em que aumentou significativamente sua estima por essa figura religiosa. Também acessou uma obra sobre os ensinamentos de Zaratustra e outras referências sobre a vida do Buda. Ele conta que todas essas leituras o estimularam à introspecção e reforçaram nele o hábito de colocar em prática tudo o que nelas o impressionava.¹⁶⁷ E suas leituras sobre outras religiões não param por aí.

O Mahatma recorda que seu contato com o casal Walton de crença cristã protestante, também durante sua experiência na África do Sul foi algo bastante significativo e que, segundo ele mesmo relata, manteve vivo o seu interesse pela religião. A perseverança, devoção e humildade que observava neles estimulava-o no caminho da busca espiritual que se materializou, naquele momento, pelo encantamento do conhecimento de outras religiões.

Ele relata que neste mesmo período teve acesso pela primeira vez a uma tradução das *Upanixades* publicada pela sociedade Teosófica e a um livro chamado: reflexões sobre o *Dharma*, que ganhou de presente de um amigo. “Essas leituras reforçaram a visão que eu tinha do hinduísmo, e suas belezas começaram a crescer em mim. Nada disso, porém, me tornou preconceituoso em relação às outras religiões.”¹⁶⁸

Após essa breve análise pode-se inferir alguns pontos relevantes para o presente estudo. Se por um lado Martin Luther King não relatou muitos momentos de contato com a diversidade religiosa, por outro aceitou inserir em seus conhecimentos e em sua prática aspectos de uma outra cultura, marcadamente princípios que o auxiliaram na luta pelos direitos civis dos negros em seu país. Percebeu que poderia aprender com as experiências de Gandhi e tal perspectiva acabou tornando-se um alicerce fundamental na sua própria história de vida como reformador da sociedade na qual estava inserido.

Já Mohandas Gandhi teve sua trajetória construída com base na diversidade religiosa. Por mais que tenha saído de seu país sem convicções pessoais sobre o tema,

¹⁶⁶GANDHI, Mohandas K. *Autobiografia: Minha vida e minhas experiências com a verdade*. São Paulo, Palas Athena, 1999. p.105

¹⁶⁷ Ibidem, p. 149

¹⁶⁸ Ibidem, p. 148.

teve a oportunidade de se deparar com o questionamento sobre a religião em diferentes momentos de sua vida e ancorou-se em bases sólidas, representadas por textos e relações afetivas com indivíduos que representavam crenças diversas. Essa abertura para o religiosamente outro representou um passo fundamental na construção de sua vivência ético-religiosa, que incorporou elementos muito diversos, mas fundamentados por uma busca espiritual própria.

3.3 Em busca de um olhar comum: A experiência do Sagrado

Ao adentrar na história de vida dos personagens sugeridos, torna-se inevitável confrontar a relação de ambos com o Sagrado, uma vez que suas trajetórias foram guiadas pela experiência mística, imbricada ao universo soteriológico no qual ambos estavam vinculados cada qual a sua maneira. Por um lado, caberia discernir como cada um deles realizava essa experiência a partir de sua própria origem religiosa e como grande parte desses ideais foi compartilhado com êxito nos contextos e realidades díspares que se apresentaram a ambos.

No sentido em que está sendo empregada na presente tese, a palavra experiência designa algo pessoal, intransferível, incontrolável, caracterizado como um momento único na vida do indivíduo. Segundo Volney Berkenbrock, “experiência é o que ocorre no âmbito mais íntimo do sentimento e por isso mesmo só pode ser sentida. O falar sobre, relatar, o racionalizar ou interpretar, de forma alguma irá repetir este momento ou transferi-lo para quem ouve o relato.”¹⁶⁹ O acesso a ela é sempre mediado pela interpretação de quem vive e de quem a escuta. Aquele que a experimenta abre para si uma nova dimensão do conhecimento.

A interpretação dessa experiência religiosa ou mística, como a ela se queira referir, é única e singular, e deriva do conhecimento religioso do indivíduo, que a viverá a partir do arcabouço mental que possui. Para Berkenbrock, ela não é uma exceção histórica, podendo acontecer em qualquer sujeito e em qualquer tempo. Não há como medir a veracidade desta experiência, uma vez que ela não pode ser balizada a partir de nenhum critério pré-existente e não pode ser medida em contraposição a outras. Importante também frisar que ela não pressupõe a existência de uma religião institucionalizada e nem gera necessariamente uma consequência teológica, portanto não

¹⁶⁹ BERKENBROCK, Volney J. A morfologia da experiência religiosa: Anotações sobre a estrutura da experiência do sagrado. Manuscrito. p. 1

vincula necessariamente o sujeito aos ritos religiosos de uma determinada religião pré-estabelecida.

Para esse mesmo autor, a morfologia da experiência religiosa está dividida em três diferentes momentos: O primeiro seria a dimensão de algo que é sentido, dando a tonalidade da experiência que é caracterizada como religiosa e que só pode ser assim reconhecida a partir de si mesma. Desta maneira, a capacidade do sentimento religioso é apriorístico. A segunda dimensão seria a do outro correspondente. Para Berkenbrock, ela inclui a experiência da correspondência, de um outro que é experimentado, e essa outridade é percebida como de nível religioso. A terceira e última seria a interação entre o sujeito da experiência e aquilo que é experimentado, supondo uma correspondência ou envolvimento de sentimento. Existe nessa relação necessariamente um eu que sente religiosamente.

Como experiência mística, ela poderá assumir outros vieses. A palavra mística origina-se de *myein*, que significa ‘fechar os olhos e os lábios’. Henrique de Lima Vaz considera que “a experiência mística deve ser reconhecida, portanto, como um fato *antropológico* singular, cuja singularidade só pode ser reconhecida e interpretada nos quadros de uma adequada filosofia do ser humano.”¹⁷⁰ Sendo assim, há uma relação direta entre a experiência do homem –o místico, enquanto sujeito- e o objeto dessa experiência, transcendente à realidade.

Para Vaz, a mística deve ser analisada tendo como ponto de partida a experiência do próprio sujeito, que remeteria ao místico enquanto canal de comunicação. Não é possível falar em experiência sem um envolvimento do sujeito:

A teoria da mística, implícita no testemunho dos místicos ou explicitada pela reflexão filosófico-teológica, apoia-se, portanto, num substrato antropológico, que é a natureza do *espírito* enquanto este é capaz de elevar-se por suas próprias forças – mística natural – ou pela

¹⁷⁰ VAZ, Henrique de Lima. *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*. São Paulo, Edições Loyola, 2000. p.29

graça divina – mística sobrenatural – à experiência frutiva do *Absoluto* em si mesmo ou em alguma de suas manifestações.¹⁷¹

Essa forma superior de experiência, que segundo esse mesmo autor apresenta-se como de natureza religiosa, ou religioso-filosófica, é capaz de mobilizar as mais poderosas energias psíquicas do indivíduo. Executando uma aproximação conceitual, pode-se inferir que, a experiência mística se dá nesse encontro com o absoluto, desenhando-se em situações-limite da existência, momento onde ocorre a experiência do Sagrado.

A existência deste elemento transcendental está condicionada à própria vivência dos seres humanos, uma vez que esse Sagrado é compreendido a partir de categorias tipicamente humanas que lhe são atribuídas. Essas diferentes formas de interpretação são os matizes específicos de cada cultura, mas que nem por isso desqualificam essa forma de experiência.

A imensa cadeia de testemunhos que corre ao longo das mais variadas tradições religiosas não deixa dúvidas quanto à realidade e à autenticidade dessa experiência, que se impõe, por isso mesmo, como um dado antropológico fundamental, tendo resistido vitoriosamente a todas as tentativas de reducionismo...¹⁷²

Para Maria Clara Bingemer, a existência “do duplo movimento – para –si, para-o-outro – a experiência mística tem propriamente seu lugar antropológico.” Ou seja, ela está intimamente vinculada ao sujeito que a experimenta de forma única e intransferível. “Pode ser considerada como uma tensão fecunda entre ser e manifestação: entre o ser humano na sua finitude e nas condições de sua situação, e o dinamismo profundo ordenado ao Absoluto que move a sua automanifestação.”¹⁷³

Essa experiência humana com o transcendente é fundamental para que se compreenda as trajetórias de Mahatma Gandhi e Luther King, que tiveram nessa relação com o Sagrado, um ponto de inflexão fundamental em suas respectivas lutas pela liberdade e igualdade. Ambos relatam continuamente, assim como seus biógrafos que, quanto mais conscientes tornavam-se da presença do divino em suas vidas, mais tornavam-se capazes de experimentar uma verdadeira e irrestrita entrega aos desígnios

¹⁷¹ VAZ, Henrique de Lima. *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*. São Paulo, Edições Loyola, 2000. p. 25

¹⁷² Ibidem, p. 16 e 17

¹⁷³ BINGEMER, Maria Clara. *O mistério e o mundo: Paixão por Deus em tempos de descrença*. Rio de Janeiro, editora Rocco, 2013. p. 25

desse sobrenatural. Essa presença acaba por dominar a ambos, que decidem entregar suas vidas a essa certeza da presença do divino.

A convicção, muito mais do que apenas uma crença na presença desse ente, pode ser observada em vários momentos da vida de Luther King por exemplo. Ele relata que, uma das vezes em que esteve na cadeia por liderar boicotes e passeatas, viveu a experiência da presença de Deus: “Tínhamos uma companhia cósmica, pois cantávamos *Venha a mim, Senhor, venha a mim*¹⁷⁴. Além deste, muito outros relatos podem ser apresentados como sinais dessa presença divina que se apoderava de sua consciência. Ele se colocava como um mero instrumento da vontade de Deus, que estava muito além de sua capacidade humana de compreensão.

Não iniciei esse boicote. Vocês é que me pediram que fosse seu porta-voz. Quero que saibam por toda a extensão desta terra que, se me fizerem parar, este movimento não será interrompido. Porque o que estamos fazendo é o certo. O que estamos fazendo é o justo. E Deus está conosco.¹⁷⁵

A realidade do divino em sua vida sempre se apresentou como uma certeza irrestrita. Essa consciência de que Deus estava sempre aliado às suas escolhas e ações se tornou particularmente significativa após ter vivido uma experiência que ele considerou determinante. Ela se deu, segundo relato do próprio King, numa determinada noite no início dos boicotes em Montgomery, quando recebeu uma ameaça contra sua vida:

Levantei-me e comecei a caminhar pela casa. Tinha ouvido coisas assim antes, mas por algum motivo naquela noite aquilo me pegou. Voltei para a cama e tentei dormir, mas não consegui. Estava frustrado, aturdido, e então me levantei. Finalmente fui para a cozinha e esquentei uma xícara de café. Estava prestes a desistir. Com a xícara de café intocada à minha frente, tentei imaginar uma forma de sair do quadro sem parecer um covarde. Fiquei ali sentado e pensei na minha filhinha linda que tinha acabado de nascer. Noite após noite, eu chegava e ia ver aquele sorrisinho dormindo. Comecei a pensar numa esposa leal e dedicada que estava ali do lado dormindo. E eu podia ficar sem ela e ela sem mim. E cheguei a um ponto que não podia mais aguentar mais. Eu era fraco. Algo me disse: Agora você não pode recorrer ao papai e nem à mamãe. Você precisa recorrer àquela característica daquela pessoa que seu pai costumava mencionar, aquele poder capaz de encontrar um caminho onde não existe nenhum. Com as mãos na cabeça, me inclinei sobre a mesa da cozinha e rezei em voz alta. As palavras que dirigi a Deus no meio daquela noite ainda estão nítidas em minha memória:

¹⁷⁴ CARSON, Clayborne (org.). *A Autobiografia de Martin Luther King*. 1ª edição, editora Zahar, Rio de Janeiro, 2014. p.216.

¹⁷⁵ *Ibidem*, p. 104.

-Senhor, estou aqui tentando fazer o que é certo. Acho que estou certo. Estou aqui defendendo aquilo que acredito que seja certo. Mas devo confessar, Senhor, que agora me sinto fraco, vacilante. Estou perdendo a coragem. Agora tenho medo. E não posso deixar que as pessoas me vejam assim porque, se me virem fraco e perdendo a coragem, também começarão a fraquejar. As pessoas olham para mim em busca de liderança, e se eu me colocar diante delas sem força nem coragem, também vacilarão. Minha força está no fim. Não me restou nada. Cheguei a um ponto em que não posso aguentar sozinho.

Foi como se eu ouvisse a silenciosa garantia de uma voz interior dizendo:

-Martin Luther, defenda o que é certo. Defenda a justiça. Defenda a verdade. E saiba, eu estarei com você. Por toda a eternidade.

Digo-lhes que vi a luz de um relâmpago. Ouvi o som do trovão. Senti as ondas do pecado tentando conquistar minha alma. Mas ouvi a voz de Jesus dizendo para eu me acalmar e continuar a luta. Ele prometeu jamais me abandonar. Naquele momento, vivenciei a presença do divino como nunca antes. Quase imediatamente meus temores começaram a se afastar. Minha incerteza se foi. Eu estava pronto para enfrentar qualquer coisa.¹⁷⁶

Esse teria sido então o momento crucial da certeza da presença de Deus em sua vida, sendo um momento fundamental em sua trajetória, segundo seu próprio relato. Além desta experiência inicial, em diversos momentos de sua luta pelos direitos civis, a fé foi um elemento determinante em suas escolhas. Essa crença inabalável na influência de Deus em sua vida foi recorrente em outros momentos, conforme relato dele mesmo durante o movimento de dessegregação em Birmingham, um dos maiores redutos de desigualdade social dos Estados do Sul:

Lembro que em Birmingham, Alabama, quando travávamos nossa majestosa luta, saíamos dia após dia da Igreja Batista as Rua 16. Caminhávamos às centenas e Bull Connor mandava soltarem os cachorros, e eles vinham. Mas nós enfrentávamos os cães cantando. “Não vou deixar ninguém me desafiar”, dizia então Bull Connor. “Abram as mangueiras”. Mas, como disse a vocês na outra noite, Bull Connor não conhecia a história [...] E continuamos enfrentando os cães, e os encarando; e continuamos enfrentando as mangueiras, e as encarando. E continuamos cantando: “Sobre minha cabeça, vejo a liberdade no ar.” E então éramos jogados nos camburões e por vezes amontoados como sardinha em lata. E eles nos jogavam lá dentro e o velho Bull dizia: “Levem eles embora”. E eles o faziam e nós seguíamos no camburão cantando: “Nós vamos vencer”. E várias vezes éramos presos e víamos os carcereiros nos olhando pelas janelas, sensibilizados por nossas preces, por nossas palavras e por nossas canções. E havia ali um poder ao qual Bull Connor não conseguia

¹⁷⁶ CARSON, Clayborne. *A Autobiografia de Martin Luther King* (1929-1968). Tradução Carlos Alberto Medeiros, 1ª edição, Rio de Janeiro, editora Zahar, 2014. p.100 e 101

adaptar-se, e assim acabamos transformando-o num alvo e ganhamos a luta em Birmingham.¹⁷⁷

Nesse relato, Martin Luther demonstra sua crença de que havia em sua determinação e na dos demais companheiros de luta um poder que não emanava deles próprios, mas de algo que estava muito além deles mesmos. E essa força era capaz de mudar os rumos da história, tendo ele e outras pessoas como peças fundamentais e porta-vozes dela. De maneira similar, Gandhi recorreu às suas concepções do Sagrado e essa experiência com o transcendente também representa um elemento fundamental para que se possa compreender sua busca espiritual e sua ação de libertação na África do Sul e na Índia. Ele relata em sua autobiografia, durante sua permanência em Londres que:

Acho que é errado esperar certezas neste mundo, no qual tudo é incerto, com exceção de Deus e da Verdade. Tudo o que se apresenta e acontece é incerto e transitório. Entretanto, existe um Ser Supremo imanente no mundo como Certeza, e abençoado é aquele que vislumbra essa Certeza e aspira a ela. A busca dessa Verdade é o *summum bonum* da vida.¹⁷⁸

Ainda que seus pressupostos de fé fossem de uma origem diferente de Luther King, já que pertencia a uma herança cultural bastante diversa, a crença no papel determinante de uma força superior também esteve sempre presente. Nela, os aspectos sagrados se relacionavam a outros símbolos e outros elementos:

Os santos e profetas nos deixaram suas experiências, mas não nos deram uma receita infalível e universal. Pois a perfeição ou isenção de erros vem somente da graça, e assim os buscadores de Deus nos deixaram *mantras*, tais como o *Ramanama*, santificados por suas próprias austeridades e carregados com sua pureza. Sem uma entrega irrestrita à Sua graça, o domínio completo do pensamento é impossível. Esse é o ensinamento de todos os grandes livros de religião, e venho percebendo sua verdade a cada momento em que tento alcançar a perfeição do *brahmacharya*¹⁷⁹.

Os mantras, cânticos sagrados, eram para ele uma maneira de evocar o divino. Para King, cantar também possuía essa função, entretanto cada qual o realizava a partir de seu próprio arcabouço religioso e simbólico. Luther King cantava em nome do Deus cristão e recorria a ele nos momentos mais árduos, enquanto Gandhi buscava seu elo divino a partir dos mantras e práticas ascéticas como é o caso do *brahmacharya*. Sendo

¹⁷⁷ CARSON, Clayborne. *A Autobiografia de Martin Luther King* (1929-1968). Tradução Carlos Alberto Medeiros, 1ª edição, Rio de Janeiro, editora Zahar, 2014. p. 100 e 101

¹⁷⁸ GANDHI, Mohandas K. *Autobiografia: Minha vida e minhas experiências com a verdade*. São Paulo, Palas Athena, 1999. p.224

¹⁷⁹ *Ibidem*, p. 277.

assim, conclui-se que a vivência ético-religiosa de ambos também passava por essas práticas e crenças específicas oriundas das matrizes religiosas de cada um.

Outro momento interessante de seu relato e que segue essa mesma linha de argumentação é quando Mohandas Gandhi se refere ao que ele considera como a libertação total do mundo terreno e afastamento das necessidades materiais como a forma por excelência de alcançar uma perfeita sintonia com o divino:

O verdadeiro sentido da humildade é o autodesapego. O autodesapego é *moksa* (libertação). Sendo assim, ele próprio não pode ser uma observância. Deve haver observâncias para atingi-lo. Se as ações de um neófito em busca do *moksa* não forem humildes e desprendidas, não haverá verdadeira aspiração por ele. Servir sem humildade é apego e egoísmo¹⁸⁰.

Apresentados todos esses aspectos, conclui-se que Gandhi e King foram capazes de transformar e provar que independentemente da religião que se pratica, é possível construir saberes comuns que levam a prática do bem e à comunhão com o ente divino. Muitas diferenciações podem ser observadas nas trajetórias dos dois personagens estudados, apesar de existirem também elementos de convergência. Se, por um lado, suas respectivas experiências com o sagrado se diferenciam em muitos aspectos – teóricos e práticos – pode-se dizer que se assemelhavam nos objetivos finais: Garantir a presença do Sagrado capaz de intervir e mover suas escolhas pessoais, apesar das limitações humanas que os afrontavam a cada momento. Mesmo essa tentativa de entrega plena aos desígnios do divino não os eximia dos receios e dúvidas que assolam a vida do ser humano diante de toda a experiência mística, materializando a tensão que existe na fronteira com o desconhecido.

E para além disso, também provaram ser possível viver uma ética comum, buscando nessa experiência transcendental seu ponto de fé e espiritualidade, visando com isso não só a mudança do seu próprio eu interior, mas também uma transformação da sociedade ao seu redor. Essa presença do divino transcendia a própria humanidade de ambos e vinculava-os às demandas reais do mundo que os cercava, uma vez que para eles viver em nome do Sagrado significava disponibilizar-se para os outros e para realizar o que fosse necessário em nome dessa força superior que dominava suas vidas.

Para alguns autores que buscam interpretar o papel da mística na experiência transcendental do indivíduo, é esse o principal ponto de diálogo entre as diversas

¹⁸⁰ GANDHI, Mohandas Karanchandi. *Autobiografia: Minha vida e minhas experiências com a verdade*. São Paulo, Palas Athena, 1999. p. 340.

denominações religiosas, uma vez que em todas elas, essa relação homem-Sagrado se apresenta em alguma medida. Essa forma de experiência seria então o núcleo duro a partir do qual todas as religiões emanam, transcendendo a própria institucionalização de práticas e dogmas que configuram as religiões no seu caráter mais humano. Essa busca da unidade com a realidade última infere a todas as religiões um cerne intelectual que transpassa os conhecimentos segmentados de cada uma delas. Sendo assim, se manifesta o que há de mais puro nessa experiência do divino, não podendo ser ela caracterizada de forma plena através de conceitos humanos, já que pressupõe o esvaziamento do próprio eu interior e a entrega irrestrita ao transcendente. “Ficou evidenciado que somente o próprio incondicional pode comprometer de forma incondicional, somente o absoluto pode amarrar de forma absoluta.”¹⁸¹

Além disso, é possível inferir alguns elementos a partir do que foi apresentado no presente capítulo. Inicialmente se propôs uma análise da hipótese sobre a existência de uma vivência ético-religiosa com aspectos símiles por parte dos personagens. Essa ideia foi apresentada de maneira comparativa no primeiro tópico e foi possível destacar várias semelhanças entre os personagens, principalmente no que se refere a maneira como encaravam a religião e mais especificamente com aquilo que consideravam o Sagrado. Gandhi formulou sua busca espiritual e sua luta a partir de três ideias centrais: O *ahimsa*, *satyagraha* e *bramacharya*. Parte de sua ideologia e prática foi assimilada por King- marcadamente os dois primeiros conceitos- e ambos, cada qual a seu modo, organizaram e colocaram em prática um mesmo quadro de ações, ainda que em realidades sociais completamente diferentes.

Essa afirmação vai ao encontro da proposta do projeto para uma ética mundial, analisado na leitura da presente tese da existência de um *ethos*, vinculada à crença em uma espiritualidade primeira, que não partiria de nenhum corpo religioso doutrinal específico. Segundo o próprio Hans Küng, “somente a ligação a algo infinito proporciona liberdade em relação a tudo que é finito.”¹⁸² Ou seja, o vínculo com a divindade desprende o ser humano da realidade material e imediata, alçando-o a outra dimensão de conhecimento e sentimento. Essa ligação seria originária da experiência mais íntima do ser humano com o Sagrado, que perpassa todas as religiões.

¹⁸¹ KÜNG, Hans. *Projeto de ética mundial: Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. Edições paulinas, São Paulo, 1992. p. 123

¹⁸² KÜNG, Hans. *Projeto de ética mundial: Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. Edições paulinas, São Paulo, 1992. p.81

Por outro lado, a relação com o transcendente é inevitavelmente interpretada a partir das categorias próprias do sujeito e de características que lhe foram ensinadas e partilhadas ao longo de sua vida religiosa. O ser humano só é capaz de enxergar a presença do divino quando atribui a ele elementos que já são conhecidos em sua própria cultura. Dessa forma, defende-se a ideia de que a experiência religiosa é um elo que pode unir as religiões. Essa união vem da promoção da crença de que há algo que supera a realidade presente e que realmente liga os homens ao que existe além do mundo terreno. Essa certeza da manifestação divina que leva à existência de várias religiões não impossibilita um diálogo entre elas, ainda que cada um viva a partir de seus conhecimentos próprios.

Tomando como ponto de análise os personagens estudados ao longo do capítulo, pode-se observar muitos elementos díspares em suas trajetórias, mas também muitos elementos que os aproximam. A presença da religião em suas vidas desde a infância é um aspecto muito importante a ser destacado, porque tornou-se um pilar fundamental para a construção de suas personalidades. Ambos foram iniciados em suas respectivas tradições religiosas por laços familiares, mesmo que essa crença de fé ainda não estivesse consolidada em suas vidas. Além disso, um outro aspecto que guarda sua importância é a passagem por uma infância tranquila, que permitiu-os solidificar um embasamento intelectual.

Além disso, ainda que cada um tenha vivido uma experiência religiosa muito particular, há uma convergência no que se refere à formação de uma consciência ética. Ela está balizada em aspectos que vão ao encontro do que é proposto no projeto para uma ética mundial: O respeito à vida, materializada pela preocupação com o bem-estar do outro. O estabelecimento de uma ordem econômica justa, onde não haja dominação de um grupo por outro, reduzindo alguns indivíduos a uma condição de miséria e desamparo. A tolerância e uma vida de veracidade, colocando o humano como prioridade nas decisões e debates. Também uma cultura da igualdade de direitos, não só entre homens e mulheres, mas também entre indivíduos de diferentes origens étnica e cultural. Afirmar a existência de vivências ético-religiosas não pode ser algo desvinculado de toda trajetória de vida dos personagens, ainda que tenham optado por diferentes vias de demonstração.

A biografia sobre Martin Luther King publicada pela editora Paulinas em 2011 não se mostra tão otimista em relação às conquistas do Pastor no que se refere aos

direitos civis dos negros, enfatizando o crescimento paralelo de movimentos segregacionistas muito fortes e violentos e destacando figuras como Malcom X, que não apoiavam o movimento não-violento de King.

Este capítulo foi elaborado com base nas duas autobiografias dos personagens, que são os textos base a partir dos quais eles mesmos apresentam suas próprias vidas. Outras biografias de outras origens, escritas por outras pessoas, contemporâneas ou não, foram acrescentadas em alguns momentos para melhor ilustrar ou reforçar algumas ideias, avaliando o que poderia ser acrescentado ao que já está escrito. Uma pesquisa mais aprofundada sobre a vida dos personagens apontou a existência de alguns livros escritos por eles, relatando situações de suas vidas, mas que infelizmente não puderam ser lidos em sua totalidade e poderão entrar numa pesquisa posterior. No caso do Martin Luther King, as biografias em português são, em sua grande maioria, escritas a partir dessa autobiografia, o que não acrescentaria muito ao que já está escrito aqui. A ideia seria recorrer a algumas escritas em inglês e talvez a alguns dos livros escritos por ele. No caso de Gandhi, também seria possível acessar outras biografias, em outros idiomas que pudessem acrescentar ao que já está escrito e, talvez alguns outros escritos dele ao longo de sua vida conforme informado abaixo.

Algumas possibilidades de pesquisa biográfica sobre o Martin Luther King Jr., além das fontes que já foram anteriormente apresentadas ao longo do texto, seriam livros escritos por ele mesmo ou por outros autores ao longo de sua vida ou *post mortem*: *Stride Toward Freedom: The Montgomery story* (Passos para a liberdade: O caso de Montgomery), narrando a história dos boicotes aos ônibus em Montgomery. O livro é escrito em forma de romance, narrando os acontecimentos na cidade desde a chegada de King e sua família até o início do movimento de boicote aos ônibus. Esse livro conserva muitas semelhanças com a autobiografia e parece ter sido uma das principais fontes a partir das quais Carson retirou as informações sobre o episódio em Montgomery. *Strength to love* (Força para amar) caracteriza-se como um conjunto de dezesseis sermões pregados por ele e publicados em 1963. Eles versam sobre vários temas, inclusive a não-violência como King a via e protagonizava. Há também o livro escrito por sua esposa, traduzido para o português como: *Minha vida com Martin Luther King Jr.* Nesse livro, Coretta narra os episódios da vida de King a partir de seu olhar de esposa e mãe, acompanhando os acontecimentos de perto e, ao mesmo tempo, compartilhando-os com King. Outro livro também disponível é: *A Testament of Hope: The Essential*

Writings and Speeches (Um testamento de esperança: Os escritos e discursos essenciais). Nesse livro, como o próprio título já mostra, foi feita uma compilação de escritos pessoais, entrevistas e discursos realizados por King ao longo de sua vida e selecionados após a sua morte.

Existe também um centro de estudos sobre a vida e legado de Martin Luther King Jr. localizado em Atlanta, na Georgia. De acordo com as informações contidas no website o espaço chamado: *The King Center*¹⁸³ (O centro de King) é composto por uma livraria e arquivos, não só sobre a vida e obra de King, como também de outras personalidades ligadas ao movimento pelos direitos civis no mundo. O acervo inclui material impresso, documentos primários produzidos na época do movimento de dessegregação, além de material de áudio como entrevistas e apresentações de co-participantes do movimento pelos direitos civis. Pelas informações acessadas no site, o espaço funciona não só como centro de pesquisa, mas também como um centro de atividades culturais, com exposições, contação de história para crianças e celebração de acontecimentos importantes da vida de King através de cerimônias e atividades coletivas. O espaço foi criado em 1968 pela esposa de King Coretta e pretendia estimular a continuidade de suas propostas, especialmente a orientação sobre a não violência como um caminho para a eliminação da pobreza, do racismo e da violência.

Já no que se refere à leitura da vida de Gandhi, há também alguns livros escritos por ele diretamente ou formados a partir de coletâneas de escritos seus e que podem ser encontrados, assim como os de King, em inglês. A obra *Ashram observances in action* (observâncias do Asham em ação), que como o nome já indica explica algumas ideias fundamentais do seu pensamento: o *Satyagraha*, o *ahimsa*, *Brahmacharya*, entre outros – elementos que já foram apresentados ao longo dessas páginas. O livro *India of my dreams* (A Índia dos meus sonhos), composto por uma coletânea de trechos retirados de vários escritos de Gandhi que versa sobre diferentes temáticas, tais como: Educação, alimentação, religião, política etc. *Mahatma Gandhi: O Apóstolo da não-violência* e o *Gandhi*, que foram lidos como uma complementação da autobiografia. Há também uma reportagem interessante sobre o Gandhi na revista *National Geographic* de setembro de 2015: Gandhi, o mito ainda vive na Índia. Ela apresenta um pouco do legado de Gandhi na Índia e através de uma viagem por diversas regiões do país, analisa uma visão da população hoje sobre a figura de Gandhi. Além disso, existe o M.K Gandhi institute for

¹⁸³ *The King Center*, Disponível em: <http://www.thekingcenter.org/>, acessado em 19 de dezembro de 2017.

nonviolence.¹⁸⁴ que pretende ser um local de manutenção das ideias defendidas por Gandhi, especialmente a não-violência.

Todas as fontes aqui apresentadas demonstram a existência de uma vasta literatura produzida sobre os personagens através de escritos próprios e uma parte escrita por outros autores. Elas reforçam o destaque que a trajetória de ambos adquiriu ao longo dos tempos proporcionando a criação da aceitação de determinadas ideias e a ênfase recebida pelas figuras que até hoje são vistas como símbolos de um determinado movimento, associados principalmente aos ideais de desobediência civil e resistência não violenta. Além disso, a existência de centros de referência que têm como base a vida dos personagens demonstra que ambos deixaram um legado significativo que ainda hoje motiva grupos a rememorar algumas de suas principais propostas.

Capítulo 4

A busca por uma verdade: Vivências ético-religiosas

4.1 Por um diálogo social: Os direitos humanos

Neste primeiro tópico a principal discussão está atrelada à temática dos direitos humanos e sua representação como proposta de diálogo na sociedade e no mundo, no sentido de formação de uma vontade ética comum de respeito aos seres humanos. Essa pressuposição de uma necessidade de compartilhar direitos básicos dirigidos às pessoas, não é uma novidade nem do projeto para uma ética mundial e nem das biografias dos personagens aqui estudados. Pode-se dizer que essa consciência é muito antiga e remonta inclusive às primeiras civilizações da humanidade.¹⁸⁵ Buscando comparações com a história mais recente, por exemplo, a declaração dos direitos do homem e do cidadão da Revolução Francesa oferece contribuições significativas nesse campo, precursoras no que se refere a uma visão mais moderna dos direitos individuais dentro de uma sociedade civil.

¹⁸⁴ M.K Gandhi Institute for nonviolence. Disponível em: <http://www.gandhiinstitute.org/>, consultado 19 de dezembro de 2017.

¹⁸⁵ O código de Hamurabi, escrito na antiga mesopotâmia, é considerado por muitos historiadores como a primeira codificação de leis registradas pela humanidade, mas esse código possuía um princípio ético inerente a ele. Era a primeira vez que algum governante apresentava a preocupação de explicitar uma pena que estivesse de acordo com os valores da época e que fosse equivalente ao crime cometido. Até então, cada um podia fazer as suas próprias regras.

Outros exemplos de tentativas nesse mesmo sentido são a proposta da Declaração Universal dos Direitos Humanos, texto da Organização das Nações Unidas de 1948¹⁸⁶, assim como a proposta do projeto para uma ética mundial, ambas contemporâneas. De uma forma geral, todos esses documentos trazem em seu conteúdo uma tentativa de equalizar os povos colocando todos num mesmo patamar de justiça no acesso aos meios básicos de sobrevivência. Eles também denunciam em seu escopo um percurso histórico conceitual da ideia de ser humano e humanidade que não podem ser desvinculados da tradição da qual são oriundos. Sendo assim, representam algumas complicações ao pretenderem oferecer uma ideia de humanidade e humano como um dado universal. Só para exemplificar essa ideia, nas culturas orientais, o percurso histórico é completamente distinto daquele observado no mundo ocidental, inclusive algumas dessas civilizações são muito mais antigas com preceitos milenares.

Tendo isso em mente, pode-se avançar na ideia de direitos humanos em meio à diversidade. Essa proposta que define a garantia a cada indivíduo de um mínimo de dignidade diante do mundo globalizado apresenta-se também como uma questão fundamental no projeto para uma ética mundial e nas trajetórias dos líderes religiosos aqui analisados, tratando-se de um ponto de intersecção vital a ser considerado.

Os direitos humanos são concebidos pelo pensamento e prática convencionais como a-históricos. Daí a dificuldade em serem reconhecidos os direitos coletivos de povos e grupos sociais e vítimas de opressões históricas e a impossibilidade de ver nas violações dos direitos humanos, reconhecidas como tal, o sintoma de outras violações muito mais graves e massivas, ainda que não reconhecidas como tal.¹⁸⁷

A carta das Nações Unidas, por exemplo, faz referência à necessidade de existirem direitos humanos atemporais e aplicáveis em espaços diversos, já apresentando logo de início os ideais de liberdade, justiça e paz no mundo como os principais pontos a serem alcançados com esse documento. Ademais disso, ela defende que a falta de consciência em relação a esses três aspectos gerou nos últimos tempos casos de tirania e a opressão, assim como atos bárbaros que ultrajaram a consciência da humanidade. O documento pretende também apresentar subsídios para a cooperação entre as Nações e despertar nos indivíduos uma ideia de compromisso perante os

¹⁸⁶ Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948, Brasília, 1998.

¹⁸⁷ SANTOS, Boaventura de Sousa. *E se Deus fosse um ativista dos direitos humanos?* São Paulo: Cortez, 2013.p.100

demais, crendo que com isso será possível alcançar um mundo melhor. A declaração apresenta 30 artigos, destrinchando em cada um deles as principais ideias e organizando de maneira didática os pontos a serem defendidos e esclarecidos.

O documento apresenta também uma preocupação significativa com o ensino desses princípios que estão diretamente relacionados à educação familiar e formal além de incluir a participação de políticas nacionais e internacionais que deveriam, gradualmente, auxiliar na implementação desses princípios nas várias partes do mundo. Nos 30 artigos expostos nota-se a existência de preocupações diversas, temas como o repúdio à escravidão, à tortura e ao tráfico humano podem ser destacados assim como a liberdade de participar da comunidade na qual se vive e de escolha das preferências religiosas e de trânsito em diferentes localidades. O documento condena a existência de diferenciação sexual, racial, econômica ou intelectual que desqualifique alguns seres humanos em detrimento de outros, uma vez que todos têm o direito ao mesmo acesso à educação e meios básicos de sobrevivência. Os princípios são diversos e tangenciam vários pontos significativos para a ideia dos direitos humanos, mas como não é o objetivo do capítulo destrinchar os pontos da declaração, uma observação geral é suficiente para os objetivos aqui pensados.

Essas propostas defendidas pelo documento vão de encontro a algumas críticas de Santos, uma vez que a excessiva generalização de ideias muitas vezes não consegue contemplar todos os grupos e toda a diversidade existente e que demanda a existência de direitos humanos em alguma medida. O autor faz referência às minorias étnicas e grupos isolados que muitas vezes são vítimas de interesses políticos diversos e não possuem meios efetivos de lutar pelos seus direitos. Essa existência de interesses políticos e econômicos diferentes faz com que alguns grupos sejam privilegiados em detrimento de outros e que alcancem mais facilmente direitos que deveriam ser de todos de maneira igualitária.

Num primeiro olhar, toda essa discussão sobre quais direitos seriam inerentes ao ser humano parece algo extremamente justo e equitativo, já que essa perspectiva fortemente enraizada da existência de uma humanidade é algo quase como um conceito basilar das ciências humanas e até mesmo do senso comum nos dias de hoje. Essa defesa de que todos os seres humanos são parte de uma “família humana” e que todos são considerados iguais perante a lei ou perante um ser divino é uma construção histórica que por si só demanda uma análise de seu processo de construção ideológica. Porém,

quando se lança um olhar atento, observa-se que essa definição traz em si muitas limitações de cunho antropológico e filosófico que podem levar a uma longa discussão em termos culturais e especialmente históricos. Essa questão tangencia também as enormes diferenças culturais que caracterizam o Planeta e os desafios que essa diversidade impõe ao tema presente.

A questão pode formular-se deste modo: se a humanidade é só uma, por que é que há tantos princípios diferentes sobre a dignidade humana e justiça social, todos pretensamente únicos, e, por vezes, contraditórios entre si? Na raiz desta interrogação está a constatação, hoje cada vez mais inequívoca, de que a compreensão do mundo excede em muito a compreensão ocidental do mundo¹⁸⁸

Por outro lado, entende-se que essas iniciativas, apesar de apresentarem suas limitações, como mostra de forma crítica e direta o texto, representam um passo inicial no sentido de uma tentativa de compreensão entre os indivíduos, culturas e Nações e também da possibilidade de uma paz mundial. Essa pretensa utopia pensada desde o início dos tempos, mas intercalada por constantes experiências de conflitos armados entre povos nas mais diversas partes do globo terrestre, é perseguida incessantemente ou pelo menos é o que se propaga mundo afora. Se a paz é tão necessária e tão desejada, por que é tão difícil alcançá-la? Talvez essa seja uma das questões mais difíceis de se chegar a uma resposta. O problema não é a ausência da consciência de que o entendimento e a paz são necessários, mas sim como chegar a eles. Encontrar o caminho e manter-se firme nele é, ao que parece e de acordo com os manuais de história, o mais difícil.

A tentativa de um acordo sobre o que seria digno e pertencente a cada indivíduo como essência, abordagem essa que é vislumbrada pela ideia de direitos humanos é amplamente colocada em xeque por Santos. “O que normalmente não é referido é que, desde então até os nossos dias, os direitos humanos foram usados, como discurso e como arma política, em contextos muito distintos e com objetivos contraditórios.”¹⁸⁹ Para ele, essa ideia assume um caráter parcial e inacabado e deve ser analisada de maneira a considerar sua limitação semântica. Disso pode-se apontar como consequência a sua dificuldade de aplicabilidade na vida social diante das inúmeras diferenças culturais, além é claro dos desafios que a vida humana na Terra pressupõe.

¹⁸⁸ SANTOS, Boaventura de Sousa. *E se Deus fosse um ativista dos direitos humanos?* São Paulo: Cortez, 2013.p. 26

¹⁸⁹ SANTOS, Boaventura de Sousa. *E se Deus fosse um ativista dos direitos humanos?* São Paulo: Cortez, 2013. p. 19

Além disso, ele reforça a ideia de que muitas vezes essa proposta é utilizada de forma distorcida e para fins pessoais, o que afasta completamente da ideia inicial de cooperação e união em prol de um mundo melhor para todos.

No pensamento de Boaventura, uma questão significativa é imaginar como seria possível aplicar uma mesma linguagem de convivência em contextos tão distintos? Quais as possibilidades de se alcançar algum êxito nessa perspectiva? Além disso, ele defende que a crença de que todos os seres humanos são subsidiários dos mesmos direitos pode ser defendida de várias maneiras diferentes, a sua apresentação na forma dos direitos humanos configura-se apenas como uma das possibilidades de descrição. Para Santos, por alguma razão, essa ideia sobrepôs-se às demais formas de expressar a ideia:

O fato de as outras gramáticas e linguagens de emancipação social terem sido derrotadas pelos direitos humanos só poderá ser considerado inerentemente positivo se se mostrar que os direitos humanos têm um mérito, enquanto linguagem de emancipação humana, que não se deduz apenas do fato de terem saído vencedores.¹⁹⁰

No final das contas, a maneira como se coloca em prática a ideia é mais importante que a forma como se refere a ela. Quando falamos de direitos, ou necessidades, ou recursos humanos, isso não é algo tão relevante, o mais significativo é pensar que ainda que se encontre uma definição clara de princípios a serem seguidos, ela inevitavelmente irá esbarrar em inúmeras situações cotidianas. No caso dos países onde a pobreza é algo recorrente e onde a violação dos direitos considerados básicos é parte do cotidiano, o que se observa é a acomodação generalizada diante da situação e uma apatia diante do fato de que o não-acesso aos meios básicos de sobrevivência desqualifica humanamente os demais indivíduos: “Vivemos num tempo em que as mais chocantes injustiças sociais parecem incapazes de gerar a indignação moral e a vontade política necessárias para as combater eficazmente e criar uma sociedade mais justa e mais digna”¹⁹¹ Claro que é bem conhecida a permanência de situações descritas como condenáveis pela declaração de 1948, como por exemplo, a escravização de seres humanos, a tortura e outras formas de tratamento considerado desumano.

No caso do Brasil, por exemplo, essa situação não se restringe à pobreza e ao não acesso aos meios básicos de vida, mas a outros aspectos como a educação e o acesso ao

¹⁹⁰ Ibidem, p.19

¹⁹¹ SANTOS, Boaventura de Sousa. *E se Deus fosse um ativista dos direitos humanos?* São Paulo: Cortez, 2013, p. 10

conhecimento de maneira geral. Historicamente, os saberes eruditos estiveram restritos às elites e apesar de toda a luta de alguns setores em expandir o acesso a ela às classes mais populares, ainda não se criou nesses grupos uma consciência da importância do saber e de seu potencial transformador na sociedade. A situação é muito complexa e apresenta muitos desdobramentos de vários tipos que abrem margem para muitas discussões no que se refere à pretensa ideia dos direitos humanos. Para ilustrar a ideia, um documentário muito popular e produzido pela indústria cinematográfica brasileira disponível em alta definição no *youtube* narra o cotidiano de uma população num depósito de lixo em Porto Alegre. Apesar das várias críticas que podem ser feitas a ele, um olhar atento sobre a desigualdade do acesso aos recursos básicos de sobrevivência é uma circunstância irrefutável no vídeo que já se inicia com a seguinte afirmação: “Existe um lugar chamado Ilha das Flores, (lá) Deus não existe”.¹⁹²

O documentário apresenta o ciclo de produção e consumo de tomates, considerando aspectos do mercado, da movimentação econômica que ele gera desde o cultivo até a sua aquisição pelo consumidor no supermercado. Uma consumidora em especial, D. Anete compra no supermercado os tomates que foram produzidos na fazenda do Sr. Toshiro e quando chega em casa descobre que um deles está podre e este acaba sendo descartado, pois é considerado não apto para o consumo. O caminho percorrido por esse tomate podre é longo entre ser colocado no lixo, em seguida coletado pelo caminhão da empresa que o recolhe e o leva a um depósito de lixo nas cercanias da cidade onde um fazendeiro cria porcos. O lixo, no qual se encontra o tomate jogado fora por D. Anete, é despejado no chiqueiro e os porcos são liberados para ir até lá comer à vontade. Enquanto isso uma fila formada por pessoas incluindo idosos, crianças, mulheres grávidas e outros esperam do lado de fora da cerca, competindo pelos primeiros lugares. Depois que os porcos já estão satisfeitos e rejeitam a comida que sobrou, a cerca é aberta para os habitantes da Ilha que divididos em grupos de dez indivíduos, incluindo nesse número as crianças, recolham durante cinco minutos tudo o que puderem e quiserem. Em seguida, os que não saem de forma espontânea são rapidamente retirados pelos empregados da fazenda e um novo grupo é chamado a adentrar e servir-se da comida que os porcos não quiseram.

Essa associação entre a situação que é apresentada no documentário e a ausência de Deus é bastante interessante, abrindo as possibilidades para uma discussão acerca da

¹⁹² FURTADO, Jorge. Documentário Ilha das Flores, casa de cinema de Porto Alegre, 1988-9. Disponível em: <http://www.casacinepoa.com.br>, consultado em: 03 de setembro de 2017.

crença ou não Nele e na interferência do homem nas circunstâncias do mundo. Um detalhe instigante é pensar que tanto o produtor do tomate quanto a consumidora não fazem a menor ideia do destino final desse produto e possivelmente nem da existência de pessoas morando no depósito de lixo e vivendo da comida que os porcos rejeitam. Essas pessoas estão submetidas às condições sub-humanas de habitação, muitas não possuem dentes, a pele é enrugada e podre por causa do ambiente e das péssimas condições de higiene. Sem comentar as inúmeras doenças que devem circular pelo local e da imensa mortalidade e sofrimento que devem ser constantes para eles. A falta de dinheiro, educação e oportunidade degradam aquelas pessoas a uma vida insalubre sem perspectivas de futuro. A Ilha das Flores é apenas um microcosmo do que acontece em muitos outros lugares do Brasil e em outras partes do mundo e sem dúvida apresenta-se como um imenso desafio para os direitos humanos incorporando toda a sua fragilidade e toda a dificuldade de implementá-los.

Dessa forma, é significativo que se tenha a consciência de que esse tipo de situação acontece ao redor do mundo e que fere diretamente os princípios estabelecidos por todos esses documentos anteriormente mencionados. Essa permanência da injustiça social e da impunidade mostra-se como uma das preocupações não só na declaração da ONU, como também em vários outros documentos, entre eles o projeto para uma ética mundial que é objeto de análise dessa tese. A partir da constatação de que essas situações existem e que precisam ser exterminadas se de fato se quer alcançar um mundo mais harmonioso, a divulgação de ideias como as dos projetos precisa ser cada vez mais pulverizada pelo mundo e buscadas soluções locais e mundiais para exterminá-las a curto, médio e definitivamente a longo prazo. Nesse aspecto, pode-se extrair algumas propostas das biografias de King e Gandhi, já que partiram da consciência da injustiça e da desigualdade e posicionaram-se contrários a elas, fomentando em suas realidades locais discursos e ações que combatiam diretamente essa situação.

Ainda no que tange a essa questão, tendo como base o texto da declaração para uma ética mundial, assunto principal da presente tese, a situação é basicamente apresentada a partir do princípio da humanidade: “Todo ser humano – seja homem ou mulher, branco ou negro, jovem ou velho – deve receber tratamento humano”.¹⁹³ Essa ideia de tratamento humano se refere ao acesso aos meios básicos de sobrevivência, situação que nem sempre acontece na prática. As diferenças não podem justificar a

¹⁹³ KÜNG, Hans. *Para que um ethos mundial? Religião e ética em tempos de globalização*, conversando com Jürgen Hoeren. Edições Loyola, São Paulo, 2005. p.8

desigualdade em nenhuma medida, uma vez que elas contribuem para enriquecer a diversidade humana na Terra. Partindo dessa proposta, torna-se possível então buscar nas biografias dos personagens elementos que nos remetam a essa ideia, uma vez que a crença nos direitos de cada pessoa foi recorrente nas trajetórias de Gandhi e King, assim como em suas respectivas histórias de ativismo político.

No caso de Martin Luther King e sua experiência, fatalmente os vestígios da escravidão negra eram um fardo a ser considerado, uma vez que fora justamente nos locais onde ele atuou os espaços em que ela fora mais intensa. Toda a questão do racismo nessas regiões tinha a sua origem no passado escravista, e como já foi dito anteriormente, subjugar um ser humano à condição de ser propriedade de outro ser humano é sem dúvida uma grave violação dos direitos humanos. Apesar de extinta, a escravidão deixou marcas na sociedade norte-americana e fundamentou as leis segregacionistas por muitos anos, pois a ideologia que defendia que o homem branco era superior ao negro não fora exterminada definitivamente com o fim da escravização como política de Estado no século XIX. A história das mentalidades, assim definidas, caracteriza-se como o aspecto do tempo que muda de forma mais lenta, ainda que a lei ou qualquer outro documento estabeleça algo diferente. Esse fenômeno é muito claro na situação aqui apresentada, e de uma certa forma, até hoje a sociedade norte-americana mantém algumas dessas características.

Luther King conta em sua autobiografia que durante a sua infância foi, de certa forma, protegido pelos pais de ter acesso ao fardo da segregação e relata que também não entendia muito bem o que se passava. Ele narra duas situações marcantes durante seus primeiros anos de vida e que o fizeram começar a perceber que algo estranho se passava. Uma primeira foi o rompimento de sua amizade com um coleguinha da rua porque esse era branco e o pai o havia proibido de brincar com King por ser negro. Em casa de volta, seus pais tentaram explicar-lhe que era algo com o qual ele deveria se acostumar, pois fazia parte da lógica daquela sociedade. Outra situação foi a tentativa de comprarem sapatos numa loja, ele e o pai sentaram-se em cadeiras na frente da loja e o vendedor informou que só poderia atendê-los se fossem para os fundos. O pai de King ficou indignado e saiu da loja resmungando sua insatisfação com o sistema segregacionista. Ele relata a preocupação de seus pais e as dificuldades típicas dos pais negros na época, de como explicar a situação a uma criança: “Ela (mãe) me ensinou que eu devia ter a consciência de ‘ser alguém’, mas ao mesmo tempo tinha de sair e

enfrentar um sistema que me encarava diariamente dizendo ‘você é menos’, você ‘não é igual’.”¹⁹⁴ Inicialmente ele pensou que odiar os brancos seria a saída, mas anos depois preferiu adotar um outro caminho, lutando para que todos compreendessem o valor da igualdade.

Existem vários outros exemplos de como os negros eram tratados, a dificuldade de acesso aos meios básicos de sobrevivência, as escolas mais bem conceituadas eram restritas aos brancos, as melhores lojas também não podiam ser frequentadas por eles. Havia claramente uma inferiorização dos mesmos, geralmente restritos aos trabalhos considerados menos dignos ou que exigiam uma formação mais restrita uma vez que não se lhes fornecia a instrução necessária para alcançar os melhores postos de trabalho. Essa diferenciação era corroborada pela lei, ou seja, a desigualdade era legislada, portanto bastante difícil de ser combatida.

Mahatma Gandhi também sentiu na pele a segregação, mas num outro contexto. Assim como King, ele fora protegido durante a infância, sua família ocupava uma posição social considerável na sociedade indiana que, como já foi dito em momentos anteriores da tese, era baseada no sistema de castas que pressupunha a existência da desigualdade social. Em verdade, Gandhi só percebeu realmente a existência dessa situação durante os anos em que morou na África do Sul, nem mesmo durante seus anos de estudo em Londres tal situação ocorrera de maneira tão forte em sua vida. Toda a sua tomada de consciência e o início da sua vida pública se deu durante o tempo trabalhando como advogado para uma empresa exportadora indiana na África. Apesar de ter uma posição social lá e um bom emprego, o fato de ser considerado negro o colocava numa escala inferior, situação narrada em vários episódios da sua autobiografia e em outros livros sobre sua vida. Um relato bastante interessante é o que conta sobre um dos primeiros episódios de sua experiência na África do Sul:

Aos 23 anos, em 1893, logo depois de ter chegado à África do Sul como advogado de uma empresa exportadora indiana, Gandhi escreveu uma frase que me deixou impressionado: “Sempre foi um mistério para mim como os homens podem sentir prazer em humilhar seus semelhantes”. Ele acabara de ver indianos serem forçados a caminhar na sarjeta para que os brancos pudessem passar sem problemas pela calçada.¹⁹⁵

¹⁹⁴ CARSON, Clayborne. *A Autobiografia de Martin Luther King* (1929-1968). Tradução Carlos Alberto Medeiros, 1ª edição, Rio de Janeiro, editora Zahar, 2014. p.15

¹⁹⁵ ATTENBOUROUGH, Richard (Org.). *A sabedoria de Gandhi*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008. p.7

Essa situação de subjugação do outro é, sem dúvida, um traço repudiado por Gandhi em sua trajetória e essa foi uma das maiores motivações para o enfrentamento que iniciou durante grande parte de sua vida. Um outro episódio ocorreu num momento em que precisou cortar o cabelo e o serviço lhe foi negado pelo fato de ter a pele escura.

Não se pode culpar o barbeiro por se recusar a cortar o meu cabelo. Se servisse a homens de cor, provavelmente perderia sua clientela. Também não permitimos que nossos barbeiros sirvam aos nossos irmãos intocáveis. Recebi o troco dessa atitude na África do Sul, não apenas uma vez, mas várias, e a convicção de que estava sendo punido por meus próprios pecados evitou que me enfurecesse.¹⁹⁶

Dessa forma, apesar das muitas demandas ainda não alcançadas com a devida abrangência pelas ideias propostas pelos projetos, é possível crer que, em algum momento, elas foram colocadas em prática ou tentadas de alguma forma. Por mais que encontrem limitações nas próprias ações humanas, ambas configuram-se como uma tentativa de promover um mundo mais coeso e fraterno. Alguns pontos são comuns tanto ao projeto para uma ética mundial quanto para os personagens em suas respectivas biografias. De uma forma geral, os direitos humanos oferecem, sem sombra de dúvida, a sua contribuição no sentido de estreitar laços entre as Nações e garantir que de alguma maneira a cada ser humano seja atribuída um mínimo de dignidade e respeito. Entretanto, como conceito e principalmente em sua aplicação prática, ele apresenta muitas limitações e isso de fato é algo que deve ser considerado, ainda que não impeça que se conquistem ganhos sociais significativos.

4.2 A importância da paz: O princípio da não-violência

Além do aspecto apresentado na parte anterior relacionada à criação da ideia de direitos básicos inerentes ao ser humano como um dos princípios basilares para alcançar um mundo mais justo, está presente também no projeto para uma ética mundial a adoção da não-violência como estratégia fundamental de convivência e respeito ao outro. Nos contatos entre indivíduos não é incomum existirem desigualdades. Essas situações de dominação ocorrem em vários níveis diferentes de violência, podendo ser estas analisadas de várias formas distintas. Na linguagem atual, a violência se apresenta de formas múltiplas, por meio de palavras, gestos, manipulações de caráter psicológico que

¹⁹⁶ GANDHI, Mohandas Karanchandi. *Autobiografia: Minha vida e minhas experiências com a verdade*. São Paulo, Palas Athena, 1999. p. 194

afetam diretamente a maneira como o indivíduo presente nessas relações se enxerga na sociedade. Quer se concorde com ela ou não, a violência é uma realidade humana comum, ao mesmo tempo que bastante controversa, perpassando os mais variados campos da vida desde os tempos mais remotos.

O ideal de não-violência foi analisado e teorizado por diversos autores ao longo da história e se apresenta como uma iniciativa bastante conhecida, presente em diversas tradições religioso-filosóficas inspiradoras de ensinamentos para os homens e as sociedades. No caso de Jesus Cristo, por exemplo, cuja história é muito conhecida e inspiradora para muitos - inclusive para Hans Küng- autor do projeto para uma ética mundial, a não-violência foi um aspecto muito significativo de suas palavras e de sua prática. Ensinada de maneira entusiástica através de histórias e de seu exemplo, Jesus criou em torno de si uma rede de seguidores que passaram a compartilhar desse mesmo ideal. Ao ensinar o amor pelo próximo, Jesus pretendia também tocar no mais profundo das relações, colocando todos os seres humanos num mesmo patamar de importância e ressaltando a interdependência entre eles. Essa perspectiva está presente em outras tradições, não só na judaico-cristã, como já foi mostrado no capítulo anterior ao falar sobre a trajetória de Gandhi. Na tradição hinduísta essa ideia também está presente e em muitas outras religiões, de maneiras diferentes, mas como um mesmo núcleo de pensamento.

Partindo dessa ideia e da consciência da não violência, uma primeira forma de observação do tema está em como investigar essa ideia, como ela pode ser teorizada. Para alguns autores, ela possui uma intencionalidade clara, não significando unicamente a ausência da violência. Ela apresentaria características de uma reação emocional genuína em que o indivíduo se tornaria capaz de enxergar nos outros indivíduos alguém a quem atribuir sentimentos bons, como amor e compaixão:

Considero importante reconhecer aqui que a não violência não é a mera ausência da violência. É algo mais positivo, mais significativo que isso. A verdadeira expressão da não violência é a compaixão, que não é apenas uma reação emocional passiva, mas um estímulo racional para a ação. Experimentar compaixão genuína é desenvolver um sentimento de proximidade com outros, combinado com um senso de responsabilidade pelo bem-estar deles.¹⁹⁷

¹⁹⁷ KURLANSKY, Mark. *Não-violência: A história de uma ideia perigosa*. Rio de Janeiro, editora objetiva, 2013. (Prefácio escrito por Sua Santidade o Dalai Lama) p.11

Essa citação problematiza um pouco a ideia da não violência vista não como um conceito estático, mas acompanhado de uma certa dinâmica no compartilhamento entre os sujeitos que estão sendo movidos por um sentimento de afetuosidade mútua ao mesmo tempo que interagem. Dessa maneira, a proposta da não violência ganha uma lógica conceitual que transcende a simples perspectiva de ser uma negação da violência. É-lhe atribuída uma significação mais profunda, ela se torna um movimento de dentro para fora, brotando como um valor a ser carregado pelo indivíduo em todas as relações que desenvolve a partir dali. É claro que essa análise configura-se apenas como uma possibilidade de análise do conceito, uma vez que existem muitas opções de leitura sobre a temática e obviamente não se pode explorar todas aqui, entretanto, a perspectiva de reconhecê-la como algo além da ausência da violência já é bastante significativo para a compreensão do presente estudo. A ideia de não violência expressa no projeto para uma ética mundial é muito próxima desta, pois acredita tratar-se de uma postura mais profunda e que deve ser adotada como uma filosofia de vida. A escolha por não causar mal ao outro em qualquer circunstância expressa, de uma certa forma, a regra de ouro. Ela propõe não fazer o mal aos outros da mesma maneira como essa mesma pessoa tão pouco gostaria de receber o mal, dessa forma esse ciclo do dar e receber o bem é o que deve permanecer como o cerne das relações.

Para além de tudo o que já foi dito, o mesmo autor Mark Kulansky acredita que a perspectiva e a prática da não violência oferecem mais que seu conteúdo, representa como desdobramento uma mudança radical na forma de organização da sociedade. Ela apresenta um grande potencial transformador que tende a incomodar principalmente nas sociedades onde a ordem é mantida por meio da violência ou de um certo autoritarismo. Quando ela deixa de ser um meio de coerção do indivíduo, perde sua força e passa a não ser mais uma forma eficaz de controle. Nesse momento, o poder que antes era estabelecido por meio da violência torna-se obsoleto e é necessário buscar um novo equilíbrio de forças que já fragilizou o poder antes estabelecido. Assim ocorre a mudança social e grandes transformações são conseguidas nas mais diversas formas de sociedade:

(A não-violência) foi marginalizada porque é uma das raras ideias verdadeiramente revolucionárias, uma ideia que busca mudar completamente a natureza da sociedade, uma ameaça à ordem estabelecida. Sempre foi tratada como algo profundamente perigoso.”¹⁹⁸

¹⁹⁸ KURLANSKY, Mark. *Não-violência: A história de uma ideia perigosa*. Rio de Janeiro, editora objetiva, 2013. p.1 e 2

Essa citação apresenta uma análise muito instigante sobre a não-violência, uma vez que o autor defende ser ela uma ideia extremamente revolucionária. As razões para essa afirmação são várias, pois como mostrou Jesus Cristo e outros ao longo da história, ela realmente tem potencial para desestabilizar as mais sólidas estruturas de poder na sociedade. A aplicação da violência principalmente de caráter físico é a forma mais comum de dominação e de pacificação das pessoas que são submetidas por ela através do medo. Uma vez essas submetidas acabam forçadas a manter determinados tipos de conduta e a reproduzir sempre o mesmo tipo de sociedade. Isso se tornou uma forma de coagir os indivíduos a manterem-se dentro de um padrão de comportamento que é esperado, perpetuando estruturas sociais que muitas vezes inibem as pessoas em sua individualidade ou que limitam as possibilidades de mudança social. Essa crença de que a não violência assume uma capacidade transformadora significativa é uma das principais chaves de leitura para a mesma nesse estudo, já que se pretende que sua aplicação promova mudanças nos indivíduos e na sua forma de pensar e agir no mundo.

O autor avança na argumentação sobre o tema, acrescentando mais elementos a serem debatidos e analisados, agora explicitando o ideal de não violência como um diferencial assumindo características de persuasão e prevalência de ideias:

Não-violência não é o mesmo que pacifismo, para o qual existem outras palavras. O pacifismo é tratado quase como uma condição psicológica. É um estado de espírito. O pacifismo é passivo, mas a não-violência é ativa. O pacifismo é inofensivo e, portanto, mais fácil de aceitar que a não-violência, que é perigosa. Quando Jesus Cristo disse que uma vítima deveria dar a outra face, estava pregando o pacifismo. Mas quando ele disse que um inimigo deveria ser vencido por meio do poder do amor, estava pregando a não-violência. A não violência, exatamente como a violência, é um meio de persuasão, uma técnica de ativismo político, uma receita para prevalecer. Ela requer muito mais imaginação para planejar meios não-violentos – boicotes, protestos passivos de pessoas sentadas, greves, teatro de rua, manifestações – do que usar a força. E nem sempre há um acordo sobre o que constitui a violência. Alguns defensores da não violência acreditam que boicotes e embargos que causam fome e privação são uma forma de violência. Outros acreditam que usar meios de força menos letais, como o lançamento de pedras ou balas de borracha, é uma forma de não violência. Mas a crença central é que formas de persuasão que não usam força física, não causam sofrimento, são mais eficazes; e, embora haja com frequência um argumento moral em favor da não violência, o cerne da crença é político: que a não violência é mais eficaz do que a violência, que a violência não funciona.¹⁹⁹

¹⁹⁹ KURLANSKY, Mark. *Não-violência: A história de uma ideia perigosa*. Rio de Janeiro, editora objetiva, 2013. p.17.

Essa citação fornece muitos subsídios para uma análise teórica mais aprofundada sobre o tema e proporciona uma ampliação na leitura proposta, acrescentando outros aspectos à análise. Primeiro ele defende a existência de uma diferença entre pacifismo e não-violência, esclarecendo que o primeiro é passivo e consiste em só aceitar a violência sem combatê-la de nenhuma forma. No caso da não violência, ela assumiria características de resistência sendo referida como uma forma de persuasão, mas não através da imposição de poder e autoridade. Como diz o autor na citação, através do poder do amor e não a força bruta. Esse convencimento se dá por meio da elaboração de estratégias que vão desde os exemplos mais comuns como manifestações de rua e boicotes até outros menos conhecidos como produzir formas lúdicas de comunicação de ideias, como teatros e composições artísticas em geral. Ambas as formas de resistência não-violenta exigem trabalho na criação de alternativas, requerendo inclusive que haja uma organização intelectual e física mais definida e escalonada, no passo a passo de como deve ser feito.

Tendo como ponto de partida essas ideias, o autor define que todas as formas de convencimento que não se utilizam da violência são mais eficazes no sentido de alcançar a transformação social. Ele apresenta também a existência de uma moral que estaria atrelada ao não uso da violência, e mais ainda: Esclarece que ela se refere a uma questão muito mais política de engajamento no processo de mudança na sociedade. É interessante perceber que essa definição vai ao encontro do que é observado nas biografias dos personagens analisados e na definição que o projeto para uma ética mundial faz dessa mesma temática. Muito pode ser discutido sobre essa proposta e também muitas contestações podem ser feitas a ela de formas muito diferentes, conforme será apresentado no texto do projeto e nos seus comentários.

Depois de toda essa análise teórica sobre a ideia de não violência, cabe aqui um importante questionamento: Sendo este princípio tão antigo e tão conhecido, é de se interrogar sobre a dificuldade em aplicá-lo e as poucas experiências de vivenciá-lo, apesar de sua comprovada eficácia. Tal questionamento se coloca num mundo onde a paz teve quase sempre um papel coadjuvante na história dos povos levando-se em conta os períodos ininterruptos de guerra que o mundo sempre viveu. Desde que se pode contar a história do Planeta, sabe-se que houve alternância entre guerras, destruição e acordos de paz infrutíferos ou pouco eficazes a longo prazo. A não violência ainda é um ideal fácil de ser vislumbrado, porém muito difícil de ser alcançado, assim como a paz entre os

povos, uma vez que ambos esbarram em problemas múltiplos de relações entre nações, grupos e pessoas. Para muitos, por mais que se reconheça a importância da paz, ela ainda é encarada como parte de um dos ideais utópicos na história da humanidade, por outro lado, existem iniciativas de todo tipo que a veem como uma demanda urgente do mundo hoje caso a vida humana na Terra pretenda continuar a existir.

No texto do projeto para uma ética mundial, o princípio da não-violência está presente como um dos elementos mais importantes a serem considerados dentro de uma proposta de vivência ética e de busca pela paz. A violência em suas várias facetas: Física, psíquica ou outras é definitivamente condenável e deve ser evitada a todo custo caso se pretenda alcançar um equilíbrio harmonioso entre os povos. O texto da declaração também apresenta uma preocupação com a discriminação de minorias que, como já se sabe, foi um motor gerador de violência em muitos momentos. Esse direcionamento de todo o ódio para grupos que muitas vezes não possuem meios de defesa acaba subjugando-os e condenando-os a uma vida miserável ou até mesmo à morte. É possível encontrar na história vários momentos em que isso ocorreu, só para citar alguns casos mais conhecidos, o holocausto de judeus durante a segunda guerra mundial e hoje o caso dos Testemunhas de Jeová na Rússia.

Uma vez que ninguém nasce preconceituoso e que isso é aprendido ao longo da vida, a família e a escola podem ter papel decisivo nessa escolha e na maneira como os indivíduos vão se comportar uns em relação aos outros. Através da convivência com outras pessoas que adotam esse tipo de postura, o projeto defende que a existência de uma educação baseada na crença de que a violência não é um meio lícito para a resolução de conflitos e a define como um possível caminho para minimizar os efeitos destrutivos da mesma. No texto da declaração está escrito que:

Pessoa alguma tem direito de torturar outra, seja física ou psiquicamente, nem de ferir, nem muito menos de matar outrem. E nenhum povo, nenhum Estado, nenhuma raça ou religião têm o direito de discriminar uma minoria, de natureza ou credo diversos, nem proceder a qualquer “purificação”, exilá-la, nem muito menos aniquilá-la[...]Por isso, os jovens já deveriam aprender na família e na escola que a violência não pode ser instrumento para a confrontação com outras pessoas. Só assim se pode criar uma *cultura da não-violência*.²⁰⁰

Esse outro trecho fala sobre uma questão bastante importante para a presente discussão: A violência também é utilizada como uma forma de ratificação da

²⁰⁰ KÜNG, Hans e SCHMIDT, Helmut. *Uma ética mundial e responsabilidades globais*. Edições Loyola, São Paulo, 2001. p. 25

discriminação em relação a alguns grupos ou minorias. Na realidade, ela acaba sendo uma consequência dos preconceitos existentes na sociedade ou devido àqueles gerados pela intolerância de vários tipos: Religiosa, cultural, racial entre outras. Essa aversão ao que é diferente pode se estender para diferentes âmbitos da vida representando ao mesmo tempo a imensa diversidade do mundo e a dificuldade que o próprio ser humano tem de lidar com ela. A ideia de purificação social é um exemplo disso, muitas vezes ela aparece embutida em outros princípios e acaba sendo transformada em algo positivo, pois eliminaria aquilo que atrapalha a ordem vigente ou um determinado plano ideal de sociedade. Um exemplo bem claro disso estava na tentativa de eliminação dos judeus durante o regime nazista no século passado, encarados como o mal que obstaculizava um tipo de sociedade almejada e por isso deveria ser extinto.

Atualmente esse tipo de crença ainda se perpetua, direcionado a vários outros grupos, religiosos ou não. Um caso bastante em voga é o dos muçulmanos, encarados como os grandes vilões da atualidade devido aos ataques terroristas e a veiculação de vídeos do Estado Islâmico nas mídias sociais. Hans Küng escreveu um artigo sobre o tema a partir da leitura do islã nessas condições, porém seu objetivo principal era ressaltar que os grupos extremistas podem ser encontrados nas diversas religiões e que é necessário realizar uma leitura sócio-histórica para compreender o atual contexto das religiões encarando a situação de maneira ampla. A proposta do artigo não é, obviamente, justificar a violência desses ataques, mas oferecer ao leitor uma visão crítica da realidade, apresentando elementos de outras religiões que também podem ser configurados como atitudes *in extremis* com consequências catastróficas. Ou seja, não é somente a violência praticada por grupos islâmicos radicais o que gera mortes e sofrimento, mas sim qualquer atitude que atente diretamente contra a vida de outrem.

Sejamos honestos: Quem quiser responsabilizar o islamismo por sequestros, atentados suicidas, carros-bomba e decapitações praticadas por alguns extremistas obcecados, deverá condenar também o cristianismo ou o judaísmo pelas barbaridades contra os prisioneiros, pelos bombardeios e ataques de blindados (cem mil civis mortos, só no Iraque) do exército americano e pelo terror do exército de ocupação de Israel na Palestina. Quando a luta pelo petróleo no Oriente Médio e em outros lugares é apresentada como ‘luta pela democracia’ e ‘guerra contra o terrorismo’, está se querendo ludibriar o mundo – ainda bem que sem resultado.²⁰¹

²⁰¹ KÜNG, Hans. O islamismo: Rupturas históricas-desafios hodiernos. *Revista Concilium*. 313-2005/5. p.

A questão da não-violência se coloca no mundo de hoje como uma discussão de amplo alcance e abrindo uma pauta de questões bastante significativa uma vez que sua implementação está relacionada à capacidade de lidar com inúmeras situações, como aquelas vistas no trecho acima. Diante delas, surge o impasse de como definir o que de fato é melhor para cada um dos povos da Terra e principalmente como fazer com que essas questões afetem o mínimo possível a vida das pessoas para evitar que elas sofram com a violência gerada por conflitos que não dizem respeito a elas. Essa ideia de que existe um lado certo e que o outro precisa ser eliminado em nome da democracia é potencialmente destrutiva e impede que cada sociedade escolha sua própria forma de vida. A história do mundo nos últimos séculos oferece vários exemplos disso, só para citar um bastante conhecido: A situação de grande parte dos países africanos que sofreram com a tentativa de torna-los civilizados durante o século XIX. Essa política de imposição de costumes e modos de ser como verdades absolutas foi altamente prejudicial para eles que nos dias atuais ainda não conseguiram recuperar suas identidades por completo e ainda são depositários de uma enorme influência dos países dominadores. A maioria das pessoas no mundo desconhece a riqueza natural que existe no continente, além de considera-los povos aculturados e sem atrativos. Entretanto, quando se analisa a fundo, descobre-se que o continente apresenta uma variedade linguística, cultural e religiosa significativa e muito mais que é desconhecida de grande parte da população dos outros continentes. É óbvio que não se pode refazer a história, mas é possível através do conhecimento evitar que estragos semelhantes sejam feitos e perpetuados.

Ao pensar as questões apresentadas acima relacionadas à aceitação da diversidade e a convivência inevitável com ela, pode-se levantar outros questionamentos também em relação à possibilidade de aplicabilidade da não violência em contextos diversos. Interpela-se sobre a dificuldade em aplica-la em determinadas situações de violência extrema tais como genocídios e outras caracterizadas como barbárie. Seria realmente possível pensar em resistência pacífica ou não violência diante de situações de intensa disparidade de forças? Considerando esses termos, no texto do projeto para uma ética mundial, está definido que não se pode aceitar a violência sem resistir a ela, mas essa resistência deve ser não violenta sempre que possível:

Conclui-se disso que o direito à autodefesa é claramente afirmado tanto para o indivíduo como para o coletivo – mas no contexto de uma cultura da não-violência ele se aplica apenas *in extremis*, a saber, quando não faz sentido a resistência pacífica. Diante da brutalidade, da barbárie e do genocídio, diz-se que a autodefesa é permissível. Não se pode

simplesmente aceitar de modo pacífico mais um holocausto de um povo, seja ele qual for. De outro lado, não se deve oferecer uma fórmula simples de legitimação para nenhum tipo de intervenção militar: nenhuma “guerra justa” a serviço de interesses descaradamente econômicos, políticos e militares será justificada desta maneira.²⁰²

A questão da autodefesa deve ser considerada como um aspecto de grande importância, inclusive entre os acordos diplomáticos, porque ela toca na ideia fundamental do direito à vida ao mesmo tempo que esbarra nas inúmeras dificuldades de implementação de direitos de minorias. Outro elemento bem importante que é lembrado no texto do projeto está em pensar a maneira como as intervenções militares ou bélicas foram feitas nos mais variados contextos ao longo da história. Muitas vezes guerras foram forçadas com pretextos de paz quando na verdade estavam servindo aos interesses de grupos em particular e muitas vezes desconsiderando possíveis vítimas inocentes. Por outro lado, nesse ponto se apresenta uma grande encruzilhada: Como definir em quais contextos seria lícito fazer guerra? Quem teria autoridade suficiente para tomar esse tipo de decisão? Como se define a autodefesa? Todas essas são questões bastante complexas e desafiantes no sentido de chegada a uma resolução imparcial. Além disso, esse trabalho não tem pretensão de responder a todos esses difíceis questionamentos, apenas sinalizar a existência e a importância dos mesmos para se pensar o futuro da vida existência humana na Terra.

A não-violência é, ao meu ver, uma coisa que poderia unir as religiões. Em todas as tradições religiosas existe essa exigência da não-violência. Por outro lado, também se manifesta a violência em todas as religiões. Não é verdade que todas as religiões asiáticas sejam, à priori, não-violentas. Vimos que hindus podem ser extremamente violentos, como por exemplo contra muçulmanos. Temos relatos sobre monges budistas muito violentos na China e no Japão. Onde as pessoas vivem juntas existe sempre também a violência. O homem se sente sempre tentado a conseguir contra a vontade dos outros aquilo que não lhe é dado espontaneamente, e o que ele não alcança por meio do convencimento intelectual ele procura alcançar pelo uso da violência e até o derramamento de sangue.²⁰³

Assim como defende Hans Küng no trecho acima, Mohandas Gandhi e Martin Luther King exemplificam a proposta de que o ideal de não violência está presente em todas as grandes religiões e que esse é um dos pontos fortes de interseção entre elas. Como já foi afirmado em outros momentos da tese, apesar das diferenças, as religiões

²⁰² KUNG, Hans e SCHMIDT, Helmut. *Uma ética mundial e responsabilidades globais*. Edições Loyola, São Paulo, 2001. p.71 e 72

²⁰³ KÜNG, Hans. *Para que um ethos mundial? Religião e ética em tempos de globalização, conversando com Jurgen Hoeren*. Edições Loyola, São Paulo, 2005. p.78 e 79.

possuem muitos pontos em comum que poderiam ser bem mais observados no sentido de criação de uma cultura do entendimento e da paz. Essa exortação pela busca dos pontos em comum assume uma importância significativa, pois tende a dirimir conflitos e aumenta as chances de entendimento uma vez que passa-se a enxergar o outro como alguém mais próximo, que compartilha dos códigos de sentido. A partir dessa perspectiva e da consequente existência de princípios éticos comuns incorporados no ideal de vivências ético-religiosas, torna-se possível encontrar um caminho para a concretização da paz. Como vem sendo apresentado, esse caminho é claramente cheio de dificuldades, mas não impossível se cada pessoa for capaz de assumir sua parte nessa empreitada. Conforme foi apresentado no capítulo 3 e está sendo reforçado em outras partes da tese, independente da religião que se pratique, é possível compartilhar atitudes básicas em relação aos outros. E mesmo que não se pratique nenhuma religião em especial, é possível acreditar nos ideais de justiça, igualdade e respeito que por si só incorporam uma contribuição imensa para o desenvolvimento do caráter e da personalidade dos indivíduos.

Como afirma Hans Küng na citação acima, a violência é um termo que ainda gera muitas contradições porque ao mesmo tempo que é rejeitado, está muito presente em todas as religiões, conforme se vê exemplificado nas biografias e nos meios de divulgação. Mesmo pessoas vinculadas à religião muitas vezes se utilizam da violência alegando trabalhar em nome de sua crença, como ocorre em vários exemplos diários no Brasil e no mundo. Há pouco tempo um enorme movimento foi realizado entre os alunos da rede municipal do Rio de Janeiro porque uma aluna praticante das religiões afro-brasileiras foi apedrejada na rua ao sair dos rituais próprios de sua religião trajando suas vestimentas típicas. Essas atitudes agressivas, na interpretação de alguns estudiosos sobre o tema, representam uma contradição em si uma vez que a religião jamais incitaria a violência. Não se pode julgar toda a história e tradição de uma religião com base na atitude de algumas poucas pessoas se a essência da mesma tem por base ideais de solidariedade. Na proposta do *ahimsa*, conforme definida por Gandhi, além do que já foi apresentado nos capítulos anteriores e que ainda será acrescido, há uma análise da violência como um círculo retroalimentável que só pode ter como consequência a destruição dos semelhantes:

Em segundo lugar, é uma técnica destinada a prevenir o conflito entre raças, comunidades e países. ‘Virai o farol para dentro’ insistia ele repetidamente, talvez a falta seja, em parte, nossa. Adjudicai, negociai, arbitrai’ suplicava ele, ‘do contrário uma rixa inter-religiosa, ou um

incidente racial, dará, imediatamente, combustível para outro; e uma guerra originará os venenos, os medos e os planos militares que tornam mais provável a eclosão de uma segunda e de uma terceira. A violência perpetua-se por si mesma.²⁰⁴

Conforme apresentado, essa opção pela não-violência foi um elemento determinante nas trajetórias de Gandhi e King, ainda que cada um tenha considerado uma interpretação muito própria dessa ideia, colocada em prática dentro da realidade que se apresentava para cada um deles. Ao colocarem em ação suas respectivas teorias de vivências ético-religiosas, eles optaram pela não utilização da violência de qualquer tipo como um pilar fundamental. Essa ideia de que a violência acaba gerando mais violência é bem pertinente quando se realiza uma análise social das consequências da mesma.

De uma maneira semelhante, Luther King também baseou grande parte de sua crença e sua luta na colocação em prática da não violência, na busca pela paz e pela justiça social. Ele pensava como Gandhi, acreditando que a violência só traria mais e mais sangue: “O terrível pesadelo da violência e da contraviolência é uma das nódoas mais trágicas na história do negro neste país.”²⁰⁵ Ao fazer uma análise do processo de formação do povo norte-americano, a chegada dos negros ao território dos Estados Unidos por si só já era uma prova de que tudo começou pela violência. Eles foram levados de forma predatória e submetidos às condições degradantes de vida, vivenciando a violência todos os dias de suas vidas. King pretendia que sua luta não-violenta contribuísse para afastar seus irmãos negros desse passado de sofrimento e degradação, tentando reconstruir sua dignidade em novas bases. A maneira como ele aplicou esse princípio e quais métodos foram utilizados para tal serão melhor apresentados no próximo capítulo, porém cabe aqui referendar a sua enorme crença na eficácia da não-violência.

Desde seu primeiro contato com a ideia durante a vida estudantil, King apresentou um certo fascínio por ela, demonstrando interesse em conhecê-la cada vez mais a fundo. Ele ouvia sobre a maneira como Gandhi a aplicava e ficava fascinado pelas histórias que chegavam aos seus ouvidos, principalmente porque reconhecia naqueles relatos muitas semelhanças com o que conhecia sobre a vida de Jesus. Essa é sem dúvida uma característica em comum muito forte entre os dois personagens, além

²⁰⁴ FISHER, Louis. *Gandhi*. São Paulo, círculo do livro, 1982. p. 191 e 192

²⁰⁵ CARSON, Clayborne. *A Autobiografia de Martin Luther King (1929-1968)*. Tradução Carlos Alberto Medeiros, 1ª edição, Rio de Janeiro, editora Zahar, 2014. p. 317

da ideia que ambos tinham de acreditar profundamente no papel da não violência como elemento transformador da realidade social. Como resultado, estava uma meta amplamente desejada: A criação de uma cultura da paz.

A paz mundial por meios não- violentos não é absurda nem inatingível. Todos os outros métodos falharam. Assim, precisamos recomeçar. A não-violência é um bom ponto de partida. Aqueles de nós que acreditamos nesse método podem ser as vozes da razão, da sanidade e da compreensão em meio àquelas da violência, do ódio e da emoção. Podemos muito bem estabelecer um clima de paz a partir do qual se possa construir um sistema de paz.²⁰⁶

Interessante notar que, existia uma crença real na possibilidade da paz e principalmente por meios que não utilizassem a violência, e esse foi sempre o objetivo máximo das buscas dos personagens conforme definiram. Essa visão otimista do futuro acompanhou as trajetórias de ambos que demonstravam através de uma luta verdadeira a crença sincera na possibilidade de um futuro sem violência, onde a paz entre as religiões e os Estados fosse alcançada. Essa visão otimista também acompanha o texto da declaração para uma ética mundial que, partindo da proposta religiosa, define-a como um caminho a ser trilhado, um objetivo a ser alcançado e como uma forte possibilidade de criação de um futuro melhor para o Planeta. Outro ponto importante a ser explorado nesse contexto é a ideia da representatividade do todo, de um ideal a ser buscado por toda uma coletividade e não apenas por indivíduos isolados. Essa ideia da participação do grupo apresenta um significado relevante uma vez que reparte os benefícios e obrigações entre todos, obrigando cada um a se posicionar diante dos acontecimentos. Quando Gandhi e King falavam para as multidões e as incentivavam a participar das atividades ou quando dividiam com outros as principais tarefas, eles os estavam fazendo perceber que a busca por um mundo mais justo deveria partir de todos e não somente de alguns poucos. Por essa razão, o pastor King pensava que:

Embora a natureza deste relato me faça usar frequentemente o pronome ‘eu’, em todas as partes importantes da história ele deveria ser ‘nós’. Não se trata de um drama com um único ator. Mais precisamente, é a crônica de 50 mil negros que levaram a sério os princípios da não violência, que aprenderam a lutar por seus direitos com as armas do amor e que, nesse processo, atingiram uma nova avaliação de seu próprio valor humano.²⁰⁷

²⁰⁶ CARSON, Clayborne. *A Autobiografia de Martin Luther King (1929-1968)*. Tradução Carlos Alberto Medeiros, 1ª edição, Rio de Janeiro, editora Zahar, 2014. p. 312

²⁰⁷ CARSON, Clayborne. *A Autobiografia de Martin Luther King (1929-1968)*. Tradução Carlos Alberto Medeiros, 1ª edição, Rio de Janeiro, editora Zahar, 2014, p. 360

Essa ideia de humanidade e de princípios a serem buscados por toda uma coletividade mostra, ao mesmo tempo, a importância da liderança enquanto aquele que irá organizar as ideias e da participação de todos os demais envolvidos, todos em conjunto são capazes de promover a mudança almejada. Assim como defende Hans Küng, os demais signatários do projeto para uma ética mundial e os líderes religiosos em estudo, o ideal buscado é a criação de uma cultura da não violência em todos os âmbitos da sociedade. É sabido que se trata de um imenso desafio, pois pressupõe a existência de muitas outras condições subjacentes, como a aceitação do outro e o convívio harmonioso com as diferentes formas de pensamento. Por outro lado, através das biografias de Gandhi e King, percebe-se que as tentativas iniciadas em pequenos núcleos podem ser um primeiro passo no sentido de transmitir a ideia aos contextos maiores. Para além disso, um outro aspecto muito significativo é considerar a importância de uma educação voltada para um ideal de paz e harmonia, por isso o professor Küng defende tanto a relevância da educação intercultural e inter-religiosa e sua continuidade em outros âmbitos da vida, como o trabalho e os demais locais de sociabilidade. Somente dessa forma tornar-se-á possível encontrar no futuro um mundo mais unido e aberto para o conhecimento do outro e onde conseqüentemente a violência se torne cada vez menos um recurso a ser utilizado nas mais diversas situações.

4.3 As palavras no mundo: A tolerância e a verdade

Após a breve explanação realizada acima sobre os direitos humanos e a não violência, dois pontos chave para a leitura do projeto para uma ética mundial e sua relação com as trajetórias dos personagens em análise, cabe acrescentar as ideias de tolerância e verdade, também comuns aos dois contextos. No projeto é oferecida uma significativa atenção às palavras, uma vez que elas refletem o pensamento de quem as verbaliza. Como consequência, o dizer a verdade e agir com veracidade nas relações é um aspecto determinante e necessário para concretização das propostas do projeto, mas especialmente para a criação de um mundo mais justo e fraterno. Muitas vezes a mentira acaba sendo utilizada pelas pessoas como um recurso para contornar as situações de difícil solução em vários âmbitos da vida. Entretanto, a recomendação em todas as religiões sempre foi a de dizer a verdade e encarar as consequências que ela pode trazer. Essa maneira de lidar com a mentira não está presente unicamente nos princípios

religiosos, a própria ideia de uma base ética comum demanda que as relações sejam pautadas em situações de veracidade, em que uns possam confiar nos outros e com eles manter vínculos sinceros de respeito e afeto.

No manual atualizado²⁰⁸ das propostas do projeto, é recolocada essa questão da relação do ser humano com a verdade. Ele defende que ela está presente em todas as sociedades, desde aquelas consideradas mais primitivas até aquelas onde a tecnologia se desenvolveu mais acentuadamente, incorporando uma preocupação do homem para com ele mesmo. As regulamentações nesse terreno são relacionadas com a confiança e a coparticipação das pessoas nas situações a partir dos papéis sociais de cada um. Mesmo sendo um princípio muito antigo, hoje continua assumindo uma importância fundamental, inserida em novos contextos sociais:

Particularmente em civilizações sofisticadas e religiões, a veracidade e a confiabilidade tornaram-se consideravelmente importantes, adquirindo status de respeito e estima (honrados) por outras pessoas como uma qualidade humana bastante peculiar. Essa compreensão da verdade está particularmente em evidência na Bíblia hebraica: ‘emet’ significa fidelidade, constância e confiabilidade.²⁰⁹

Já a noção de tolerância é encarada de formas diferentes pelas pessoas. Algumas acreditam que ser tolerante implica em aceitar o pensamento do outro ou tudo o que outros fazem, mas o princípio da tolerância não deve ser encarado dessa forma. Sempre vão existir ideias com as quais alguns discordarão ou mesmo atitudes, até porque não existe consenso geral sobre tudo, isso significa que em algum momento o indivíduo será levado a deparar-se com situações e ideias que não concorda, mas para garantir uma relação amigável com as pessoas, deverá tolerá-las. Em outras palavras, tolerar não é concordar, mas entender que o outro pode ter uma opinião diferente ou um estilo de vida diverso e isso faz parte daquilo que se entende por diversidade. Cada pessoa é fruto de sua cultura e por isso as diferenças são inevitáveis, aprender a viver na diversidade implica que se esteja aberto para conhecer o que o outro tem para oferecer, sendo capaz de aceitar sem realizar juízo de valor sobre as mais variadas situações. Dessa forma, adotar a tolerância não deve parecer algo ruim, porém extremamente necessário para que se alcance possíveis pontes de diálogo entre as pessoas.

²⁰⁸KÜNG, Hans; GEBHARDT, Günther and SCHLENSOG, Stephan. *Global Ethic, a Handbook: A Vision and its Realisation*. Manuscrito.

²⁰⁹ KÜNG, Hans; GEBHARDT, Günther and SCHLENSOG, Stephan. *Global Ethic, a Handbook: A Vision and its Realisation*. Manuscrito, p.41

Nós devemos tratar os outros da mesma maneira como gostaríamos de ser tratados. Comprometendo-nos a respeitar a vida e a dignidade, a individualidade e a diversidade, para que cada pessoa seja tratada humanamente, sem exceção. Devemos ter paciência e aceitação. Devemos ser capazes de perdoar, aprender com o passado, mas nunca nos deixando escravizar por memórias de ódio. Devemos abrir nossos corações uns aos outros, estreitar nossas diferenças pela causa da humanidade, praticando uma cultura de solidariedade e das boas ações.²¹⁰

As pessoas no seu dia a dia devem basear sua vida também na verdade. Essa proposta não está unicamente nas palavras que como já foi dito, tem obviamente a sua importância, mas também e principalmente na maneira de conduzir o cotidiano. Sendo assim, ao encarar a vida com um sentimento de verdade, buscar-se-ia agir de forma honesta nas relações diárias, no ambiente de trabalho, de residência, de lazer e em todos os outros mais. Muitas vezes os indivíduos buscam desculpas para justificar sua ausência, atrasos ou o não cumprimento daquilo que era esperado naquela situação. Assumir um compromisso consigo mesmo e com suas responsabilidades é uma maneira de conduzir a vida com base em ideais de verdade e preocupação com o bem-estar coletivo. Quando alguém não assume seu papel nos ambientes onde atua está contribuindo para a falência das instituições sociais e ao mesmo tempo enganando a si mesmo e aos outros.

Na pauta dessa discussão cabe falar do papel e da influência das mídias na propagação de notícias que têm como finalidade principal proporcionar informação e conteúdo à população. O que se percebe é que nem sempre o trabalho jornalístico e informativo recebe a sua devida importância, apelando para a publicação de notícias “sensacionalistas”, às vezes aumentando e manipulando as informações para servir a propósitos próprios de um determinado grupo. Berger e Luckmann identificam a relevância do tema na modernidade, discutindo as influências e determinações que os meios de comunicação podem ter sobre a vida cotidiana das pessoas e na maneira como elas decodificam determinadas realidades:

Uma palavra a respeito dos meios de comunicação de massa desde a atividade editorial até a televisão: como já se observou muitas vezes e acertadamente, essas instituições desempenham um papel-chave na orientação moderna de sentido, ou melhor, na comunicação de sentido. São intermediadoras entre a experiência coletiva e a individual, oferecendo interpretações típicas para problemas definidos como típicos. Tudo o que as outras instituições produzem em matéria de

²¹⁰ Ibidem, p. 122

interpretações da realidade e de valores, os meios de comunicação selecionam, organizam (empacotam), transformam, na maioria das vezes no curso desse processo, e decidem sobre a forma de sua difusão.

211

Os responsáveis pela veiculação de notícias devem assumir um compromisso com a sociedade pela qual estão trabalhando e da qual fazem parte, dessa forma tendo em conta que as notícias veiculadas podem afetar a vida das pessoas e causar situações de sofrimento e constrangimento que poderiam ser evitadas com o uso da verdade. Da mesma maneira como as mídias sociais, não é mais possível conceber o mundo sem a presença dos veículos de comunicação: Televisão, internet, rádio, jornais entre outros, entretanto todos devem trabalhar juntos em prol de uma sociedade mais justa, promovendo a conciliação e o entendimento entre as pessoas.

As autoridades e governantes também deveriam mostrar a sua preocupação com o bom uso da verdade. Ao assumir um cargo no governo, o indivíduo se compromete a trabalhar em prol da sociedade, devendo por um lado honrar esse compromisso ao mesmo tempo que deve manter uma postura idônea. Ao assumir um pacto com a gestão do bem público é muito importante que o indivíduo sustente uma postura que vise o melhor a ser feito em nome da coletividade. Os governantes possuem uma função muito particular e importante na sociedade e devem honrá-la de forma a gerir os recursos públicos com consciência tendo em vista o alcance do bem comum. O ideal de transparência nas ações e na forma de gestão pode ser encaixado na ideia de verdade também, uma vez que demonstram que as decisões estão sendo tomadas de forma limpa, clara e honesta e sendo acessadas por todos igualmente.

Dessa forma, pode-se dizer que a ética está intimamente ligada à ideia de verdade, pois formam dois pilares fundamentais na construção de uma sociedade baseada nos ideais de respeito ao outro e ao mundo. Essas ideias de verdade e tolerância também estão subentendidas na proposta da regra de ouro: A partir do momento que se oferece a verdade, a sinceridade e a preocupação genuína com seu semelhante espera-se receber em troca o mesmo tipo de tratamento. De maneira similar, ao encontrar no outro diferenças, aceitando-as como uma situação inevitável, tolerando com respeito e afeto mesmo não concordando é possível que se receba o mesmo tratamento. Nesse aspecto, Gandhi e King demonstraram uma preocupação de fazer valer as suas palavras com seu

²¹¹ BERGER, Peter L e LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: A orientação do homem moderno*. Tradução de Edgar Orth, Rio de Janeiro: Vozes, 2004. p.68

testemunho de vida, adotando sempre que possível uma postura de recorrer à verdade e à tolerância. Essa postura sofre uma influência direta de sua crença religiosa, pois como expresso no projeto para uma ética mundial, as religiões contribuem para esse ideal, pois sustentam em sua base o papel do ser humano e sua responsabilidade diante do mundo terreno e espiritual. Ela tende a se acentuar no caso de lideranças religiosas, uma vez que são considerados modelos e observados por outros que se espelham em suas atitudes e a partir delas criam uma determinada visão da religião.

Um detalhe interessante e notório na história do Mahatma é que essa preocupação com a ideia de verdade era tão forte em sua vida que deu nome ao título da obra na qual ele próprio narra sua trajetória: “Minha vida e minhas experiências com a verdade”, a versão em inglês carrega o mesmo título: “*The story of my experiments with truth*”. Nenhuma delas é a versão original, que foi escrita em Gujarati, mas ao que parece na nota do tradutor ele buscou manter o sentido original do título dado pelo próprio Gandhi. Dessa forma, essa ênfase na preocupação com a verdade acompanha toda sua história, mas ganha maior destaque na narrativa da autobiografia após a criação do *Ashram Satyagraha*, pois é o momento em que estabelece com mais nitidez quais princípios serão o cerne de sua luta que já havia começado, mas sem bases muito concretas. O caminho trilhado pelo líder, tendo em vista essa ideia, pode ser conhecido através da leitura de sua autobiografia completa, o presente trabalho compromete-se apenas a sinalizar a importância dessa proposta e o aspecto preponderante que assumiu no contexto de suas reivindicações ao mesmo tempo que na criação do grupo anteriormente citado. Sobre essa temática, Mohandas Gandhi afirma no último capítulo de sua autobiografia que:

Minha experiência convenceu-me de que não há outro Deus senão a Verdade. E se todas as páginas deste capítulo não proclamarem ao leitor que o único meio para a realização da Verdade é o *ahimsa*, devo concluir que todo meu trabalho de escrever estas páginas foi em vão. E, mesmo que meus esforços nesse sentido sejam infrutíferos, quero que os leitores saibam que foi o veículo, e não o grande princípio, que falhou. Depois de tudo, por mais sinceras que tenham sido minhas buscas do *ahimsa*, elas não deixaram de ser imperfeitas e inadequadas. Os pequenos vislumbres que eu possa ter tido da Verdade dificilmente podem exprimir o seu brilho indescritível, que é um milhão de vezes mais intenso que o do sol, que vemos diariamente com nossos olhos.²¹²

²¹² GANDHI, Mohandas Karanchandi. *Autobiografia: Minha vida e minhas experiências com a verdade*. São Paulo, Palas Athena, 1999. p. 427

As palavras de Gandhi estão profundamente atreladas a sua experiência religiosa e sua crença firme nos princípios da tradição hindu, apresentando a experiência da verdade como uma manifestação divina. Dessa forma, ele define que sua capacidade limitou-se a conhecer apenas alguns vislumbres do que seria a verdade, ou seja, o que é divino não foi de fato completamente decifrado por sua capacidade humana e limitada de compreensão. Sendo assim, ele reconhece os limites de sua explicação e de sua capacidade de oferecer um sentido pleno de verdade ao leitor que o acompanhou ao longo das páginas da autobiografia. Apesar de seu contato com outras religiões, o Mahatma incorpora basicamente os ideais transcendentais de renúncia e abstenção oriundos de sua tradição de origem, conforme colocado no capítulo 3. Tendo isso em mente, ele enfatiza sua incessante busca por seus ideais espirituais, que estão diretamente atrelados ao *Ahimsa*, base de sua experiência com o sagrado ao mesmo tempo que sua experiência como líder religioso e ativista político.

O pastor King também apresentou uma preocupação em cumprir e dar sentido às suas palavras, apostando firme na ideia de verdade, já que seus atos, palavras e conselhos estavam diretamente relacionados ao que reconhecia na figura de Cristo e na presença de Deus. Martin Luther King é conhecido pela força das palavras que proferia e por seus discursos altamente motivadores que para ele tinham uma origem clara na sua experiência cristã e na sua missão como continuador da obra salvadora de Jesus. Durante os anos em que aplicou a não-violência King deparou-se com pessoas que eram contrárias a sua forma de agir e que o condenavam por deixar os negros “irmãos seus” sofrerem e submeterem-nos as situações de violência sem a possibilidade de revidar. Um dos mais famosos de sua época foi Malcolm X que também era partidário da luta dos negros pelo fim da segregação, mas que adotava uma postura completamente diversa diante da situação e sugeria soluções totalmente diversas para a questão. Num encontro entre os dois, Luther King fez a seguinte observação:

Ele é muito articulado, mas discordo totalmente de muitas de suas opiniões políticas e filosóficas – pelo menos o que entendo como sua posição atual. Não quero parecer farisaico ou absolutista, nem que pensem que sou o único dono da verdade, do único caminho. Sei que muitas vezes desejei que ele falasse menos de violência, pois a violência não vai resolver o problema. E, em sua litania de articular o desespero do negro sem oferecer uma alternativa positiva, criativa, acho que Malcolm tem prestado um grande desserviço a si mesmo e ao nosso povo. A oratória inflamada, demagógica, nos guetos negros, incitando nossa comunidade a se armar e se preparar para se envolver com a violência, como ele tem feito, nada pode produzir senão a dor.

No caso de uma revolução violenta, seríamos dolorosamente superados em números. E quanto tudo estivesse terminado os negros enfrentariam as mesmas condições, a mesma pobreza e as mesmas privações – a única diferença sendo que sua amargura seria ainda mais intensa, seu desencanto ainda mais abjeto. Assim, em termos tanto morais quanto puramente práticos, o negro americano não tem uma alternativa racional à não violência.²¹³

Deste trecho extrai-se que o ideal de verdade para Luther King está profundamente ligado à ideia de não-violência, de forma bastante próxima à visão de Gandhi. E também de forma muito similar ela está diretamente relacionada à sua experiência religiosa que enxerga na busca por alternativas à violência um caminho para se chegar a essa verdade. Dessa forma, esses vislumbres de verdade e tolerância que caracterizam as trajetórias dos dois personagens integram os pontos que deveriam ser exportados para a posteridade e que comungam com as propostas do projeto para uma ética mundial. Ao final, parece extremamente aceitável que essas ideias apresentem-se como uma parte daquelas possibilidades para o alcance dos objetivos pensados pelos personagens e deixado como herança intelectual a seus seguidores.

4.4 Todos se reconhecem no outro: A interdependência

Para finalizar o presente capítulo, cabe tratar também de uma questão que é muito cara às religiões e que muitas vezes é pouco falada ou ignorada: A noção de interdependência em diversos níveis: Seja do homem para com o Planeta, seja das pessoas em relação umas às outras. Em primeira instância, existe uma dependência do ser humano para com o meio-ambiente que não pode ser minimizada e muito menos negada, pois a própria existência do homem depende dos recursos naturais e de sua interação com os mesmos. O futuro da vida humana não pode estar desvinculado das preocupações com a vida dos outros seres vivos, uma vez que todos fazem parte de um mesmo *continuum* de existência:

Nós somos todos interdependentes. Cada um de nós depende do bom funcionamento do todo e, portanto, devemos respeitar a comunidade de seres vivos: As pessoas, os animais, as plantas e zelar pela preservação do Planeta, do ar, da água e do solo. Cada um de nós tem

²¹³ CARSON, Clayborne. A Autobiografia de Martin Luther King (1929-1968). Tradução Carlos Alberto Medeiros, 1ª edição, Rio de Janeiro, editora Zahar, 2014. p. 315 e 316

responsabilidade por tudo o que faz. Todas as nossas decisões, ações e falhas têm consequências.²¹⁴

Além dessa relação do homem com o meio natural, existe a interação com seus semelhantes. Ninguém pode viver sozinho, a identidade de cada um é criada com base nas experiências que tem no contato com outros indivíduos, sejam eles vividos no ambiente familiar, escolar e em outros círculos de convívio social. As relações travadas na família e na escola estão bem em destaque por tratarem-se dos primeiros ambientes de convívio da criança, onde se forma a sua personalidade e a partir dos quais ela desenvolve seu contato com o restante do mundo. Consequentemente, são nesses convívios que a criança inicia seu processo de aprendizado de como se relacionar com os outros, como se colocar no mundo e como encarar a sua sexualidade. Alguns estudiosos da formação humana na infância, entre eles Jean William Fritz Piaget²¹⁵ defendem que todo conhecimento provém das ações, ou seja, é através da interação entre o ser humano e o ambiente que a criança desenvolve as suas estruturas cognitivas e cria sua visão de mundo. Essa visão é corroborada por Luckmann e Berger quando discutem o trato social das crises de sentido:

Nossa primeira preocupação foi com a identidade pessoal, o ponto de referência pessoal do sentido da vida e do agir. A identidade pessoal da criança se forma ao perceber o reflexo de seu comportamento na ação das pessoas que lhe estão mais próximas. Por isso uma certa coerência no agir dessas pessoas é o pressuposto mais importante para o desenvolvimento de certa forma imperturbável da pessoa. Não se verificando este pressuposto, aumenta a possibilidade de surgirem crises subjetivas de sentido.²¹⁶

Um tema aparentemente inofensivo que pode ter desdobramentos críticos na construção de um país. A formação do indivíduo desde os seus primeiros anos de vida é o que define como será sua inserção na sociedade e em que medida esse indivíduo estará disposto a trabalhar pela construção de um mundo melhor ou se estará apenas preocupado em suprir suas próprias necessidades. Para a formação de uma sociedade justa e igualitária, como prevê o projeto para uma ética mundial, é importante que as crianças sejam educadas numa perspectiva de trabalhar em prol da comunidade tendo em

²¹⁴ KÜNG, Hans; GEBHARDT, Günther and SCHLENSOG, Stephan. *Global Ethic, a Handbook: A Vision and its Realisation*. Manuscrito. p.122

²¹⁵ PIAGET, Jean W. F. O nascimento da inteligência na criança. Publicações Dom Quixote, 4ª edição, Lisboa, 1986.

²¹⁶ BERGER, Peter L e LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: A orientação do homem moderno*. Tradução de Edgar Orth, Rio de Janeiro: Vozes, 2004. p.77

vista o alcance do bem comum e não somente seus interesses particulares. Quando desde a infância se ensina as crianças a viverem em conjunto, a tendência é que se crie um ambiente social favorável entre as pessoas, gerando situações de trabalho coletivo e divisão das responsabilidades.

Sobre esse tema das relações interpessoais emerge a questão da geração biológica do ser, a partir do contato entre homens e mulheres que somente dessa forma podem perpetuar a vida humana. Nesse sentido, o projeto também enfatiza a atenção que deve ser dispensada às relações entre os sexos, que ainda hoje se organizam de maneira diferenciada em cada sociedade. Não importa de que cultura se esteja falando, toda família promove a educação sexual dos filhos, mesmo aquelas que não conversam sobre o assunto com eles. Para Piaget e outros estudiosos do desenvolvimento infantil, a sexualidade é muito mais aprendida através das ações que a criança presencia ao longo de sua vida que por meio de ideias, por isso diz-se que elas tendem a assimilar não aquilo que os adultos falam, mas sim a maneira como os observam agir. Por exemplo, se existem demonstrações ou não de afeto entre os pais ou entre os adultos com os quais têm contato diário, isso inclui a maneira como se relacionam, através mesmo de olhares ou agressões físicas e verbais. Tudo isso representa um papel educativo para as crianças e elas tendem a reproduzir no seu dia a dia aquilo que aprendem em casa. Além disso, a maneira como os adultos orientam seus dependentes, os cuidados dirigidos a eles, assim como as proibições, os valores, os tabus e obviamente a existência ou não de crenças religiosas entre os mesmos, tudo influencia na maneira como a sexualidade será encarada e posteriormente vivenciada pelas crianças na fase adulta.

A escola também coloca a sua influência nesse tópico. Intencionalmente ou não, ela intervém de várias formas no processo de formação e expressão da sexualidade nas crianças e jovens. Todos os funcionários da escola desde os professores e corpos gestores aos agentes educacionais são também referências quanto à percepção da sexualidade dos alunos, que os tem como parâmetros de comportamento e muitas vezes como exemplo comportamental. Há presença clara da sexualidade nos adultos que estão presentes na escola representada por seu vestuário, expressões, a maneira como lidam com as situações do cotidiano e é claro como se relacionam entre si. Para além disso, a escola enquanto local de construção do conhecimento deve atuar diretamente na discussão de temas como esse, oferecendo aos alunos meios de se expressar sobre o tema. Por outro lado, por ser um assunto de foro delicado é preciso que se tenha cautela na hora de

abordá-lo para que ele não acabe reforçando preconceitos ou gerando polêmicas que não vão contribuir para o processo educativo das crianças e jovens. Entretanto, tanto a escola, quanto as Universidades são locais onde a realização de pesquisas nessa área e a discussão devem ser incentivados, permitindo uma ampliação do debate e do conhecimento dos estudantes.

Não só a família e a escola, mas também outros convívios sociais oferecem a sua participação nesse tópico, contribuindo para a construção do caráter e da maneira como os indivíduos encaram a formação do próprio corpo. As crianças que são educadas dentro de círculos religiosos, por exemplo, tendem a seguir determinados padrões de comportamento bastante delimitados por aspectos doutrinários. Isso se expressa no comportamento do dia a dia, na maneira de vestir e até mesmo nas práticas matrimoniais, já que muitos grupos religiosos optam pelo casamento com pessoas que seguem a mesma religião, buscando com isso a continuidade da prática dentro do novo núcleo familiar.

Alguns grupos determinam o tipo de vestimenta para as mulheres que não podem exibir nem braços nem pernas, outros exigem doações em dinheiro como condição para a participação, outras determinam uma idade limite para que os fiéis se casem e assim por diante. Os ambientes religiosos são um bom exemplo de organização das relações interpessoais responsáveis pela promoção de um determinado tipo de educação, inclusive no que se refere ao desenvolvimento da sexualidade. Porém, existem outros ambientes de convívio como empresas, clubes, academias e até mesmo grupos virtuais onde as pessoas travam relações e influenciam-se mutuamente. Os indivíduos tendem a unir-se buscando aqueles com quem possuem maior afinidade de gostos e objetivos de vida e assim compartilhando relações e ideais comportamentais.

O teólogo Hans Küng dirige, no texto da declaração, um destaque às relações que acontecem a partir do contato entre homem e mulher com objetivo de geração de filhos. Ele discute a temática da sexualidade com base nos ideais do projeto, ressaltando a proposta presente na regra de ouro, além de falar em defesa do papel da educação na formação da sexualidade dos jovens:

Hoje dizemos: importa ‘não abusar da sexualidade’. Ou, em nossa formulação positiva: ‘Respeitem e amem uns aos outros’. Isso significa claramente que nenhum ser humano tem o direito de rebaixar um outro a mero objeto da sua sexualidade, de levá-lo à dependência sexual e de mantê-lo nesse estado. Naturalmente, é possível avançar mais nesse campo, tendo sempre em vista o que se repete em todas as normas da declaração do *ethos* mundial: os jovens já deveriam aprender que a sexualidade não é, basicamente, uma força negativa, destruidora ou

exploradora e, sim, uma força criadora e formadora, cabendo-lhe, portanto, a função de constituir comunidade numa atitude positiva diante da vida, e que a sexualidade só consegue desenvolver-se quando é vivida na responsabilidade pela felicidade também do parceiro.²¹⁷

A proposta central do projeto no que se refere ao relacionamento com os outros se baseia na premissa da regra de ouro: Não faça aos outros o que não gostaria que fizessem com você. A maneira como se trata um semelhante, seja essa pessoa um colega de trabalho ou alguém que acabou de conhecer deve pautar-se em como gostaria de ser tratado. Isso se estende ao relacionamento conjugal entre homens e mulheres, onde situações de coisificação são corriqueiras, através da visão do outro como alguém que deve satisfazer aos desejos pessoais do parceiro, e não como um ser autônomo com escolhas próprias. Esse tipo de desequilíbrio ocorre principalmente entre mulheres, pois existe uma tendência de patriarcalismo em uma grande maioria das sociedades. A proposta apresentada na citação acima a ideia é a de que nenhuma das partes deve estar em posição inferior, pois a relação deve ser vivida de forma a promover a dignidade do casal. Ele se refere à sexualidade como uma força criadora, capaz de gerar a vida, ao mesmo tempo capaz de estreitar os laços entre as pessoas, tendo como desdobramento a felicidade do casal e também dos filhos a serem gerados naquela relação.

No que se refere a essa ideia da interdependência, Gandhi também foi confrontado por muitos desafios nesse sentido. Claro que o espaço aqui não permitirá abordar todas as situações, porém um destaque importante pode ser colocado na questão surgida entre hindus e muçulmanos na Índia, que até hoje ainda mostra suas consequências. Sobre isso, o próprio Gandhi escreveu demonstrando sua profunda frustração diante da sua incapacidade de encontrar uma solução definitiva para o problema. Ele afirma em sua autobiografia que: a questão proporcionou o mais amplo campo para as experiências dele com o *ahimsa*.²¹⁸

Eu não deveria entrar no mérito da questão, pois não havia nada de imoral em suas reivindicações. Em matéria religiosa as crenças diferem, e cada uma é a suprema para quem nela crê. Se todos tivessem a mesma crença religiosa, existiria uma religião única. Com o passar do tempo, descobri que as reivindicações dos muçulmanos sobre Khilafat não se opunham a nenhum princípio ético. Além disso, o Primeiro-ministro britânico havia admitido a justiça das demandas muçulmanas.²¹⁹

²¹⁷ KÜNG, Hans. *Para que um ethos mundial? Religião e ética em tempos de globalização*, conversando com Jurgen Hoeren. Edições Loyola, São Paulo, 2005. p.31 e 32

²¹⁸ GANDHI, Mohandas Karanchandi. *Autobiografia: Minha vida e minhas experiências com a verdade*. São Paulo, Palas Athena, 1999. p. 377

²¹⁹ *Ibidem*, p. 378

Gandhi aprendeu a reconhecer nas outras religiões demandas justas e passou a apoiar a causa de outros grupos que não unicamente aqueles que adotavam a mesma religião ou que se juntaram a ele no *Ashram*. Entre os princípios adotados por ele durante sua busca espiritual estava a aceitação do valor das outras religiões, entendendo que muitas vezes elas também possuíam demandas válidas, além é claro de defenderem a credibilidade de sua própria crença e lançarem mão de princípios éticos tão pertinentes quanto qualquer outro. Durante o movimento de não-cooperação na Índia antes da independência, houve uma parceria entre hindus e muçulmanos, uma vez que ambos os grupos estavam submetidos ao Império britânico e lutavam pelo direito de participar das decisões políticas e manter seus costumes e crenças. Entretanto, a história narra um desequilíbrio de forças e a aliança não terminou de forma positiva para ambos os lados, gerando conflitos na região da Caxemira²²⁰ que ainda hoje se estendem. Quanto a essa questão, as opiniões são controversas em relação à postura adotada por Gandhi no sentido de cooperar para que conflitos futuros fossem evitados. Alguns defendem que ele não teve participação efetiva na situação e que apenas não tinha condições de interferir na situação, já uma outra parte define que ele não agiu decisivamente e não procurou intervir para ajudar na solução do problema.

De todas as formas, no que se refere ao tema da interdependência, Gandhi parece demonstrar em sua autobiografia uma preocupação com a situação dos conflitos religiosos na Índia, inclusive participando da liga muçulmana de Calcutá e iniciando uma correspondência com o governo pela libertação dos irmãos Ali. Eles ficaram conhecidos por terem defendido a manutenção dos califados uma vez que esses possuíam uma função sagrada na sua religião e por isso acabaram sendo presos após oporem-se as políticas contrárias a sua tradição adotadas pelo Império Britânico.

Já no caso de Martin Luther King, um destaque importante é oferecido à sua experiência familiar. Em seu diário ele anotou o seguinte: “Acho que minha profunda obstinação por justiça vem da personalidade dinâmica, muito enérgica, de meu pai. E

²²⁰ A região da Caxemira está hoje dividida entre a Índia, o Paquistão e a China, apesar de ser habitada por maioria da população muçulmana. O conflito teve início durante o processo de independência da Índia e se relaciona à extinção dos califados após a derrota do Império turco na primeira guerra mundial, furtando aos muçulmanos suas referências territoriais e espirituais. Mesmo após tentativas de minimizar os conflitos, vem crescendo um movimento pela independência da região que engendra conflitos armados e causa instabilidade para a população local.

imagino que os traços gentis venham de uma mãe muito doce e gentil”²²¹. Essa influência da educação representou um papel muito significativo, influenciando sua forma de pensar o mundo e de agir. Oriundo de uma família integrada aos princípios religiosos cristãos, cresceu consciente da importância da união no seu contexto de atividade e muito por isso incentivou seus colegas a valorizarem o apoio de pessoas brancas que não fossem favoráveis a segregação. Assim como Gandhi, ele não defendia a punição para os seus opositores, mas procurava despertar neles uma consciência sobre suas atitudes, acreditando que poderia sensibilizá-los por seus atos, crendo que seria possível cativá-los para suas causas caso usassem as armas certas.

Exortei os alunos a continuarem na luta no mais alto nível de dignidade. Eles escolheram corretamente seguir o caminho da não-violência. Nosso objetivo final não era derrotar nem humilhar o branco, mas ganhar sua amizade e compreensão. Tínhamos a obrigação moral de lembrá-lo de que a segregação era errada. Protestávamos tendo por objetivo final conciliar-nos com nossos irmãos brancos.²²²

Ao fim de tudo que foi apresentado no presente capítulo, pode-se inferir que todos os aspectos analisados apresentaram em comum um ponto bastante importante: As relações humanas. O trato com o outro é um aspecto fundamental para a vida do ser humano no mundo, uma vez que o homem é um ser relacional, que cria sua identidade a partir de sua relação com outros indivíduos. A maneira como essas relações se desenrolam é o que qualifica a vida de cada um, a aceitação pelo grupo, os valores apreendidos, as ações a serem desenvolvidas, ou seja, a própria organização da vivência em sociedade. Os desentendimentos são inerentes ao ser humano, porém, quando o outro é tratado de forma digna e as pessoas residem num ambiente favorável ao desenvolvimento saudável com acesso aos meios básicos de sobrevivência, a existência de conflitos é minimizada e a tendência é implantar-se um terreno fértil para a promoção da paz.

Aprender a viver um com o outro: Significa que quando nos relacionamos com os outros, devemos tratá-los com estima e respeito, mostrando disponibilidade, apesar de todas as diferenças procurando maneiras de cooperar para o sucesso conjunto. Mas tal cooperação não terá êxito ou acontecerá por si só, é necessário considerar cuidadosamente as condições prévias e as fundações para que ela ocorra. Uma cooperação bem sucedida deve ser aprendida além de requerer uma prática contínua para que seja perpetuada de forma

²²¹ CARSON, Clayborne. *A Autobiografia de Martin Luther King* (1929-1968). Tradução Carlos Alberto Medeiros, 1ª edição, Rio de Janeiro, editora Zahar, 2014. p. 15

²²² *Ibidem*, p. 170

eficaz. E, portanto, "aprender a viver com o outro" significa: vivendo juntos harmoniosamente como parte de um processo de aprendizagem, como um projeto "pedagógico". Isto é mais uma maneira de parafrasear os objetivos do projeto de ética global. A tarefa da Fundação Ética Mundial é traduzir esses objetivos para a vida diária das pessoas e fornecer respostas para diferentes desafios que os seres humanos enfrentam hoje.²²³

O projeto reconhece que ainda se deve percorrer um longo caminho para se chegar a isso, a criação de uma cultura da conciliação e do respeito, como os próprios personagens Mohandas Gandhi e Martin Luther King demonstraram, esbarra na fragilidade humana que muitas vezes interpõe barreiras para a concretização desses ideais. Mesmo dois líderes religiosos que incorporaram papéis importantes reconheceram sua limitação nesse sentido e aceitaram que ainda teriam um longo caminho a trilhar no sentido de viver plenamente suas propostas de relação com os outros. Tomar consciência de todas essas questões é um passo importante, proporcionando que se criem discussões sobre esses assuntos ao mesmo tempo facilitando que todos reflitam sobre eles. As soluções para os desafios devem ser conquistadas através do diálogo entre as pessoas e da crença verdadeira de que é possível colocá-las em prática, conforme tentaram e de uma certa forma conseguiram, os líderes religiosos em destaque.

²²³ KÜNG, Hans; GEBHARDT, Günther and SCHLENSOG, Stephan. *Global Ethic, a Handbook: A Vision and its Realisation*. Manuscrito. p. 81

Parte III

Uma apreciação do *ethos* em Mohandas Karanchand Gandhi e Martin Luther King Jr.

Introdução

As religiões como edificadoras de compreensão e entendimento

Nos capítulos anteriores buscou-se oferecer um panorama geral da proposta da tese, delimitando inicialmente a proposição teórica na qual ela está baseada, em seguida apresentando Mahatma Gandhi e Martin Luther King Jr., assim como sua conexão com a ideia do projeto para uma ética mundial. Nessa última parte, a proposta é avançar na análise informando quais contribuições específicas podem ser retiradas do que foi retratado nas partes anteriores. Dessa forma, a terceira parte justifica-se por buscar lançar e interpretar um olhar sobre as religiões como elementos de significação e transformação social a partir de vários vieses. O elemento religioso pode inclusive favorecer visões multifacetadas do ser humano e da sociedade, dependendo de como se pretende lê-lo.

Em qualquer segmento da vida humana, a utilização de métodos sempre foi importante para o alcance dos vários objetivos almejados, sejam estes aplicados de forma consciente ou não. No que se refere ao ambiente acadêmico, essa questão alcança um destaque ainda maior, pois o esclarecimento do método tornou-se essencial na credibilidade do que está sendo apresentado. Na vida prática e cotidiana, o tempo demandou a adoção de metodologias mais complexas, acompanhadas de diversas técnicas que proporcionaram um desenvolvimento intelectual mais aprofundado dos seres humanos. Essa análise é profundamente significativa para a ciência, pois delimita de maneira objetiva o caminho que se faz para chegar a um determinado resultado, ou seja, a metodologia proporciona a qualidade ao trabalho proposto.

Partindo desse ponto de vista, defende-se que Gandhi e King fizeram uso de dois principais métodos para conseguir alcançar os objetivos almejados: A desobediência civil e a não cooperação. Ambas apresentam muitos pontos em comum, apesar de na prática não configurarem-se exatamente como a mesma coisa. Ainda assim, os dois métodos utilizados em conjunto proporcionaram relativo sucesso às metas traçadas pelos personagens, ainda que a adoção desses métodos possa não ter ocorrido inicialmente de maneira consciente. É importante frisar também a relação direta entre os personagens e suas experiências religiosas, pois ambos foram movidos pela crença genuína na relação entre suas escolhas relacionadas aos movimentos realizados e a sua conexão com o Sagrado. Ou seja, eles consideravam que estavam agindo em nome de algo divino que os movia e motivava diante das situações que se apresentavam.

Aquilo que se chamou nos capítulos anteriores de vivências ético-religiosas foi o que colocou em prática ações relacionadas ao recurso à desobediência civil, principalmente através da recusa à submissão às leis, assim como os boicotes – chamados por Martin Luther King de atos populares de não-cooperação- estratégias utilizadas por ambos em suas atividades com o objetivo de fundar uma sociedade mais justa. Tudo isso deve ser entendido de forma complementar, uma vez que esses elementos proporcionaram o conjunto de condições favoráveis às conquistas alcançadas pelos personagens em suas respectivas histórias de vida.

A desobediência civil caracteriza-se pela oposição às leis consideradas injustas e sendo assim, elas devem ser ignoradas como forma de demonstrar a insatisfação perante seu conteúdo. A principal ideia é, portanto, demonstrar claramente que se opta por desobedecê-las, apesar de se conhecer fundamentalmente seu conteúdo. Os boicotes são

situações em que as pessoas negavam-se a colaborar com o opressor ou dominador optando por aceitar as punições advindas dessa escolha. No caso dos personagens, estão presentes dois estilos de dominação diferentes: Uma externa, realizada por alguém que não compartilha dos mesmos códigos sociais, como é o caso de Gandhi, cuja dominação adivinha de um outro país. Uma dominação interna, encabeçada por alguém que integra a mesma sociedade dos submetidos, revelando a institucionalização da desigualdade como no caso de Luther King. Tanto o recurso ao boicote quanto a desobediência civil foram aplicados em oposição aos dois estilos de dominação e apesar das particularidades de cada um, proporcionaram um ganho significativo aos objetivos almejados pelos personagens.

A palavra boicote, em sua acepção etimológica, está sempre ligada à ideia de recusa ou esQUIVA coletiva, indicando a necessidade da presença de um número grande de integrantes. No caso de Gandhi e seus seguidores, eles se recusaram a colaborar com as autoridades britânicas, negando-se a comprar mercadorias inglesas ou a pagar impostos, Luther King e outros adeptos do movimento pelos direitos civis dos negros recusavam-se, por exemplo, a embarcar em ônibus segregados. Já o movimento sit-ins, como apresentado na autobiografia de King, era realizado nos locais em que as pessoas de cor não podiam frequentar e estas, mesmo sabendo da proibição, entravam e acomodavam-se nas cadeiras em bares e lanchonetes até que fossem de lá retirados pela polícia. Essas duas formas de resistência pacífica indicavam o descumprimento da lei local e, portanto, geravam algum tipo de punição, desde a agressão física até a prisão nas cadeias da cidade. Porém, é justamente a aceitação da punição o ponto chave do sucesso alcançado pelos líderes religiosos e seus adeptos.

Outro aspecto de destaque, apesar de não configurar-se como um método, é a questão do equilíbrio entre direitos e deveres. Essa perspectiva também está presente no que foi apresentado anteriormente, uma vez que a tomada de consciência de que cada um deve ter seu papel impõe que cumpra seus deveres e, ao mesmo tempo, exija que seus direitos sejam garantidos. Sempre que não há um equilíbrio entre aquilo que é cobrado dos cidadãos e o que recebem em contrapartida, existe uma grande chance de que ocorram problemas sociais de vários tipos. Dessa maneira, Gandhi e King sempre enfatizaram a importância de que todos conhecessem e que se preocupassem em buscar seus direitos, assim como com a aquisição da consciência do seu papel no contexto

social. Na visão de ambos, todos os indivíduos têm o direito a uma vida digna, mas sem esquecer que direitos requerem atitudes condizentes com eles.

A existência de lideranças religiosas agregando valor através de uma nova leitura de ensinamentos e práticas religiosas milenares é também um elemento importante a ser analisado, assim como contextualizar as religiões como fornecedoras de bases de sentido e métodos de relações, seguindo o que foi apresentado por Berger e Luckmann e discutido em momentos anteriores da tese. É importante também ressaltar que, as religiões adquiriram hoje no mundo ocidental características bastante peculiares, inclusive em alguns contextos adquirindo uma conotação um pouco fluída. Como todo e qualquer conceito, a religião precisa ser lida a partir de seu momento histórico e de seu contexto social, inclusive até mesmo a opção ou não pela sua crença. Uma pergunta bastante interessante a se colocar ao estudo da religião no século XXI é até que ponto se pode afirmar serem elas reservatórios de sentido para os contextos atuais e as demandas do mundo moderno.

Para os gregos antigos e sua mitologia, os deuses em que acreditavam possuíam muitas características dos seres humanos e agiam como os homens, demonstrando sua raiva, amor e todo tipo de vontades. A grande diferença estava no fato de serem eles seres imortais, enquanto os seres humanos possuíam um período de vida determinado, muitas vezes por esses mesmos deuses. Numa das histórias mais famosas atribuídas a Homero “A Ilíada”, mais popularmente conhecida no Brasil como “a guerra de Tróia”, os deuses interferiam todo o tempo no resultado da guerra, ora favorecendo os troianos, ora os gregos.²²⁴ Essa interferência foi uma das razões pelas quais a guerra teria durado tanto tempo- ao todo 10 anos- uma vez que ela ora tendia para um lado, ora para o outro, sem que nenhum dos lados obtivesse uma vitória definitiva. Alguns personagens famosos, como Páris e Ulisses foram salvos pelas deusas Afrodite e Atena, respectivamente, em diferentes momentos do poema. Elas demonstravam excessivo afeto por eles e defendiam-nos da fúria dos outros deuses, evitando a morte deles através de diversos artifícios.²²⁵

De tudo isso, é bastante interessante ressaltar que os homens sempre atribuíram as características que eles mesmos conheciam aos deuses em que acreditavam. Ou seja, falar sobre deuses sempre foi na verdade falar muito sobre os próprios homens, suas

²²⁴ No poema, a guerra se dá entre diferentes grupos que deram origem ao povo grego, representando a Grécia Clássica. Uma prova disso é que o poeta narra longas genealogias para poder referenciar a qual grupo estava se referindo naquele determinado momento da batalha.

²²⁵ HOMERO. *Ilíada*. Tradução: Haroldo de Campos. São Paulo, Arx, 2008.

crenças e principalmente seus anseios. Os mitos configuram-se como cosmogonias da criação e claramente estavam relacionados à forma como os homens daquele tempo interpretavam o mundo. Nesse aspecto, diz-se que as várias formas de crença, interpõem vários aspectos significativos sobre como o ser humano se reconhece no mundo. Essa é uma das razões pelas quais a existência de lideranças religiosas torna-se algo tão significativo: Eles realizam leituras de mundo que influenciam uma enorme quantidade de pessoas e caracterizam-se como um elo entre a teoria da experiência religiosa e sua prática no mundo.

Nos capítulos seguintes colocar-se-ão algumas das principais ideias relacionadas às figuras de Martin Luther King e Mohandas Gandhi no que tange aos métodos utilizados por eles relacionados à prática da desobediência civil e da não cooperação. Essas propostas serão colocadas através de exemplos de atuação dos personagens retirados das autobiografias dos mesmos, outros livros e variadas fontes já apresentadas e que, em conjunto, proporcionam os elementos para a análise a ser realizada. Em seguida, discutir-se-ão pontos importantes relacionados à proposta de liderança incorporada pelos personagens, incluindo a relação deles com seus seguidores associada à sua inserção nas realidades sociais em que atuavam. Todos esses aspectos devem ser lidos dentro de uma correlação entre a experiência religiosa de ambos os personagens e sua realização através das vivências ético-religiosas. Esse encontro entre as figuras estudadas e as propostas do projeto para uma ética mundial conforme vem sendo analisado ao longo da tese é o elemento instigador para se refletir o surgimento de uma nova forma de espiritualidade com base no diálogo inter-religioso incorporado na adoção de um *ethos*.

Capítulo 5

A tomada de consciência: Construindo uma nova ética com base em estratégias universais

5.1 A Desobediência Civil: Fundamentações solidárias

Um primeiro aspecto de extrema importância para compreensão da história de vida e atuação política dos personagens implica numa leitura atenta da prática de desobediência civil. Ela acabou tornando-se aos poucos, no desenrolar da história de vida deles algo tão significativo que, aos poucos, acabou contagiando outros indivíduos,

transmutando-se num emblema e uma marca definitiva em suas respectivas biografias. De uma forma geral, pode-se dizer que ambos se utilizaram desse recurso em algum momento de suas trajetórias como lideranças políticas, mas principalmente como lideranças religiosas, devendo ser consideradas obviamente as particularidades de cada um. Para a presente análise essa configuração torna-se fundamental, pois a ideia de desobediência civil embasa grande parte das ações de Gandhi e King e sem essa consideração a leitura poderia tornar-se incompleta ou até mesmo insuficiente. A proposta de considerar esse aspecto como um exemplo de fundamentação solidária baseia-se no pressuposto de que a solidariedade está relacionada a uma vivência comum e ao compartilhamento de princípios para a interação social, tornando-se uma base de sentido para os personagens e seus seguidores.

Para compreender a noção de desobediência civil é necessário pensá-la como um contraponto ao descumprimento dos direitos civis, já que estes não estavam presentes na legislação equitativamente nos contextos vivenciados pelos personagens. Dessa forma, acredita-se que a necessidade de criar vínculos de solidariedade está relacionada à ineficácia dos direitos civis e do direito de forma geral, em abarcar de forma minimamente equilibrada os diversos segmentos sociais. A percepção da desobediência civil adotada em conjunto está aqui relacionada ao surgimento de um sentimento de solidariedade em relação às outras pessoas, a constituição de uma comunidade de interesses. Esse ambiente favorável à existência de relações amistosas frente a um sistema desigual é um dos principais aspectos solicitados pela desobediência civil.

Os dois personagens exerceram um papel de força motriz do movimento e nele mantiveram-se durante todo o processo, ao menos até a morte de ambos, ainda que muitas vezes não diretamente. O mais importante nesse momento é compreender que suas atuações, ou dito de forma mais objetiva, suas lideranças proporcionaram com maestria a coesão necessária para o alcance das metas propostas, ou seja, a desobediência às leis consideradas injustas. É significativo ressaltar ainda que ambos os personagens mantinham uma posição relativamente confortável diante da situação de marginalização, como já foi dito no capítulo 3. Gandhi era originário de uma família com posses e pertencente a uma casta entre as consideradas de melhor respaldo social, enquanto que King era oriundo de uma família de pastores protestantes e, portanto, tão pouco enfrentou dificuldades econômicas ao longo de sua vida. Ambos decidiram que adotar os ideais de desobediência civil atenderia a um anseio que ultrapassava uma

necessidade básica de sobrevivência, correspondendo dessa forma a uma demanda social da época, mas principalmente como resposta a um vínculo transcendental.

No caso de Martin Luther King, os direitos civis beneficiavam uma parcela única da população: Os brancos. Essa persistência de uma desigualdade pautada na lei é o alvo principal da crítica do pastor que, como afirmado em momentos anteriores da tese, se preocupava em trazer o aprendido no Evangelho para a sua realidade de vida. Para ele, essa presença da desigualdade feria diretamente o que deveria persistir na sociedade, segundo sua interpretação de seu principal interlocutor: Jesus Cristo. Como afirma em sua autobiografia: “Sou um defensor convicto do evangelho social.”²²⁶ Com essa fala ele procura levantar uma bandeira com os principais questionamentos deixados em forma de legado por Cristo, como por exemplo, o princípio do amor como dom maior, elemento completamente incompatível, segundo ele, com seu contexto de vida. Não só esse, mas também outros princípios retirados do evangelho pautavam suas crenças e conseqüentemente as ações.

Mohandas Gandhi, apesar de pertencer a uma outra tradição cultural, filosófica e religiosa, também encontrava-se numa sociedade em que não havia igualdade de direitos, nem no aspecto horizontal (entre os próprios nativos) e muito menos no aspecto vertical, uma vez que tanto a Índia quanto a África do Sul eram domínios ingleses. Como já foi dito no capítulo 3, Gandhi possuía uma vivência de interação mais ampla com as religiões, uma vez que durante sua vida esteve em contato com várias delas em diversos momentos. De todas, ele extraiu ensinamentos relativos aos direitos básicos dos indivíduos e como promover a interação sem ferir as crenças e a cultura a que cada uma delas dizia respeito. Porém, essa questão dos direitos de cada um sempre esbarrou diretamente no sistema de castas, do qual ele era fruto e essa tensão fez todo o tempo, parte de sua trajetória. Em resumo, a desigualdade civil era, de fato, uma realidade latente no contexto em que os dois estavam inseridos e somente tendo essa informação como suporte, torna-se realmente possível analisar a proposta de desobediência civil que será apresentada em seguida.

Nesse aspecto, cabe ressaltar que essa colocação da desigualdade, no caso aqui considerado, a desigualdade civil, perpassa o contexto de atuação dos personagens e está diretamente relacionada à sua experiência de vida. Como indivíduos participantes naquela dada sociedade eles se relacionam com a inequidade social a todo momento e

²²⁶ CARSON, Clayborne. A Autobiografia de Martin Luther King (1929-1968). Tradução Carlos Alberto Medeiros, 1ª edição, Rio de Janeiro, editora Zahar, 2014. p.33

por outro ao confronto político gerado por essa questão. No cerne de toda essa discussão, encontra-se diluída a experiência religiosa de ambos exercendo uma influência significativa, ainda que não de maneira totalmente clara num primeiro momento. Tanto o ideal de igualdade, quanto o de justiça são necessários para a compreensão do movimento de desobediência civil realizado por eles e também não podem ser desvinculados das concepções religiosas experienciadas em suas trajetórias. É preciso buscar no ideal de vivências ético-religiosas o núcleo conceitual para o movimento de desobediência civil levado a cabo por ambos.

Lançando um olhar para essa concepção de igualdade e de justiça, a ideia de desobediência pode colocá-las numa situação de aquém da moral, uma vez que a obediência é um dos princípios básicos da organização das sociedades, isso desde os tempos mais antigos e entre os mais diversos povos. Obedecer aos designios dos deuses, ou aos ancestrais, aos mais velhos e mais experientes da comunidade, e em outros casos às leis, sempre foram as engrenagens sociais mais eficazes conhecidas pela humanidade. As sociedades conseguem alcançar um determinado grau de coesão através da submissão da maioria dos seus habitantes a determinados padrões de comportamento. A gestação de códigos respeitados por uma grande maioria é o que proporciona a organização das sociedades e o que define as atitudes corretas e aquelas consideradas incorretas. Desde tenra idade, as pessoas são ensinadas, nos mais diversos convívios, que obedecer é a atitude correta, além do que, em geral, a desobediência gera alguma punição e por isso acaba sendo evitada. Dessa forma, acredita-se que a obediência sempre esteve presente e tornou-se uma necessidade para manutenção da organização das mais diversas populações. Dessa forma, a desobediência é, em tese, a contramão da ordem, uma espécie de infração na “cosmologia social”, algo que não deve ser realizado porque é considerado errado.

É relevante destacar que ambos os personagens possuíam total consciência de seus papéis sociais, do seu perfil enquanto líderes religiosos e claramente reconheciam que a desobediência podia significar um conflito em relação à definição de uma sociedade organizada. Porém, o surgimento de um sentimento que apontava a necessidade de mudança é o que justifica a adoção da desobediência de maneira bastante consciente por ambos. Para eles, a ordem social vigente não estava de acordo com os ideais de sociedade creditados por ambos uma vez que a obediência não poderia estar num patamar acima do bem estar das pessoas. Enquanto algumas estivessem sendo

tratadas de maneira desumana, não era possível a manutenção das estruturas sociais em vigor. Sendo assim, tornou-se crucial analisar a opção dos personagens pela desobediência às leis dos dominadores, pretendendo com isso alcançar ganhos no sentido da humanização social.

Uma influência significativa na trajetória de Gandhi e King nesse sentido foi, sem dúvida, a do também norte-americano Henry David Thoreau em seu ensaio sobre a desobediência civil publicado no século XIX. Ambos os personagens tiveram contato com a obra de Thoreau e dela tiraram vários dos pontos utilizados por eles em suas respectivas buscas. É importante ter em mente que a obra supracitada serviu como uma inspiração, mas não que foi necessariamente seguida à risca, como um manual de instruções. Gandhi e King apoiaram-se nas principais ideias de H.D Thoreau, mas obviamente tiveram que promover determinadas adaptações a sua realidade de vida. É bom esclarecer que cada lugar e cada época possuem suas próprias demandas e um líder competente é aquele capaz de dosar na medida certa a teoria e a prática. Dessa forma, uma análise das ideias desse autor pode ser realizada em contrapartida ao balanço das trajetórias dos personagens conforme vem sendo elaborado desde os capítulos prévios.

5.2 Uma compreensão prática da desobediência civil

A obra de Henry David Thoreau, escrita no século XIX nos Estados Unidos, configura-se como um pequeno manifesto exortando à desobediência civil. Apesar do texto claramente se remeter a um contexto diferenciado, as propostas apresentadas por ele guardam muitas semelhanças com as de Gandhi e King conforme será apresentado mais adiante. Nesse ensaio, o mesmo Thoreau afirma que adotou o princípio da desobediência civil como forma de desestabilizar práticas governamentais com as quais ele não estava de acordo, ponto de convergência com os personagens analisados na presente tese. O contexto histórico em que o mesmo foi escrito permite uma leitura mais direcionada do texto, uma vez que os Estados Unidos passavam por um momento crucial de construção de uma identidade nacional e de criação de uma política interna e externa bastante peculiar. Tendo essas informações como pano de fundo torna-se mais acessível à compreensão e a inserção das ideias de Thoreau nesse cenário.²²⁷

²²⁷ Cf: PECEQUILO, Cristina Soreanu. *A política externa dos Estados Unidos*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2003; KARNAL, Leandro e outros. *História dos Estados Unidos: Das origens ao século XXI*. Editora Contexto, São Paulo, 2007.

Entre as principais críticas direcionadas por ele ao governo norte-americano da época, estava a continuidade e o investimento na guerra contra o México, que segundo o referido autor configurava-se como um enorme desperdício de dinheiro. Dessa forma, ele se recusava a pagar os impostos porque não concordava, acima de tudo, em financiar uma guerra inútil que, além de tudo, era forçosamente imposta aos cidadãos. Sua crítica estava alicerçada no fato de que as pessoas aceitavam essas imposições sem reclamar, ainda que no fundo não concordassem com a manutenção da guerra.

Outro ponto de contestação presente na obra de Thoreau é a permanência da escravidão, fator que ele também considerava algo incompatível com a realidade e com o desenvolvimento do país. Essa é uma das razões pelas quais ele defendia que a orientação legislativa social possuía bases injustas, e que no final das contas, acabavam sendo aceitas pelos seus compatriotas, mesmo por aqueles que poderiam fazer frente a elas e que não estavam de acordo com a escravidão. Para ele, o ideal de revolução estava relacionado principalmente à negação de cooperação com situações que não dissessem respeito ao bem comum, como o eram os pontos apresentados. O esforço governamental deveria estar em construir pontes de ajuda mútua dentro da sociedade criando um ambiente mais igualitário. Entretanto, ele revoltava-se ao se deparar com uma preocupação completamente adversa:

Se milhares de homens não pagassem seus impostos esse ano, isso não seria uma medida violenta ou sanguinária, como seria pagá-los, permitindo ao Estado cometer violência e derramar sangue inocente. Essa é, de fato, a definição de uma revolução pacífica, se for isso possível. Se o cobrador de impostos, ou qualquer outro funcionário público me perguntar: ‘Mas o que eu posso fazer?’, minha resposta é: ‘Se você realmente quer fazer alguma coisa, saia do seu emprego. Quando o sujeito recusar-se à lealdade e quando o funcionário sair do seu emprego, a revolução estará concretizada.’²²⁸

Com esse discurso, ele lança as bases da desobediência civil, criticando a submissão de muitos ao Estado dominador, ao mesmo tempo que exorta seus compatriotas a resistir de maneira pacífica a essa mesma força. Ele não chega a defender a total ausência do Estado, mesmo afirmando logo na primeira frase de seu livro que: “O melhor governo é aquele que governa menos.”²²⁹ Para ele, quanto mais um governo tem poder, menos os cidadãos têm domínio sobre suas próprias decisões, ou seja, o Estado deve possuir um papel de intervenção limitado, cabendo aos cidadãos saber como limitá-lo. Sua visão de revolução não está atrelada à rebelião aberta ou à guerra, mas sim à

²²⁸ THOREAU, Henry David. *Civil Disobedience*. Mozambique, 2001. p.17

²²⁹ *Ibidem*, p.5

negação de cooperação, dito de outra forma, a prerrogativa do indivíduo de recusar a colaboração para com o Estado quando este agir de forma injusta, através, por exemplo, da imposição de leis que desarmonizem a sociedade. Para Thoreau: “Todos os homens reconhecem o direito à revolução, ou seja, o direito de recusar lealdade e de resistir ao governo, quando este for tirano ou quando sua ineficiência for insuportável.”²³⁰

Um conceito chave que propala uma conexão fundamental da proposta de H.D Thoreau e a biografia dos personagens é a ideia de revolução pacífica. A utilização da violência nunca foi uma possibilidade para eles, uma vez que defendiam que o elemento mais eficaz era justamente o oposto disso: A não-violência. É bastante factível que a não contribuição com o Estado, seja através do não pagamento dos impostos ou através da recusa de fazer o que se espera de um cidadão comum, surte um efeito muito mais devastador sobre uma estrutura poderosa que um embate direto. No seu ponto de vista, utilizar a violência seria uma contradição em si, uma vez que ela caracterizava-se como um dos principais pilares de sustentação do poder estatal.

A revolução pacífica tende a ser mais eficaz porque retira do Estado seus principais pontos de sustentação e este acaba ficando refém das suas próprias necessidades. No pensamento de Thoreau, quando todos se negassem a pagar impostos, o Estado não teria meios de sustentar a guerra e isso o levaria ao colapso. Em Gandhi, a recusa em financiar as mercadorias inglesas que chegavam à Índia fragilizou a economia do dominador que paulatinamente percebeu que não conseguiria mais impor seus produtos aos que de maneira pacífica apenas ignoravam a imposição de compra. Igualmente King incentivou negros da cidade de Montgomery a não utilizar os ônibus disponíveis, uma vez que sem o dinheiro deles fatalmente as empresas poderiam chegar à falência e, diante disso, pressionariam as autoridades. No final das contas, eles não fizeram nada além de caminhar de casa para o trabalho e vice-versa. Não houve embate, não houve sangue, apenas estratégia. E, como provaram Thoreau, Gandhi e King, utilizar a inteligência e não a força física é algo sim extremamente revolucionário.

Agir por princípios, por percepção e prática do que é certo muda as coisas e as relações, isso é essencialmente revolucionário e não consiste inteiramente em nada que seja. Isso não somente divide Estados e Igrejas, como também indivíduos, separando o que há de diabólico do que há de divino.²³¹

²³⁰ Ibidem, p.9

²³¹ THOREAU, Henry David. Civil Disobedience. Mozambique, 2001. p. 14

Por isso, o principal argumento de Thoreau está justamente no papel que o indivíduo deve exercer diante das situações como um sujeito ativo na sociedade, não aguardando que o Estado ou outros tomem as decisões ou resolvam as pendências que surgirem. No seu ponto de vista, não é a lei o que define as ações do indivíduo, nem quem ele é, mas as suas próprias concepções de mundo e sua conduta diante das situações que se apresentam. Quando um homem não exerce seu direito de intervenção na sociedade, deixando que as leis ou o Estado determinem o rumo das coisas, ele não só está sendo submisso como está sendo conivente com a injustiça. “A lei nunca fez o homem ser mais justo e apesar do respeito que ele pode ter por ela, mesmo os mais bem dispostos são cotidianamente feitos de agentes da injustiça”.²³² A obediência às leis não torna o homem justo, principalmente se ele não se posiciona diante das mesmas, analisando se elas estão de acordo com os princípios do bem-comum e conseqüentemente se devem ser seguidas da maneira como estão colocadas.

Se a injustiça tem uma primavera, ou uma roldana, ou uma corda ou uma manivela, exclusivamente para ela, então talvez você possa considerar se o antídoto não será pior que o mal, mas se é de tal natureza que exige que você seja o agente da injustiça para com outro, então eu te digo, desobedeça à lei. Deixe sua vida ser uma contra-fricção para parar a máquina. O que eu preciso fazer é ver, a qualquer custo, que eu não vou me prestar a algo que seja errado e que eu condeno.²³³

Nesse trecho, o autor enfatiza que o caminho para o homem reto está na atitude de questionar o poder e as imposições oriundas da máquina estatal, rebelando-se contra a injustiça propalada, se assim for necessário. A melhor maneira e mais eficiente, segundo ele, para parar a engrenagem da injustiça é não cooperar com ela e a não cooperação indica um posicionamento efetivo em relação aquilo que está estabelecido, podendo ser este favorável ou não. Para ele, não se pode simplesmente discordar e nada fazer para evitar os males que podem advir da ação injusta daqueles que estão no poder. Essa vontade de combater aquilo que ele considerava errado foi o principal motor de sua decisão:

Existem milhares que se opõem à escravidão e à guerra, que de fato ainda não fazem nada para colocar um fim a ambos, que se consideram filhos de Washington e de Franklin, mas que sentam-se com suas mãos no bolso e falam que não sabem o que fazer e acabam não fazendo nada [...].²³⁴

²³² Ibidem, p. 7

²³³ THOREAU, Henry David. *Civil Disobedience* Mozambique, 2001. p. 15

²³⁴ Ibidem, p. 11

Na citação acima, H.D Thoreau critica diretamente aqueles que se acomodam e que nada realizam no sentido de confrontar as arbitrariedades impostas pelos governantes, ainda que não estejam de acordo com os mesmos. Essa mesma premissa está claramente delineada na biografia dos indivíduos analisados pela presente tese: Por um lado, tanto Gandhi quanto King possuíam a consciência da injustiça latente nas sociedades em que residiam e assim como H.D. Thoreau, acreditavam que o combate a essa ideologia era o único caminho para uma efetiva mudança social. Ambos concordavam que esse embate não deveria ocorrer através da violência e a condenavam em qualquer de suas manifestações. Eles corroboravam com Thoreau quanto ao questionamento frente à autoridade estatal dominante e também à proposta de resistir pacificamente. Por outro lado, de maneira destacada das ideias de Thoreau, eles incorporavam uma motivação religiosa e uma certeza nas suas ações como guiadas por uma força divina que alimentava suas disposições para o enfrentamento.

Dessa maneira, tendo a presença da experiência religiosa como elemento de força e de apoio nos momentos de incerteza, eles não só reafirmavam a desobediência às leis que consideravam injustas, como incentivavam que outras pessoas o fizessem, muitas vezes com palavras, mas especialmente através de seu exemplo. A não obediência, incluindo nela o não pagamento de impostos, a recusa em cooperar através do trabalho direto ou indireto para esse Estado, era para eles, assim como para H.D Thoreau a melhor e mais eficaz arma de enfrentamento. Gandhi e King corroboravam com grande parte dessas ideias, mas não tendo como princípio a mesma motivação de Thoreau. Para ele, o Estado estava subordinado aos interesses coletivos e desobedecer às leis injustas significava confrontar diretamente o centro de poder arbitrário exercido pelos governantes. Já para os líderes religiosos aqui estudados, o governo estava subordinado aos interesses de um projeto ético comum, que incluía ideais de valorização do ser humano e de promoção da dignidade humana. Para Thoreau, a estratégia de cercar o poder dos governantes e fazê-los compreender sua subordinação aos cidadãos é o grande motor da mudança social. Para Gandhi e King, essas estratégias de embate com o poder estabelecido só tem sentido se colaborarem na construção de relações humanas com o divino tendo em vista a criação de um mundo com base nas suas vivências ético-religiosas. Partindo dessa convicção, eles apenas indicaram o caminho para que outros

pudessem adotar as mesmas ideias e, dessa forma, as transformaram em grandes propósitos, e principalmente em atitudes realmente observáveis na prática.

Sendo assim, a escolha de Thoreau, bem como a de Luther King e Gandhi no sentido de desobedecer às leis é feita de forma consciente: “Eu tinha orgulho do meu crime”, o pastor batista afirmou durante uma de suas prisões. A opção pela desobediência e a aceitação da punição funcionam como um subterfúgio, uma resposta pacífica àquilo que é considerado não justo, porém a injustiça não se combate com a aceitação da injustiça, mas sim com a justiça. E a lição recebida diante de leis injustas é a de que o homem justo deve se recusar a cooperar, aceitando com isso a punição que poderá advir dessa atitude premeditada. As motivações podem ser diversas, mas nesse ponto os personagens enquanto membros de um Estado entram em confronto com seus ideais religiosos: Não é possível aceitar a presença do divino e conviver com a injustiça ao mesmo tempo, pois são dois elementos incompatíveis.

Por isso a punição não é vista como ruim, pois atende a um princípio ético que está muito acima das leis injustas impostas pelos governantes. A principal punição sofrida tanto por Gandhi quanto por King foi sua condenação à prisão, inclusive várias vezes, algumas colocadas em prática, outras não. Só que ela era uma parte fundamental e possuía um papel importante no processo de chegada ao objetivo: “Sob um governo que aprisiona injustamente, o verdadeiro lugar do homem justo só pode ser a prisão.”²³⁵ Nesse ponto, eles corroboravam as ideias de Thoreau. Importante ressaltar que essa recusa em obedecer às leis trata-se de um embate direto com o opressor, uma vez que afeta diretamente um dos principais aspectos de dominação: A imposição de regras aos dominados, assim como a aceitação e submissão dos mesmos.

Sendo assim, a influência do pensamento de Thoreau é um aspecto que tem a sua influência na biografia dos personagens existindo inclusive muitas semelhanças entre eles. Não só pode-se falar em semelhanças, mas também em acordo de ações eficazes para o tratamento das situações que se apresentavam. Todos os três seguiam uma linha de pensamento parecida, porém as motivações religiosas de Gandhi e King influenciavam diretamente, ainda que lançassem mão de atitudes semelhantes às adotadas por Thoreau, este não parece ter sofrido interferência religiosa de forma tão acentuada. Na autobiografia de Martin Luther King, ele mesmo cita diretamente a influência de Thoreau e de sua obra quando teve início o movimento de boicote aos

²³⁵ THOREAU, Henry David. *Civil Disobedience*. Mozambique, 2001. p. 16

ônibus na cidade de Montgomery, no Alabama. Esse foi o primeiro movimento de oposição ao modelo segregacionista liderado por ele, uma vez que esse transporte incorporava a desigualdade presente na legislação local quanto ao tratamento dado aos brancos e negros na sociedade. Ele afirma que antes de iniciado o boicote- ou movimento popular de não-cooperação, como ele preferia chamar- os motoristas de ônibus chegavam a chamar os passageiros negros de crioulos, macacos pretos ou vacas pretas. Dessa maneira, como King e outros líderes do movimento já possuíam uma certa visibilidade entre a comunidade negra, decidiram que era hora de fazer algo para mudar o rumo das coisas:

Nesse ponto comecei a pensar em “A desobediência civil”, de Thoreau. Fiquei convencido de que o que estávamos nos preparando para fazer em Montgomery tinha relação com o que fora explicado por Thoreau. Estávamos simplesmente dizendo à comunidade branca: “Não vamos mais dar nossa colaboração a esse sistema perverso”.²³⁶

Sua ênfase está na tomada de consciência e na escolha de mudança, colocando em prática os ideais anteriormente apresentados por Thoreau e que ele adaptou a sua realidade. Sua liderança foi fundamental nesse sentido, pois através dela e de sua capacidade de angariar seguidores, as principais mudanças almeçadas foram de fato alcançadas. De maneira semelhante, Gandhi também teve contato com as ideias de Thoreau e relata em sua autobiografia que foi convidado a ir a um Distrito do Estado de Bihar na Índia chamado Champaran. Essa região era habitada por camponeses pobres e pequenos arrendatários que viviam em situação de pobreza extrema. Isso se devia a presença da companhia de comércio inglesa que estipulava as prioridades de plantio e cerceava as possibilidades de sobrevivência da população local. Sua presença ali e a razão da mesma foi prontamente detectada pelas autoridades locais que rapidamente começaram a cercá-lo através de intimações para deixar a cidade. Diante de sua recusa, ele foi levado a julgamento:

Uma espécie de simpatia surgiu entre os funcionários – o fiscal, o magistrado, o Superintendente de Polícia – e eu. Poderia ter resistido legalmente às notificações, mas em vez disso aceitei-as todas, e minha conduta perante os funcionários era correta. Eles entenderam que eu não queria ofendê-los pessoalmente, mas que desejava opor resistência civil às suas ordens. Por isso se acalmaram e, em vez de me importunar, ofereceram-se amavelmente a mim e a meus colaboradores para cooperar no controle da multidão. Mas ficou evidente que sua autoridade estava estremeçada. Naquele momento, as pessoas haviam perdido completamente o medo de ser punidas, e entregavam-se ao

²³⁶ CARSON, Clayborne. A Autobiografia de Martin Luther King (1929-1968). Tradução Carlos Alberto Medeiros, 1ª edição, Rio de Janeiro, editora Zahar, 2014. p.73

poder do amor que seu novo amigo exercia. Devo lembrar que ninguém me conhecia em Champaran.²³⁷

Mais uma vez o papel do líder que contagia seus seguidores: Essa foi, na opinião de Gandhi, a primeira lição prática de desobediência civil experimentada pelo país. Porém, ele define que ela somente é eficiente quando introduzida no mais profundo da consciência das pessoas, fazendo com que essas realmente acreditem ser possível alcançar ganhos sociais no sentido de melhores condições de vida a partir da sua aplicação. Gandhi reuniu seus ideais na proposta de vida do *Satyagraha*, onde a desobediência civil possuía um papel importante. O que ele propunha era uma mudança total no estilo de vida, por isso todos os integrantes deveriam ser bem treinados dentro da proposta, conhecendo as consequências de todos os seus atos. O líder que interpreta a teoria e dá o exemplo na práxis é essencial dentro desta fórmula, Gandhi e King conseguiram realizar esse papel e colocaram a desobediência civil em prática com um grau bastante grande de êxito. Não com perfeição absoluta, uma vez que nem sempre foram bem-sucedidos, mas num patamar suficiente para alcançar ganhos significativos nas suas respectivas realidades de vida.

Além do que já foi apresentado anteriormente, mais alguns pontos são bastante significativos para compreender a biografia dos personagens dentro do contexto das propostas de vivência-ético religiosas. A realização dos boicotes e dos Sit-ins é um dos pontos de destaque, assim como a coordenação de protestos em diferentes escalas e situações. No caso de Gandhi, as greves e jejuns também tiveram seu papel no processo e auxiliaram na dinâmica encabeçada por ele. Todos esses aspectos possuem sua importância no conjunto, mas ganham um determinado grau de independência em relação à proposta de desobediência civil, como será analisado mais adiante.

5.3 O cotidiano da ação: Ato popular de não-cooperação (boicotes)/ Sit-ins/ Protestos/ Greves e Jejuns

Assim como a noção de desobediência civil, anteriormente apresentada, os movimentos apresentados nesse item 5.3 - boicotes e protestos nos casos dos dois personagens, bem como os sit-ins mais no caso do pastor protestante, e as greves e jejuns no caso do líder hindu - possuem um importante papel nas trajetórias de vida dos

²³⁷ GANDHI, Mohandas Karanchand. *Autobiografia: Minha vida e minhas experiências com a verdade*. São Paulo, Palas Athena, 1999. p.353

personagens. Esses itens configuram-se como algumas das principais estratégias utilizadas pelos mesmos em vista de colocar em prática as vivências ético-religiosas idealizadas por eles. Realizar um boicote ou optar por um jejum, pode ter um significado bastante importante se confrontado com todas as questões que circundavam a sua gestação e prática.

Essa precisão argumentativa objetiva explicitar com mais exatidão o cerne da finalidade de cada uma das ações acima aludidas. É importante ressaltar que não existe uma pretensão de afirmar que todos os movimentos realizados pelos personagens foram previamente calculados como num jogo de xadrez, é possível que eles próprios não tivessem consciência de que estavam realizando atitudes passíveis de serem analisadas a partir de um viés científico. Um diagnóstico realizado *a posteriori* permite encontrar pontos de organização e diagramação das ações dirigidas pelos dois agentes históricos relacionados. Dito isso, pode-se afirmar então que é possível encontrar um método de ação que circundava toda a lógica dos procedimentos dirigidos por King e Gandhi.

Em primeiro lugar, é importante elucidar que planejar, organizar e por fim executar uma manifestação ou um protesto de qualquer tipo de maneira coordenada requeria um certo grau de capacidade estratégica e principalmente convencimento de outras pessoas. Um boicote em grande escala precisava ser pensado com anterioridade e arquitetado de forma a considerar prós e contras e especialmente as consequências advindas dessa escolha. E mais do que isso: As primeiras experiências proporcionaram a perícia necessária para que ideias mais eficazes fossem aplicadas e os movimentos foram aperfeiçoando-se em termos técnicos e conseqüentemente práticos. Esse refinamento metodológico proporcionou o crescimento da credibilidade dos líderes e fez com que mais pessoas aderissem aos movimentos.

Martin Luther King relata, por exemplo, que o sucesso do boicote aos ônibus em Montgomery motivou agitações parecidas de contestação contra a segregação em diferentes pontos dos Estados Unidos. Um lugar em especial chamou sua atenção e a de seus companheiros: Birmingham, local onde o Reverendo Fred Shuttlesworth já havia iniciado uma movimentação contra a segregação, mas ainda não havia conseguido força suficiente para fazer frente à situação local. Essa cidade era um dos principais recintos da discriminação racial e por essa razão o estratagema deveria ser muito bem articulado pela importância que poderia ter no sentido de interferir diretamente na “espinha dorsal da segregação” no País. Ao chegarem nesse local, King e os demais se reuniram para

traçar os passos a serem seguidos naquela situação específica, já trazendo consigo as experiências adquiridas nos casos anteriores.

Na preparação de nossa campanha, convoquei um retiro e sessão de planejamento de três dias com a equipe e os membros do conselho da SCLC em nosso centro de treinamento perto de Savannah, na Geórgia. Buscávamos aperfeiçoar nosso cronograma e discutir todas as eventualidades possíveis. Ao analisarmos nossa campanha em Albany, Geórgia, concluímos que um de nossos principais erros fora dispersar muito amplamente nossos esforços. Tínhamos estado tão envolvidos em atacar a segregação de maneira geral que não conseguíamos direcionar nosso protesto com mais eficácia a nenhuma de suas principais facetas. Concluímos que, em comunidades marcadas pela intransigência, seria possível travar uma batalha mais eficaz se esta se concentrasse num dos aspectos do maligno e intrincado sistema segregacionista. Resolvemos, assim, concentrar a luta de Birmingham na comunidade empresarial, pois sabíamos que a população negra tinha suficiente poder de compra para que sua retração pudesse fazer a diferença entre lucro e perda para muitos comerciantes.²³⁸

Sendo assim, ao utilizar uma estratégia mais direcionada e mais bem articulada, King e seus companheiros perceberam que assim poderiam conseguir mais sucesso nos movimentos subsequentes. Claro que eles tinham consciência de que para afetar a segregação deveriam interferir em determinados ambientes específicos e que causando incômodos, por exemplo, entre a comunidade empresarial, esta pressionaria o governo para que tomasse alguma medida. Uma vez que a cidade possuía uma população de cor significativa, a ausência desses consumidores geraria uma queda no meio circulante local afetando a economia e forçando os empresários a exigir do governo um posicionamento. Tendo por base o que já havia sido aplicado anteriormente, King e seus companheiros traçaram esse caminho e conseguiram colher os frutos dessa escolha bem planejada.

Um outro aspecto importante a ser evidenciado está no fato de as trajetórias de Gandhi e King demonstrarem que estabelecer parcerias com outras pessoas evitando um controle absoluto da situação era também uma maneira de ganhar a confiança dos outros e um método que tendia a ser bem sucedido. Isso porque ele ampliava o campo de decisões, criando uma rede de diferentes pontos bem articulados entre si e principalmente não sobrecarregando uma única pessoa, uma vez que todos podiam tomar decisões. Gandhi e King possuíam a consciência de que a confiança, a delegação de funções, assim como a participação ativa de outros indivíduos que partilhavam dos mesmos ideais religiosos e éticos - com base nos ideais partilhados no ambiente

²³⁸ CARSON, Clayborne. A Autobiografia de Martin Luther King (1929-1968). Tradução Carlos Alberto Medeiros, 1ª edição, Rio de Janeiro, editora Zahar, 2014. p.211 e 212.

religioso- influenciavam nas decisões e configuravam-se como aspectos fundamentais para o sucesso do projeto. Para ambos, o líder sábio não deve trazer todas as decisões para si, mas gerar nos companheiros o sentimento de confiança, pertencimento e partilha.

Todas essas questões exigiam de ambos os líderes aqui em análise uma capacidade significativa de ponderação acerca de elementos importantes, como por exemplo, o cuidado com as ações uma vez que envolviam a vida de outras pessoas. Gandhi narra em sua autobiografia momentos em que definir o que fazer era algo extremamente custoso por envolver questões muito maiores que uma simples decisão, pois nela enredavam-se muitas outras indagações. Por exemplo, durante as manifestações em *Punja*, ele não recebeu autorização do vice-rei para ir até essa cidade e interferir nos acontecimentos como ele gostaria. Depois de muito avaliar, decidiu que praticar essa desobediência poderia não ajudar e sua presença poderia incitar ainda mais ressentimentos num momento em que as pessoas de lá já sofriam bastante. Por isso ele afirmou: “Foi uma pílula amarga que tive que engolir. Notícias de terríveis injustiças e opressões chegavam diariamente de lá, mas tudo o que eu podia fazer era esperar, impotente e ranger os dentes”.²³⁹ Foi preciso que outros assumissem o movimento até a sua chegada e apesar das preocupações de Gandhi, ele nada pode fazer além de instruir, quando necessário, alguns companheiros que lá estavam.

Como já foi dito em momentos anteriores da tese, tanto Martin Luther King quanto Mohandas Gandhi não planejaram tornarem-se líderes e muito menos encabeçar movimentos de resistência. Trata-se de situações que foram acontecendo paulatinamente quanto mais eles se viam envolvidos e solidarizados com as questões que se sucediam ao seu redor. Diante de um alto grau de responsabilidade, contar com o auxílio de outros foi algo de extrema importância e teve seu peso na realização das atividades dirigidas por ambos. Porém, a circunstância de dirigir esse tipo de situação, fazia pesar sobre ambos a responsabilidade sobre a vida de outras pessoas e nesse ponto a cooperação configurava-se como algo primordial.

Como narra na sua autobiografia, King demonstra sempre uma certa inquietude, temendo não só pela sua vida, mas também pela de sua família e de seus seguidores. Da mesma maneira, Gandhi preocupava-se em como seus atos e suas decisões interferiam na vida daqueles que o seguiam. A consciência de que tomar a frente de uma situação como a elaboração de um boicote ou de uma greve podia colocar em risco a vida de muitas

²³⁹ GANDHI, Mohandas Karanchand. *Autobiografia: Minha vida e minhas experiências com a verdade*. São Paulo, Palas Athena, 1999. p. 403

peessoas, levando-as à prisão e em outros momentos até à morte, foi em vários momentos um pesado fardo para ambos, ainda que muitas vezes eles mesmos tenham vivenciado essas situações muito de perto. Ambos foram levados ao cárcere mais de uma vez ao longo dos movimentos: “Estou em Birmingham porque a injustiça está aqui”²⁴⁰, King afirmou ao ser preso por um período de cinco dias como resultado das manifestações realizadas em favor dos direitos civis nessa cidade.

De igual maneira, ambos experimentaram a morte por meio de assassinato e, tudo leva a crer que, foi consequência dessa mesma razão: Defesa daquilo que acreditavam como o justo. Os princípios que norteavam suas escolhas são fundamentais para que se possa compreender todo o processo: Esses valores estavam diretamente ligados às suas crenças e principalmente a maneira como se conectavam ao sagrado, de quem acreditavam receber ajuda e orientação. Interessante ressaltar que Luther King considerava a sua participação um dever moral diante das pessoas que o seguiam, consciente de sua responsabilidade diante da situação:

Expliquei a eles, por uma questão de consciência, por que achava necessário buscar um confronto com a justiça na rodovia 80. Eu achava que tinha uma obrigação moral com o movimento, com a justiça, com nossa nação, com a saúde de nossa democracia e acima de tudo com a filosofia da não violência, de manter pacífica a marcha.²⁴¹

É interessante ressaltar também que, quanto mais demonstravam firmeza nos seus princípios, mais pessoas se juntavam a eles. Como uma ilustração, ainda sobre os acontecimentos em *Punjab*, Mahatma Gandhi narra que: “Um grande número de punjabis costumava vir ver-me cada vez que eu ia a Bombaim. Eu tentava animá-los nessas ocasiões, e isso os confortava. Naquela época, minha autoconfiança era contagiosa.”²⁴² A interação entre eles e seus seguidores, de acordo com ambas as biografias, se dava num ambiente de troca muito saudável a despeito da polícia e suas tentativas de intimidação. Martin Luther King também reunia multidões e falava a todos, exortando com euforia a busca pelos direitos civis, através de discursos calorosos. Entre os mais famosos está a marcha sobre Washington por trabalho e liberdade, onde realizou o famoso discurso: “Eu tenho um sonho”, que reuniu uma multidão estimada por alguns em 250.000 pessoas, um exemplo de sua capacidade em aglomerar pessoas.

²⁴⁰ CARSON, Clayborne. *A Autobiografia de Martin Luther King (1929-1968)*. Tradução Carlos Alberto Medeiros, 1ª edição, Rio de Janeiro, editora Zahar, 2014. p. 151

²⁴¹ CARSON, Clayborne. *A Autobiografia de Martin Luther King (1929-1968)*. Tradução Carlos Alberto Medeiros, 1ª edição, Rio de Janeiro, editora Zahar, 2014. p. 332 e 333.

²⁴² GANDHI, Mohandas Karanchand. *Autobiografia: Minha vida e minhas experiências com a verdade*. São Paulo, Palas Athena, 1999. p. 405

Num determinado momento das movimentações e protestos em geral, era tamanha a adesão que as autoridades encontravam problemas para punir uma quantidade tão grande de pessoas que se aliavam aos referidos líderes. De imediato, as cadeias não comportavam o número de presos, como no caso de King e os participantes dos protestos tinham que ser enviados para as cadeias de outras cidades. Isso gerava uma dificuldade muito grande em termos de logística para a justiça local que precisava rapidamente decidir o que fazer com a enorme quantidade de infratores a punir. Em alguns momentos eles eram obrigados a selecionar quem seria preso libertando uma parte dos infratores e consequentemente afetando diretamente a credibilidade do sistema punitivo.

Além disso, por detrás das prisões, havia uma rede de pessoas favoráveis ao movimento que realizava doações em dinheiro para o pagamento das fianças dos presos. Dessa maneira, no dia seguinte, uma grande parte desses mesmos infratores já estava liberta nas ruas realizando novos protestos e reiniciando o ciclo. Essa coparticipação de pessoas em diferentes pontos e, em especial, no pagamento de fianças foi fundamental para a resolução dos conflitos de maneira mais rápida e eficiente. Durante sua prisão na cadeia de Selma, King escreveu instruções aos companheiros do movimento e entre elas estava: “Providencie imediatamente o pagamento das fianças dos membros da equipe essenciais para a mobilização que estejam presos.”²⁴³ Dessa forma, seria possível dar continuidade ao movimento sem atrapalhar os objetivos previamente traçados, driblando o código penal sem burlar a lei.

A pressão social também possuía sua representatividade na questão e representou outro ponto favorável ao fim das punições, destacadamente as prisões. Tendo como ponto de partida a liderança de King e Gandhi, as multidões direcionavam-se desfavoravelmente a determinadas ações das autoridades locais e com essa postura conseguiam atingir o centro do poder que os governantes e agentes policiais representavam, fragilizando suas estruturas. Um exemplo disso está no relato de Mohandas Gandhi durante o Congresso de Amritsar:

O Governo do Punjab não poderia manter presos os centenas de punjabis que, sob o regime de lei marcial, tinham sido detidos com base em provas ínfimas, por tribunais que o eram apenas no nome. Houve tantos protestos contra essa flagrante injustiça, que outras

²⁴³ CARSON, Clayborne. A Autobiografia de Martin Luther King (1929-1968). Tradução Carlos Alberto Medeiros, 1ª edição, Rio de Janeiro, editora Zahar, 2014. p.325

prisões se tornaram inviáveis. A maior parte dos presos foi libertada antes da abertura do Congresso.²⁴⁴

Outro ponto de inflexão estava na dificuldade de eliminar esse problema através de matanças, apesar de que muitas vezes os protestos levaram à morte de alguns dos aderentes. De imediato, esse tipo de comportamento configurava-se como uma ação covarde, uma vez que os protestos eram sempre pacíficos e todos os seus participantes, sem exceção, eram treinados na perspectiva da não-violência. Dessa forma, ainda que fossem brutalmente agredidos, a orientação era jamais revidar, uma exigência elementar por parte dos dois líderes. Isso gerava uma dificuldade enorme para as forças policiais agirem, acrescido do fato que a opinião pública não via o extermínio em massa com bons olhos e podia fazer críticas abertas nos meios de comunicação a esse tipo de comportamento. Importante lembrar que o século XX já se configura como um momento de intensa produção midiática e as pessoas ao redor do mundo detinham conhecimento das ações e acompanhavam as notícias. Por isso, o que fica claro nos relatos de ambos é que, no geral, as autoridades evitavam realizar matanças e viam-se obrigados a buscar outros meios de reprimir os manifestantes.

Entre os aspectos fundamentais para o sucesso dos movimentos estava a capacidade de atração dos líderes e sua facilidade em cativar o interesse e o respeito das pessoas. No caso de Gandhi, tanto em sua experiência na África do Sul, quanto em sua experiência na Índia, o auxílio financeiro conseguido através de simpatizantes da causa foi primordial para a concretização dos objetivos almejados. Ele conseguiu criar ao seu redor uma rede de ajuda monetária que proporcionou o acesso aos recursos materiais de que necessitava para levar a cabo as propostas lançadas. Essa ajuda financeira poderia ser direcionada a vários propósitos, como por exemplo, adquirir rocas de fiar, comprar comida para quem trabalhava voluntariamente, pagar a estadia de alguns líderes em algum hotel e assim por diante.

Gandhi recebeu também auxílio de trabalhadores voluntários, pessoas que se ofereciam para realizar tarefas de vários tipos e que assim deixaram sua contribuição. No caso de King, essa ajuda financeira foi proporcionada também por indivíduos favoráveis às mudanças sugeridas por ele, inclusive pessoas brancas que discordavam da existência de leis de segregação racial. A ajuda financeira não ocorria só no pagamento das fianças, mas também oferecendo serviços de transporte, por exemplo, durante o boicote aos

²⁴⁴ GANDHI, Mohandas Karanchand. *Autobiografia: Minha vida e minhas experiências com a verdade*. São Paulo, Palas Athena, 1999. p.411

ônibus. A rede de auxílios conseguida variava em proporção e direcionamento, e dependia da demanda naquele caso específico, porém ia se tornando cada vez mais ampla. Sem essa enorme rede de ajuda, muito possivelmente, os movimentos não teriam alcançado o sucesso que conseguiram no quadro da época.

Mohandas Gandhi relata em sua autobiografia que foi especialmente durante os anos em que trabalhou como advogado na África do Sul que começou a realizar movimentos com objetivo de agregar pessoas em busca de um ideal comum, basicamente relacionado à melhoria das condições de vida das pessoas, notadamente dos indianos ali residentes. A comunidade indiana nesse país aprendeu que deveria manter-se unida caso quisesse alcançar ganhos diante das autoridades inglesas na região. Em muitos momentos Gandhi apresentou-se como uma possível força agregadora, através de sua capacidade intelectual, mas principalmente através de um certo grau de audácia e obviamente a capacidade de liderança. Em 25 de maio de 1915, já de volta à Índia, ele fundou na cidade de Ahmedabad o *Ashram Satyagraha*, onde estabeleceu um ambiente direto de resistência às imposições feitas pelos ingleses aos indianos. Nesse lugar, Gandhi deu início à criação de uma sociedade paralela, opondo resistência direta ao sistema inglês sem estabelecer um confronto direto:

Eu queria familiarizar a Índia com o método que havia tentado na África do Sul, e desejava testar em terras indianas até onde seria possível a sua aplicação. Então, meus companheiros e eu escolhemos o nome *Ashram Satyagraha*, que reunia tanto nosso objetivo quanto nosso método de serviço.

Para conduzir o *ashram*, era necessário um código de princípios e observâncias. Preparou-se em, e amigos foram convidados a opinar. Entre muitas das sugestões que recebemos, a do Sir Gurudas Banerji ainda está em minha memória. Ele gostou dos princípios, mas sugeriu que a humildade seria deveria ser somada às observâncias, pois acreditava que as gerações mais jovens careciam dela.²⁴⁵

De maneira muito similar, Martin Luther King apresenta sua experiência ao envolver-se com o movimento negro da liderança cristã do Sul e outros grupos que reuniam indivíduos envolvidos na causa. Foi criado entre os membros desses grupos um ambiente de compromisso e parceria guardando similaridades com o *Asham* fundado por Gandhi, apesar de os dois movimentos não serem contemporâneos. Eles indicavam um tipo de desenrolar padrão nesses casos: Se havia um grupo alinhado, este se regozijava de fazer parte de uma comunidade que compartilhava dos mesmos códigos e princípios.

²⁴⁵ GANDHI, Mohandas Karanchand. *Autobiografia: Minha vida e minhas experiências com a verdade*. São Paulo, Palas Athena, 1999. p. 340.

Principalmente isso estreitava laços de solidariedade entre esses indivíduos, fortalecia aquele pequeno núcleo e solidificava seus ideais. Outro aspecto pertinente é ressaltar a postura firme de King diante das situações que necessitavam de soluções imediatas. Disso, conclui-se que ambos criaram em torno de si uma realidade de seguidores e todos passaram a compartilhar dos mesmos ideais. A síntese de ideias e vontades proporcionou o sucesso às estratégias adotadas por ambos, conforme será apresentado em seguida.

Cinco ações diferentes podem ser organizadas diante da presente explanação através da análise biográfica: Boicotes, Protestos, sit-ins, jejuns e greves. Todos esses métodos foram utilizados por um, por outro ou pelos dois em algum momento de suas trajetórias. Em conjunto esses movimentos configuram-se como os aspectos chave da compreensão da dinâmica e que conseqüentemente propiciaram a concretização das vivências ético-religiosas, aspecto que foi apresentado nos capítulos anteriores. Como já referido, os aspectos teóricos tiveram a sua importância no processo, mas a prática materializada nesses movimentos acima relacionados proporcionou o sucesso adquirido pelos líderes e seus seguidores. Os dois aspectos teórico e prático devem ser lidos em conjunto e se complementam.

O primeiro a ser analisado é a formação dos boicotes. Eles representam uma decisão de recusa a cooperar com um sistema baseado em princípios considerados injustos pelos personagens analisados. Por essa razão, Luther King chamava esse tipo de movimento de ato popular de não-cooperação. Como ele mesmo afirmou: “Não vamos mais dar nossa colaboração a esse sistema perverso”²⁴⁶. No caso clássico e precursor do boicote aos ônibus em Montgomery, a situação iniciou-se com a recusa de Rosa Parks em ceder o lugar a um passageiro branco que acabara de embarcar no ônibus. Ela foi presa, levada a julgamento e em seguida libertada com o pagamento de uma fiança. King e seus principais companheiros decidiram que era o momento propício para iniciar um boicote aos ônibus, uma afronta direta à ordem de segregação legalmente estabelecida.

A primeira fase de organização desse movimento foi o contato entre King e outras lideranças do movimento negro e a chegada a um ponto comum: A conclusão de que naquele momento se reuniam condições ideais para iniciar um movimento de enfrentamento com as autoridades, uma vez que o precedente para o confronto já havia sido aberto pela senhorita Parks. Depois de tomada a decisão, King afirma em sua autobiografia, que entrou em contato com outros elementos importantes do movimento

²⁴⁶ CARSON, Clayborne. A Autobiografia de Martin Luther King (1929-1968). Tradução Carlos Alberto Medeiros, 1ª edição, Rio de Janeiro, editora Zahar, 2014. p. 73

negro e estes se reuniram para traçar as estratégias que seriam empregadas a seguir. O reverendo L.Roy Bennett apresentou a proposta do boicote aos ônibus na segunda-feira seguinte ao ocorrido com Parks e afirmou que toda a comunidade negra deveria ser informada da proposta. Ele sugeriu a criação de uma comissão que ficaria encarregada de redigir um texto de incentivo e de oferecer instruções de como a população deveria proceder, além é claro, de incentivar companheiros de sua Igreja a aderir ao movimento. King fazia parte dessa comissão, mas até o momento não era a figura chave da situação, nem tinha a fama que adquiriu anos depois. Entretanto, ele relata que trabalhou bastante durante aquele dia, entregando panfletos e orientando as pessoas sobre como proceder no dia seguinte. A declaração preparada por essa comissão dizia o seguinte:

Segunda-feira, 5 de dezembro, não vá de ônibus para o trabalho, para a cidade, para a escola ou para qualquer outro lugar. Outra Mulher Negra foi detida e posta na cadeia por ter se recusado a ceder seu lugar no ônibus. Segunda-feira, não pegue ônibus para o trabalho, para a cidade, para a escola ou para qualquer outro lugar. Se trabalha, vá de táxi, pegue uma carona ou vá a pé. Compareça à assembleia que acontecerá segunda-feira, às sete da noite, na Igreja Batista da Rua Holt para novas instruções.²⁴⁷

Muitos questionamentos ocorreram diante dessa opção pelo boicote, entre eles, a dúvida sobre o possível desfecho do movimento, se não seria antiético e anticristão. Essa ponderação levava em conta o fato de que algumas pessoas inocentes poderiam vir a ser prejudicadas com essa atitude, inclusive donos e funcionários das empresas de ônibus que não eram culpados diretamente pelas injustiças do sistema de segregação. De uma forma geral, tudo eram suposições em processo de teste. A princípio, King acreditava que não ocorreria uma adesão muito grande. Para ele, se 60% da população negra da cidade aderisse ao movimento já seria uma grande coisa, entretanto, para sua surpresa, a adesão foi quase de 100% ao longo de todo o dia. Ele e sua esposa observavam os ônibus passando através da janela de casa e prestavam atenção aos negros estavam embarcados e quase não se os via. A maioria decidiu reunir-se ao boicote e não utilizar os ônibus durante todo aquele dia.

Para além disso, torna-se relevante ressaltar que este foi um recurso utilizado não somente por ele, mas também por Gandhi ao longo dos movimentos que dirigiu. Ele relata que a primeira utilização do termo “boicote” ocorreu durante uma conferência hindu-muçulmana realizada em Délhi, que buscava deliberar sobre um outro tema, mas

²⁴⁷ CARSON, Clayborne. A Autobiografia de Martin Luther King (1929-1968). Tradução Carlos Alberto Medeiros, 1ª edição, Rio de Janeiro, editora Zahar, 2014, p.71

que acabou embrenhando-se pela questão da recusa aos produtos estrangeiros. Quando convocado para apresentar seu ponto de vista, o Mahatma pretendia expressar essa mesma ideia, a partir da premissa de que negar-se a cooperar é um direito inalienável do povo: “Não conseguia encontrar uma palavra apropriada em hindi ou urdu para a nova idéia, e isso de alguma forma me deixou em compasso de espera. Por fim, preferi descrevê-la pela expressão ‘não-cooperação’, que usei pela primeira vez naquele encontro.”²⁴⁸ Entretanto, não foi no referido momento ainda que essa expressão se tornou uma moeda corrente nos movimentos encabeçados por ele, sendo aplicada na moção do Congresso de Amistar um mês depois a partir de onde ganhou vulto.

A primeira fase da organização do boicote estava centrada na consideração de quais aspectos deveriam ser combatidos diretamente e quais opções se acercavam dessa possibilidade. Por exemplo, ao considerar a alternativa de executar um boicote aos ônibus, Martin Luther King e seus seguidores delimitaram o que pretendiam confrontar diretamente e decidiram que o objetivo do boicote seria acabar com a segregação nos ônibus, ou seja, definiram que sua meta era que todos pudessem utilizar esse meio de transporte na cidade da mesma maneira, independente da cor da pele. No caso de Gandhi, ao organizar o boicote ao sal:

Todos os preparativos foram feitos para o começo da desobediência civil. Duas ou três coisas tinham sido discutidas a esse respeito. Decidiu-se que a desobediência civil deveria ser colocada em prática em relação a leis que fossem mais facilmente desobedecidas pelas massas. A taxa do sal era extremamente impopular, e um poderoso movimento já estava crescendo há algum tempo para repeli-la. Portanto, sugeri que as pessoas poderiam obter sal a partir da água do mar em suas próprias casas, desobedecendo a essa taxa.²⁴⁹

A ideia era, de fato, deixar de pagar os impostos obrigatórios boicotando determinados produtos e promovendo a conquista de uma certa autonomia por parte da população indiana, alijando cada vez mais o domínio do Império britânico sobre os nativos. O mesmo aconteceu no relativo à obrigatoriedade de compra dos tecidos ingleses, esses também foram boicotados a partir das orientações de Gandhi.

As greves também foram um artifício utilizado por ele durante seu périplo pela Índia tendo como meta a melhoria das condições de vida da população como um todo,

²⁴⁸ GANDHI, Mohandas Karanchand. *Autobiografia: Minha vida e minhas experiências com a verdade*. São Paulo, Palas Athena, 1999. p.410

²⁴⁹ GANDHI, Mohandas Karanchand. *Autobiografia: Minha vida e minhas experiências com a verdade*. São Paulo, Palas Athena, 1999. p. 394

mas principalmente daqueles trabalhadores que eram os mais explorados. Em um determinado momento de sua narração na autobiografia, ele conta seu envolvimento com o movimento dos tecelões da cidade de *Ahmedabad*. Apesar de sua hesitação em envolver-se no conflito por ter boas relações com ambos os lados - tanto com os proprietários das fábricas quanto com os operários- e mesmo com suas incansáveis tentativas de incentivar uma conciliação, viu-se obrigado a aconselhar os operários a optar pela greve. Para tal, ele realizou uma comunicação direta com as lideranças dos operários com o objetivo de ensiná-los as condições necessárias para uma greve bem sucedida. Interessante destacar que os líderes acataram os conselhos de Gandhi e levaram a cabo a greve de acordo com os pontos apresentados por ele. Eles foram os seguintes:

1. nunca recorrer à violência;
2. nunca molestar os que querem trabalhar;
3. nunca depender de doações;
4. permanecer firme, não importando quanto tempo dure a paralisação, e ganhar o pão, durante esta, por meio de qualquer outro trabalho honesto.²⁵⁰

O Mahatma relata que, durante os primeiros dias, os operários mantiveram-se fiéis aos propósitos estabelecidos desde o início da greve, porém com a demora na resolução da situação e a dificuldade em encontrar uma ocupação alternativa que gerasse alguma renda para suprir as necessidades, alguns começaram a desertar. Nessa altura dos acontecimentos, Gandhi então se utilizou do recurso ao jejum, que para ele seria uma forma de sensibilizar mais rapidamente a chegada a uma solução. Nesse momento, ele já possuía credibilidade diante da população e por isso, tanto os tecelões quanto os donos das fábricas, dedicavam a ele respeito. Ele narra a seguinte situação durante uma reunião com os operários têxteis:

A menos que os grevistas se mantenham unidos – declarei na assembléia-, e continuem a greve até que um acordo seja alcançado, ou até que todos deixem as fábricas, não tocarei em alimento nenhum. Os trabalhadores ficaram chocados. Lágrimas começaram a rolar na face de Anasuyabehn. Os trabalhadores gritaram:
- Não é o senhor, e sim nós, que vamos jejuar. Seria monstruoso que o senhor jejuasse. Por favor, perdoe-nos por nosso lapso. Permaneceremos fiéis à nossa demanda até o final.
- Não há necessidade de jejuarem – respondi. – Bastaria que pudessem permanecer fiéis à sua causa. Como sabem, estamos sem fundos e não queremos continuar a greve vivendo da caridade pública. Vocês deveriam subsistir com algum tipo de trabalho. Isso lhes dará suficiente

²⁵⁰ GANDHI, Mohandas Karanchand. *Autobiografia: Minha vida e minhas experiências com a verdade*. São Paulo, Palas Athena, 1999. p.365

autonomia, não importa o quanto se prolongue a paralisação. Quanto ao meu jejum, ele só será quebrado depois que tudo estiver resolvido.²⁵¹

O desfecho da situação foi positivo e apenas três dias após Gandhi ter iniciado o jejum, os proprietários e os trabalhadores das fábricas chegaram a um acordo e a greve teve fim. Mas nem tudo se encaminhou de maneira completamente pacífica nesse caso, pois Gandhi voltou a ter desentendimentos com o comissário de polícia que, num primeiro momento aceitou ampará-lo, mas em seguida decidiu confrontá-lo diretamente apenas alguns dias depois.

Os protestos também se configuram como elementos de relevância significativa no contexto dos embates que vem sendo apresentados. Um exemplo bastante significativo na autobiografia de Luther King está nos protestos realizados em Birmingham, cidade do Sul dos Estados Unidos onde a segregação racial era uma política de Estado, como já foi anunciado anteriormente. Bull Connor mantinha a cidade sob seu domínio quase tirânico, uma vez que mesmo tendo sido derrotado nas eleições locais, ele e seus companheiros recusaram-se a deixar os cargos municipais. Suas armas mais fortes eram o medo e a intimidação e, segundo King, tratava-se de “um racista que se orgulhava de saber como lidar com os negros e mantê-los no seu lugar”²⁵². Por isso, naquela cidade, a luta dos negros representava um grande embate e, ao mesmo tempo, um grande desafio.

Por fim, pode-se dizer que o desfecho dessa história foi relativamente favorável, uma vez que um acordo foi alcançado no dia 10 de maio de 1963, anuindo sobre a dessegregação e a igualdade de oportunidades em termos de direitos trabalhistas para negros e brancos. Porém: “Birmingham não foi, de modo algum, milagrosamente dessegregada. Ainda há resistência e violência.”²⁵³ Mesmo depois dos acordos encaminhados, um episódio inesperado aconteceu: Em retaliação aos direitos em fase de negociação, uma bomba foi atirada contra a Igreja Batista da Rua 16, matando quatro crianças negras que ali estavam. Esse acontecimento deixou King e outros líderes do movimento bastante desolados e convencidos de que a luta pelo fim da segregação estava apenas começando e somente a alteração na lei não seria suficiente para transformar uma mentalidade hegemônica.

No que tange ao movimento dos *sit-ins*, pode-se dizer que ele esteve presente unicamente no caso dos Estados Unidos e caracterizou-se pela ativa participação da

²⁵¹ Ibidem, p. 369

²⁵² CARSON, Clayborne. A Autobiografia de Martin Luther King (1929-1968). Tradução Carlos Alberto Medeiros, 1ª edição, Rio de Janeiro, editora Zahar, 2014. p. 209.

²⁵³ Ibidem, p. 261

juventude negra da Carolina do Norte. Em fevereiro de 1960, King mudou-se para Atlanta, logo após o sucesso do movimento em Montgomery e lá deu rumo ao seu périplo contra a segregação: “Aquele era o momento criativo para um ataque em ampla escala ao sistema segregacionista. Era chegada a hora de um amplo e corajoso avanço na campanha sulista pela igualdade.”²⁵⁴ As manifestações estudantis desempenharam um papel que surpreendeu inclusive o próprio King, uma vez que raramente um movimento conseguiu envolver todo o corpo discente de uma faculdade, por exemplo, como foi o caso dos *sit-ins*.

Os jovens estudantes do Sul, por meio de *sit-ins* e outras manifestações, deram ao país um brilhante exemplo de ação não violenta disciplinada e séria contra o sistema segregacionista. Embora confrontados em muitos lugares por arruaceiros, policiais armados, gás lacrimogêneo, detenções e sentenças de prisão, os estudantes continuaram tenazmente a se sentar e exigir igualdade nos serviços numa série de lanchonetes e estenderam seu protesto de uma cidade para outra. Nascidos espontaneamente, mas guiados pela teoria da não violência, os *sit-ins* em lanchonetes conseguiram a integração em centenas de comunidades a um ritmo de mudança que foi o mais rápido do movimento de direitos civis até aquele momento.²⁵⁵

Os protestos nas lanchonetes não eram o ponto máximo da proposta dos *sit-ins*, nem tanto o fim da segregação nas lojas. Claro que tudo isso representava situações bastante desagradáveis e que deveriam ser combatidas através da não violência, uma vez que todos deveriam ter o mesmo acesso aos bens se assim os quisessem consumir. Porém, os consumidores negros nunca recebiam o mesmo tratamento dos brancos, sendo impedidos de acessar alguns assentos das lanchonetes ou de escolher objetos em algumas seções de lojas. Mesmo tendo isso como uma das metas do movimento, ainda assim, a principal demanda era a integração das escolas e universidades que até o momento eram também divididas em escolas só para negros e outras somente para alunos brancos. De acordo com o próprio Martin Luther King: “Num sentido real, o ‘sit-in’ representava mais que uma demanda por serviço; representava uma demanda por respeito.”²⁵⁶ Uma sociedade minimamente igualitária deveria oferecer o mesmo tipo de educação aos seus integrantes, independente da cor ou da origem social de cada um.

5.4 As estratégias em perspectiva: Desfechos e novas construções

²⁵⁴ Ibidem, p.166

²⁵⁵ CARSON, Clayborne. A Autobiografia de Martin Luther King (1929-1968). Tradução Carlos Alberto Medeiros, 1ª edição, Rio de Janeiro, editora Zahar, 2014. p.167 e 168.

²⁵⁶ Ibidem, p. 170

Toda a leitura realizada nas páginas anteriores sobre os procedimentos adotados pelo pastor batista e pelo líder hindu, guardadas obviamente as especificidades de cada trajetória, retratam aspectos significativos para este estudo. A partir de uma leitura dialógica das biografias torna-se possível traçar rupturas e continuidades na perspectiva das ações de cada um e apresentar ao leitor uma gama de caminhos percorridos por ambos em seus itinerários na busca da sociedade que desejavam.

Um aspecto significativo que está relacionado a todos esses movimentos anteriormente apresentados e que adquire uma importância considerável está relacionado ao ideal de treinamento das pessoas dentro da proposta do movimento que deve ter por base o princípio da não-violência. Talvez esse tenha sido um dos pontos de maior envergadura para os dois líderes em destaque, uma vez que precisavam realizar esses eventos e o treinamento dos seguidores era fundamental para o sucesso dos mesmos. Segundo King: “Há outro elemento que deve estar presente em nossa luta e que torna a resistência e a não-violência verdadeiramente significativas. Esse elemento é a conciliação. Nosso objetivo final deve ser a criação de uma comunidade de amor.”²⁵⁷ Tanto ele quanto Gandhi não pretenderam despertar em seus seguidores sentimentos de disputa e rivalidade, como se estivessem realizando uma guerra dicotômica entre o bem e o mal, mas sim defendendo a criação de uma sociedade onde a justiça e a igualdade de direitos fosse a mola mestra da situação. Um exemplo interessante é que, após ter sido concluída a dessegregação nos ônibus em Montgomery, alguns sinais de hostilidade por parte dos brancos foram percebidos, porém a orientação de não utilizar a violência permaneceu firme na mente dos adeptos de King:

[...] É verdade que uma mulher negra levou um tapa de um homem branco ao se sentar, mas ela se recusou a revidar. Mais tarde ela disse:
- Eu mesma poderia ter quebrado o pescoço daquele sujeitinho, mas saí da assembleia da última noite determinada a fazer o que o reverendo King tinha pedido.²⁵⁸

Dito isso, torna-se fundamental também elucidar que as noções de desobediência civil e de resistência pacífica, podem ser melhor compreendidas se apresentadas em parceria. Ao desobedecer uma determinação legal – mesmo que ela lhe pareça algo injusta- o indivíduo sabe que estará sujeito às penalidades judiciais presentes naquela

²⁵⁷ CARSON, Clayborne. A Autobiografia de Martin Luther King (1929-1968). Tradução Carlos Alberto Medeiros, 1ª edição, Rio de Janeiro, editora Zahar, 2014, p. 172

²⁵⁸ Ibidem, p.124 e 125

realidade social. Quando se opta por resistir pacificamente, o indivíduo está se sujeitando a receber as penas sem tentar resistir às mesmas, ainda que as veja como injustas. Isso denota que há também um conflito velado: O indivíduo descumpre uma norma, mas agindo sem violência ao não resistir às sanções penais. Ou seja, é possível agir de forma não violenta e resistir pacificamente às punições. A consciência da importância dessa postura caracterizou-se como um dos grandes trunfos dos movimentos, uma vez que a lógica punitiva que tanto melindra atitudes consideradas socialmente equivocadas não afetava mais aqueles que dedicavam respeito e confiança às lideranças religiosas.

A aceitação da punição é um ponto de extrema relevância a ser analisado nesse contexto, pois é o que proporciona a desestabilização da ordem estabelecida por aqueles que estão no domínio da situação. O risco da punição, ou melhor, o medo da punição é um dos elementos centrais a serem considerados para a manutenção das estruturas de dominação. Quando um indivíduo ou vários decidem não se importar com ela, então essa forma de coerção perde sua função e não impõe mais as normas da situação, há uma quebra na estrutura de poder da sociedade. Esse desequilíbrio é um dos elementos essenciais para que a mudança social ocorra e se crie uma nova forma de acomodação social.

Sobre esse aspecto, Mahatma Gandhi narra um episódio em Champaran, uma região distante na Índia, onde havia um conflito entre os agricultores e os fiscais no que se refere à cobrança de impostos. Havia um medo em confrontar a ordem legal e os agricultores acabavam desfavorecidos, perdendo seus bens e parte das suas colheitas. Em um determinado momento, Gandhi aconselhou as pessoas a colher cebolas na área que tinha sido confiscada, em sua opinião, erroneamente, pois confiava que essa atitude estava moralmente correta. Ele acreditava que assim poderia elevar a autoestima dos agricultores, além de ser uma boa oportunidade para as pessoas aprenderem sobre multas e aprisionamento. Dessa forma, o *Sjt. Mohanlal Pandya* se ofereceu como voluntário, pois acreditava que seria positivo para a campanha se alguém mostrasse os princípios do *Satyagraha* de maneira mais objetiva. Decidido isso, acompanharam-no sete ou oito amigos.

Quando o medo ao cárcere desapareceu, a repressão encorajou os manifestantes. Multidões assediaram o tribunal no dia da audiência. Pandya e seus companheiros foram condenados e sentenciados a um breve período de reclusão. Eu era de opinião que a condenação estava errada, porque o ato de colher a cebola não poderia ser definido como

‘roubo’ no Código Penal. Mas nenhuma apelação foi feita, porque a política era evitar recorrer aos tribunais.

Uma procissão acompanhou os ‘condenados’ à prisão. Naquele dia, o Stj Mohanlal Pandya foi honrado com o título de *dunglichor* (ladrão de cebolas), que ostenta até hoje.²⁵⁹

Diante de tudo o que foi apresentado, pode permanecer a impressão de que todos os movimentos e intenções dos líderes em destaque foram sempre bem sucedidos, entretanto, isso se trata de uma inverdade. Nem sempre eles conseguiram alcançar todos os objetivos almejados, apesar de terem alcançado ganhos significativos dentro do que estava ao alcance. É preciso ter certa cautela com esse tipo de conclusão uma vez que, como já foi dito, uma análise feita à posteriori tende a lançar um olhar a partir dos resultados e não das metas traçadas de antemão pelos personagens. É preciso ter esse cuidado antes de prescrever a coroação do sucesso ou da derrota: A partir de quais sujeitos históricos se fala e quais contextos são considerados.

Martin Luther King não conseguiu pôr um fim definitivo à segregação em Albany, conforme planejara inicialmente, as estratégias lançadas por ele e os demais líderes mostraram-se deficientes em muitos aspectos e proporcionaram uma vitória parcial diante das metas traçadas. Entretanto, essa vitória parcial permitiu a ele e aos outros líderes parceiros reavaliar os alvos e a aprender com as falhas cometidas. Nunca foi possível chegar a uma estratégia perfeita, mas essa foi buscada incessantemente entre os entusiásticos seguidores dos princípios da dessegregação nos Estados Unidos. Em sua autobiografia, ele também relata a derrota parcial diante da situação em Chicago e alega que as diferentes condições sociais, relacionadas ao fato de se tratar da segunda maior cidade do país, resultaram em dificuldades para a resolução dos problemas existentes naquele espaço. Os desafios e as variáveis eram infinitos e não havia uma fórmula única que pudesse ser aplicada indefinidamente em todo o país.

Mohandas Gandhi também confessa as várias frustrações sofridas ao longo de sua campanha e os momentos em que suas propostas não foram bem recebidas por outras pessoas ou que acabaram fracassando. Sua proposta de criar escolas entre os camponeses de *Bihar* funcionou muito bem enquanto ele esteve lá cuidando do assunto diretamente, entretanto, assim que se retirou para cuidar de outras demandas, as escolas fecharam. Isso causou nele uma imensa tristeza, segundo palavras suas na autobiografia. Ele já tinha se convencido de que não era possível mudar a realidade social sem que os camponeses

²⁵⁹ GANDHI, Mohandas Karanchand. *Autobiografia: Minha vida e minhas experiências com a verdade*. São Paulo, Palas Athena, 1999. p.375

tivessem acesso a uma educação adequada. Porém, ainda hoje não houve uma efetiva melhora na situação dos camponeses e nem todos se interessam por saber que algum dia alguém tentou ajuda-los.

Com isso, pode-se concluir que ainda hoje perdura algum nível de preconceito racial nos Estados Unidos e a situação de pobreza e desigualdade social na Índia também não foi totalmente resolvida. Mesmo diante dos ganhos alcançados pelos personagens que não podem ser considerados irrisórios, os problemas confrontados pelos líderes não foram eliminados por completo e ainda permanecem como desafios a serem solucionados nos dias de hoje. Os métodos acima apresentados e utilizados por eles podem servir como um caminho, um meio de acesso, no entanto, o desafio de alcançar uma sociedade igualitária permanece inconcluso. Mas ainda que tal objetivo não tenha sido plenamente alcançado, isso não diminui o mérito da proposta, nem do esforço realizado e nem dos resultados alcançados.

Tendo por base a análise aqui desenvolvida, infere-se que ao lançar mão dessas estratégias, levando a cabo os métodos teorizados e posteriormente colocando-os em prática, tanto Luther King quanto Gandhi adotaram como um dos seus principais objetivos o alcance de uma mudança na forma de agir dos indivíduos em suas sociedades. Toda a movimentação ocorrida nesse sentido tinha como pano de fundo um projeto ético que permeava as motivações ético-religiosas experienciadas por ambos, buscando transcender a realidade imediata, oferecendo um caminho de transformação e reorganizando a sociedade a partir de uma base ética comum. Por isso, defende-se que esse reconhecimento de vivências éticas partilhadas por ambos caracterizava-se como o mais importante alicerce de sustentação para as ações conduzidas pelos personagens.

Não só Martin Luther King e Mahatma Gandhi, como também seus seguidores eram diretamente influenciados por essa base religiosa, pois atribuíam a essas duas lideranças nos movimentos de embate com o poder estabelecido – boicotes, Sit-ins, protestos, greves e jejuns – a presença de uma força espiritual funcionando como guia. Essa fundamentação de uma base ético-religiosa permitiu uma identificação conjunta de crenças, ideais e principalmente ações no sentido de formação de uma sociedade fundamentada em princípios éticos, ainda que dentro daquele núcleo de influência dos personagens. Esses princípios eram compartilhados a partir do reconhecimento e da credibilidade atribuídas às lideranças religiosas enquanto modelos de ação e vida. Somente através desses elementos em conjunto torna-se possível pensar a construção de

um projeto ético comum, baseado em valores que desde sempre existiram na humanidade.

Capítulo 6

A ética mundial: Projeto espiritual para a humanidade

6.1 Religião, fé e crença: Descompassos em tempos de globalização

Ao longo de todo o texto da tese, a religião foi apresentada como o principal condutor argumentativo, uma vez que se caracterizou como o ponto a partir do qual o teólogo Hans Küng edificou o projeto por uma ética mundial elaborado por ele. Mas uma determinada ideia de religião não assume uma posição absoluta no escopo de sociedade imaginada por esse mesmo projeto, uma vez que é a ética comum subjacente às várias tradições filosóficas e religiosas o elemento fundamental a ser considerado. Conforme foi apresentado anteriormente, a existência de princípios éticos na sociedade independentemente da fé ou não em uma determinada religião reforça que o mais importante é aquilo que o indivíduo traz dentro de si como valor interior. A religião enquanto um conjunto de rituais e doutrinas acaba tendo sua importância secundarizada diante da possibilidade de tornar-se um elemento de encontro do eu interior com a alteridade.

O projeto para uma ética mundial apresenta então uma visão da religião atrelada a um forte sinal de mudança dos tempos, pois apesar de ter passado, nos últimos anos, por momentos de intensa contestação através de processos como a secularização e outros temas, mantém seu papel social de coesão e reciprocidade. Além disso, por não caracterizar-se como uma grandeza estática, ela também incorporou demandas do mundo moderno, especialmente a presença cada vez mais latente da pluralidade religiosa e os desafios inerentes a esse tema. Por todos esses motivos, o referido projeto defende que a religião é capaz de colaborar decisivamente na superação de muitas das questões que

assolam o mundo na era da globalização, pois se encontra em consonância com esse mesmo fenômeno, ao mesmo tempo, que mantém suas características próprias.

Essa proposta de discutir um panorama da religião hoje à luz da declaração está associada a outros temas importantes que interferem diretamente na maneira como o ser humano se relaciona com o divino e como essa relação é encarada e assimilada pelas pessoas. Por um lado, o projeto ressalta a fluidez do conceito de religião e das próprias crenças religiosas, acarretando como consequência o esvaziamento de valores éticos básicos. Claro que esse fenômeno varia em dimensões dependendo do lugar do mundo a partir do qual se lança um olhar e do quanto o elemento religioso predomina ou não naquela sociedade. Esse ponto do esvaziamento de princípios éticos já foi amplamente debatido ao longo das páginas anteriores, mas talvez caiba um olhar atento para as nuances sofridas pelo conceito de religião.

Os pesquisadores do tema reconhecem, desde os seres humanos primitivos, resquícios de uma relação entre o homem e a existência de forças superiores. Essa interação recebe o nome de religião, porém, não se pode dizer que ela sempre ocorreu do mesmo jeito com as mesmas características em todos os lugares. Mesmo a conceituação de religião aos moldes científicos, realizada por estudiosos preocupados com essa apropriação conceitual, mostra toda a sua limitação, pois não existe um único conceito que se encaixe perfeitamente para todas as culturas em todos os tempos. Sendo assim, por ser um conceito historicamente datado e socialmente mutável, ele deve ser problematizado em cada momento histórico específico e não aplicado indiscriminadamente sem uma preocupação analítica do pesquisador.

Por outro lado, essa análise também precisa levar em consideração outras características importantes que marcam a presença da religião hoje nas várias sociedades. Essa fluidez dos tempos modernos também inclui um outro fenômeno significativo e observável: A ideia do trânsito religioso. Claro que ao longo da história do mundo, houve tempo de intensas conversões religiosas, muitas vezes de povos inteiros ou camadas sociais inteiras. Mas mesmo essas conversões não possuíam as mesmas características daquelas encontradas no mundo moderno e globalizado, pois hoje nota-se uma migração pessoal do sujeito de uma religião para outra em momentos diferentes da vida. Sem dúvida, esse fenômeno é facilitado pelo acesso às informações e pela internacionalização dos cultos religiosos, dinamizando a presença de todas as religiões em todos os cantos do mundo.

Hoje é possível encontrar adeptos de todas as religiões nos vários países, elemento que antes pouco se observava uma vez que as religiões tendiam a permanecer restritas cada qual a uma determinada região do Globo terrestre. Hans Küng cita, durante sua conversa com Jürgen Hoeren, o crescimento desse tipo de fenômeno e complementa que este vem acompanhado do fato de que cada vez mais as pessoas estão se relacionando com crentes de diferentes religiões. Não há problema algum que um cristão participe de uma festa hindu ou que um hindu celebre a festa de Natal. O ponto principal é que essa celebração não se limite aos aspectos folclóricos de cada religião, mas sim que uma busca pelo intercâmbio do conteúdo ético essencial existente em ambas as religiões.²⁶⁰ O contato superficial pode, num determinado sentido, afastar mais que unir pelo fato de não se criarem laços sinceros de empatia. Dessa forma, ciente de todas essas questões, o projeto de ética mundial procura apresentar uma abordagem sensível a todos esses fenômenos da modernidade. “Hoje toda mensagem religiosa, também a cristã, deve ser repensada ante o horizonte de um mundo modificado.”²⁶¹

Um ponto muito especial dentro dessa temática é o grande problema enfrentado, conforme explicam Luckmann e Berger, da crise de sentido que existe nos tempos atuais, ocasionando um vazio conceitual que atinge o mundo: “o pluralismo moderno leva a um enorme relativismo dos sistemas de valores e de interpretação. Em outras palavras: os antigos sistemas de valores e de interpretação são ‘descanonizados’.”²⁶² Nos momentos anteriores da história das civilizações, mesmo as conversões em massa não causavam o mesmo desconforto e nem o mesmo nível de relativização dos valores. Isso se configura como um fenômeno realmente atual e único. Por isso, diz-se que o mundo parece regido por duas forças contraditórias: Ao mesmo tempo que os valores são relativizados e perdem sua força enquanto reservatórios de sentido, são imediatamente depois novamente requisitados, reconhecidos pelo seu papel edificante como elemento de coesão e de sentido para as pessoas. Por essa razão, a crença de que as religiões podem oferecer sua contribuição para a construção de uma nova sociedade mundial baseada em princípios éticos, é colocada como uma forte possibilidade no texto da declaração para uma ética mundial e de uma certa forma na análise conceitual de Luckmann e Berger. No

²⁶⁰ KÜNG, Hans. *Para que um ethos mundial?* Religião e ética em tempos de globalização, conversando com Jürgen Hoeren. São Paulo: Loyola, 2005. p.126

²⁶¹ Idem, 1992. p. 121

²⁶² BERGER, Peter L e LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: A orientação do homem moderno*. Tradução de Edgar Orth, Rio de Janeiro: Vozes, 2004. p.50

livro em que apresenta sua proposta para o projeto, Küng defende uma proposição universal de entendimento tendo por base uma ideia de religião nos seguintes termos:

Positivamente: a religião é boa e verdadeira na medida em que ela serve à *humanidade*, na medida em que, em suas doutrinas de fé, de ética, em seus ritos e instituições, ela *promove* a identidade humana, o sentido e sentimento de valor das pessoas.²⁶³

Essa visão da religião como um elemento agregador de valor tem como principal função fornecer sentido às pessoas e torna-las mais confiantes e orientadas em relação ao que são e a maneira como se relacionam com os outros. Ela colabora com a vida das pessoas nas suas demandas cotidianas, despertando sentimentos de esperança e oferecendo um novo horizonte para as relações entre elas. Por essa razão, Hans Küng acredita que a religião precisa começar a ser encarada com novos olhos e acompanhar cada vez mais de perto as demandas do mundo atual para fazer frente aos desafios que existem na modernidade. Ela precisa fortalecer o conteúdo humano que a compõe permitindo que suas instituições e tradições trabalhem para se chegar a um mundo mais compreensivo e acolhedor. Isso não significa impor que elas percam seus aspectos característicos moldando-se aos interesses de grupos específicos, ou que abandonem suas doutrinas, seus rituais, símbolos e qualquer outro elemento em particular. Cada religião deve manter suas particularidades, seus elementos de fé e sustentar seus princípios desde que isso não impeça de reconhecer que existe um mundo além do seu templo, além de sua crença e que as outras expressões de fé importam para outras pessoas. Como afirmaram Teixeira e Dias: “A realidade do pluralismo religioso faz parte inevitável do cenário do século XXI”.²⁶⁴

A questão que o projeto para uma ética mundial apresenta está muito mais relacionada à criação de uma consciência interior que de manifestações ritualísticas ou devocionais, uma vez que o encontro interior com a fé independe da religião que se professe. Ela deve fazer sentido e fincar raízes éticas dentro do indivíduo, através de uma entrega sincera às suas diretrizes, pois somente dessa forma os princípios irão exteriorizar-se na prática de cada um. Como já foi dito em outras partes da tese, as religiões mundiais possuem mais coisas em comum que se pode imaginar num primeiro olhar. Quando se busca a aproximação e se propõe uma abertura dialogal, é possível

²⁶³ KÜNG, Hans, op. cit, p. 128

²⁶⁴ TEIXEIRA, Faustino.& DIAS, Zwinglio Mota. *Ecumenismo e diálogo inter-religioso: A arte do possível*. São Paulo: Editora Santuário, 2008. p.119

encontrar semelhanças que unem e proporcionam um entendimento entre as várias confissões.

Levando em conta essa discussão, acredita-se que o aquilo que deve ser revisto é o olhar tradicional sobre a religião que tende a limitá-la a um conjunto estático de princípios invariáveis, devendo ser “... sim uma religião que consiga novamente transmitir ao homem de hoje um horizonte de sentido, trazer-lhe padrões éticos e uma pátria espiritual.”²⁶⁵ Dito dessa forma, a religião teria, no mundo atual, três mais importantes focos a serem perseguidos: Oferecer um horizonte de sentido, ou seja, ajudar na formação de identidades pessoais, o motivo de apresentação de padrões éticos inerentes a serem partilhados e o papel de diretriz espiritual como tradicionalmente se lhe atribui. Nenhum desses aspectos pode, portanto, desconsiderar a diversidade religiosa existente no mundo e desmerecer os ensinamentos que cada tradição pode trazer para a vida das pessoas.

Para que esses três aspectos sejam alcançados, torna-se muito importante que desde sempre, dentro dos círculos de convivência religiosa, a pessoa já considere a presença de outras crenças diferentes da sua, pois isso tende a criar uma familiaridade com a ideia da diversidade. A consciência de que o mundo é plural e mutável demanda dos adeptos de cada religião o aprendizado de vida com a existência de outras crenças, pois o convívio com elas será inevitável. O mais importante é que ideais éticos e respeito por aquilo que pertence ao outro sejam aprendidos desde o início da vida e partilhados assim como os aspectos doutrinários específicos da própria religião do indivíduo. Se nos ambientes de convívio religioso se incentiva à intolerância e o desrespeito frente às outras religiões, a tendência é que esse tipo de mentalidade ultrapasse os muros dos templos religiosos e que ganhe a sociedade, reproduzindo preconceitos, muitas vezes, já existentes. O mais alarmante é que a tendência acaba sendo a ampliação deles para além da religião, causando conflitos de várias naturezas no próprio dia a dia das pessoas.

Tudo que se aprende e se vive dentro do espaço religioso tende a expandir-se para outros ambientes de convivência. Isso quando utilizado em favor do bem comum pode ter muito a contribuir com os demais ambientes de interação social, possibilitando ao indivíduo uma base intelectual que ele pode carregar consigo em todos os outros locais de vivência, independente da religião que ele professe. Um ponto que tangencia essa proposta é o caráter estruturante que as formações religiosas oferecem para os seres

²⁶⁵ KÜNG, Hans. *Religiões do mundo: Em busca de pontos comuns*. Verus editora, São Paulo, 2004. p.280

humanos e o quanto esse elemento teve seu papel na edificação da história das sociedades. A religião possui um caráter estruturante não só do indivíduo, mas também da própria sociedade:

A Igreja pode, por exemplo, comunicar sentido tanto para a vida familiar quanto para a cidadania. Neste caso, a Igreja dá uma colaboração importante para a sociedade em geral. Ela reforça a estabilidade e a credibilidade das ‘grandes’ instituições (principalmente do Estado) e diminui a ‘alienação’ do indivíduo para com a sociedade. Isto sempre foi naturalmente o grande papel social da religião.²⁶⁶

O convívio social demanda de cada pessoa um conhecimento prévio de como lidar com os outros, esse aprendizado é feito em núcleos menores e amplia-se com o passar do tempo, levando essa pessoa para o meio social mais geral, aqueles princípios já consolidados na sua personalidade. Ideias como cidadania e representatividade só podem ser aplicadas com a devida eficácia num terreno já previamente cultivado por valores sólidos e uma consciência coletiva comum. A civilidade não se constrói através de leis unicamente, mas de elementos que pré-existent a elas que definem os contornos da vida em sociedade. Por isso, o projeto defende que as grandes tradições religiosas possuem ensinamentos que têm muito a contribuir com o desenvolvimento de uma consciência coletiva e da responsabilidade de cada um em prol de uma harmonização das funções sociais:

Assim, por exemplo, permanece em aberto a pergunta até que ponto uma vida familiar pautada por valores religiosos pode influir ou não no desempenho do trabalho profissional (e desse modo na economia) e no procedimento cívico (e desse modo na política). Seja como for, a Igreja como instituição intermediária pode ter consequências sociais diretas, pois leva o indivíduo a entender sua função pública de acordo com a concepção que a Igreja tem do mundo e a agir em público conforme outros membros das comunidades de sentido e de convicção.²⁶⁷

Na visão do projeto, um ambiente familiar que está calcado em princípios éticos possui uma função de formação do caráter dos indivíduos bastante importante. Isso porque o primeiro contato do indivíduo com os elementos que erigirão sua personalidade é feito pela família e adquiridos na presença de princípios norteadores naquele ambiente familiar. Mesmo em lares que não professam uma fé em especial, é perfeitamente possível alcançar a formação de um pequeno núcleo de valores, desde que seus membros acreditem na importância dos princípios éticos na formação do indivíduo. Esses aspectos

²⁶⁶ BERGER, Peter L e LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: A orientação do homem moderno*. Tradução de Edgar Orth, Rio de Janeiro: Vozes, 2004. p.72

²⁶⁷ BERGER, Peter L e LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: A orientação do homem moderno*. Tradução de Edgar Orth, Rio de Janeiro: Vozes, 2004. p.73

estruturantes da personalidade acabam, sem dúvida, sendo exportados para todo espaço além do ambiente familiar e religioso e assumindo outras sendas do convívio social. Dependendo do quanto foram consolidados ou não, eles podem contribuir para uma sociedade onde todos colaborem e trabalhem em prol do bem comum, exercendo suas funções da maneira como devem ser feitas.

Um olhar despreocupado sobre a religião tende a aplicar-lhe um padrão de engessamento, reduzindo-a aos seus espaços de atuação tradicionais: Templos religiosos e ambiente doméstico. Entretanto, o que o projeto defende é que a religião hoje não pode ser mais limitada a estes esquemas, uma vez que o mundo moderno e globalizado demanda dela novas abordagens diante de novos problemas. Ela precisa fazer sentido dentro das novidades surgidas nos mais diversos recantos do Planeta e deve também estar aberta e acessível para todas as pessoas, sempre mais agregando e não mais segregando. Desta forma, ela deve trabalhar a serviço de espaços mais amplos e não mais limitar-se aos espaços tradicionais.

Num universo social global que hoje se apresenta como inter-religioso e multicultural, as demandas sociais frente à religião precisam ser ressignificadas e a religião redescoberta em seus valores e sentidos mais intrínsecos. Pessoas oriundas de diferentes crenças devem ser capazes de encontrar-se, abandonando antigas rixas e promovendo um mundo singular em nome da paz e da coletividade. O grande desafio a ser buscado é o de como chegar ao universo do outro estando aberto e disponível para escutá-lo num intercâmbio que preserve a liberdade e individualidade de cada crença religiosa. Nesse aspecto, a ética cumpre um papel muito relevante, pois funciona como uma espécie de termômetro das relações, oferecendo a todos o direito de expressarem-se a partir de seu próprio lugar, não somente o religioso, como também o social, étnico, político, econômico, linguístico etc.

Apesar de todas as dificuldades que podem surgir ao longo desse caminho, o projeto apregoa a existência de um consenso, que lançaria as bases para a superação das diferenças, abrindo caminho para o tão desejado entendimento global:

Em outras palavras: a religião consegue fundamentar claramente porque a moral, os valores éticos e as normas devem valer *incondicionalmente* (E não somente ali onde me parece ser conveniente) e de uma *forma geral* (para todas as camadas, classes e raças).²⁶⁸

²⁶⁸ KÜNG, Hans. *Projeto de ética mundial: Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. Edições paulinas, São Paulo, 1992. p. 123

Retomando um ponto já sucintamente apresentado no capítulo 1 e lançando os argumentos para a importância do diálogo inter-religioso dentro de todo o contexto apresentado, o projeto defende que não é possível alcançar a paz mundial sem o diálogo entre as religiões. Conforme afirmou o professor Hans Küng, não há como desconsiderar o peso da religião nas relações entre as Nações e conseqüentemente em tudo o que envolve os acordos internacionais. Uma vez que o mundo é hoje interligado, multifacetado e plural, a presença da alteridade faz parte do cotidiano das pessoas como nunca antes na história e isso demanda que ocorra uma interação respeitosa mais forte e que só pode ocorrer se tiver como base princípios éticos comuns na forma das relações.

Daí emerge a importância da acolhida na diversidade, num mundo onde nascem continuamente novas religiões e onde as tradicionais se perpetuam com bastante vigor, ocupando um espaço social bastante significativo. Nenhum indivíduo pode despir-se de suas crenças e valores no momento do contato com a alteridade, ele deve manter sua fé e suas bases valorativas sólidas e a partir delas, pode colocar-se aberto para dialogar com o outro. É justamente nas demandas do ambiente moderno e plural que está o caminho para o encontro entre as religiões. Citando mais uma vez os autores Teixeira e Dias, eles acreditam que: “O tempo atual é marcado por um pluralismo religioso intransponível e irrevogável, que tende a se ampliar nos próximos anos.”²⁶⁹ Não há como fugir do encontro com o outro e por isso o projeto defende que é chegado o momento de considerar os caminhos para que isso ocorra de maneira mais aberta e acolhedora possível.

Para que isso ocorra, é necessário um diálogo sincero que demanda dos indivíduos uma entrega verdadeira e um intercâmbio autêntico diante das diferenças e das particularidades de cada religião, um processo de troca e reciprocidade. A abertura para o novo e para o outro deve ser acompanhada de certeza da identidade religiosa e da capacidade de encontrar valor nas crenças religiosas alheias, entendendo que a verdade das religiões é aquela que busca um caminho de paz, amor e equilíbrio. Diante desse quadro, Hans Küng defende, no texto base do projeto para uma ética mundial: “Em termos de política religiosa parece estar surgindo um mundo *pós-confessional e inter-*

²⁶⁹ TEIXEIRA, Faustino.& DIAS, Zwinglio Mota. *Ecumenismo e diálogo inter-religioso: A arte do possível*. São Paulo: Editora Santuário, 2008. p.122

religioso. Isso significa que, devagar e com muitas dificuldades, desenvolveu-se uma *comunidade mundial multiconfessional e ecumênica*.²⁷⁰

Para que o diálogo inter-religioso seja possível, é necessário não só a participação institucional, mas principalmente dos indivíduos, engajando-se verdadeiramente em nome da acolhida da diversidade e da crença no poder que o diálogo pode ter na transformação social pretendida. No caso de Martin Luther King e Mahatma Gandhi, apesar de obviamente terem vivido em um contexto muito diverso do que hoje se coloca, em que essa proposta dialogal ainda não era tão ampliada, ambos demonstraram que o engajamento individual pode fazer toda a diferença quando se tem convicção na busca de ideais. Suas experiências como líderes religiosos lhes permitiram mostrar o potencial transformador que a religião pode adquirir quando utilizada em favor de ideais humanos.

6.2 O papel do líder: O indivíduo perante as ideologias

Há uma discussão bastante relevante que está subjacente à presença dos dois personagens analisados como referenciais de ação e concretização das ideias do projeto por uma ética mundial: A relação entre os indivíduos e toda a realidade social que os cerca impreterivelmente. Conforme foi apresentado no item anterior, a religião só tem sentido quando contribui para os indivíduos nas suas relações com os outros, permitindo que todos, adeptos de uma mesma religião ou não, sejam capazes de conviver. No caso das análises biográficas de Mahatma Gandhi e Martin Luther King, o sucesso de suas empreitadas não pode ser desvinculado de suas relações com os outros indivíduos, pessoas que confiavam em suas palavras e ações de liderança, uma vez que um verdadeiro líder não existe sem a presença daqueles que comungam de seus ideais e o seguem. Em vários momentos da tese, foram utilizados esses conceitos de indivíduo e de sociedade, acrescidos da ideia de um destaque por parte de algumas pessoas, resultando na criação do líder, aquele elemento destacado da multidão.

Por essa razão, a proposta de discussão teórica está atrelada a análise desses conceitos fundamentais para a discussão proposta na tese: Os indivíduos, a formação de grupos sociais a partir do ideal religioso e o destaque recebido pelos líderes citados diante do grupo nos quais estavam inseridos. Com objetivo de promoção de tal debate,

²⁷⁰ KÜNG, Hans. *Projeto de ética mundial: Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. Edições paulinas, São Paulo, 1992. p.39

confrontar-se-ão dois sociólogos que debateram o tema com significativa relevância para as Ciências Humanas: Georg Simmel, autor do século XIX no livro: *Questões fundamentais de sociologia* e Nobert Elias, também preocupado com a organização das relações humanas no livro: *A sociedade dos indivíduos*.

Ambos os autores defendem que os indivíduos não podem ser vistos como elementos isolados e soltos na sociedade, além do que acreditam que os dois termos: indivíduo e sociedade possuem uma interdependência conceitual e semântica que debatem e analisam em seus trabalhos. Cautelosos diante de explicações de caráter totalizante e determinista, os sociólogos preocuparam-se em estudar a fundo como as relações sociais ocorriam, associadas à intensa variedade de arranjos e rearranjos observados no convívio social cotidiano. De imediato, ambos definem que a sociedade não é simplesmente o somatório de indivíduos, mas sim uma terminologia referente a uma ideia muito mais complexa que engendra uma discussão bem ampla: “Mas a sociedade, cuja vida se realiza num fluxo incessante, significa sempre que os indivíduos estão ligados uns aos outros pela influência mútua que exercem entre si e pela determinação recíproca que exercem uns sobre os outros.”²⁷¹

Nobert Elias avança mais ainda nesse debate ao definir que a sociedade funciona como uma rede de interações psíquicas onde ocorre uma influência direta de uns indivíduos sobre os outros. Ele explica essa situação através do exemplo da criança e de como ela recebe estímulos externos. De início, ela tende a assimilar o seu papel social a partir do que aprende com aqueles que a cercam, os pensamentos e ações de seus genitores e demais adultos influenciam diretamente na formação dela e interferem fortemente nas características que essa criança vai adquirir ao longo da vida. Elias também define que a criança tende a reproduzir modelos sociais previamente existentes e por isso é, de certa forma, dependente, ao mesmo tempo, que é parte da sociedade onde nasceu. Todo indivíduo, ainda que exerça um papel de destaque naquele determinado contexto em que está inserido, é moldado a partir das relações sociais e das influências que recebe ao longo da vida, ou seja, o ser humano é um ser necessariamente social e relacional.²⁷²

Por nascimento, ele (o indivíduo) está inserido num complexo funcional de estrutura bem definida; deve conformar-se a ele, moldar-se de acordo com ele e, talvez, desenvolver-se mais, com base nele. Até sua liberdade de escolha entre as funções preexistentes é bastante

²⁷¹ SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da Sociologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 2006. p.17

²⁷² ELIAS, Nobert. *A sociedade dos indivíduos*. RJ: Jorge Zahar Ed., 1994. p. 32 e 33

limitada. Depende largamente do ponto em que ele nasce e cresce nessa teia humana, das funções e da situação de seus pais e, em consonância com isso, da escolarização que recebe.²⁷³

Essa discussão pode nos remeter às figuras históricas estudadas como exemplos de vivências ético-religiosas. Tanto Martin Luther King quanto Mohandas Gandhi relatam em suas autobiografias, as influências recebidas pelas suas formações familiares e educacionais, determinando uma grande parte de suas personalidades e do rumo de suas vidas. Mesmo eles que desempenharam um papel político e social de destaque, não podem ser desvinculados do momento histórico em que viveram nem das circunstâncias sociais favoráveis que os levaram a adotar determinado comportamento e motivar outros a segui-los. Nobert Elias defende que, alguns indivíduos podem alcançar uma margem maior ou menor de manobra social, dependendo de inúmeras variáveis que se lhe apresentam num determinado momento. Essas redes de relações funcionam como teias flexíveis e a mudança nas tensões sociais em vários níveis pode abrir brechas para uma maior influência de um determinado indivíduo sobre o restante dos fios que formam o tecido social.²⁷⁴ O equilíbrio nas tensões sociais só se torna possível porque existe essa flexibilidade nas relações entre os indivíduos, constituindo arranjos e desfazendo-os a todo momento. Por essa razão, Simmel afirma que a sociedade é um acontecer e não uma grandeza estática que sempre esteve definida de uma mesma forma desde o início dos tempos.²⁷⁵ Dessa forma, tanto ele quanto Elias pretenderam, em suas obras, encontrar explicações para esse fenômeno representativo das mudanças sociais assim como o que as torna observáveis, a longo prazo, construindo e desconstruindo grupos, reproduzindo e inovando fenômenos:

De fato, encontramos nos grupos sociais, por mais que estes sejam diferentes de acordo com seus propósitos e significados, os mesmos modos formais de comportamento dos indivíduos entre si. Dominação e subordinação, concorrência, imitação, divisão do trabalho, formação de partidos, representação, simultaneidade da união interna e da coesão perante o mundo exterior e outras incontáveis formas semelhantes se encontram tanto em sociedades de Estado como em comunidades religiosas, em um grupo de conspiradores como na camaradagem econômica, em uma escala artística como em uma família.²⁷⁶

As formas sociais tendem a se repetir nos variados tempos e lugares. Ainda que cada tempo e cada espaço tenham suas próprias características, alguns elementos do

²⁷³ Ibidem, p.21

²⁷⁴ ELIAS, Nobert. *A sociedade dos indivíduos*. RJ: Jorge Zahar Ed., 1994, p. 49

²⁷⁵ SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da Sociologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 2006. p. 18

²⁷⁶ Ibidem, p. 33 e 34

comportamento humano são observáveis e se reproduzem em várias instâncias da sociedade. Esses comportamentos reproduzidos podem assumir características que aproximam ou que afastam os indivíduos, criam grupos e desconstróem associações a todo momento. Nobert Elias afirma que essa preocupação em desvelar as oscilações sociais veio à tona durante a elaboração de um dos seus livros mais conhecidos: *O processo civilizador*.²⁷⁷ Durante esse estudo sobre a sociedade do Antigo Regime, ele percebeu os altos e baixos recorrentes na vida cortesã e as permanências e rupturas de determinados padrões. Isso o levou a questionar qual seria o grau de influência que os indivíduos poderiam ter nesse jogo das formas sociais e até que ponto cada pessoa acabava influenciada pela posição em que ingressava no fluxo do processo social. Cada geração apresentava suas próprias demandas e criava uma espécie de coesão, determinando grupos que podiam permanecer ou se desconstruir com o passar dos anos. Porém, conforme concluiu o dito autor, os interesses em comum tendiam a unir as pessoas em determinados grupos com vistas a compartilhar determinados códigos de relação e de conhecimento.

No caso de Mohandas Gandhi e Luther King estudados na presente tese, a religião configurou-se como um amálgama fundamental em suas histórias de vida, recebendo essa influência direta em todas as suas teias de relações, tanto no ambiente familiar de forma mais acentuada quanto em outros ambientes de convívio:

A sociação é, portanto, a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados -, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam.²⁷⁸

Pode-se realizar uma leitura das biografias dos personagens estudados considerando a sua integração desde muito jovens a grupos religiosos, por exemplo. Eles possuíam um elo em comum que estava atrelado a crença num elemento sobrenatural que tendia a desencadear modos de pensamento e ação, gerando uma unidade de fé e uma aproximação entre eles e outras pessoas que compartilhavam da mesma orientação de sentido. A presença da religião é um elemento marcante na biografia desses personagens e suas vivências ético-religiosas partiram de igual maneira

²⁷⁷ ELIAS, Nobert. op. cit, 2011.

²⁷⁸ SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da Sociologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 2006. p.60 e 61

de ambientes religiosos de sociabilidade. No caso de Luther King, toda a sua história tem como referência um elemento essencial: A Igreja Batista. Sua família era composta de pastores, além do que as reuniões nas Igrejas Batistas foram, na maioria das vezes, os ambientes de associação em que ele e os demais pastores ou outros membros ligados à Igreja definiram o rumo das ações a seguir. De maneira muito semelhante, Gandhi organizou o *Ashram Satyagraha*, tendo por base a crença oriunda de sua vida familiar assim como a reunião com outros indivíduos com ideais e experiências religiosas muito próximas a sua, no seio da comunidade hinduísta.

Georg Simmel considera, em seu livro, as possibilidades de organização social a partir de uma dada experiência, sendo esta religiosa ou não. Para ele:

O estudioso da religião ficará inclinado, de múltiplas maneiras, a explicar a vida religiosa das comunidades e sua disposição para o sacrifício em termos de sua devoção a um ideal que é comum a todos. Ele pode ser tentado a subordinar a conduta da vida presente, inspirado em todos pela esperança num estágio perfeito que esteja situado para além da vida dos indivíduos vivos, ao poder dos conteúdos da fé religiosa. Caso lhe digam que um sindicato socialdemocrata exibe os mesmos traços de comportamento comum e recíproco, tal analogia poderá ensinar a esse estudioso que o comportamento não está exclusivamente ligado a um conteúdo religioso, porém representa uma forma humana universal que se realiza sob o estímulo não somente de objetos transcendentais, mas também de outras motivações sentimentais. Também entenderá algo que será essencial para ele: o fato de que, mesmo em uma vida religiosa autônoma, estão contidos elementos não especificamente religiosos, mas sociais. Com certeza esses elementos – tipos específicos de comportamentos e atitudes – se fundem organicamente com a disposição religiosa. Mas quando são sociologicamente isolados, podemos mostrar, dentro do complexo religioso geral, que elementos podem ser com legitimidade considerados puramente religiosos – e, portanto, independentes de tudo o que é social.²⁷⁹

Partindo dessa citação, Simmel defende que mesmo associações de caráter religioso recebem influência social, uma vez que os grupos religiosos também estão inseridos na sociedade e com ela interagem. Desta forma, caberia ao pesquisador identificar em que medida há uma predominância do elemento religioso e quando essa influência é limitada por aspectos de caráter social ou por qualquer outra influência. Pode-se dizer então que a crença tão intensa na presença e importância do sobrenatural oferece uma possibilidade diferente de interação, que intensifica a coesão daquele grupo e a credibilidade naquela associação. Mas mesmo nesse caso, os comportamentos

²⁷⁹ SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da Sociologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 2006. p. 23 e 24

sociais inerentes àquela sociedade em que o grupo religioso está inserido tendem a se reproduzir nas atitudes e escolhas dos fieis.

No caso dos personagens analisados, os dois aspectos estão fortemente interligados: A presença da experiência religiosa como uma influência clara na maneira como eles enxergavam o mundo e a interferência que o seu ambiente relacional lança sobre suas trajetórias. Quando ao longo do capítulo 5 se fez referência, por exemplo, aos movimentos de confrontação social materializados nas manifestações, greves, boicotes, protestos e assim por diante, o que estava subjacente àqueles movimentos era a crença coletiva num ideal de sociedade que tinha suas origens em fundamentos religiosos. Nesse contexto, destacaram-se as figuras de Luther King nos Estados Unidos e de Mohandas Gandhi na Índia, que traduziram para os demais seguidores o arcabouço teórico no qual se basearam, através de suas respectivas visões de como aplicar os princípios de transformação social a partir da sua experiência religiosa.

A figura deles como líderes religiosos emerge nessa constelação e passa a ocupar um determinado lugar na rede social na qual eles também estavam intrinsecamente inseridos. As razões que os destacaram da massa são muito variadas e têm uma relação direta com as suas características particulares que foram apreendidas naquele mesmo ambiente em que eles se projetaram. Para ilustrar essa ideia de que o indivíduo é inevitavelmente parte de uma engrenagem social, pode-se retirar da autobiografia de Luther King um trecho em que ele consciente ou não, se coloca como apenas uma peça de um movimento que está além dele e que poderia ter acontecido com ou sem a sua presença:

Uma das orações que eu fazia a Deus diariamente era: 'Ó Deus, ajude-me a me ver por minha verdadeira perspectiva. Ajude-me, ó Deus, a ver que sou apenas um símbolo de um movimento. Ajude-me a ver que sou uma vítima daquilo que os alemães chamam de *Zeitgeist* e que havia algo preparado para acontecer na história. E que o boicote teria acontecido em Montgomery, Alabama, mesmo que eu nunca tivesse estado lá. Ajude-me a perceber que estou onde estou por causa das forças da história e por causa dos 50 mil negros do Alabama que nunca tiveram seus nomes publicados em jornais ou manchetes. Ó Deus, ajude-me a ver que estou onde estou hoje porque outras pessoas me ajudaram a estar aqui e porque as forças da história para cá me projetaram.²⁸⁰

Dessa forma, ele coloca sua atuação como uma consequência das circunstâncias históricas e sociais. Entretanto, é muito difícil saber ao certo qual o caminho percorrido:

²⁸⁰ CARSON, Clayborne. *A Autobiografia de Martin Luther King* (1929-1968). Tradução Carlos Alberto Medeiros, 1ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 2014 p.133

Se da sociedade influenciando o indivíduo, no caso King ou se ele, enquanto um elemento da rede social que assumiu um caráter diferenciado, projetou sua influência com mais precisão sobre a sociedade.

Para explicar essa ideia, mais uma vez Georg Simmel pode oferecer um caminho. Ele acredita que a liderança de um indivíduo dentro de um grupo social está diretamente vinculada à capacidade dele de concatenar ideias de forma a convencer, ainda que inconscientemente, seus semelhantes de um determinado ponto de vista. O sujeito individual destaca-se do sujeito coletivo na medida em que apresenta qualidades que o distingue da “massa” possibilitando a ele os meios de comandar esse conjunto de forma relativamente harmoniosa. Essa capacidade estaria diretamente ligada a uma relação de afeto entre esse líder e os seus seguidores: “Por esse motivo, qualquer pessoa que tenha pretendido agir sobre as massas sempre conseguiu fazer isso apelando para os sentimentos, e muito raramente lançando mão de discussão teórica articulada.”²⁸¹ Isso porque, na verdade, o vocabulário que atinge as massas não é formado por palavras rebuscadas, mas um de fácil e rápida compreensão.

Simmel então oferece mais uma característica inerente às lideranças aqui estudadas: Sua capacidade de encantar e dirigir as massas a partir de um discurso cativante, associado às suas atitudes. Ele acredita que o centro de influência desses líderes está em sua capacidade de despertar o lado emocional de seus seguidores que projetam nessas figuras anseios e crenças com base em ideais religiosos e construindo neles uma imagem de quase veneração. De igual maneira, na análise dos tipos ideais de Max Weber, a base de toda forma de liderança é a dominação que está pautada, entre outros elementos importantes, na obediência a uma determinada pessoa. A dominação que ele nomeia de tipo carismática, se caracteriza pela relação de afetividade e admiração dos seguidores em relação à pessoa do líder. Essa forma de admiração pode se dar, em primeiro lugar, em função de dotes sobrenaturais - esses tais dotes são aquilo que Weber chama justamente de carisma.

Obedece-se à pessoa do líder por suas qualidades excepcionais e não em virtude de sua posição estatuída ou de sua dignidade tradicional; e portanto, também somente enquanto essas qualidades lhe são atribuídas, ou seja, enquanto seu carisma *subsiste*.²⁸²

²⁸¹ SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da Sociologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 2006. p. 52

²⁸² WEBER, Max. *Sociologia*. 2ª edição, São Paulo, Editora Ática, 1982. p.135

No caso de Luther King e Mohandas Gandhi, essas qualidades excepcionais adquiriram uma intensidade ainda maior uma vez que ambos convenceram seus seguidores de que as suas experiências transcendentais eram verossímeis. Não se quer dizer com isso que Gandhi e King eram dois farsantes que se utilizavam dos seguidores para alcançar seus objetivos, mas fato é que eles convenceram uma enorme quantidade de pessoas de que de verdade possuíam uma ligação espiritual com o elemento divino. Portanto, coube a ambos um papel de intermediação entre o transcendente e a realidade terrena desses seguidores. Por meio de seus discursos - hoje facilmente acessíveis pela internet- Luther King inflamava as multidões com suas ideias muito articuladas em termos de conteúdo, numa linguagem capaz de alcançar o público para o qual se dirigia e respondendo aos anseios daqueles que o seguiam. O que convence é a certeza do líder naquilo que ele declara: É a confiança verdadeira da liderança naquilo que ela prega e expõe como ideal, possibilitando a adesão de outros. E, no caso de King, essa confiança vinha da certeza de sua ligação com Deus e de que agia apenas como um instrumento de sua vontade. Durante as manifestações no *Punjab*, Gandhi relata o momento de sua chegada àquela região depois de inúmeras tentativas infrutíferas pedidas ao Vice-Rei de resolver o problema sem sua presença:

A cena que testemunhei ao chegar a Lahore jamais se apagará de minha memória. A estação de trem era, do começo ao fim, uma massa única, e fervia de humanidade. A população inteira havia esperado ansiosamente, como se fosse receber um parente querido depois de um longo período de separação, e delirava de alegria. Fui instalado no bangalô do falecido pândita Rambhaj Sarala Devi. Foi realmente um peso, pois desde então os lugares onde me hospedo têm se transformado em agitados caravançarais²⁸³

Apesar de suas particularidades enquanto líderes, ambos os personagens cativaram seguidores e constantemente retroalimentaram a crença em ideais religiosos, ao mesmo tempo que, motivavam por intermédio deles ações tendo em vista as mudanças sociais desejadas, não só por eles, mas respondendo aos anseios de muitos outros. Suas experiências de vivências ético-religiosas tornaram-se elementos de inspiração para inúmeras pessoas e motivaram a busca pela solução de problemas que antes eram vistos como impossíveis de serem revertidos. Levados por esses líderes, um enorme número de seguidores viu abrir-se a possibilidade da mudança social e do alcance de uma nova realidade de vida, onde havia a esperança de dias melhores.

²⁸³ GANDHI, Mohandas Karanchand. *Autobiografia: Minha vida e minhas experiências com a verdade*. São Paulo, Palas Athena, 1999. p. 405

Um outro complemento a essa leitura analítica da liderança em sua relação com os seguidores pode ser encontrada no texto do professor Claus Dierksmeier: “The Liberal Paradigm”, em que a figura do líder se projeta através de uma combinação entre a liberdade e a ética. Conforme explica o referido autor, uma maneira de interpretar a liderança está relacionada a um tipo específico de liberdade qualitativa, chamada de transformacional²⁸⁴. Tendo como base o pensamento kantiano sobre a liberdade individual, a visão qualitativa da liberdade oferece um tipo de líder que é motivado eticamente e que se preocupa em encorajar seus discípulos por meio dessa inspiração mais que simplesmente convencê-los a seguir determinadas atitudes. A liberdade de ambos, líder e seguidores está interligada e a autonomia de cada uma das partes é essencial para o bom funcionamento da sociedade e das relações travadas por eles. Esse conteúdo abraça a ideia do projeto para uma ética mundial através da criação de uma atmosfera favorável aos propósitos éticos a serem compartilhados pelas partes. A liderança então assume o papel de modelo que guia a sociedade em prol de um bem-comum, como por exemplo, o enfrentamento com o opressor e a criação de uma cultura da paz.

Para Mahatma Gandhi e Luther King que adotaram um padrão de vivências ético-religiosas, a ética era parte inerente ao seu papel de líderes. O convencimento incorporado pela figura deles em relação aos outros só podia fazer sentido porque ambos criaram uma determinada combinação entre teoria e prática ética que correspondia aos anseios de seus adeptos, criando um vínculo de confiabilidade entre eles. Ainda que, conforme falado no capítulo 3, os personagens tenham demonstrado fraquezas em determinados momentos, o mais importante a ser considerado é que ambos comunicavam segurança em seus discursos e ações e comunicavam uma proposta ética que era bem recebida pelas comunidades por onde passavam. Partindo dessa ideia, pode-se colocar que, um líder que incorpora princípios éticos tem mais chances de cativar seguidores e de criar com eles uma relação de confiança mútua.

Dentre as ideias colocadas em destaque sobre a figura do líder, mais uma vez lançando mão de uma leitura de Georg Simmel, pode-se considerar uma outra característica do líder que é corroborada pelas biografias dos personagens: Ele fala de um tipo de líder erudito, que além das várias habilidades já apresentadas, tem por acréscimo o conhecimento adquirido por meio do estudo. Ele alcança a capacidade de

²⁸⁴ DIERKSMEIER, Claus. *Reframing economic ethics: The Philosophical Foundations of Humanistic Management*. Palgrave Macmillan, 2016. p.17

conciliar essa sabedoria formal e associá-la a uma sabedoria que alcança a massa da população, criando nas pessoas uma espécie de admiração pela sua capacidade intelectual também. Os dois personagens em questão têm em comum o acesso ao mundo acadêmico e um grande apreço pelo estudo, e são considerados, por seus principais biógrafos, como líderes intelectualizados. Cabe acrescentar, conforme apresentado no capítulo 3, que ambos eram oriundos de famílias com nível de instrução acima da média em relação a seus pares.

Partindo dessas colocações sobre a figura e o papel do líder, pode-se afirmar que Gandhi e Luther King foram dois exemplos de líderes carismáticos que ampliaram a apropriação do discurso religioso a partir de suas vivências ético-religiosas cativando uma enorme quantidade de seguidores. Adentrando mais detalhadamente em algumas ideias aqui apenas apresentadas, o próximo item pretende ser um avanço na abordagem relacional, especialmente no que tange à relação entre líder e seguidores e de que maneira essa ideia de uma pessoa como modelo de vida pode se desenhar a partir dos exemplos estudados.

6.3 A importância do modelo: A Grande Alma e o Redentor Negro

Como acréscimo a toda essa discussão anteriormente apresentada sobre indivíduo, sociedade e liderança, surge uma ideia bastante cara aos objetivos do projeto para uma ética mundial: A ideia de uma pessoa como modelo. Em vários de seus trabalhos, o teólogo Hans Küng defende que somente pessoas concretas e não ideologias são capazes de garantir um apoio amplo para que ocorram grandes transformações na sociedade: “Uma pessoa histórica concreta tem palavra e voz. Pode chamar e convocar. Só uma pessoa viva – não um princípio – pode atuar *exigentemente* de maneira abrangente: só ela pode convidar, exortar, intimar, provocar.”²⁸⁵ Dessa forma, seria através do exemplo de uma pessoa que realizou a leitura prática ou uma espécie de decodificação de uma determinada ideologia que esta ganha vida no imaginário dos outros indivíduos, podendo assim ser colocada em prática por eles. As pessoas podem até ter afinidade com ideologias, mas em geral, apresentam uma certa dificuldade de seguir ideias sem que alguém demonstre na prática como fazê-lo.

²⁸⁵ KÜNG, Hans. *Vinte teses sobre o ser Cristão*. Rio de Janeiro, editora vozes, 1975. p.60.

Essa proposta de modelo pode ser encaixada na análise dos tipos ideais de Max Weber²⁸⁶, uma vez que o líder assume características que o tornam uma figura destacada da realidade imediata de seus seguidores. Esse indivíduo tende a adquirir um status que o destaca dos demais seres humanos e ele ganha uma visibilidade como se possuísse qualidades sobrenaturais. No caso dos personagens analisados na presente discussão, esse dom extraordinário está diretamente ligado à sua experiência religiosa. Martin Luther King e Mohandas Gandhi adquiriram uma credibilidade enquanto líderes religiosos carismáticos pela confiança que seus seguidores adquiriram na força de sua relação com o elemento divino seja ele oriundo da tradição cristã ou da tradição hinduísta.

Partindo dessa análise, torna-se pertinente retomar alguns aspectos da abordagem anteriormente apresentada pelo sociólogo Nobert Elias em sua proposição de relacionar o indivíduo e a sociedade. Ele defende que o papel de um único indivíduo pode variar seu nível de expressividade social dependendo de sua capacidade em influenciar outras pessoas e no quanto elas lhe atribuem poder. Dessa maneira, muitos elementos em conjunto seriam os responsáveis por conceder a esses indivíduos destacados da massa da população uma determinada predominância social e o status de modelo a ser seguido:

A mais elementar das observações ensina-nos que a importância de diferentes indivíduos para o curso dos acontecimentos históricos é variável e que, em certas situações e para os ocupantes de certas posições sociais, o caráter individual e a decisão pessoal podem exercer considerável influência nos acontecimentos históricos. A margem individual de decisão é sempre limitada, mas é também muito variável em sua natureza e extensão, dependendo dos instrumentos de poder controlados por uma dada pessoa.²⁸⁷

Para exemplificar a ideia do modelo, Hans Küng se utiliza comumente da figura de Jesus²⁸⁸ como líder religioso em sua época. Algumas abordagens sobre esse personagem histórico considerado como modelo de vida por muitos fornecem um caminho explicativo para desenhar a noção de liderança como esse autor a vê. Um primeiro aspecto seria a sintonia entre a ideologia pregada por ele e sua prática em total consonância com a teoria: “Devido à inatacável coerência entre sua teoria e prática, constituía Jesus um desafio inaudito para todo o sistema religioso-social (Lei) e seus

²⁸⁶ WEBER, Max. *Sociologia*. 2ª edição, São Paulo: Ática, 1982. passim

²⁸⁷ ELIAS, Nobert. *A sociedade dos indivíduos*. RJ: Jorge Zahar Ed., 1994.p.51

²⁸⁸ A utilização de Jesus Cristo como destaque está relacionada à preferência do teólogo na exemplificação deste como modelo de líder religioso. As características aqui apresentadas não pretendem suscitar uma discussão Cristológica aprofundada sobre questões de essência divina ou humana.

representantes (hierarquia).”²⁸⁹ Disso infere-se que, na análise proposta por Küng, esses dois elementos apresentados relacionados a figura do líder precisam caminhar juntos e devem crescer numa mesma proporção: Uma teoria não pode sustentar-se sem uma prática concreta e coerente, da mesma forma que uma prática sem possibilidade de uma organização mental lógica tão pouco pode funcionar. A ideia do modelo de vida, conforme aqui apresentado, é inseparável da existência de uma figura humana racional que exemplifique a aplicação prática dos princípios defendidos.

Um outro ponto que também aproxima a figura de liderança proposta no projeto e a abordagem de Weber é a inseparabilidade entre a pessoa do líder e a ideologia pregada por ele. É muito comum que um determinado tipo de movimento acabe associado a uma pessoa e ela se torna uma espécie de símbolo vivo daquela ideia ou movimento. Conforme Küng mais uma vez cita em sua leitura da figura histórica de Jesus:

Sua doutrina, em todo o Novo Testamento, é *inseparável de sua pessoa*. Assim, para o crente Jesus é certamente mestre, mas ao mesmo tempo decisivamente mais do que mestre: Ele é a personificação viva e determinante de sua missão.²⁹⁰

Por isso, um determinado pensamento é concretamente personificado pela vida de alguém que é reconhecido como líder por representar o cumprimento de um determinado papel social ou, dito de outra forma, uma determinada missão. Ela só faz sentido quando associada a uma pessoa, pois ela incorporaria a prova concreta de que aquele princípio é de fato passível de ser vivenciado na prática. Esse reconhecimento ocorre por parte de seus seguidores que lhe atribuem o papel de guia, aceitando suas definições e reproduzindo ações sociais a partir de sua influência. Os exemplos de líderes utilizados na presente tese mostram que eles tornaram-se símbolos do movimento de desobediência civil que estava intrinsecamente atrelado à confiança generalizada na relação desses personagens com o elemento divino. Tanto a pessoa de Gandhi quanto a figura de King possuíam uma orientação religiosa inerente às suas figuras que torna praticamente impossível retirá-los daquele contexto específico onde surgiram e atuaram. Disso depreende-se também que suas pessoas estavam em total sintonia com aquela constelação social na qual estavam inseridos e por essa razão, suas trajetórias respondiam a anseios de seu próprio tempo e lugar, não podendo ser, em absoluto, retirados daquele contexto.

²⁸⁹ KUNG, Hans. *Vinte teses sobre o ser Cristão*. Rio de Janeiro: Vozes, 1975. p.34.

²⁹⁰ KUNG, Hans. *Vinte teses sobre o ser Cristão*. Rio de Janeiro: Vozes, 1975. p. 59 e 60

Isso não significa que as vivências ético-religiosas de ambos não possam ser utilizadas como exemplo ou que não possam ser reproduzidas em outras realidades sociais. Porém, é necessário que seja feita uma releitura dessas propostas nessas outras realidades, utilizando-se de novas abordagens a partir de cada caso específico. O sucesso ou não dessa aplicação vai depender muito da capacidade de aglutinação de um novo líder e de quais demandas a realidade social desse líder exigirá dele. Por isso, é possível que ocorra um movimento similar de desobediência civil no século XXI, mas ele jamais se dará da mesma maneira como foi na independência da Índia e no processo de dessegregação dos Estados Unidos. O método se repete, mas aplicado a uma nova realidade.

Como modelo *fundamental* determinante de uma concepção de vida e de uma práxis de vida propõe Jesus não uma ordenação da vida, do Estado ou da sociedade concebida em forma de leis; propõe antes *exemplos, ações simbólicas, casos-modelo, valores de fundo, padrões de orientação* bem concretos que representam convites, obrigações, desafios. E justamente assim: Ele impressiona, influencia, muda e transforma o crente e, com isso, a sociedade humana.²⁹¹

Desses exemplos colocados, pode-se inferir que, em teoria e prática, a figura do líder como modelo assume um poder decisivo diante de seus adeptos e conseqüentemente diante da sociedade como um todo. Assim como no exemplo de Jesus, citado acima, o líder espiritual é indissociável da sua experiência religiosa. Ele impõe uma verdade, mas não em forma de uma lei escrita e determinada daquela maneira por todo o sempre, ela ocorre através de seu testemunho de vida que fascina e convida incentivando que outros façam o mesmo. Essa espécie de fascínio causada pelo líder é o elemento que possibilita a participação dos outros que o acompanham e dessa forma, conforme é falado na citação, o líder religioso impõe sua influência sobre os indivíduos de forma particular e especial. Dependendo da capacidade pessoal de influência, esse líder pode gerar mudanças sociais num nível mais amplo, possibilitando a transformação da sociedade como um todo.

No caso dos personagens estudados na presente tese, vários elementos em comum possibilitaram uma aproximação conceitual nas vivências ético-religiosas dos mesmos e conseqüentemente nas mudanças sociais alcançadas por eles. Um dos elementos mais conhecidos e que foi abordado no item 4.2 da tese é a ideia de não-violência, utilizada como um dos aspectos do método dos dois personagens. Nesse caso, Gandhi e King

²⁹¹ KUNG, Hans. *Vinte teses sobre o ser Cristão*. Rio de Janeiro: Vozes, 1975. p. 62

como modelos de líderes religiosos personificados numa resistência contra o opressor, compartilharam uma ideia de ética contrária à utilização da violência que tendeu a aproximá-los. Outros pontos apresentados no capítulo definem também a qualidade desse movimento: a preocupação com a dignidade humana, através de uma ideia de direitos humanos, a interdependência entre as pessoas e a natureza, entre outros aspectos. Concernente ao elemento da não-violência se refere a eles Hans Küng, nos seguintes termos, quando questionado sobre a sua importância:

Se olharmos para Mahatma Gandhi, uma das grandes figuras do hinduísmo moderno, essa análise estará correta. Mas não devemos esquecer que Gandhi buscou seu *ethos* da *ahimsa*, por um lado, na Bhagavad gita e na religião jain e, por outro lado, em Jesus de Nazaré, cujo retrato mantinha pendurado em seu quarto e de quem aprendeu muito. Na direção inversa, o exemplo de Gandhi teve influência, mais tarde, sobre Martin Luther King, que era teólogo cristão. Esse fato mostra bem que as religiões podem aprender umas das outras. E é também um exemplo que confirma a imensa importância de um modelo. Gandhi se tornou, como Martin Luther King, um modelo para todo um movimento. É uma das forças da religião que a filosofia normalmente não conhece na mesma proporção: Não são apenas ideias que são defendidas, é uma pessoa que se transforma em modelo – de vida ou morte.²⁹²

Desta maneira, pode-se concluir que o modelo de líder religioso que tem em sua base de ação princípios de um *ethos*, pode ser reproduzido em qualquer religião, independente de sua origem de fé. No caso de Luther King e Mahatma Gandhi, o fato de serem oriundos de berços religiosos distintos não foi um empecilho para a colocação em prática de vivências ético-religiosas comuns. Conforme afirmado em vários momentos do texto, eles se assemelham muito nas ideologias defendidas, como por exemplo, o princípio da não violência, entretanto, o elemento que os une incondicionalmente é a colocação em prática dessas ideias, levando à personificação delas. Essa concretização assume seu ápice quando, pouco a pouco, os objetivos traçados foram alcançados e devagar uma grande parte das pessoas pode desfrutar dos bens que a desobediência civil aliada à resistência pacífica legou a elas.

Tendo em mente esse quadro e porque suas figuras adquiriram o status e a credibilidade espiritual analisados ao longo dessas páginas, cada um deles recebeu uma nomenclatura especial como que corroborando sua primazia diante dos princípios defendidos. Gandhi adquiriu o título de Mahatma, uma honra concedida a poucos hindus que eram considerados como mestres espirituais, que através do segmento de

²⁹² KÜNG, Hans. *Para que um ethos mundial? Religião e ética em tempos de globalização, conversando com Jürgen Hoeren*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 78

ensinamentos milenares da cultura hindu, era capaz de demonstrar uma comunicação espiritual notável. De acordo com o que já foi referido no capítulo 3, o termo significa grande alma, ou seja, adquire a ideia de alguém que alcançou um nível de sintonia com o transcendente acima da média das pessoas. De maneira similar, Luther King era chamado de o Redentor Negro, ou seja, a ele era atribuído o título de um libertador. Essa ideia de libertação também está presente em vários momentos da tradição bíblica, mas principalmente representada na figura de Jesus Cristo, que segundo a tradição cristã, veio ao mundo para tornar-se o grande redentor da humanidade. Luther King está totalmente inebriado desse ideal, facilmente observado em seus discursos. Essas nomenclaturas recebidas por ambos exemplificam de maneira clara e objetiva a perspectiva do modelo de vida inserido em sua própria sociedade e idealizado por seus seguidores.

Nesse sentido, há que se considerar que a existência do líder é também extremamente dependente da existência de seus seguidores. Para que consiga alcançar um destaque na sociedade, ele precisa que seus adeptos confiem nele e que essa confiança subsista em alto grau durante muito tempo. No caso de Gandhi e King, só a morte foi capaz de interferir nesse laço criado entre eles e seus seguidores e mesmo isso não eliminou por completo suas influências sobre muitas pessoas. Até hoje é possível encontrar pessoas que se denominam adeptas dos ideais de Mohandas Gandhi e Luther King, além do que o método de desobediência civil acabou marcando de forma muito acentuada a visão que se tem da trajetória deles.

Após apresentada a ideia fundamental para a análise aqui proposta, a conceituação do líder como modelo, caberia analisar a contribuição direta desses dois exemplos em análise, nos ideais de concretização das vivências ético-religiosas servindo como modelo de vida. Uma primeira característica seriam os ensinamentos deixados como legado para seus seguidores e as próximas gerações, apresentando ideias claras de como agir diante de diversas situações. Um exemplo seriam os sete pecados sociais do mundo à época de Mahatma Gandhi, explicados da seguinte forma:

Riqueza sem trabalho
Desfrute sem consciência
Saber sem caráter
Negócios sem moral
Ciência sem humanidade
Religião sem sacrifício

E política sem princípios.²⁹³

Esses sete itens possuem, intrínsecos a eles, as várias dimensões do projeto apresentadas no capítulo 2, assim como os quatro preceitos inamovíveis apresentados no capítulo 1. A riqueza que se consegue sem trabalho geralmente é alcançada por caminhos escusos e mesmo aquela que se consegue através do próprio esforço não pode ser usufruída indiscriminadamente sem que o seu possuidor considere a necessidade de outros ao seu redor. Os acordos e negócios realizados devem ser balizados por princípios morais, considerando seu conteúdo ético que atenda aos interesses econômicos ao mesmo tempo, que às necessidades humanas. O conhecimento alcançado deve sempre ser utilizado para o bem e não para tirar proveito de algo que pertença a outrem, assim como a ciência deve ser utilizada para o crescimento humano e o desenvolvimento acadêmico a serviço de um futuro melhor para todos. A Religião, quando vivida em sua plenitude, demanda de seus fieis algum tipo de sacrifício em favor de sua crença, abrindo mão de desejos individuais em nome do bem-estar comum. Também a política deve ser balizada por princípios, de preferência éticos, para que não se torne instrumento de poder manipulado por apenas alguns indivíduos.

Além do legado intelectual deixado por eles, outro ponto importante é a sensibilidade para perceber quais as necessidades daqueles que estão ao seu redor e de que forma tornar a vida das outras pessoas mais digna, apresentar-lhes possibilidades para acreditar que é possível viver algo melhor. Conforme relato já referido no item capítulo 5:

À medida que conhecia Bihar, convencia-me de que um trabalho de natureza permanente seria impossível sem uma educação adequada naquela aldeia. A ignorância dos camponeses era patética. Ou deixavam suas crianças vagabundear à solta, ou as faziam trabalhar de sol a sol nas plantações de anil por apenas umas poucas moedas. Naqueles dias, o salário masculino não passava de dez centavos, o feminino não passava de seis, e o infantil, de três. Os que conseguiam ganhar um pouco mais podiam considerar-se com muita sorte.

Consultando meus amigos, decidi abrir escolas primárias em seis aldeias.²⁹⁴

Durante seu périplo pela Índia, buscando estudar as condições de vida da população, Gandhi se deparou com inúmeras situações em que sentiu a necessidade de

²⁹³ KÜNG, Hans. *Ética mundial en América Latina*. Prólogo de Carlos Paz y Gerardo Martínez Cristerna (Trotta, Madrid 2008). p. 63

²⁹⁴ GANDHI, Mohandas K. *Autobiografia: Minha vida e minhas experiências com a verdade*. São Paulo, Palas Athena, 1999. p.359

intervir e pensar em possibilidades de promoção de uma mudança social. Sua liderança foi capaz de sensibilizar outros para a situação de Bihar e pessoas se voluntariaram para dar aulas para as crianças, inclusive sua esposa. Entretanto, com sua saída, os trabalhos foram encerrados e tudo voltou a ser como antes.

Outro ponto importante também relacionado ao líder é que ele seja capaz de chamar seus seguidores à responsabilidade de cada um pelo bom funcionamento do todo. Conforme também já apresentado em outras partes da tese, ele deve motivar os outros a conhecer a realidade social ao redor e empenhar-se na busca por mecanismos de colaboração:

Havia debilidades em Albany, e uma parcela da responsabilidade cabe a cada um de nós participantes. Não existe uma teoria tática tão simples pela qual uma luta revolucionária por uma parcela do poder possa ser ganha meramente se apertando um conjunto de botões. Os seres humanos, com todas as suas fraquezas e poderes, constituem o mecanismo de um movimento social. Têm de cometer erros e aprender com eles, cometer outros erros e aprender de novo. Devem provar a derrota tanto quanto o sucesso e descobrir como viver com ambos. Olhando em retrospecto, sinto muito ter sido solto sob fiança. Na época eu não entendia o que estava acontecendo. Perdemos uma iniciativa que nunca mais recuperamos. Atacamos a estrutura do poder político em vez da estrutura do poder econômico. Não se vence a estrutura do poder político quando não se tem votos.²⁹⁵

Esses são alguns exemplos da importância de um indivíduo que age como modelo, nesse caso de líder religioso. A partir dos ensinamentos legados, uma atenção às necessidades dos outros, uma consciência coletiva, entre uma quantidade de outros aspectos, foi possível que esses dois líderes alcançassem ganhos importantes para a sociedade. A coparticipação de outros foi fundamental e em conjunto formaram um todo capaz de fazer frente a alguns problemas e a superação de obstáculos. Não sem erros, não sem dificuldades, mas numa parceria exitosa entre aquele que cativa e o que se deixa cativar.

6.4 O diálogo inter-religioso: Centro para uma nova espiritualidade

Como uma espécie de culminância de tudo o que foi apresentado, existe por todo o texto uma ideia principal subjacente: a ética como uma resposta ao diálogo entre as religiões, frente a uma nova configuração de mundo que precisa ser organizada na

²⁹⁵ CARSON, Clayborne. A Autobiografia de Martin Luther King (1929-1968). Tradução Carlos Alberto Medeiros, 1ª edição, Rio de Janeiro, editora Zahar, 2014. p. 204 e 205

consciência de cada uma das pessoas. Uma frase aparentemente simples, mas que carrega um significado profundamente instigante para o estudo acadêmico com base no diálogo inter-religioso da modernidade em suas demandas e desafios. O projeto de ética mundial pretende colocar-se diante desse horizonte oferecendo algumas possibilidades de resposta a essas questões.

Através de uma leitura atenta do texto da declaração, apercebe-se uma discussão de fundo que se baliza por uma proposta de diálogo inter-religioso relacionando-a justamente às particularidades do mundo moderno. Tendo em mente elementos já anteriormente apresentados, como a presença da pluralidade religiosa, diretamente associada à globalização concomitantemente ao esvaziamento de princípios éticos, o texto final do projeto sugere as bases para um novo viver espiritual. Hans Küng acredita que a visão da religião sofreu modificações profundas nos últimos anos que levaram a novas formas de abordagem que tornaram a proposta dialogal uma forma nova, porém autêntica de espiritualidade. Isso porque diante de uma comunidade global que se apresenta como multiconfessional e ecumênica, as propostas de conversão do outro acabaram tornando-se obsoletas e hoje o trabalho em conjunto das diferentes crenças tem muito mais a acrescentar a todas elas que a hipotética criação de uma religião universal.

A existência inevitável da diversidade conduz a ocorrência irrefutável de um choque entre diversas formas de vida. Esse encontro pode ser interpretado de diversas formas por todos os lados, o importante é que não se tente eliminar o que o outro apresenta de diferente, mas aprender a conviver com toda essa outra realidade. Por isso, o teólogo ecumênico Hans Küng defende em seu projeto de ética que o objetivo final não é chegar a uma síntese religiosa ou a uma religião única que vença a batalha em relação às outras, mas sim que cada uma, a partir de seu próprio lugar de fé, seja capaz de dialogar com a outra. Para que isso ocorra, segundo ele, é necessário que o indivíduo se abra, se torne disponível para aprender com o outro e reconhecer nesse alguém um valor como ser humano imbuído de suas próprias características. “Vê-se, portanto, que a globalização também é um processo que diz respeito às religiões. Nenhuma religião vive hoje isolada do resto do mundo. Todos precisam contar com a possibilidade da chegada de gente de fora...”²⁹⁶

²⁹⁶ KÜNG, Hans. *Para que um ethos mundial? Religião e ética em tempos de globalização, conversando com Jürgen Hoeren*. São Paulo: Loyola, 2005. p.126

Dessa forma, o mais importante não é que duas pessoas de diferentes matrizes religiosas concordem em tudo, mas que construam entre si uma relação de respeito e afeto que as permita viver num mesmo ambiente de sociabilidade, construindo e interagindo em meio à diversidade e às dificuldades de entendimento. O que se observa é que mesmo entre adeptos de uma mesma religião ocorrem frequentemente conflitos. As divergências fazem parte das relações humanas e podem proporcionar o crescimento de ambos os lados caso estejam abertos e disponíveis para ouvir o ponto de vista um do outro. Se dentro de uma mesma crença religiosa já se apresentam diferenças no modo de pensar e agir, essas dissemelhanças tendem a acentuar-se quando colocadas frente a frente de universos religiosos distintos.

Quando questionado sobre a máxima de que o mais importante é que a pessoa pelo menos professe uma religião, Hans Küng responde: “Se for uma religiosidade humana, sim. Porque existem também pessoas que são religiosas de maneira desumana. São os fanáticos que pervertem a religião.”²⁹⁷ Nesse caso, se apresenta um dos elementos fundamentais da ética mundial: A religião deve preocupar-se, acima de tudo, com o valor humano. Se pessoas, em algum lugar do mundo, estão sofrendo por falta de condições de vida significa que nesse local a religião não está cumprindo seu papel integral de valorização humana. Para Hans Küng, a religião deve sim colocar-se frente aos desafios humanos:

A liturgia não é simplesmente abolida ou suspensa. Mas o homem toma lugar de uma liturgia absolutizada: humanidade em vez de formalismo e ritualismo. Todos os ritos e costumes, práticas e cerimônias dependem do critério: existem para o homem ou não?²⁹⁸

Essa relação entre o humano no sentido individual e coletivo cria um problema de caráter conceitual para que se possa discutir o papel do sujeito individual perante uma noção de coletividade. Citando mais uma vez Georg Simmel e retomando a discussão do humano em seu coletivo: “A humanidade não é, então, perante a sociedade, um algo a mais quantitativo. Ela não é a soma de todas as sociedades, e sim uma síntese totalmente peculiar dos mesmos elementos que, de outra maneira, resultam na sociedade.”²⁹⁹ Essa ideia ultrapassa uma visão limitada de soma e simples agregação, ela pressupõe que humanidade é uma preocupação que sempre existiu e sempre esteve presente entre as

²⁹⁷ KÜNG, Hans. *Para que um ethos mundial? Religião e ética em tempos de globalização*, conversando com Jürgen Hoeren. São Paulo: Loyola, 2005. p. 127

²⁹⁸ Idem, 1975. p.32

²⁹⁹ SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da Sociologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 2006. p. 90

demandas do ser humano: como ele se vê, como se interpreta e desde sempre, como vai ser capaz de lidar consigo mesmo enquanto indivíduo ou grupo.

Nesse aspecto, a religião cumpre um papel importante de aproximação do indivíduo com os outros. Essa discussão sobre a aceitação da diversidade inerente ao mundo vem acompanhada de outras questões interessantes. Uma delas é a importância de conhecer e interagir com a realidade do outro de forma genuína, sem cobrar que o outro caiba dentro da sua própria ou preencha determinados requisitos para acessar a sua realidade. Essa situação do diálogo com o outro deve ser colocada como meta nas pautas das políticas públicas em todos os lugares, uma vez que tenderia a evitar conflitos mínimos do dia a dia, como por exemplo, o preconceito que existe e sempre existiu como uma manifestação de intolerância. Geralmente ele vem acompanhado de outros tipos de discriminação existentes na própria cultura, que por incrível que pareça, não fazem sentido dentro de um contexto religioso apesar de estarem ali presentes.

Um exemplo muito marcante de preconceito de cunho religioso na atualidade está presente na ideia de fundamentalismo. Ele caracteriza a presença de atitudes radicais em nome da religião que atualmente estão muito direcionadas ao islamismo, inclusive informando o estereótipo daqueles que seriam terroristas. Essa ideia trabalha a favor de uma rejeição da pessoa através de pré-julgamentos sem qualquer fundamento concreto:

Como é sabido, nos países ocidentais os termos ‘fundamentalista’ e ‘fundamentalismo’ estão carregados de conotações islamofóbicas. Contudo, a origem destes conceitos não é islâmica, mas sim cristã, mais concretamente, protestante e norte-americana.³⁰⁰

Essa situação de preconceitos permanentes que leis e iniciativas isoladas não conseguem combater de maneira eficaz é lamentável, mas esperada, já que é fundamental tocar esses problemas em sua essência e não através da imposição de regras que são muitas vezes seguidas por medo da punição. Como é colocado no projeto para uma ética mundial, é necessário criar uma cultura do respeito às leis e da obrigação do cumprimento dos deveres cívicos e isso não se consegue através de normas unicamente, mas através do investimento numa educação que priorize a formação das crianças e jovens para exercer seu papel de cidadania. A formulação de uma educação

³⁰⁰ KÜNG, Hans. O islamismo Rupturas históricas-Desafios hodiernos. In: *Revista Concilium*, Revista Internacional de Teologia. Volume 313, Petrópolis, 2005. p. 34

multicultural, inter-religiosa e baseada em princípios éticos precisa tornar-se uma prioridade governamental em todos os países.

A existência de religiões isoladas no mundo, cada qual fechada em si mesma e não disponível para o diálogo com as outras, não irá contribuir em nada com o desenvolvimento de uma sociedade multiétnica e multicultural como hoje se apresenta. Já se percebeu que o movimento de secularização não eliminou as religiões, como esperavam alguns estudiosos nas décadas passadas, elas apenas estão vivendo um processo de redefinição que é completamente pertinente. Hans Küng afirmou num trecho já anteriormente citado no capítulo 2 que as religiões configuram-se como uma realidade cheia de vida e em processo dinâmico de transformação. Dessa forma, acredita-se que esse processo de redefinição das identidades religiosas está totalmente de acordo com as demandas do mundo no presente século e pode trabalhar a favor da criação de uma cultura do diálogo e da paz. Na era da globalização não é mais possível que cada uma se desenvolva de forma isolada, sem levar em conta o turbilhão de mudanças gerado, por exemplo, pela ampliação do uso de tecnologia.

Tendo isso em mente, pode-se dizer que está em processo de desenvolvimento o surgimento de uma nova forma de espiritualidade, que obviamente sustenta a existência do Sagrado e que ao mesmo tempo redefine essa ideia na vida das pessoas. É claro que não se espera que as características das religiões mudem, nem que a figura divina tenha que se adequar aos novos tempos, o que deve mudar é a relação das pessoas com seus semelhantes porque nunca existiu nada de errado com as religiões enquanto tal. Os princípios religiosos devem servir como um parâmetro, uma referência identitária para o indivíduo e não serem colocados como um escudo intransponível de regras que não podem ser penetradas por nada de fora. Nas ações cotidianas, é importante estar aberto para conhecer algo diferente daquilo que se pensa, até porque é inevitável que em algum momento da vida a pessoa esbarre com a diversidade e que seja obrigado a conviver com ela.

Por todas as razões apresentadas, defende-se que o diálogo inter-religioso é hoje, então, um novo caminho de espiritualidade para o mundo. O projeto de ética mundial chama a proposta de diálogo inter-religioso de centro para uma nova espiritualidade, que estaria baseada não em dogmas ou em estruturas religiosas rígidas, mas na ética que existe em cada uma das religiões e no que elas possuem em comum ou pontos a partir dos quais é possível dialogar. Partindo dessa ideia, acredita-se ser possível viver a ética

no dia a dia das relações entre pessoas oriundas de uma mesma vertente religiosa ou não, de uma mesma cultura ou não, através de ações que aproximam os seres humanos e não com a exortação à discórdia. A prática religiosa não pode estar desvinculada dos valores que fazem parte da vida e devem contribuir para um desenvolvimento humano saudável nas relações que não se baseie na diferenciação e sim na aproximação entre todos. O teólogo defende:

Inversamente, observa-se que também dentro das próprias religiões deu-se início a um processo de conscientização com vistas a uma responsabilidade ética global. Nisso se percebeu que na ética o mais importante não é o sistema teórico a que se toma referência. Na ética, o mais importante é aquilo que se vive de forma prática na vida diária e também aquilo que se deixa de fazer. É justamente na práxis que as pessoas religiosas de diferentes credos têm se encontrado e se entendido. Para a pessoa oprimida, subjugada, machucada ou desprezada e que necessita de ajuda, tanto faz se a ajuda recebida é motivada por uma postura cristã, budista, judaica ou hinduísta. Nessa medida, tanto nas coisas pequenas quanto nas grandes, pode-se conseguir algum consenso no que tangê a uma *ação comum* ou *àquilo que deve ser evitado*. Isso é possível mesmo que os pressupostos teóricos e as implicações das diferentes religiões sejam diferentes.³⁰¹

A citação reforça o aspecto essencial da proposta que é a ideia da tomada de consciência sobre uma responsabilidade ética global que deve ser assumida por todas as pessoas que decidam aderir à mesma. Entretanto, essa ética não pode ser baseada unicamente em princípios teóricos abstratos, mas sim ser vivenciada na prática em todas as relações que o indivíduo participa ao longo da vida. Através desse pensamento, Hans Küng acredita que as ações em comum assim como aquilo que se evita fazer tendo em vista o bem do outro, são dois aspectos de importância fundamental para o sucesso da proposta. Ou seja, o ser humano deve buscar viver na prática e de forma genuína seus ideais religiosos, isso por si só já seria suficiente.

Um ponto muito importante de reflexão comum seria a proposta da paz mundial, também crucial nos debates apresentados pelo projeto e pela posterior declaração. Cabe aos indivíduos, inseridos em grupos religiosos ou até mesmo integrantes de comunidades religiosas inteiras agirem de forma perseverante em busca de uma resposta para tal desafio. “As religiões podem estar engajadas neste mundo pela paz, justiça

³⁰¹ KÜNG, Hans. *Projeto de ética mundial: Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. Edições paulinas, São Paulo, 1992. p.94

social, não-violência e amor ao próximo[...] Todas as religiões do mundo devem hoje reconhecer a sua co-responsabilidade pela paz mundial”³⁰²

E também o respeito às diferenças e à pluralidade religiosa, que se configuram como questões essenciais e necessárias ao diálogo, assim como para o alcance da paz, principalmente diante do que se observa na atualidade: “A *impaciência contra a pluralidade*, que sempre de novo se mostra em todas as religiões e todas as partes do mundo, não aprendeu nada de virtude da disposição ao diálogo.”³⁰³ Ainda há um longo caminho a se percorrer nessa busca, tanto do entendimento entre as religiões quanto do alcance da paz, porém o projeto acredita realmente que muito já está em andamento, principalmente no que se refere a consciência religiosa:

Seja como for, uma religião que não separe e divida, mas uma que reconcilie. Com efeito, nossa época precisa antes de tudo de construtores de pontes. Construtores de pontes em grande e em pequena escala. Construtores de pontes que, em todas as dificuldades, contrastes e confrontos, tenham olhos para ver o que é comum: o que é comum, sobretudo, nos valores éticos, nas atitudes éticas. Que professem estes valores e padrões e que também tentem vive-los.³⁰⁴

E finalmente, para colocar em pauta essa proposta de uma nova era em favor do diálogo inter-religioso é necessária a manutenção do acesso contínuo do encontro e o debate entre as religiões: “Não chegaremos à paz através de algum sincretismo, mas através da auto-reforma: através da renovação à concórdia, através da autocrítica à tolerância!”³⁰⁵ Isso torna-se fundamental: Que as religiões adotem uma postura crítica diante de seus papéis e de sua realidade, abrindo com isso os horizontes para uma nova forma de espiritualidade para fora e não para dentro de si mesmas. Nesse ponto, a ética mundial assume seu lugar de sustentáculo para esse projeto espiritual, porém é importante ter em mente que seu imperatário de humanidade não se realiza por si mesmo, ele sempre de novo precisa ser lembrado e posto em prática pelas pessoas.

Mais uma vez considerando as figuras históricas pesquisadas ao longo da tese, tem-se que esta ideia de um acontecer para o projeto de ética mundial que pode ser visto não somente como ideia abstrata ou anúncio para o futuro, mas sim como uma possibilidade concreta uma vez que as duas figuras estudadas foram justamente apresentadas como exemplos reais de aplicação de tal proposta. Nas trajetórias de

³⁰² Ibidem, p. 108

³⁰³ Ibidem, p. 145

³⁰⁴ KÜNG, Hans. *Religiões do mundo*: Em busca de pontos comuns. Verus editora, São Paulo, 2004. p. 280

³⁰⁵ Idem, 1992. p. 177

Gandhi e King se pode ver como já realizado nas suas experiências de vivências ético-religiosas – mesmo que de forma fragmentaria e momentaneamente – um projeto de espiritualidade para a humanidade.

Considerações Finais

Ao longo do presente texto e a partir da leitura do projeto para uma ética mundial, muitas ideias e propostas foram lançadas no sentido de suscitar um debate acerca de temas importantes para o mundo atual, principalmente, relacionados àqueles de demanda por princípios éticos e uma melhor definição do lugar que as religiões devem ocupar no novo contexto que hoje se apresenta. Esses dois aspectos norteadores do projeto em todo o seu escopo, buscam incentivar uma atmosfera de encontro e partilha entre as religiões com o objetivo de responder aos estímulos colocados pelos intensos desafios do tempo presente. E não só isso, a pesquisa pretendeu explorar a luz de ideias lançadas pelo projeto para uma ética mundial, ainda que sucintamente outras questões congruentes relacionadas à existência da diversidade religiosa, demandas diversas em relação à paz e aplicação de ideais como a não-violência, interdependência entre as pessoas e dessas com o meio ambiente, os direitos humanos e outros temas.

Como síntese dessa abordagem, infere-se que, sendo a ética pensada de acordo com o projeto supracitado ou não, e sendo ela subsidiária de pessoas com uma infinidade de limitações humanas, estará sempre cerceada pela incapacidade do ser humano em alcançar a perfeição. A crença na possível existência e concretização de uma ética global, tanto idealizada a partir de questões locais ou universais, continua sendo um aspecto de reflexão em processo de construção. A declaração incorpora, como diz o próprio Hans Küng, um sopro de esperança que vem de encontro à visão fatalista de que nada pode ser feito em relação ao desenvolvimento de uma visão ética entre os povos e menos ainda em nome do diálogo frutífero entre as religiões. É claro que se tem consciência de que a busca por respostas para as incontáveis questões relacionadas a esse tema no mundo hoje sofrem influências tanto de visões otimistas quanto pessimistas. Elas podem estar o tempo todo retardando ou acelerando as possibilidades

de sucesso de ações éticas que visem o entendimento e a colaboração. Conforme afirma Hans Küng, os dois elementos confrontam-se na própria realidade humana: “Mas apesar do uso da razão que então se desenvolveu, a besta que existe no ser humano continuou sendo uma realidade.”³⁰⁶

Para lembrar um episódio marcante da mitologia grega, o príncipe Páris foi escolhido como árbitro na difícil questão de definir entre três das principais deusas do Olimpo qual seria a mais bela. Sua missão era entregar à sua escolhida um pomo de ouro com a seguinte inscrição: Para a mais bela. Apesar de uma certa hesitação inicial, ele acabou optando por Afrodite, que lhe prometeu como recompensa o amor da mortal mais bela do mundo. Como consequência imediata de sua escolha, ele conquistou a inimizade das duas outras deusas também muito poderosas: Atena que lhe havia prometido vitória em todas as guerras que lutasse e Hera, que lhe prometera reinos e riquezas. Um outro resultado de sua escolha foi a condenação de Tróia à destruição, iniciando uma das histórias mais conhecidas da mitologia grega: a longa e exaustiva guerra de Tróia que ao longo de dez anos assolou a cidade até a sua definitiva destruição.

Essa pequena narrativa pode levar a uma reflexão em paralelo sobre a existência das religiões: Da mesma forma que cada uma das deusas do Olimpo possuía seu valor e foi preterida por uma escolha arbitrária do jovem, também as religiões são muitas vezes julgadas por meio de opiniões discricionárias que não se preocupam em conhecer a fundo cada uma delas em suas particularidades e potencialidades. Quando se discrimina uma determinada crença sem conhecê-la ou quando não há uma preocupação sincera de encarar essa outra religião sem pré-julgamentos abre-se caminho para o conflito, acompanhado pelo desrespeito e pela intolerância, situações que tendem a retardar a criação de uma consciência ética e de parceria entre as mesmas. É possível que esse estranhamento entre as religiões adquira consequências parecidas com o mito da guerra de Tróia: A destruição de povos inteiros, minorias ou grupos pela simples retroalimentação de preconceitos e pelos julgamentos apressados.

Ao contrário, quando se avança num outro caminho considerando aquilo que as religiões têm em comum e principalmente considerando que todas atuam conjuntamente a serviço do bem da humanidade, as possibilidades para o futuro ganham novas e positivas perspectivas. O projeto para uma ética mundial incorpora uma visão

³⁰⁶ KÜNG, Hans. O islamismo Rupturas históricas-Desafios hodiernos. In: *Revista Concilium*, Revista Internacional de Teologia. Volume 313, Petrópolis, 2005. p. 104

esperançosa corroborada por seu criador de que o mundo avança para o entendimento e a união entre as religiões, o que trará consequências profícuas para os diferentes povos e nações. Como referido por Mary Robinson³⁰⁷, um caminho frutífero para alcançar as propostas do projeto é a adoção do que ela chamou de tríade: Escutar, partilhar e participar.

Segundo essa visão, é possível que, seguindo determinados passos, chegue-se brevemente a um denominador ético comum entre as religiões e conseqüentemente entre os diversos povos. Primeiramente todos precisam, enquanto seres humanos, estar abertos para escutar as narrativas uns dos outros, pois só assim será possível enxergar as diferenças como elementos a serem somados e não uma demonstração de fragmentação e fraqueza como muitas vezes ocorre. Essa compreensão da interdependência entre as pessoas, conforme apresentada em momentos anteriores da tese, corrobora a visão de que o ser humano é um ser relacional e que necessita estar em contato com outros indivíduos na criação de sua própria identidade. O ponto de inflexão da proposta está em enxergar no outro alguém a quem se deve tratamento humano, através da valorização de sua história de vida e onde critérios como origem social e étnica não sejam fatores definidores do valor da outra pessoa.

Num segundo momento, a noção de partilha torna-se algo fundamental também, pois a ideia de repartir num sentido amplo traz em si outras noções importantes como de honestidade, verdade e equalização do acesso aos recursos necessários para a vida humana. Com isso, concorre-se para a eliminação gradativa do abismo da desigualdade social, econômica e de oportunidade que assola principalmente os países mais pobres. Na visão do projeto, é necessário alcançar um novo ideal de partilha que supere o velho modelo de desenvolvimento econômico visando o lucro como finalidade principal e não a produção para o desenvolvimento humano. Essa mudança de visão pode proporcionar um caminho de superação da atual estrutura de desigualdade que está enraizada em várias sociedades, abrindo a possibilidade de uma combinação entre desenvolvimento financeiro e humano. Atualmente, os ideais de sucesso e bem-estar estão diretamente atrelados ao acesso à riqueza material e a aparência de felicidade, ainda que esta não contemple a verdadeira realidade da pessoa humana. Na visão de Robinson, é importante quebrar esses padrões que escravizam os indivíduos e os obrigam a desejar cada vez mais bens e a empenhar sua vida, não na preocupação de que todos tenham

³⁰⁷ Ex-presidente da República da Irlanda e co-autora do livro: “Yes to a Global Ethic”, em parceria com outros apoiadores do projeto.

acesso a uma vida digna, mas na resolução dos seus próprios problemas de maneira egoísta e limitada.

E o terceiro ponto: o princípio fundamental da participação, que ainda hoje é um grande desafio em todos os lugares, inclusive nos países com governos denominados democráticos. Ainda que nas atuais circunstâncias não seja possível alcançar a todos de maneira igualitária, o que afeta diretamente os direitos básicos e conseqüentemente a qualidade de vida dessas pessoas, isso não significa que num longo prazo não se possa chegar a uma proximidade com esse ideal. Na visão do projeto é direito de todos, independentemente de sua origem social, étnica e religiosa ter garantida uma vida digna, que lhe proporcione o mínimo necessário para viver. Nos lugares onde o Estado não garante o bem estar de todos e onde a sociedade não busca seus direitos, são justamente aqueles em que o abismo social é maior e mais acentuado, renegando alguns a patamares inferiores de dignidade. Por isso a ética cumpre um papel tão importante, assim como a participação de toda a sociedade na busca por ideais coletivos e representatividade. A tomada de consciência sobre a importância dessa tríade torna-se algo fundamental para o alcance das mudanças necessárias e a efetiva incorporação dos ideais do projeto para uma ética mundial.

No todo, longe de assumir uma pretensão redentorista, a declaração resultante do projeto pretende suscitar no leitor uma inquietação que o leve a questionar-se sobre seu papel e a influência de suas ações no seu meio social. A ética não deve ser entendida simplesmente como um conceito abstrato, ela só tem sentido se for incorporada à prática dos indivíduos e se esses estiverem realmente dispostos a engajarem-se nessas propostas. Como já foi dito em outros momentos da tese, o projeto não propõe apresentar receitas prontas, apenas sugere determinadas posturas e aconselha um determinado posicionamento a ser aplicado na vida cotidiana. Não há, portanto, uma tentativa de imposição ou homogeneização de determinadas atitudes práticas como se elas representassem a resposta definitiva para todos os problemas, até mesmo porque cada lugar e tempo demanda suas próprias soluções.

A opção pela leitura analítica de duas trajetórias de líderes religiosos do século XX a partir do projeto para uma ética mundial pretendeu cumprir essa tarefa de visualização de determinados aspectos da declaração atuando na vida social. Por meio dos estudos de caso oferecidos pelas biografias de Martin Luther King Jr. e Mohandas Karanchand Gandhi acreditou-se ser possível um encontro entre as propostas teóricas

existentes no projeto e a aplicação das mesmas, guardadas as diferenças e particularidades dos personagens e seus contextos. A incredulidade de alguns diante de ideais como não violência, responsabilidade pelo falar e agir, preocupação com o futuro do planeta e do meio ambiente podem ser confrontados diante do estudo realizado. Isso porque como crê o próprio Hans Küng, não é preciso alcançar nenhum dom sobrenatural para compreender e viver princípios éticos, uma vez que eles já subsistem nas diversas sociedades através de crenças religiosas e tradições filosóficas. As biografias apenas lançam propostas e possíveis direcionamentos encontrados e aplicadas pelos personagens através do que se denominou de vivências ético-religiosas. Entretanto, cabe ressaltar que elas não são ideias absolutas e inertes, presas no tempo e lugar ou fórmulas a serem reproduzidas indiscriminadamente, mas sim uma amostra de como foi possível realizar naquele dado momento, ou seja, um método escolhido e reproduzido por eles com sucesso bastante razoável.

Martin Luther King Jr. e Mahatma Gandhi construíram cada qual um caminho próprio baseado nos seus ideais de vida e na sua experiência com o Sagrado, colocando em prática aquilo que acreditavam ser possível para a construção de uma nova realidade social. Aqueles que optaram por segui-los o fizeram com confiança e realmente acreditaram na possibilidade da mudança, muitas vezes abrindo mão de privilégios e benesses em prol de uma realidade que pudesse abraçar a todos. Ao encontro do que propõe o projeto para uma ética mundial, a experiência religiosa e o papel do líder religioso como modelo de ação e vida foram os aspectos essenciais para o alcance do que era buscado pelos personagens, vivendo ideais e chamando seus seguidores a compartilhá-los. Os aspectos próprios de cada uma das religiões e tradições culturais não foi um impedimento para que o intercâmbio de ideias entre os personagens ocorresse, pois comprovante uma visão que é muito cara ao projeto, é a ética a chave de leitura e aplicação do diálogo inter-religioso na era da globalização. Reproduzindo então palavras do próprio autor do projeto: uma época mundial demanda com ela um *ethos* mundial.

Bibliografia

ATTENBOUROUGH, Richard (Org.). *A sabedoria de Gandhi*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. *A ética é possível num mundo de consumidores?* Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BERGER, Peter L e LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: A orientação do homem moderno*. Tradução de Edgar Orth, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

BERKENBROCK, Volney José. *A morfologia da experiência religiosa: Anotações sobre a estrutura da experiência do sagrado*. Manuscrito.

BINGEMER, Maria Clara. *O mistério e o mundo: Paixão por Deus em tempos de descrença*. Rio de Janeiro, editora Rocco, 2013.

CARSON, Clayborne. *A Autobiografia de Martin Luther King (1929-1968)*. Tradução Carlos Alberto Medeiros, 1ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

DIERKSMEIER, Claus. *Reframing economic ethics: The Philosophical Foundations of Humanistic Management*. Palgrave Macmillan, 2016.

ELIAS, Nobert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. *O processo civilizador* (Volumes 1 e 2). Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FISHER, Louis. *Gandhi*. São Paulo, círculo do livro S.A.,1982.

GANDHI, Mohandas Karanchand. *Autobiografia: Minha vida e minhas experiências com a verdade*. São Paulo: Palas Athena, 1999.

_____. *Ahsram observances in action*. Ahemadabad: Navajivan Publishing house, 1955.

_____. *Mohandas Gandhi: Essential Writings*. London: Orbis Books, 2002.

- _____. *India of my dreams*. Lahore, Rajpal & Sons, 2014.
- HOMERO. *Ilíada*. Tradução: Haroldo de Campos. São Paulo, Arx, 2008.
- KANT, Emmanuel. *A paz perpétua e outros opúsculos*. São Paulo, edições 70, 2008.
- KING, Martin Luther Jr. *Um apelo à consciência: os melhores discursos de Martin Luther KING*. Seleção e organização de Clayborne Carson, Kris Shepard; tradução de Sérgio Lopes; apresentação e notas de Arthur Ituassu. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. 179p.
- _____. *Stride Toward Freedom: The Montgomery story*. Boston, Beacon Press, 2010.
- _____. *Strength to Love*. New York, Harper & Row, 1963.
- _____. *A Testament of Hope: The Essential Writings and Speeches*. São Francisco: Harper & Row Publishers, 1986.
- KING, Coretta Scott. *Minha vida com Martin Luther King Jr.* Tradução: Maria Emilia Corrêa Cardozo. RJ: Editora Mundo Musical, 1971.
- KÜNG, Hans. *Para que um ethos mundial? Religião e ética em tempos de globalização, conversando com Jürgen Hoeren*. São Paulo: Loyola, 2005.
- _____. *Humanidad vivida: Memorias*. Madrid: Editorial Trotta, 2014.
- _____. *Religiões do mundo: Em busca de pontos comuns*. São Paulo: Verus, 2004.
- _____ e SCHMDT, Helmut. *Uma ética mundial e responsabilidades globais: Duas declarações*. São Paulo: Loyola, 2001.
- _____. *Projeto de ética mundial: Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. São Paulo: Paulinas, 1993.
- _____ and Others. *Christianity and the World Religions*. Grafton Street, London W1, 1987.
- _____; GEBHARDT, Günther and SCHLENSOG, Stephan. *Global Ethic A Handbook: A Vision and its Realisation*. Manuscrito.
- _____. *La ética mundial entendida desde el cristianismo*. Madrid: Trotta, 2008.
- _____, LEISINGER, Klaus M. e WIELAND, Josef. *Manifest Globales: Wirtschaftsethos/ Manifesto Global Economic Ethic*. Munique/ Berlim, dtv, 2010.
- _____. *Ética mundial en América Latina*. Prólogo de Carlos Paz y Gerardo Martínez Cristerna (Trotta, Madrid 2008).
- _____. *La ética mundial entendida desde el cristianismo*. Madrid: Trotta, 2008.
- _____(org.). *Yes to a global ethic*. Londres, SCM press Ltd, 1996.

_____. *Uma ética global para a política e economia mundiais*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

_____. *Vinte teses sobre o ser Cristão*. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

_____. Para uma teologia ecumênica das religiões: Algumas teses para esclarecimento. In: *Revista Concilium*, Revista Internacional de Teologia. Volume 203, Petrópolis, 1986/I.

_____. Em busca de um “ethos” mundial das religiões universais. In: *Revista Concilium*, Revista Internacional de Teologia. Volume 228, Petrópolis, 1990/2.

_____. Paz mundial-Religião mundial-Ethos mundial. In: *Revista Concilium*, Revista Internacional de Teologia. Volume 253, Petrópolis, 1994/3.

_____. O islamismo: Rupturas históricas- Desafios hodiernos. In: *Revista Concilium*, Revista Internacional de Teologia. Volume 313, Petrópolis, 2005.

KARNAL, Leandro e outros. *História dos Estados Unidos: Das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007.

KURLANSKY, Mark. *Não-violência: A história de uma ideia perigosa*. Rio de Janeiro, editora objetiva, 2013.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. *A política externa dos Estados Unidos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

PIAGET, Jean W. F. O nascimento da inteligência na criança. Publicações Dom Quixote, 4ª edição, Lisboa, 1986.

RENA, Lili. *Luther King: Peregrino da liberdade*. Tradução: Gabriel Andrade. 5ª edição, São Paulo: Paulinas, 2011.

REVISTA NACIONAL GEOGRAPHIC, São Paulo: Nº 186, setembro de 2015.

ROHDEN, Huberto. *Mahatma Gandhi: O Apóstolo da não-violência*, SP: Martin Claret: 3ª Edição, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *E se Deus fosse um ativista dos direitos humanos?*, São Paulo: Cortez, 2013.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2016.

TEIXEIRA, Faustino. *Cristianismo e diálogo inter-religioso*. São Paulo: Fonte editorial, 2014.

_____ & DIAS, Zwinglio Mota. *Ecumenismo e diálogo inter-religioso: A arte do possível*. São Paulo: Editora Santuário, 2008.

THOREAU, Henry David. *Civil disobedience*. Mozambique, 2001.

VAZ, Henrique de Lima. *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*. São Paulo, Edições Loyola, 2000.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. *Pensamento e Linguagem*. Editora Martins Fontes, SP:1996.

Sites

- www.weltethos.org, consultado em 06 de Junho de 2016.
- Global Economic Ethic: Consequences for global business. Disponível em: <http://www.globaleconomicethic.org/>, consultado em 10 de Junho de 2016.
- <http://www.global-ethic-now.de/index.php>, consultado em 28 de Setembro de 2016.
- <http://www.weltethos-institut.org/institut/>, consultado em 28 de Setembro de 2016.
- O movimento global inter-religioso: Parlamento das Religiões Mundiais. Disponível em: <https://parliamentofreligions.org/>, consultado em 28 de janeiro de 2017.
- Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Brasília, 1998. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br>, consultado em: 16 de Junho de 2017.
- RAMADAN, Tariq. El papel de las religiones ante los problemas sociales y políticos: respuesta al professor Hans Küng. In: TAMAYO, J.J.; FORNET-BETANCOURT, R. (Orgs.). Interculturalidad, diálogo inter-religioso y liberación. In: *Simposio internacional de Teología intercultural e inter-religiosa de la liberación 1*. Barcelona, 11 e 12 de julho de 2004. p. 31-40. Disponível em: Biblioteca digital hispânica (<http://bdh.bne.es/>), consultado em 05 de Março de 2017).
- *The King Center*, disponível em: <http://www.thekingcenter.org/>, acessado em 19 de dezembro de 2017.
- M.K Gandhi Institute for nonviolence. Disponível em: <http://www.gandhiinstitute.org/>, consultado em 19 de dezembro de 2017.

ANEXOS

1. Panorama esquemático da ética econômica global a partir da proposta do livro: *Manifesto Global Economic Ethic*, separado em quatro categorias: Princípios básicos, valores básicos, questões básicas e finalmente o resultado para como aplicar na forma de gestão. Na perspectiva do Manifesto, esses princípios e valores definem as responsabilidades fundamentais e as demandas para as atividades econômicas.

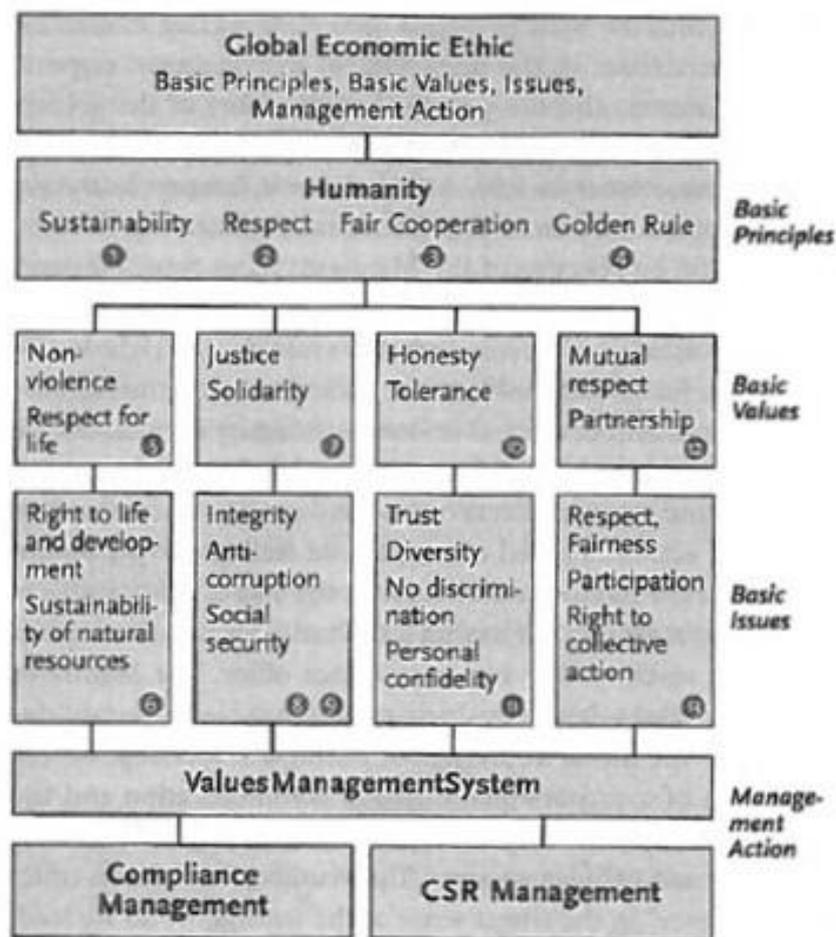


Illustration 1: Principles, Values, Issues and Management Action for a Global Economic Ethic

Fonte:

KÜNG, Hans, LEISINGER, Klaus M. e WIELAND, Josef. *Manifest Globales: Wirtschaftsethos/ Manifesto Global Economic Ethic*. Munique/ Berlim, dtv, 2010. p.211

2. O gráfico abaixo mostra um ciclo de interdependência entre as culturas nacionais, profissionais, empresariais e individuais orbitando ao redor da ideia de uma teia de diversidade. A ideia do manifesto não é criar uma cultura econômica global uniforme, mas sim otimizar a ligação entre as diferentes culturas.

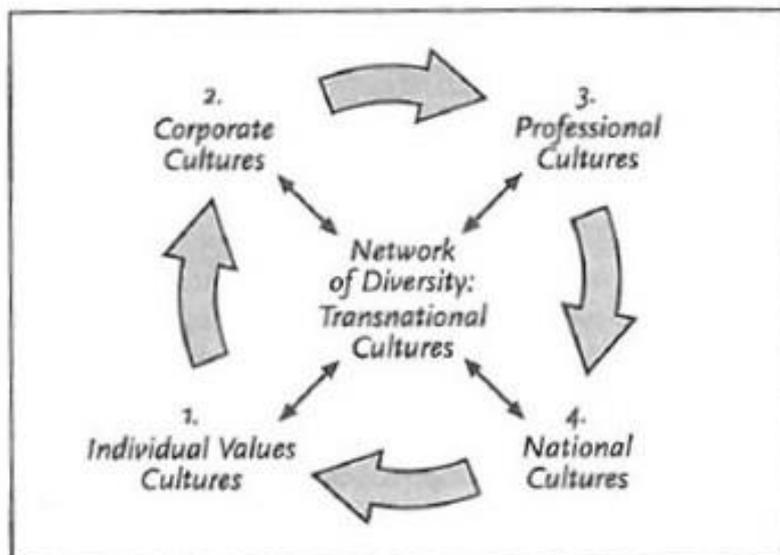
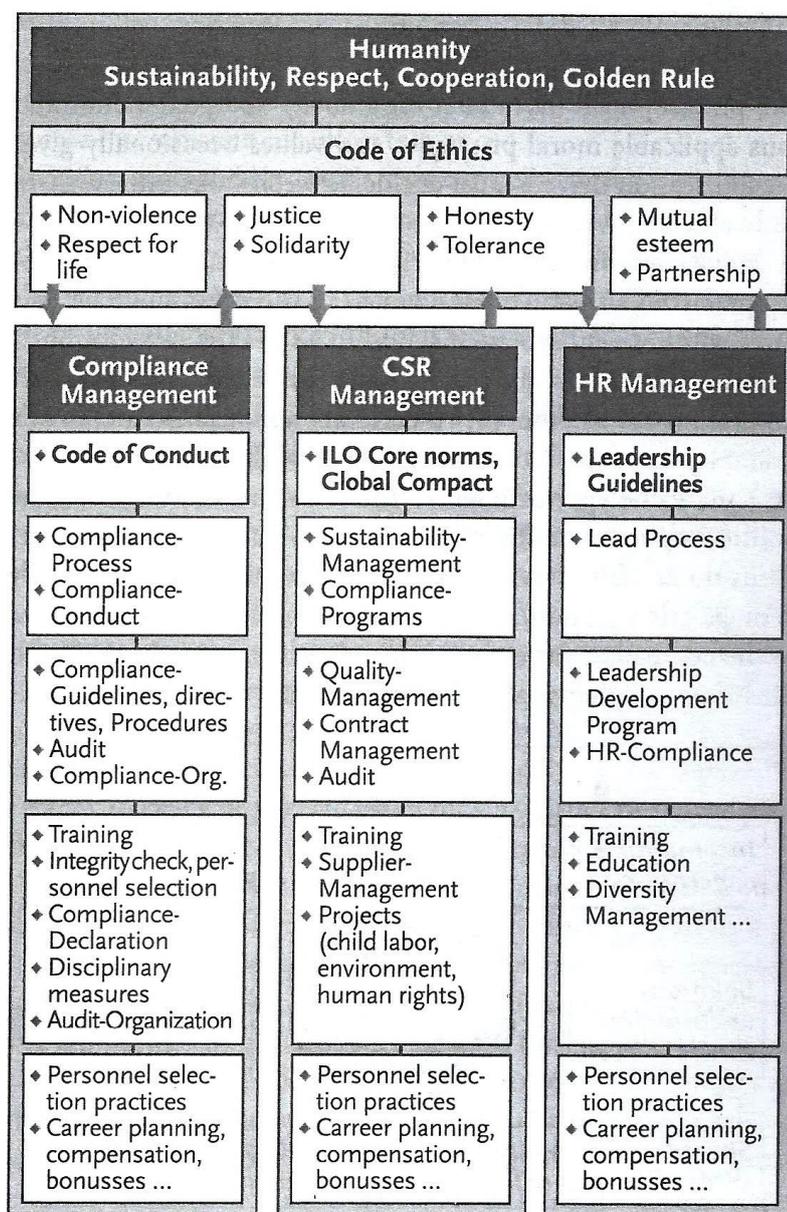


Illustration 2: Transnational Culture: A Network of Diversity

Fonte:

KÜNG, Hans, LEISINGER, Klaus M. e WIELAND, Josef. *Manifest Globales: Wirtschaftsethos/ Manifesto Global Economic Ethic*. Munique/ Berlim, dtv, 2010. p.213

3. A ilustração demonstra como os valores transculturais, a partir do princípio da humanidade influenciam o comportamento organizacional nos negócios:



Fonte:

KÜNG, Hans, LEISINGER, Klaus M. e WIELAND, Josef. *Manifest Globales: Wirtschaftsethos/ Manifesto Global Economic Ethic*. Munique/ Berlim, dtv, 2010. p. 217

4. A ilustração abaixo mostra, em primeiro lugar, o aumento da complexidade das decisões de gestão. Em segundo lugar, uma espécie de renascimento da subjetividade no processo econômico e por fim a recente discussão acerca do papel das grandes corporações na sociedade:

Factor	Positive effect	Negative effect	Morally sensitive problems
Complexity	<ul style="list-style-type: none"> ♦ Utilization of global value chains 	<ul style="list-style-type: none"> ♦ Control Integration 	<ul style="list-style-type: none"> ♦ Identity ♦ Co-opetition ♦ Culture-Fit ♦ Fraud ♦ Corruption ♦ Transparency
Subjectivity	<ul style="list-style-type: none"> ♦ Economies of behavior 	<ul style="list-style-type: none"> ♦ Management of diversity 	<ul style="list-style-type: none"> ♦ Recruitment ♦ Career planning ♦ Motivation ♦ Quality of performance ♦ Multi-cultural teams ♦ Professional dependency
Society	<ul style="list-style-type: none"> ♦ Utilization of resources 	<ul style="list-style-type: none"> ♦ Legitimation 	<ul style="list-style-type: none"> ♦ Employment ♦ Social Security ♦ Environment ♦ Corporate Social Responsibility ♦ Corporate Citizenship

Fonte:

KÜNG, Hans, LEISINGER, Klaus M. e WIELAND, Josef. *Manifest Globales: Wirtschaftsethos/ Manifesto Global Economic Ethic*. Munique/ Berlim, dtv, 2010. p.226

